

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**O “FOOTBALL NAS RUAS” e a CIDADE:
entre o “bom” e o “mau”, a ordem e a desordem (1910-1919)**

Mayara de Araújo Silva

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O “FOOTBALL NAS RUAS” e a CIDADE:
entre o “bom” e o “mau”, a ordem e a desordem (1910-1919)

Mayara de Araujo Silva

Sob a Orientação do Professor
Felipe Santos Magalhães

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em História, no curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração Relações de Poder e Cultura.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001.

Seropédica, RJ

06/2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Biblioteca
Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586? Silva, Mayara de Araujo, 1995-
O "FOOTBALL NAS RUAS" e a CIDADE: entre o "bom" e o
"mau", a ordem e a desordem (1910-1919) / Mayara de
Araujo Silva. - Rio de Janeiro, 2024.
173 f.

Orientador: Felipe Santos Magalhães.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, História, 2024.

1. Futebol. 2. Rio de Janeiro. 3. Aventureiro FC.
4. São Cristóvão. I. Magalhães, Felipe Santos , 1973-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. História III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MAYARA DE ARAÚJO SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em História**, no Curso de Pós-Graduação em História, área de Concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 11/06/2024

Prof. Dr. Felipe Santos Magalhães - UFRRJ

Prof. Dr. Pedro Henrique Pedreira Campos - UFRRJ

Prof. Dr. Victor Andrade de Mello - UFRJ



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 539/2024 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.033595/2024-98

Seropédica-RJ, 12 de julho de 2024.

Nome do(a) discente: MAYARA DE ARAÚJO SILVA

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM : 11 de junho de 2024

Banca Examinadora:

Dr. VICTOR ANDRADE DE MELO, UFRJ Examinador Externo à Instituição

Dr. PEDRO HENRIQUE PEDREIRA CAMPOS, UFRRJ Examinador Interno

Dr. FELIPE SANTOS MAGALHAES, UFRRJ Presidente

Documento não acessível publicamente

(Assinado digitalmente em 16/07/2024 11:20)

FELIPE SANTOS MAGALHAES

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptHRI (12.28.01.00.00.00.86)

Matrícula: ###255#8

(Assinado digitalmente em 12/07/2024 14:11)

PEDRO HENRIQUE PEDREIRA CAMPOS

CHEFE DE DEPARTAMENTO

DeptHRI (12.28.01.00.00.00.86)

Matrícula: ###706#5

(Assinado digitalmente em 13/07/2024 18:23)

VICTOR ANDRADE DE MELO

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.317-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 539, ano: 2024, tipo: TERMO, data de emissão: 12/07/2024 e o código de verificação: 9e3c37016d

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus por me permitir encerrar mais uma etapa da minha vida, após inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo do processo.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História -PPHR da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Agradeço aos meus pais, Edson Martins da Silva e Roselene Muniz de Araujo Silva, que são o meu suporte. Se não fosse as orações, o cuidado e a dedicação que sempre tiveram por mim, a caminhada teria sido ainda mais árdua. Meu irmão, David Edson de Araujo Silva, também é parte fundamental da minha vida, pois é alguém que sempre me inspirou. Agradeço à Deus pelo privilégio que é tê-los em minha vida.

Agradeço ao meu orientador Felipe Santos Magalhães, que esteve me auxiliando não apenas durante o mestrado, mas teve extrema importância durante a minha trajetória também na graduação. Estendo os meus agradecimentos ao dr. Victor Andrade de Melo, que se dispôs a ler e contribuir durante a qualificação, trazendo um pouco do seu olhar a respeito do trabalho. Da mesma forma, ao dr. Pedro Henrique Pedreira Campos que me auxiliou durante a qualificação, trazendo o seu olhar e pontos que deveriam ser aprofundados.

Agradeço as amigas que comemoraram comigo o meu ingresso no PPHR e estiveram ao meu lado até o final.

RESUMO

Na presente dissertação buscou-se compreender a partir da prática do futebol nas ruas, conflitos que permeiam a cidade do Rio de Janeiro entre 1910-1919. Para realização da pesquisa, foi analisado principalmente o Caso da Rua Soares, exposto no jornal *Gazeta de Notícias* em 1915. Através do conflito narrado pelo periódico, buscou-se refletir sobre as múltiplas formas que o futebol é percebido na cidade, além das relações estabelecidas através da prática do jogo nas ruas. O intuito de trabalho não é apenas observar a prática do futebol nos espaços públicos, mas sua relação com a cidade do Rio de Janeiro. Entender que a popularização do futebol ocorre através da incorporação da prática por diferentes indivíduos e, ao mesmo tempo, perceber que a prática não se firma na sociedade carioca através de um processo linear, gradual e isolado. Como toda prática cultural, ela tende a encontrar entraves, é constantemente ressignificada e está dialogando com as questões políticas e sociais. Na pesquisa será abordado o diálogo entre o esporte e jogos de poder que ocorrem na cidade, principalmente, em épocas de eleição, assim como, as disputas constantes em torno dos sentidos do futebol e dos usos legítimos dos espaços, defendidos por uma elite intelectual e política durante o século XX.

PALAVRAS-CHAVES:

Futebol, Rio de Janeiro, Aventureiro FC, São Cristóvão.

ABSTRACT

This dissertation sought to understand the conflicts that permeated the city of Rio de Janeiro between 1910-1919, based on the practice of soccer in the streets. In order to carry out the research, we mainly analyzed the case of Rua Soares, reported in the newspaper *Gazeta de Notícias* in 1915. Through the conflict narrated by the newspaper, we sought to reflect on the multiple ways in which soccer is perceived in the city, as well as the relationships established through the practice of the game in the streets. The aim of this work is not only to observe the practice of soccer in public spaces, but also its relationship with the city of Rio de Janeiro. To understand that the popularization of soccer occurs through the incorporation of the practice by different individuals and, at the same time, to realize that the practice is not established in Rio society through a linear, gradual and isolated process. Like any cultural practice, it tends to encounter obstacles, is constantly re-signified and is in dialogue with political and social issues. The research will address the dialogue between sport and the power games that take place in the city, especially during election times, as well as the constant disputes over the meanings of soccer and the legitimate uses of spaces, defended by an intellectual and political elite during the 20th century.

KEYWORDS:

Soccer, Rio de Janeiro, Aventureiro FC, São Cristóvão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo I – Entre clubes, Ligas e as ruas: o futebol para além das zonas centrais ...	16
<i>O bairro de São Cristóvão e suas transformações</i>	<i>19</i>
<i>Não só pela Liga Metropolitana se consolidará o futebol</i>	<i>30</i>
<i>Aventureiro Foot-Ball Club e a rua Soares</i>	<i>46</i>
Capítulo II - Rua Soares: aqui nós podemos jogar	59
<i>2.1 A Gazeta de Notícias e o futebol</i>	<i>59</i>
<i>2.2 O caso da rua Soares</i>	<i>74</i>
Capítulo III - Com o <i>football</i> eu vou ganhar	112
<i>3.1 Nicanor Nascimento entra em campo</i>	<i>113</i>
<i>3.2 Entre o agir e o não agir: a ação das autoridades policiais na cidade</i>	<i>142</i>
CONCLUSÃO	166
FONTES	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169

INTRODUÇÃO

Os anos iniciais do futebol na cidade do Rio de Janeiro, intensamente associado às elites cariocas, aos clubes e associações abertos por volta de 1901, tendo como interesse a nova modalidade esportiva, leva a observar o processo de popularização do futebol como algo gradativo. Algo que se limita às elites, se dissipa alcançado o subúrbio carioca, e por fim, chega às ruas da cidade trazendo intenso incômodo. Desta forma, se concebe às elites cariocas como fundamental para o desenvolvimento do esporte na cidade, diminuindo a influência de outros atores e espaços nesse processo. É importante observar a consolidação do futebol na cidade, não por ação dos mais abastados apenas, mas como produto de diferentes indivíduos, que ressignificam o esporte e também os espaços onde o jogo é praticado.

Hoje, há um maior contingente de trabalhos que buscaram refletir sobre a importância de diferentes grupos sociais no processo de consolidação do esporte na cidade, no entanto, muitos se concentram em entender a prática apenas a partir dos clubes. Os ambientes privados, como os clubes, são importantes para refletir sobre a trajetória do futebol, evidenciam o quanto as questões raciais, sociais, ausência de direitos, se repetem no âmbito esportivo. Mas reduz o olhar sobre o jogo, pois, mesmo os clubes populares, ainda que menos, também excluíam parcelas significativas da sociedade. Esse constante olhar para os ambientes privados, voltados principalmente para indivíduos que possuíam algum privilégio na sociedade, levou a questionar sobre como os outros moradores da cidade, que não possuíam condições para acessar esses clubes e associações, estavam exercendo seu direito de jogar o futebol.

É na crescente popularização do futebol entre os menos abastados, exposta pelos jornais, principalmente, a partir de 1910, que se observa os ambientes privados deixando de ser os únicos espaços utilizados para a prática do esporte, tornando-se também as ruas um lugar apropriado para o praticar. Dentro deste contexto, buscou-se também entender como o jogo praticado por esses indivíduos, em espaços que seriam proibidos, esteve se relacionando com as noções de modernidade defendidas e com os múltiplos moradores da cidade, que percebiam o jogo de forma diferente.

O futebol assim como a cidade, tem seus sentidos sendo disputados durante o século XX. O esporte ao ser introduzido na cidade, recebeu sentidos que o foram atribuídos pelas elites, sendo visto como símbolo de distinção social, como um esporte

aristocrático e refinado¹. Contudo, sua apropriação por clubes nos subúrbios e indivíduos pertencentes às camadas populares, aos poucos geram novos sentidos ao esporte. Semelhantemente, a cidade passa por uma série de transformações no espaço urbano durante a primeira metade do século XX, sustentadas pela noção de modernidade defendida pelas elites políticas e intelectuais. Essa transformação dos espaços acompanha uma transformação nos hábitos, na forma como a rua deveria ser experienciada. Segundo Micael Herschmann e Katia Lerner, as transformações aplicadas nos espaços, buscavam ocultar quaisquer sinais de desordens, aglomerações e ajuntamentos nas áreas públicas².

Logo, quem sofre os impactos destas transformações, são justamente trabalhadores, negros, brancos pobres, que tinham os espaços públicos como seu principal ambiente de sociabilidade. Tentavam incutir às camadas populares novos hábitos, que se relacionavam com um novo projeto de vida que a República trazia³, novo projeto este associado a um modelo burguês. Buscava-se impor de forma autoritária uma nova disciplina e o hábito do trabalho nos moldes capitalistas⁴.

No entanto, através da prática, será observado como as ações do Estado, não foram suficientes para acabar com as práticas comuns às camadas populares. A insistência do futebol nas ruas, por exemplo, manteve-se apesar das constantes reclamações que surgem nas páginas dos principais jornais da cidade. O jogo passou a contrariar a ideia de ordem que vigorava entre as elites políticas e intelectuais, tornando-se comum queixas relacionadas aos danos em propriedades e acidentes aos pedestres, causados pelo esporte. Os indivíduos envolvidos com a prática, aos poucos tornaram-se alvos das autoridades policiais, pois vinham sendo acusados de promover desordem.

Herschmann e Lerner mencionam a transformação de sentidos que ocorre com o futebol a partir do momento que o esporte se tornou frequente também entre os populares. Segundo os autores, a imprensa carioca que antes fazia elogios ao esporte, vai aos poucos aumentando suas críticas ao jogo⁵. Contudo, ao longo do trabalho, busco demonstrar que mesmo o esporte tendo sido motivo de problemas, segundo algumas narrativas presentes na imprensa, o futebol não se tornou o principal alvo das críticas, mas sim os praticantes.

¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.34

² HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, p.85.

³ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012, p.257.

⁴ Ibid., p.71.

⁵ HERSCHMANN; LERNER, 1993, p.44.

O que muda ao se olhar para o esporte, é em perceber quem são os indivíduos que o estão praticando. O futebol continuava sendo bom e benéfico, porém tais benefícios só poderiam ser visíveis em indivíduos moralmente desenvolvidos⁶.

O futebol passa a ser interpretado de forma ambígua: o “bom futebol” e o “mau futebol”⁷. Os aspectos positivos do esporte, àquilo que seria o “verdadeiro futebol”, é atribuído aos clubes frequentados pelas elites da cidade, reiterando por meio do discurso, que a prática do esporte deveria se restringir às elites da cidade. Desenvolve-se então, um conflito simbólico em torno da prática e da própria concepção de cidade. Pois, o jogo praticado nas ruas, ao mesmo tempo que alterava o sentido que havia sido atribuído ao futebol, conferia novos sentidos à própria cidade, evidenciando outros agentes responsáveis na construção da então capital da República.

O diálogo que a prática do futebol nas ruas passa a ter com a cidade, é o que levou a refletir como o futebol em espaços públicos, durante 1910-1919, permite pensar diferentes conflitos que estão atravessando o Rio de Janeiro. Para pensar o esporte na capital federal, foi utilizado como fonte principal o “Caso da rua Soares”, exposto pelo jornal *Gazeta de Notícias* em 1915. Foi através da narrativa do periódico a respeito do conflito na rua Soares, localizada na região de São Cristóvão, que aos poucos foi sendo percebido o diálogo do futebol com temas que vinham permeando a cidade no início do século XX.

Logo, a partir do conflito na rua Soares, ou rua Barcellos, como também era conhecida, foi proposto no primeiro capítulo compreender as relações estabelecidas entre alguns clubes da Zona Norte, mais especificamente em São Cristóvão, e a prática do futebol nas ruas. O intuito é entender mais a respeito da rua Soares e o futebol ali praticado, compreender as relações estabelecidas entre os clubes, as Ligas esportivas formadas durante a primeira metade do século XX, e a prática do jogo em locais públicos. Para isso, foi observado a importância em se considerar o processo de organização do bairro de São Cristóvão e as transformações vivenciadas na região durante o final do século XIX e XX. Entender o bairro permite pensar a própria ordenação dos clubes que irão se estabelecer na localidade. O objetivo é perceber até que ponto, os clubes e ligas podem ter sido importantes na aproximação do esporte aos menos abastados. E, ao mesmo

⁶ PEREIRA, 2000, p.57.

⁷ SANTOS, Henrique Sena dos. "Desastres materiais, desordens morais": o "football de vagabundos" nas ruas de salvador, 1905-1920. **Recorde: História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-26, jun. 2012, p.16.

tempo, observar a prática do futebol nas ruas como fundamental na reafirmação do jogo entre àqueles que não tinham como frequentar esses ambientes privados.

Para a realização do capítulo, foram analisados alguns periódicos entre 1910 e 1919. Entre as Ligas analisadas, destacam-se a *Liga Suburbana*, o *Torneio Carioca de Sports Athleticos* e a *Associação Carioca de Foot-ball*, pois foram entidades que utilizaram como *ground* o campo da rua Soares ou tiveram entre os times associados, o Aventureiro Football Club. O clube Aventureiro FC, mencionado apenas ao final da série de reclamações expostas na *Gazeta de Notícias* em 1915, se encontrava na rua Soares, sendo o clube, responsável pelo campo localizado no mesmo logradouro. Para entender o clube, foram analisados os documentos enviados à Secretaria de Polícia do Distrito Federal, tanto o estatuto redigido pelos responsáveis pela associação em 1914, como um abaixo-assinado requisitando sua aprovação em março de 1915.

No segundo capítulo, inicialmente, buscou-se entender a relação do jornal *Gazeta de Notícias* com o futebol na cidade, com o objetivo de refletir sobre seu interesse pelo Caso da Rua Soares. Para isso, foram analisadas narrativas do jornal a respeito da prática do esporte, tanto entre os mais abastados como entre os populares. Através das reclamações e notícias, busca-se compreender as diferentes disputas em torno dos sentidos e usos legítimos do futebol e dos espaços. Não só a partir do conflito na rua Soares, mas também por meio de diferentes reclamações sobre a prática do futebol nas ruas, presente em outros periódicos durante 1910-1919. Nos relatos da imprensa vão sendo evidenciados diferentes formas de se jogar o esporte. Para este capítulo, foi realizado um levantamento de periódicos que se propuseram a relatar queixas em torno das práticas do jogo em locais públicos. O intuito de se analisar diferentes jornais entre 1910-1919, foi o de observar como um mesmo evento vinha sendo percebido e narrado pela imprensa. E, além disso, como o futebol e a cidade estavam sendo pensados a partir destes jornais.

A partir dos periódicos buscou-se observar se os benefícios e os sentidos do futebol tendiam a variar diante de quem estaria o praticando, permitindo pensar a imprensa como importante na tentativa de conter sua popularização, reforçando a ideia de dois tipos distintos do esporte e estabelecendo as formas legítimas de o praticá-lo. Por esta razão, a prática do futebol nas ruas possibilita explorar as diferentes disputas em torno do futebol e dos espaços. Além do esporte, os jogadores e os moradores, envolvidos

nos conflitos, também estariam contribuindo na reafirmação de sentidos, não só para o jogo, mas para o uso da rua em disputa.

Através do “O Caso da Rua Soares”, é possível observar o grande número de policiais envolvidos e a presença do Sr. Nicanor do Nascimento. Segundo a *Gazeta de Notícias*, o Sr. Nicanor seria advogado dos jogadores, no entanto, o representante dos *players* também era deputado na cidade do Rio de Janeiro. Logo, a presença do não só advogado, mas também deputado, despertou o interesse em observar como a prática do futebol nas ruas, permite entender os conflitos políticos vivenciados na cidade. No terceiro e último capítulo então, foi proposto refletir sobre a importância das relações de camaradagem e compadrio dentro do jogo político na cidade e, como o lazer, neste caso o futebol, se apresenta como mais um artifício não só para indivíduos como o Sr. Nicanor do Nascimento ampliarem sua influência na cidade, como para as camadas populares agirem mediante as perseguições policiais e manterem suas práticas.

A maior parte das narrativas, apresentam os militares como indiferentes às desordens que o jogo provocaria, mesmo em meio as constantes reclamações. E, quando agiam de acordo com o que esperavam, às vezes se deparavam com a relutância dos jogadores. Por esta razão, parte do capítulo destinou-se a refletir sobre o papel das autoridades policiais frente a prática do futebol nas ruas e as disputas políticas na cidade. Entender até que ponto a indiferença dos guardas e fiscais às práticas populares eram de fato um desinteresse. Ou representava uma impossibilidade de ação diante das relações que se construía na cidade, que dificultava conter certas práticas.

A proximidade de figuras políticas e autoridades policiais, pode ter limitado em dados momentos a ação da polícia. A crítica da *Gazeta de Notícias* ao caso da rua Soares, demonstra que não havia sempre um consenso entre as autoridades policiais sobre que atitude tomar. A ausência de concordância em relação à postura que deveria ser tomada frente aos conflitos, estava muitas vezes associada à presença de personagens importantes da política carioca, a condição social dos indivíduos envolvidos, aos benefícios que determinada autoridade policial poderia adquirir fazendo vista grossa a determinados atos ou, até mesmo, a proximidade que os membros da corporação às vezes possuíam com membros das camadas populares.

A prática nas ruas coloca o futebol em contato direto com as transformações pela qual a cidade vinha passando, evidencia que, mesmo havendo um projeto político de retirar os menos abastados das regiões centrais da cidade, estes não deixaram de ocupar o espaço urbano em diferentes regiões. Isso tornou o espaço urbano complexo, plural e

disputado com frequência. O jogo evidencia conflitos que permeiam a sociedade durante o século XX, o quanto as relações construídas entre os moradores, se apresentavam como importante para o processo eleitoral. O uso dos espaços, assim como as formas de jogar futebol, estavam sendo pensadas em simultâneo por grupos sociais distintos, que criavam e recriavam a todo momento sentidos para ambos. Logo, os conflitos sociais, políticos e culturais se apresentam na insistência dos jogadores na prática, que buscavam artifícios para burlar as reclamações e investidas das autoridades policiais. Desta forma, muitas vezes de forma inconsciente, esses indivíduos contribuíam para a democratização do jogo e da cidade.

CAPÍTULO I

Entre clubes, Ligas e as ruas: o futebol para além das zonas centrais

A cidade do Rio de Janeiro, a partir de meados do século XIX, passou por uma série de transformações. Tais mudanças exprimem os aspectos ideológicos que conduzem as investidas do Estado no espaço urbano. A atuação do aparelho estatal, no que diz respeito ao reordenamento espacial na cidade, de acordo com Mauricio de Almeida Abreu, em nada há de neutro, pois este ao longo do tempo, teria se aliado a diferentes unidades do capital⁸. Ou seja, o próprio processo de distribuição social que se estabelece pela cidade, tem por influência o próprio Estado. Todavia, é preciso levar em consideração que tais políticas aplicadas de forma autoritária, não eliminam as contradições que compõem a sociedade urbana carioca. Na realidade, tais contradições recebem novas formas, novas características.

Ainda que o projeto de modernização da capital defendido pelas autoridades políticas e intelectuais representasse o interesse de uma elite carioca, as camadas populares não deixaram de interferir neste processo, introduzindo na cidade seus próprios sentidos aos espaços. As principais transformações concentraram-se na região central, com o alargamento de avenidas e a derrubada de prédios. Tais modificações, buscavam apagar aquilo que representasse o período colonial, tido como atraso e empecilho para o progresso da nação. A Avenida central, como destaca Jeffrey D. Needell, representava as aspirações de progresso e civilização do país, que vigoravam até então⁹. Esta, recebe edifícios que teriam como principal característica influências francesas¹⁰, pois, é na

⁸ ABREU, Mauricio A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. IPLANRIO, ed.3, 1997, p.6.

⁹ NEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.65.

¹⁰ *Ibid.*, p.63.

Europa, principalmente França e Inglaterra, que se encontrariam as principais inspirações de modernidade¹¹.

Juntamente com o meio urbano vinham se modificando os hábitos da sociedade local. Dentre elas, há a proibição de antigas práticas como a venda ambulante de alimentos, comércio de leite, onde se transportava o animal de porta em porta, assim como a prática do entrudo, todas estas durante ações ocorridas durante o período Pereira Passos¹². Contudo, tais proibições não representaram o fim de tais hábitos. A reforma urbana ao reprimir práticas, impulsionava o uso das ruas e dos novos espaços pelos mais abastados. Para que a capital se transformasse em vitrine do país, era preciso não somente modificar as faixadas de prédios e alargar as avenidas, mas fazer com que os espaços públicos fossem frequentados pela “bela sociedade”, alterando a ocupação dos espaços¹³. Logo, as ruas que durante o período colonial eram povoadas quase que exclusivamente por escravos¹⁴, durante a República passam a ter maior adesão da burguesia. Neste contexto, amplia-se a política de controle social, empenhada em excluir populares da região central da cidade, além de moldar os padrões de conduta. Observa-se que as transformações urbanas buscavam definir o espaço permitido para cada grupo social. Gizlene Neder exemplifica isto, a partir da região da Lapa e do Estácio, que passam a representar simbolicamente a passagem entre “a cidade quilombola e a cidade europeia”¹⁵.

Para Mauricio Abreu, ao pensar a estruturação urbana da cidade é necessário levar em consideração os processos econômicos, sociais e políticos¹⁶. Todos esses fatores, estão contribuindo para a formação do próprio espaço. As transformações na relação de trabalho, impulsionada por uma nova ética capitalista, torna frequente o uso de termos como disciplina, ócio e vadiagem. As autoridades se propõem a combater a ociosidade na cidade, em reformar e demolir espaços que se apresentavam como importantes na construção de uma desejada identidade para a cidade¹⁷. Tais transformações, em nome do

¹¹ MELO, Victor A (org.). O sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p.20.

¹² NEDELL, op. cit., p.57.

¹³ HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, p.20.

¹⁴ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O corpo e a cidade: a epidemia da febre esportiva no rio de janeiro. **Geo Uerj Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 35-48, 1º semestre de 1999, p.39.

¹⁵ NEDER, Gizlene. Cidade, identidade e exclusão social. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.106-134, 1997, p.8.

¹⁶ ABREU, 1997, p.10.

¹⁷ NEDER, op. cit., p.4.

progresso, se exprimem na mudança do espaço urbano, ignorando fatores sócio-históricos, responsáveis pelas condições às quais grande parte da sociedade carioca havia sido submetida. O crescente processo de industrialização da cidade, associado ao higienismo, aos poucos vão modificar o sentido que alguns bairros possuíam, causando o deslocamento das elites para regiões à beira-mar¹⁸, principalmente naquilo que futuramente comporia a zona sul carioca. Essa migração proporciona a ocupação das áreas suburbanas por novos grupos, homens e mulheres que antes ocupavam, principalmente, as regiões centrais da cidade.

A organização da região metropolitana do Rio de Janeiro, como hoje é conhecida, foi resultado de graduais interferências por parte do Estado, que incorporando os novos pensamentos advindos com a República, passa a redirecionar as camadas populares para os subúrbios e arrabaldes¹⁹. Entretanto, antes deste crescimento nas regiões do subúrbio do Rio de Janeiro, eram nas regiões centrais da capital que a maior parte da população residia. Como menciona Abreu, o “Rio era uma cidade apertada, limitada pelos Morros do Castelo, de Santo António e da Conceição”²⁰. Os novos significados que são atribuídos às áreas mais afastadas do centro da cidade, ocorrem de forma gradual. É importante destacar que os subúrbios e arrabaldes da cidade até o século XIX eram vistos como ambiente de descanso para as camadas abastadas²¹. Entre as regiões localizadas nos subúrbios e arrabaldes, Leonardo Santos utiliza como exemplo os bairros como Laranjeiras, Botafogo, Catete, Glória e Tijuca. No entanto, Santos pontua que a partir de 1870, alguns bairros dos subúrbios e arrabaldes passam por interferências, como a construção de lotes residências para “populares”. Os bairros que sofreram primeiro transformações, segundo o autor, foram São Cristóvão, Tijuca, Vila Isabel e Piedade. Já a partir de 1890, essas interferências chegariam às regiões do Méier, Madureira, Engenho Novo e Inhaúma, modificando o perfil aristocrático dessas localidades²².

Ou seja, observa-se que mesmo regiões hoje consideradas abastadas, eram vistas como parte dos subúrbios e arrabaldes. Essa percepção só é alterada a partir da

¹⁸ MELO, Victor Andrade de. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Estudos Históricos**, [s. l.], v. 23, n. 13, p. 41-71, 1999, p.44.

¹⁹ ABREU, 1997, pag.6.

²⁰ Ibid., p.27.

²¹ SANTOS, L. S. dos. Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 12, n. 30, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1265>. Acesso em: 6 out. 2022, p. 259.

²² Ibid., p.259

interferência do Estado em alguns bairros, o que mantém o perfil aristocrático de uns, mas, ao mesmo tempo, altera o perfil e o sentido de outras regiões. A imagem que se constrói das áreas mais distantes, como sendo reduto das camadas populares e de uma aristocracia suburbana, é fruto das modificações aplicadas na cidade a partir do século XX. Representa a influência ideológica e de novas bases econômicas na interferência do aparelho estatal no espaço urbano, que segundo Abreu, torna a presença de pobres nas áreas centrais da cidade malquisto²³.

De acordo com os objetivos deste texto, para fins de análise destacarei o bairro de São Cristóvão. Esta escolha se dá em função do bairro ter sido a região onde ocorreu o denominado, caso da Rua Soares, principal fonte utilizada na realização deste trabalho. Logo, o interesse aqui é pensar a relação que se estabelece entre os clubes localizados na região com a prática do futebol nas ruas. Para isso, observa-se como importante entender como se organiza o bairro de São Cristóvão, para pensar a própria ordenação dos clubes que irão se estabelecer na localidade. Também pretendo pensar as razões que tornaram as ruas espaços atrativos aos moradores para a prática do futebol. Entender o perfil dos habitantes do bairro, o contingente de times e a relevância destes no cenário esportivo da cidade, ajudará a refletir sobre a dimensão do esporte na região. Dentre os times que serão tratados, destaco o Aventureiro Foot-Ball Club, com sede na rua Soares. Pensando o clube, os torneios organizados pela Liga Suburbana, a Associação Carioca de Foot-Ball e o Torneio Carioca de Sports Athleticos, também serão abordados, tendo em vista a importância dessas entidades no incentivo à prática do futebol na cidade.

1.1 O bairro de São Cristóvão e suas transformações

A “freguesia” de São Christóvão data de 1856, no entanto, Lucas Nascimento de Mattos menciona a possibilidade de fixar o ano de 1808 como marco de sua criação²⁴. Para ele, a partir da chegada da família real a região adquiriu novas feições, atraindo a nobreza e se estabelecendo como uma região aristocrática. Não por acaso, teve investimentos precoces que proporcionaram melhorias em algumas áreas, como

²³ ABREU, 1997, p. 59-60.

²⁴ MATTOS, Lucas Nascimento de. **Do centro a São Cristóvão: como o club de regatas Vasco da gama ajuda a explicar a evolução urbana do rio de janeiro (1898-1927)**. 2019. 62 f. Monografia (Especialização) - Curso de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019, p.46.

iluminação e transporte²⁵. Outro fator que corroborou para o crescimento da região, foi o aterramento de regiões que ligavam o centro à Quinta da Boa Vista, o que facilitou o acesso, aumentando o número de moradias na região imperial²⁶. A localidade, até hoje, conhecida por Quinta da Boa Vista, de acordo com Regina Dantas, recebe esta nomenclatura devido à vista privilegiada tanto do mar, como do Corcovado e da Floresta da Tijuca²⁷.

A presença da família imperial na região ao longo do século XIX, contribuiu para que se estabelecessem alguns simbolismos em torno do bairro. Abreu pondera, que durante a segunda metade do século XIX, a região de São Cristóvão consistia em uma “grande rival de Botafogo”, pois também vinha servindo como área residencial dos mais abastados²⁸. Por tornar-se moradia da família Real, em 1808, o arraial de São Cristóvão passou por melhorias em seu acesso, o que proporcionou maior salubridade e aproximou o bairro do centro²⁹. De acordo com Elisabeth Vonder Weid, o perfil de habitantes da região, permitiu que as primeiras formas de transportes fossem ali implementadas, há exemplo dos pequenos ônibus de tração animal, denominadas de “gôndolas”³⁰.

Esses investimentos no início do século XIX, foram mantidos até os anos finais do período imperial na cidade, onde a região passa a perder a representação de bairro imperial. No entanto, Mauricio de Abreu pondera que em 1880, a região se beneficiava do melhor sistema de fornecimento de água. Da mesma forma, tinha também a presença de sistema de esgoto³¹. O bairro tornou-se ponto de interseção entre a linha de trem e bondes. A Estrada de Ferro Central do Brasil, inaugurada em 1858³², tem a estação de São Cristóvão inaugurada um ano depois, ampliando as formas de acesso à região.

Victor de Melo Andrade ao abordar a sociabilidade inglesa durante o século XIX, destaca o grande contingente de ingleses que viviam na região. Por esta razão, de acordo com o autor, em 1836, alguns britânicos haviam se organizado para realizar uma partida

²⁵ Ibid., p. 47.

²⁶ ABREU, 1997, p.30.

²⁷ DANTAS, Regina. A casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado) – Título de Mestre em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, p.3.

²⁸ ABREU, 1997, p.40.

²⁹ WEID, Elisabeth. O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa, p.3.

³⁰ Ibid., p.3.

³¹ ABREU, 1997, p.40.

³² SILVA, Marcelo. A implantação ferroviária no Estado do Rio de Janeiro (1854-1898). *Revista Geográfica De América Central*, v.2, n.47., p.3.

de críquete na região³³. A presença da família real no bairro, tornava-o atrativo aos imigrantes que desembarcavam na cidade do Rio de Janeiro, logo, a forte presença de imigrantes na região, permitiu que novos hábitos fossem integrados ao cotidiano. O Campo de São Cristóvão é um exemplo das transformações pela qual o bairro passou. Até 1830, como pondera o autor, a região era utilizada para o negócio com gados, posteriormente, passa a servir de entretenimento. Ali, teria se estabelecido um anfiteatro, propriedade de Manoel Luiz Alves de Carvalho, onde seriam realizados espetáculos circenses, ginásticos e tauromáquicos³⁴.

O mesmo é destacado por Brasil Gerson ao estudar algumas ruas da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Gerson, o então campo de São Cristóvão, além de receber feiras realizadas por comerciantes também era utilizado por tropas militares para a prática de exercícios³⁵. Alguns prédios foram erguidos na região ao longo do século, com o intuito de servirem como asilo e, mais tarde, escola para crianças pobres³⁶. Próximo ao campo, havia o Teatro de São Cristóvão e a 10ª delegacia auxiliar³⁷. Com a virada do século iniciou-se uma série de reformas no campo, que passará a ser denominada praça Marechal Deodoro, a partir de 1890. Em 1910, o periódico *Gazeta de Notícias* informa a grande festa organizada pela prefeitura com o objetivo de “festejar a inauguração das bellas archibancadas”³⁸. O campo de São Cristóvão, tal como a Quinta da Boa Vista, evidenciam o quanto o bairro durante o século XX carregava consigo um pouco do simbolismo que havia adquirido durante o período imperial. Apesar de haver um claro interesse em apagar os resquícios do Brasil colonial, esses aspectos simbólicos são vistos como importantes para parte da cidade.

O Paço de São Cristóvão, moradia de D. João e passado aos seus descendentes, representou uma particularidade importante do bairro. De acordo com Regina Dantas, a chácara localizada na Quinta da Boa Vista, começou a passar por alterações em 1810, utilizando como referência o Palácio Nacional da Ajuda, localizado em Lisboa³⁹. A preocupação com a arquitetura do palácio, buscando construí-lo de forma majestosa, de

³³ MELO, Victor Andrade. A Sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes do cricket. Almanack, Guarulhos, n. 16, p. 168-205, Ago. 2017, p.174.

³⁴ MELO, Victor Andrade. A Sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes do cricket. Almanack, Guarulhos, n. 16, p. 168-205, Ago. 2017, p.175.

³⁵ BRASIL, Gerson. História das ruas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal. [s.d.], p.171.

³⁶ Ibid, p.172.

³⁷ Ibid., p.172.

³⁸ *Gazeta de Notícias*, 1910, ed. 00315, p.3.

³⁹ DANTAS, 2007, p.3.

acordo com Lilian Schwartz, estaria relacionada à representação simbólica dessas edificações que costumavam ser correlacionadas à figura do imperador⁴⁰. Além dos aspectos arquitetônicos e das mudanças implementadas na região, havia outros aspectos que também atribuíam ao bairro um ar aristocrático em relação ao demais. Há exemplo das cerimônias realizadas no Paço de São Cristóvão, os banquetes frequentados por importantes nomes da cidade⁴¹, que tornavam a região distinta em relação as demais.

As regiões para além da zona central da cidade, possuíam características diferentes das que hoje costumam lhes ser atribuídas. Observa-se que o perfil dos moradores dos subúrbios da cidade, sofreram mudanças. Até aos anos finais do século XIX, com o objetivo de fugir do centro urbano e com alguns investimentos em áreas mais afastadas, os mais abastados passaram a ocupar os subúrbios da cidade, as zonas mais rurais. Segundo Mauricio de Abreu, a partir de 1830, as regiões rurais antes ocupadas apenas aos fins de semana, aos poucos se tornaram locais de residência das camadas mais abastadas, indivíduos que segundo o autor, possuíam poder de mobilidade⁴². O mesmo é destacado por Soares, que destaca a ocorrência de um rapto ideológico da categoria de subúrbio⁴³. Este rapto se associa ao sentido negativo que é atribuído à noção de subúrbio, algo que aparece com maior clareza no caso do Rio de Janeiro. Nelson Fernandes menciona que em Paris, a ideologia do *habitat* teve o sentido de moralizar a classe operária, já no Rio de Janeiro o desenvolvimento da política urbana foi seguido de uma desmoralização do subúrbio⁴⁴.

Esta mudança do sentido de subúrbio que afeta a região de São Cristóvão, por mais que não se inclua na condição de subúrbio, tendo em vista sua proximidade com a região central da cidade e todo aparato simbólico em torno da região, ocorre a partir da segunda metade do século XIX. Aos poucos novas preocupações são estabelecidas na cidade, estas relacionadas com o saneamento da cidade e com a saúde. A atenção manifestada por médicos, sanitaristas e engenheiros no que diz respeito ao saneamento, modifica a relação de parte da sociedade com os banhos de mar, levando os mais abastados a buscarem regiões mais arejadas⁴⁵. Logo, à medida que a relação com o corpo

⁴⁰ SCHARWATZ, Lilia. O império em procissão: ritos e símbolos do Segundo Reinado. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000, p.12.

⁴¹ SCHARWATZ, 2000, p.53.

⁴² ABREU, 1997, p.29.

⁴³ FERNANDES, Nelson. O rapto Ideológico da categoria de subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945. Rio de Janeiro: APICURI, 2011, p.16.

⁴⁴ Ibid., pg. 17.

⁴⁵ MELO, Victor Andrade de. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 41-71, jul. 1999. p. 44.

se modifica devido ao pensamento higienista que se estabelece na cidade, aos poucos o perfil de algumas regiões também é alterado, tendo em vista que, as áreas distantes do mar, que tendiam a ser também ocupadas pelos mais endinheirados, começam a ser preteridas em relação às regiões próximas ao litoral. Isso é um dos aspectos que ajudam a pensar a transformação pela qual o bairro de São Cristóvão aos poucos começava a passar.

De acordo com Lilian Schwartz, o Paço de São Cristóvão servia como referência à Corte, e a mesma funcionava como centro propulsor cultural⁴⁶, ou seja, o bairro representava o período colonial no Brasil, devido à relação que possuía com o Império. A Proclamação da República em 1889 apresenta-se como outra perspectiva para se refletir a transformação vivenciada no bairro, no que diz respeito ao seu aspecto simbólico, mesmo que, ainda hoje, a região carregue certos simbolismos, por conservar elementos que ainda remetem ao século XIX. O perfil da região transforma-se ao longo do século XX. O interesse por apagar aquilo que representava o antigo, o atraso, associado ao que antecedia ao período republicano proporciona mudanças em cenários importantes da região. O Paço Imperial, de acordo com Regina Dantas, teve seu espaço completamente alterado após o banimento da família imperial em 1889⁴⁷.

Segundo Dantas, D. Pedro II teve seus pertencentes leiloados durante o Governo Provisório, com o intuito de apagar da memória aspectos considerados atrasados pela República⁴⁸. Não apenas seus objetos, mas o Paço Imperial também passou por mudanças em seu sentido, ao tornar-se em 1892, prédio do Museu Nacional ou Palácio da Quinta da Boa Vista. O Palácio aos poucos perdeu seu significado de espaço monárquico, ao longo do século XX, e passou a ter sua imagem associada à instituição científica⁴⁹. Observa-se, então, que nos anos finais do século XIX, tanto o pensamento higienista como as noções de modernidade, se apresentaram como importantes na mudança dos sentidos atribuídos à região de São Cristóvão que aos poucos, passa a ser usufruído por homens e mulheres pertencentes as camadas menos abastadas, tendo em vista que regiões mais próximas ao mar tornaram-se atrativas às elites da cidade. Contudo, a mudança no perfil do bairro, não apaga por completo o simbolismo que alguns espaços possuíam. A

⁴⁶ SCHARWATZ, 2000, p. 28.

⁴⁷ DANTAS, Regina. A casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado) – Título de Mestre em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, p.6.

⁴⁸ Ibid, p.6

⁴⁹ Ibid., p.7.

região, por exemplo, era palco da comemoração da Independência. No aniversário de 95 anos, em 1917, o *periódico O Paiz* expõe o entusiasmo da população no subúrbio para acompanhar o desfile no Campo de São Cristóvão e nas arquibancadas da Quinta da Boa Vista⁵⁰.

A diversidade que passou a compor o antigo bairro imperial, não apaga por completo o simbolismo que algumas regiões possuíam. E, o maior contingente de populares na área, também não representou a ausência de uma elite. De acordo com o jornal *Gazeta de Notícias*, a região era o maior “arrabalde” da cidade, com 150 ruas e uma população calculada em 30.000 habitantes⁵¹. O grande contingente de moradores, demonstra a diversidade que provavelmente compunha o bairro. É importante destacar o termo “arrabalde” utilizado pela Gazeta. Tendo em vista que, hoje, tal termo é associado as regiões distantes do centro da cidade. Contudo, durante o século XX, tais termos ainda não tinham os significados hoje atribuídos.

No período Imperial, Fernandes menciona que subúrbio e arrabalde eram sinônimos e, como já ponderado, não tinha caráter negativo. Toda a região em torno da cidade era considerada subúrbio ou arrabalde, inclusive as áreas que hoje observamos como regiões destinadas aos mais abastados. Para que estes conceitos viessem se firmar como sinônimos aos bairros destinados aos populares é necessário um processo e esforço dos próprios periódicos, em consolidar os novos sentidos de subúrbios e arrabaldes na sociedade. De acordo com o autor, até 1920, é possível observar o termo subúrbio sendo usado para referenciar bairros periurbanos, habitados por uma elite⁵².

Na revista *A Careta*, em 1912, é exposta uma entrevista com um morador de São Cristóvão. De acordo com o periódico, este não era qualquer morador, mas um “dos mais importantes cidadãos daquele bairro”⁵³. E, uma das ponderações do ilustre habitante da região, era a de que os jornalistas e habitantes das “bandas de Botafogo”, vinham olhando para o bairro de São Cristóvão com certa soberba, sendo assim, injustos com a região. O bairro que até os anos finais do século XIX, carregava o mesmo status que o bairro de Botafogo, no século XX, demonstra ter perdido parte de seu prestígio. Observa-se então, na entrevista, um esforço em retomar os pontos positivos da região em questão, em recolocá-la como merecedora de atenção assim como os bairros que haviam se

⁵⁰ O Paiz, 1917, ed. 12023, p.2.

⁵¹ Gazeta de Notícias, 1912, ed. 00083, p.1

⁵² FERNANDES, Nelson. O rapto Ideológico da categoria de subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945. Rio de Janeiro: APICURI, 2011, p. 64.

⁵³ A Careta, 1912, ed. 0237, p.14.

consolidado por abrigar pessoas de mais posses. Entre as justificativas a respeito da relevância de São Cristóvão estaria a presença de “homens célebres”. Dentre esses homens estariam os mortos que se encontravam no Cemitério do Caju como Patrocínio, Deodoro, Arthur Azevedo, Senna Madureira e Rio Branco, por exemplo. Entre os vivos, como pondera o entrevistador, estariam gerais reformados, que em algum momento, haviam tido momentos de celebridades, além de importantes poetas⁵⁴.

Logo, os bairros tornavam-se relevantes a partir das figuras que os compunham. A antiga presença de nomes importantes da cidade, no bairro de São Cristóvão, fazia com que sua imagem transitasse entre uma região de prestígio, porém, ao mesmo tempo popular, tendo em vista o crescimento de ambientes fabris e o grande contingente de camadas populares. Contudo, o aumento do número de fábricas e indústrias na região, que passaram a dispor inclusive dos casarões deixados para trás pela antiga aristocracia que ali residiam⁵⁵, fez com que a localidade tida como aristocrática durante o século XIX visse seu perfil ser transformado em uma área fabril e industrial. A partir do estudo de Brasil Gerson, é possível observar a abertura progressiva de ambientes fabris em São Cristóvão. Isto proporcionou uma mudança, inclusive, no perfil dos moradores da região que aos poucos passou a ser habitado por homens e mulheres que vinham trabalhar nestes ambientes fabris.

João Malaia Santos destaca que em 1906 a população da cidade ultrapassou 800 mil habitantes, um crescimento de mais de 55% em 15 anos⁵⁶. Junto ao aumento populacional a cidade presenciou o crescimento de estabelecimentos industriais, girando em torno de 600, segundo o autor⁵⁷. O aumento desses estabelecimentos industriais e fabris, acarretou na incorporação de uma grande parcela da população como mão de obra. O autor explicita que eram quase 120 mil trabalhadores empregados em indústrias e 180 mil no setor terciário⁵⁸. Entretanto, além destes indivíduos, que passam a morar na região, devido ao trabalho e à necessidade de estar perto das fábricas, outros são atraídos devido às transformações às quais a cidade estava sendo submetida. As reformas urbanas empurram os menos abastados para áreas afastadas da região central. A reformulação do

⁵⁴ A Careta, 1912, ed.0237, p.14.

⁵⁵ ABREU, Mauricio. Evolução Urbana do Rio de Janeiro, 1997, p.50-51.

⁵⁶ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934) São Paulo. 2010. 489 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p.24.

⁵⁷ Ibid., p.24.

⁵⁸ Ibid., p.24

sistema de bondes, em 1905, assim como o desenvolvimento de outros transportes, tal como o trem, permitiu que não apenas os subúrbios, mas freguesias mais afastadas se tornassem refúgios para estes trabalhadores.

No âmbito cultural, por exemplo, é possível observar como a modernidade influencia na introdução de novos hábitos e práticas. As camadas populares que se veem quase obrigadas a sair das áreas centrais da cidade, por exemplo, sofrem com o aumento à perseguição as suas práticas. Durante o período republicano, é possível observar um crescimento de opções de entretenimento voltado para as elites, enquanto os pobres têm suas poucas alternativas cerceadas com frequência⁵⁹. Pretendia-se criar um Rio de Janeiro “à imagem e semelhança” da elite carioca, fazendo-se necessário, retirar das ruas tudo que manchasse a aparência desejada da capital e os afastassem desse ideal. No entanto, apesar das constantes tentativas em excluir os menos abastados de qualquer participação na construção da cidade, as camadas populares continuaram sendo importantes na atribuição de sentidos à cidade.

É possível observar que a criminalização de práticas populares na década de 1890, como o entrudo e o jogo do bicho⁶⁰, tal como as tentativas de ditar como o espaço urbano deveria ser usufruído, não suprimiram esses hábitos, que continuaram representando um problema para as autoridades policiais, tendo em vista a insistência dos mais pobres em continuar exercendo suas práticas. Quando as camadas populares resistiam, seja de forma consciente ou inconsciente, às tentativas constantes de inserção de novos hábitos, estavam sendo responsáveis por atribuir com frequência novas formas de se utilizar dos espaços e das práticas. Ao mesmo tempo que as elites buscavam construir a cidade a partir de suas perspectivas, as camadas menos abastadas também vinham sendo responsáveis por construir e pensar a, até então, capital da República.

Esses operários, imigrantes, mulheres e, inclusive, crianças que se incorporavam à cidade, estavam se relacionando com novas práticas que foram inseridas ao longo do século XX. É importante ressaltar a relação constante destas regiões com as demais áreas da cidade, pois o espaço urbano está em constante diálogo. O bairro de São Cristóvão, por ser próximo ao centro da cidade e, uma região privilegiada, se comparada às áreas mais distantes, dialoga e incorpora com frequência os hábitos da *belle époque* carioca.

⁵⁹ HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca, 1993, p.19.

⁶⁰ BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de Novembro de 1890.

Ainda que a região tenha sofrido certas mudanças, principalmente, em relação aos habitantes que passam a integrá-la. A presença de famílias distintas, ainda se fazia presente. Da mesma forma, as regiões que aos poucos atraíam com maior frequência as elites, continuam também a ser habitadas por trabalhadores, mesmo havendo uma predominância maior de determinada classe social. Logo, a cidade está sendo compartilhada por homens e mulheres em situações distintas, o que possibilita a troca cultural e de pensamentos. Essa diversidade do bairro de São Cristóvão, é perceptível na forma como o Campo de São Cristóvão vinha sendo usufruído.

Os conflitos em torno do que seria um mal uso do Campo, por exemplo, permite observar como vinha sendo compartilhado. De acordo com o *Correio da Manhã*, o Rio de Janeiro seria a “cidade dos jardins”⁶¹. Ao longo do século XX, alguns espaços passaram por reformas para que famílias pudessem os usufruir como ambientes para passeios, dentre estes espaços destaca-se o Campo de São Cristóvão. Contudo, de acordo com o periódico, os “bons chefes de famílias” vinham proibindo suas filhas de frequentar tais locais devido à presença de rapazes que “não aprenderam as regras de boa educação”⁶².

Esta percepção múltipla em torno do bairro, mas que na realidade ocorre em toda a cidade, também resvala em aspectos culturais. Valendo-se do objeto, o futebol também enfrenta conflitos em torno de seu sentido. A introdução dos esportes modernos na cidade, dá-se a partir do século XIX. Sua inserção, está relacionada com um ideal de modernidade, com o desejo de civilizar-se, de equiparar-se aos centros europeus⁶³. Porém, o discurso pedagógico utilizado pelos mais abastados em torno do esporte, para legitimá-lo na sociedade, é pouco levado em consideração pelos mesmos, tendo em vista o esforço aplicado para restringi-los a um grupo específico.

Ainda que haja diferentes narrativas sobre a introdução do esporte na cidade, há um claro consenso sobre o futebol em seu início ser uma prática elitista. No entanto, se o esporte se consolida como tal, é por um esforço constante das próprias elites em mantê-lo assim, pois, a popularização da prática ocorre precocemente na cidade. Logo, os

⁶¹ Correio da Manhã, 1913, ed. 05227, p.2.

⁶² Correio da Manhã, 1913, ed. 05227, p.2.

⁶³ MELO, Victor Andrade de (org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 20.

sentidos da recente modalidade, serão múltiplos ao longo do século XX, mesmo havendo por parte da imprensa e dos mais abastados, um interesse claro em mantê-lo aristocrático.

Em uma cidade populosa, com um espaço urbano compartilhado, ainda que não fosse este o interesse das autoridades, as práticas também passam a ser divididas. O futebol que aos poucos cresceu na capital, principalmente, nas áreas centrais, também alcançou os subúrbios da cidade. Em 1903, por exemplo, Glauco Costa menciona o *Football & Athletic Club* fundado por moradores do Andaraí que se tornaram um dos incentivadores da criação da Liga Metropolitana⁶⁴. Além deste, é possível mencionar o *Bangu Athletic Club*, fundado em 1904, e o *Andarahy Athletic Club*, ambos localizados distantes da zona central da cidade, com forte ligação com o ambiente fabril e que se destacaram no cenário futebolístico da cidade. Estes clubes, por localizarem-se em regiões afastadas, modificam aos poucos o perfil do próprio futebol, ao incorporar jogadores das camadas populares⁶⁵. Tais clubes, ainda que criados por homens privilegiados, ao possibilitar a incorporação de operários e trabalhadores nos *teams* principais, corroboram para que aos poucos o futebol perdesse seu ar aristocrático.

Os clubes que iam surgindo nas zonas centrais da cidade e, se estendiam para os subúrbios do Rio de Janeiro, tendem a aproximar a prática esportiva das camadas populares. Contudo, ainda que estes indivíduos não viessem integrar as associações, se tornando sócio, adquiriam cada vez mais o conhecimento sobre o jogo da bola. A Liga Metropolitana organizada em 1905, por clubes como Fluminense, Botafogo, Athletic and Foot-ball Club e pelo Bangu Athletic Club⁶⁶, serve de inspiração para que outros, mais modestos, criem suas próprias ligas e campeonatos. Há trabalhos que apresentam a pluralidade de Ligas que havia na capital, entre elas: Liga Suburbana de Football (1907), Associação Athletica Suburbana (1915), Aliança Sportiva Municipal (1919), Liga

⁶⁴ SOUZA, Glauco José Costa. "**adiantam-se bastante nos subúrbios**": o desenvolvimento do futebol na região suburbana do rio de janeiro (1907-1924). 2018. 116 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018, p.33.

⁶⁵ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. O futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro (1914-1923). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-12, p. 2.

⁶⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 60.

Sportiva de Football (1913)⁶⁷. De acordo com João Malaia, essas Ligas reuniam mais de 150 clubes⁶⁸, apesar de faltar nos jornais referências sobre.

Alguns periódicos analisados, principalmente, os considerados pertencentes a grande imprensa durante o século XX, começam a demonstrar um maior interesse pelo futebol a partir de 1910. De acordo com Gilmar J. Mascarenhas é apenas a partir deste período que o futebol ultrapassaria o remo em popularidade, o que talvez ajude a refletir a ausência de notícias relacionadas ao esporte⁶⁹. Contudo, mesmo após 1910, é possível identificar dificuldades em encontrar assuntos relacionados às ligas e aos clubes localizados nos subúrbios e arrabaldes da cidade. O interesse dos jornais costumava estar voltado aos modestos clubes da cidade, ou seja, àqueles frequentados pelos mais abastados. A *Gazeta de Notícias* é um jornal que através da *Gazeta dos Sports*, aborda com maior frequência essas instituições, no entanto, muitas vezes de forma superficial, contendo poucos detalhes. Havia um grande número não apenas de clubes, mas de associações. No entanto, o pouco interesse manifestado pelos principais meios de comunicação do período, faz com que se percam elementos importantes para se entender a contribuição destes ambientes esportivos na cidade.

Entretanto, a existência dessas ligas nos subúrbios e arrabaldes constituídas por associações de caráter mais popular, permite refletir sobre a contribuição dos subúrbios do Rio de Janeiro para a consolidação do esporte na cidade. Ainda que as poucas informações dificultem dimensionar a relevância desses espaços, a presença destes permitiam a aproximação do futebol com indivíduos que ocupavam essas regiões. Quanto mais clubes, maior é o contingente de jogadores e o impacto que isso gera na cidade. Esta aproximação que aos poucos se estabeleceu entre a prática e as camadas menos abastadas, somada à ausência de espaços destinados ao lazer, empurraram esses indivíduos para áreas aonde fosse possível praticar o jogo.

Isto proporcionou o surgimento de denúncias e queixas em torno do futebol. Somado a isto, aumentaram-se os estigmas em torno de homens e crianças que encontraram nas ruas a chance de também praticar o recente esporte. Apesar deste

⁶⁷ MALAIA, João Manuel C. “O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933)”. Pós-graduando, FFLCH-USP, p.5.

⁶⁸ Ibid., p.5.

⁶⁹ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do rio de janeiro. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 17-41, jul. 1999, p.29.

trabalho não ter por objeto clubes no subúrbio da cidade, é importante observar o grande número de associações que foram criadas, principalmente na região que hoje, é conhecida como Zona Norte. A área de São Cristóvão, assim como a Tijuca, bem próximas uma da outra, são regiões onde se encontravam um grande número de times que integraram algumas dessas ligas.

1.2 Não só pela Liga Metropolitana se consolidará o futebol

Lucas Nascimento formula uma tabela com os bairros de origem de alguns clubes pertencentes à Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), que ajudam a observar o centro e os bairros industriais como berço de muitos. Observa-se o América FC, localizado na Tijuca, assim como o Paladino F.C, o SC Everest, SC Mangueira e o Tijuca FC. Já, com sede em São Cristóvão, há o Palmeiras FC e o próprio clube, São Christóvão⁷⁰. O CR Vasco da Gama, entre 1916-1927, localizava-se no centro, por esta razão, não se inclui. É possível ir mais além da Liga Metropolitana, pois a grande incidência de ligas suburbanas ou de menor porte, demonstram um maior número de times que tinham por localização a região norte da cidade, principalmente, bairros próximos ao centro.

Algumas destas são: *Liga Sportiva Suburbana* (1912); *Liga Sportiva de Football* (1913), *Associação Brasileira de Sports Athleticos* (1915), *Federação Brasileira de Football* (1915) e *Liga Municipal de Football* (1917)⁷¹. As ligas citadas possuem um maior contingente de clubes localizados em bairros mais afastados da região central da cidade. Por esta razão, é possível encontrar outras associações que estavam situadas em São Cristóvão ou em regiões próximas. Dentre as diversas ligas que foram fundadas ao longo da década de 1910 é possível destacar pelo menos 16 clubes criados neste bairro que estariam filiados a alguma dessas ligas⁷². É importante ressaltar que havia muitos times que não conseguiam manter-se filiados a estas organizações, o que dificulta obter informações e ter a dimensão exata do número de clubes na cidade. Uma das ligas, a

⁷⁰ MATTOS, Lucas Nascimento de. **Do centro a São Cristóvão: como o club de regatas Vasco da Gama ajuda a explicar a evolução urbana do rio de janeiro (1898-1927)**. 2019. 62 f. Monografia (Especialização) - Curso de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019, p.29.

⁷¹ ALMEIDA, Ariel; VARANDA, Pedro; QUADROS, Raymundos. Rio de Janeiro States- Minor Leagues 1907-1934. Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation e RSSSF Brazil, 2008. Disponível em: <https://www.rssfbrasil.com/tables/rjminor.htm>

⁷² Idem.

Associação Brasileira de Sports Athleticos inaugurada em 1915, tem seus jogos relacionados à competição do ano em questão, realizados em três campos distintos, mas dois estariam localizados no bairro de São Cristóvão. O único campo ressaltado, mas que não pertencia à região estaria localizado em São Francisco Xavier⁷³.

É possível destacar a diversidade de ambientes voltados para a prática do futebol em bairros com forte presença de ambientes fabris. Os times que pertenciam à região de São Cristóvão costumavam disputar seus jogos em locais próximos ao Campo de S. Christóvão ou na Quinta da Boa Vista⁷⁴. Deve-se esclarecer que nem todos os clubes abertos na região suburbana tinham alguma ligação com ambientes fabris, no entanto, alguns bairros no subúrbio da cidade, tornam-se produtos de companhias responsáveis por dar início ao primeiro surto industrial brasileiro, ocorrido em 1880⁷⁵. Nei J. dos Santos Junior, por exemplo, em seu trabalho que tem por objetivo compreender as redes de sociabilidade formadas ao redor das diversões em Bangu, entre os anos de 1895 e 1929, demonstra a importância da fábrica na aproximação dos trabalhadores com o bairro, inclusive a partir de práticas de lazer que se legitimam entre os moradores⁷⁶.

Das oito fábricas de tecidos fundadas a partir de 1870, no Rio de Janeiro, grande parte não estava localizada na cidade do Rio, mas sim em áreas próximas à Serra do Mar. Apenas três delas se encontravam na cidade, sendo duas localizadas em São Cristóvão e, ambas abertas ainda durante o século XIX⁷⁷. Observa-se então que em relação às demais regiões da Zona Norte, São Cristóvão é um bairro que antes do período republicano passa por alguns investimentos, atraindo uma incipiente burguesia industrial. De acordo com Antunes, esses ambientes fabris são importantes no processo de difusão e profissionalização do esporte na cidade⁷⁸. Para Kupper, o interesse de empresários na prática do futebol, investindo em clubes e cedendo espaços para que o jogo viesse a ser

⁷³ O Imparcial, 1915, ed. 00876, p.7.

⁷⁴ O Imparcial, 1913, ed.00333, p.8

⁷⁵ OLIVEIRA, Márcio Piñon de. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano do rio de janeiro. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. 218, n. 10, maio 2006.

⁷⁶ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **Vida divertida suburbana**: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). 2017. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, p.11-12.

⁷⁷ OLIVEIRA, Marcio Piñon de. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano do rio de janeiro, 2006.

⁷⁸ ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, [S. l.], n. 22, p. 102-109, 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i22p102-109. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26963>. Acesso em: 6 out. 2022, p.104.

praticado, está relacionado a um interesse em domesticar a classe trabalhadora, em discipliná-la⁷⁹, algo que era de interesse das autoridades municipais.

No entanto, pensar o processo de popularização do futebol entre a classe trabalhadora, apenas como fruto de um interesse da elite em controlar tais grupos, é ignorar os próprios interesses das camadas populares, até mesmo porque junto com o futebol, outras modalidades estão sendo praticadas na capital durante o século XX, porém poucas atingem a dimensão do esporte bretão. Ou seja, o jogo é apropriado por estas fábricas, pois se observa a força social do esporte na cidade, principalmente, a partir da década de 1910⁸⁰. Algo que permite pensar a apropriação do esporte, não como mero recurso de dominação por parte da elite, é o caso do *Andarahy Athletic Club*, fundado pelos próprios trabalhadores da fábrica Cruzeiro em 1909 e, que de acordo com Nei Santos Junior, tinha por parte da fábrica uma posição de não se confundir com o clube⁸¹. A posição dos trabalhadores evidencia o interesse que as camadas populares passam a adquirir pelo futebol, demonstrando como o esporte já havia saído do controle da aristocracia carioca, se é, que em algum momento esteve.

No mesmo ano em que o *Andarahy AC* foi fundado, um jovem entusiasta morador do antigo bairro imperial, fundou o *São Christóvão Athletico Club*, em uma área que já vinha convivendo com o futebol. De acordo com Raymundo Quadros havia na região um complexo de campos na Praça Marechal Deodoro, atual Campo de São Cristóvão, onde outros clubes costumavam utilizar para disputar jogos, clubes estes criados antes de 1909 e localizados nas proximidades⁸². O Campo de São Cristóvão, durante o século XIX, era utilizado para diferentes finalidades. De acordo com Brasil Gerson nesta área costumavam ser realizadas feiras por comerciantes, enquanto “tropas” militares a utilizavam para a prática de exercícios⁸³. Na programação, de acordo com o jornal, ocorreriam os seguintes passatempos:

⁷⁹ KUPPER, A. Futebol: entre o lazer e o controle. *Estudos de Sociologia*, [S. l.], v. 24, n. 46, 2019. DOI: 10.52780/res.10702. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/10702>. Acesso em: 6 out. 2022., p.234.

⁸⁰ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. O futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro (1914-1923). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- ANPUH, 26., 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-12, p.1.

⁸¹ Ibid., p.7.

⁸² QUADROS, Raymundo. *Chuva de Glórias: a trajetória do São Cristóvão de Futebol e Regatas*. Campinas: Pontes Livros, 2004, 128pp., p.19.

⁸³ BRASIL, Gerson. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, 1954, p.171.

1ª parte – Corrida de Cyclista, às 3 horas da tarde, 5.600 metros, 8 voltas [...] 2ª parte – 3 ½ - corrida de obstáculos para oficiais de qualquer corporação militar ou civil [...] 3ª parte – 4 horas – “Match” de “foot-ball” entre os 1º “teams” dos Clubs Botafogo e S. Christóvão. [...] ⁸⁴

Observa-se que a partir de 1910, a área já usufruída desde o século XIX, recebe atrações que representam bem o período republicano. O evento organizado na região reforça a importância da prática de exercícios físicos e estabelece novas maneiras de utilizar-se do espaço, uma delas é o uso da praça na disputa de jogos ou para treinos por clubes que ficavam localizados na redondeza. Antes, por exemplo, da inauguração do estádio Figueira de Melo, era na praça Marechal Deodoro, que o clube S. Cristóvão costumava realizar seus treinos e amistosos⁸⁵. Somado a este, havia o *Riachuelo F.C.*, S.C. *Mangureira* e às vezes o *América F.C.*, que de acordo com Raymundo Quadros, utilizava-se do mesmo espaço para exercer o tal futebol⁸⁶. Logo, observa-se que o espaço a partir do século XX recebe mais um sentido, estando estritamente ligado ao âmbito esportivo e à preocupação com a saúde. A ênfase nas atividades físicas e seus benefícios, faz com que os espaços abertos se tornem mais atrativos, principalmente, para a prática de lazer. Em 1906, por exemplo, a prefeitura inicia algumas reformas no campo tornando-o, como descreve a *Gazeta de Notícias* “um dos pontos mais encantadores da cidade”⁸⁷. Em busca de tornar a cidade mais atrativa e higiênica para elites, buscou-se não apenas valorizar a ocupação da orla⁸⁸, mas em melhorar e criar jardins e parques urbanos⁸⁹.

Retornando ao perfil dos clubes localizados nos subúrbios da cidade, o São Christóvão que em 1912 alcança a primeira divisão da principal liga da cidade, a Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA), ainda que distante tanto simbolicamente como financeiramente dos clubes que até então integravam a primeira divisão da associação, representa uma aristocracia que compunha a região. Manfredo do Segismundo Liberal, jovem este responsável pela organização de atletas simpatizantes do

⁸⁴ *Gazeta de Notícias*, 1910, ed.00315, p.3

⁸⁵ BRASIL, 1954, p. 84.

⁸⁶ QUADROS, 2004, p.19.

⁸⁷ *Gazeta de Notícias*, 1906, p.00193, p.3.

⁸⁸ VIEIRA, Ivan. Rio de Janeiro e Meio ambiente: relações entre cidade e natureza no início do século XX. In: VI Congresso em Desenvolvimento Social, 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: 2011, p.338-351, p.340.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 343

esporte, era aluno de medicina e, em 1915, torna-se funcionário da prefeitura⁹⁰. A própria inserção do clube na LMSA e sua participação na AMEA mais tarde⁹¹, demonstra que a posição tanto da diretoria como de seus associados, seguiam lógica semelhante à dos principais clubes da cidade. O clube do *São Christóvão* está entre os que, mesmo distante de áreas que se consolidam como nobres durante o século XX, destaca-se por ser integrado por uma elite local, sendo também um clube de relevância na cidade.

Assim como este, há outros que mesmo não possuindo o mesmo status, buscavam se aproximar dos principais times da cidade, como o *América F.C.* O *Riachuelo F.C* que costumava usufruir dos campos na praça Marechal Deodoro, também pode ser incluído neste contexto. Os três clubes destacados fariam parte da principal liga da cidade, o *América* e o *Riachuelo*, ambos indicados por times pertencentes à primeira divisão, para disputarem a segunda divisão em 1906⁹². Aos poucos, principalmente, com o crescimento de associações na cidade, a Metropolitana passa a ser composta por clubes diversos, porém, fazendo ainda questão de tornar evidente as distinções entre a elite e os clubes de menor porte. Em 1914, por exemplo, com o intuito de amenizar o envolvimento de clubes heterogêneos, ou seja, clubes que tinham em seu time principal operários, empregados do comércio ou, profissões, capazes de desmoralizar a instituição, tem-se a ideia de criar uma terceira divisão⁹³.

A diversidade de clubes que surgem nestas localidades é importante na reafirmação da prática em seus bairros, torna o futebol cada vez mais presente, principalmente, para jovens que se encontravam distantes das principais associações da cidade. A proliferação de times e Ligas demonstra o apreço pela prática que não fica restrito a estes ambientes e a um grupo, mas ultrapassa as barreiras sociais que haviam sido construídas em torno do jogo. Leonardo Affonso Pereira menciona o encadeamento de clubes que são abertos por trabalhadores de fábricas, ressaltando que só os funcionários da Companhia Progresso Industrial que já tinham o Bangu A.C, seriam responsáveis por fundar mais três associações⁹⁴. No mais, é importante destacar que por mais democrático

⁹⁰ O Paiz, 1915, ed.11315, p.6.

⁹¹ QUADROS, 2004, p.45.

⁹² SOUZA, Glauco José Costa. Liga Metropolitana x Liga Suburbana: semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no rio de janeiro. **Esporte e Cidade**, Niterói, v. 11, n. 28, p. 1-20, set. 2016.p.7.

⁹³ PEREIRA, 2000, p. 102.

⁹⁴ Ibid., p. 70.

que fossem alguns clubes, estes não seriam capazes de comportar o grande contingente de jogadores na região, que dirá, da cidade.

De acordo com João Malaia dos Santos na cidade havia em torno de 42 campos de futebol, sendo que 21 se encontravam espalhados entre o centro e os subúrbios, ou seja, a metade destes espaços se concentrava próximo às estações de trem, que seguiam para os arrabaldes da cidade⁹⁵. Os campos, destinados à prática do futebol, pertenciam aos clubes e, os que não tinham o seu, alugavam o espaço para que pudessem disputar ali o *match*. Gilmar Mascarenhas em *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, demonstra que a adoção do futebol não foi uma simples “resposta da periferia ao centro civilizador”⁹⁶, pois, a apropriação do esporte também abarcou aspectos importantes, como os usos legítimos do corpo⁹⁷, algo que se diferenciava de uma região para outra e mais, de uma classe para outra.

Devido a isto, as relações que vão se estabelecer com o futebol, tendem a ser diferentes, pois, o uso do corpo e o esforço físico, à medida que era uma novidade para a elite carioca, se estabelecendo como importante durante o século XX, entre as camadas populares já era algo comum. O lúdico, os jogos e o lazer, manifestados nos espaços públicos, faziam parte do cotidiano destes indivíduos, sendo assim, com a República sobrevém uma forte política de repressão sobre essas práticas, que correspondiam a importantes momentos de sociabilidade. O futebol torna-se mais uma prática apropriada por estes indivíduos, mas que alcança uma grande popularidade, talvez pela facilidade em executá-lo. Para Glauco Costa Souza, a praticidade em desempenhar o futebol, seria uma das razões pelas quais o esporte se disseminou entre os menos abastados⁹⁸. Este se firma entre as camadas populares, atraindo trabalhadores, além de meninos, que insistem em praticar o jogo nos espaços públicos, mediante a ausência de locais apropriados.

⁹⁵ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934) São Paulo. 2010. 489 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p.115.

⁹⁶ MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 256p., p.63

⁹⁷ *Ibid.*, 63.

⁹⁸ SOUZA, Glauco José Costa. **Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola**: o processo de desenvolvimento do futebol no rio de janeiro entre as camadas populares no início do século xx. 2015. 72 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015, p.48.

O futebol praticado por clubes suburbanos, ou mesmo aqueles, estabelecidos no centro e na zona sul da cidade, mas com caráter mais democrático, assim como o praticado nas ruas da cidade, vão atribuindo novas formas de jogar o futebol. É possível observar o desporto na ótica de Bourdieu, que o enxerga como um campo⁹⁹. O conflito se apresentaria a partir da busca pelo “monopólio da imposição da definição legítima da prática desportiva e da função legítima”¹⁰⁰. Ou seja, acompanhando a introdução do esporte, estão em jogo, as determinações sobre o uso legítimo do corpo, o conjunto de regras que acompanham as modalidades e todo o ideal moral atribuído.

As ligas formadas na cidade e que permitem a incorporação desses clubes suburbanos, possibilitam a reafirmação do futebol em diferentes regiões, mesmo que, muitas delas tenham funcionado por breves momentos. Contudo, as curtas durações apresentam uma organização e um apreço dos clubes de menor porte em legitimar a prática também entre os menos abastados. A Liga Suburbana criada em 1907 apresenta-se como a primeira organização com caráter mais democrático, fundada por iniciativa do Sport Club Mangureira e que atrai times que se veem excluídos da Liga Metropolitana (LMDT)¹⁰¹. A reação do *SC Mangureira*, apoiada por outras associações que se encontravam nas mesmas condições, expõe uma percepção contrária desses grupos sobre o esporte na cidade. Ao mesmo tempo que parte das elites cariocas observava o jogo inapropriado à certos grupos, para estes clubes no subúrbio o jogo já se apresentava como um direito reservado também a eles. A *Gazeta de Notícias*, em relação à fundação da Liga Suburbana (1907), menciona o entusiasmo da “rapaziada” que de acordo com o periódico não falava de outra coisa¹⁰².

No entanto, apesar de todo entusiasmo e relevância da associação, no início da década de 1910, a Liga foi extinta¹⁰³. As razões pela qual a organização deixou de existir, não é possível definir, contudo, sua criação abre caminhos para que outras ligas fossem criadas com o mesmo propósito, abarcar clubes localizados tanto nos subúrbios como nos arrabaldes da cidade, promovendo o esporte entre os menos abastados. É possível observar outras organizações com nomes semelhantes que aos poucos são fundadas, há o

⁹⁹ BORDIEU, Pierre. **Questões do Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003. p.187.

¹⁰⁰ Ibid., p.189.

¹⁰¹ SOUZA, Glauco José Costa. Liga Metropolitana x Liga Suburbana: semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no rio de janeiro. **Esporte e Cidade**, Niterói, v. 11, n. 28, p. 1-20, set. 2016, p.10.

¹⁰² *Gazeta de Notícias*, 1907, ed.00087, p.4.

¹⁰³ O Paiz, 1910, ed. 09402, p.10

exemplo da Liga Sportiva Suburbana (1912)¹⁰⁴ e da Liga Suburbana de Football (1916)¹⁰⁵. De acordo com as informações divulgadas tanto pela *Gazeta de Notícias* como pelo *Jornal do Brasil*, a Liga Suburbana de Football teria sido resultado do interesse dos responsáveis da *Gazeta Suburbana*. O torneio organizado pela Liga em 1916 teria não apenas o nome do periódico, Taça Gazeta Suburbana, como sua redação passou a recepcionar os clubes que tivessem o interesse em conhecer mais o regulamento da Liga¹⁰⁶.

A Liga Sportiva Suburbana ou “a Suburbana”, de acordo com João Malaia dos Santos, teria cerca de 25 clubes associados e a inscrição girava em torno de 20\$000¹⁰⁷. Em 1912, é possível observar poucas coberturas dos periódicos a respeito dos jogos organizados pela Liga. No entanto, no primeiro ano da organização, é possível observar o total de quatro clubes filiados, sendo estes: S. Paulo-Rio Football Club, Real Grandeza Foot-ball Club, Portinho Foot-ball Club e Brasil Athletic Club. Seria do interesse da Liga, a filiação de mais dois clubes, para a realização do primeiro confronto¹⁰⁸. De acordo com a tabela de jogos organizados pela *Gazeta de Notícias* no dia 7 de junho, os novos clubes a integrar a organização seriam o Cascadura Football Club, o Esperança Foot-ball Club e o Rio Branco¹⁰⁹. Contudo, ao observar a tabela de classificação organizada pelo *Jornal do Brasil*, em setembro de 1912, verifica-se a ausência do Portinho Foot-ball Club, estando a organização composta por 5 clubes em seu total, no primeiro ano de seu funcionamento¹¹⁰.

A Liga Sportiva Suburbana também era chamada com frequência de Liga Suburbana pelos periódicos. As organizações responsáveis por organizar os clubes no subúrbio da cidade, costumavam aparecer como ligas suburbanas, por esta razão, é comum achar que essas diferentes organizações fossem uma única. Contudo, a ausência de informações a respeito da Liga Sportiva, após seu ano de fundação, permite concluir sua breve duração. O que não significa que o futebol tivesse deixado de ser praticado nos subúrbios e arrabaldes da cidade. Pois, o futebol já era parte importante do lazer das

¹⁰⁴ O Paiz, 1912, ed. 10079, p.10.

¹⁰⁵ Gazeta de Notícias, 1916, ed. 00128, p.5

¹⁰⁶ Gazeta de Notícias, 1916, ed. 00128, p.5.

¹⁰⁷ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**, 2010, p.112.

¹⁰⁸ Gazeta de Notícias, 1912, ed. 00137, p.8.

¹⁰⁹ Gazeta de Notícias, 1912, ed. 00159, p.6.

¹¹⁰ Jornal do Brasil, 1912, ed. 00259, p.12.

camadas menos abastadas e, de indivíduos privilegiados, que também residiam nos subúrbios. A fundação dessas associações são expressão da relevância do esporte na cidade, sendo necessária sua organização com o intuito de estimular ainda mais sua prática.

Outra Liga Suburbana será a fundada em 1916, denominada de Liga Suburbana de Football. Criada, de acordo com a *Gazeta de Notícias*, para “desenvolver e estimular o sport do Foot-ball na vasta zona suburbana”, sua sede se encontrava na região do Engenho Novo¹¹¹. Nesta organização é possível identificar como clubes filiados, durante o ano de fundação: o Modesto F.C, Dous de Junho, Brasil Football Club, Cascadura Football Club, Engenho de Dentro F.C, Tiradentes F.C, São Thiago F.C, Royal F.C, S. Paulo-Rio F.C. Ao observar a Liga Suburbana de Football e sua antecessora, a Sportiva Suburbana, identifica-se um êxito maior da primeira, pois conseguiu reunir em seu primeiro ano de funcionamento oito clubes. Não apenas o número de associações, mas também o fato de ter mantido atividade no ano seguinte, demonstra sua legitimidade na cidade. No ano de 1917, percebe-se o crescimento da organização que já não se limitava a oito clubes, mas passou a ser composta por 3 divisões. A 1ª divisão da liga, era composta por: Engenho de Dentro A. C., Royal F. Club, São Thiago F. Club, Cascadura F. Club, Modesto F. Club, Dous de Junho F. Club e o Campo Grande F. Club. Ou seja, com exceção do último, os demais eram times que pertenceram à Liga em seu primeiro ano¹¹².

Na 2ª divisão estava o Club Dramático do Realengo, Rio-São Paulo A. C, Adventureiro F. Club, Confiança A. Club, Del Castilho A. Club, Machine Cottons F. Club e o Recreio F. Club. Já na última divisão, encontrava-se o Mavilles F. Club, S. Club Parreira, S. C. São Paulo, Patria S. Flumen, Piedade F. Club e Cycle Club¹¹³. O grande contingente de associações filiadas ratifica a importância da liga na região e permite observar o esforço destes clubes em organizarem-se para pôr em prática o futebol. Não eram apenas as regiões mais abastadas e os clubes dos mais abastados e de destaque na cidade que buscavam reafirmar o esporte entre os membros do mesmo grupo social e que encontravam no futebol, um espaço de sociabilidade. Mas clubes de menor porte, também se apropriavam da prática e permitiam que o jogo se estabelecesse como uma prática

¹¹¹ *Gazeta de Notícias*, 1916, ed. 00128, p.5.

¹¹² *Gazeta de Notícias*, 1917, ed. 00111, p.7.

¹¹³ *Gazeta de Notícias*, 1917, ed.00111, p.7.

comum entre os menos abastados, a partir do momento que, os jogos em campos localizados nos subúrbios e arrabaldes facilitam a acessibilidade.

Contudo, o fato de estarem localizados em regiões consideradas menos abastadas e possibilitarem jovens e meninos de obter maior conhecimento sobre a modalidade e de se relacionarem com ela não significa que estes times não reproduzissem as mesmas políticas de exclusão presenciadas nos principais clubes da cidade, ou de, pelo menos, tentarem. A partir de uma proposta do secretário do Royal F. Club que compunha emendas do representante do Cascadura, observa-se o interesse em proibir a participação de certos profissionais. De acordo com a *Gazeta de Notícias* seriam os “catraieiros, vendedores ambulantes, remadores, chateiros, vigias de bordo, carroceiros e praças de pretoria.”. Os catraieiros eram homens responsáveis por trabalhar conduzindo embarcações, semelhantemente, aos chateiros que também representavam indivíduos que exerciam profissões em embarcações denominadas “chatas”. Já os “praças de pretoria” eram os militares de baixa patente que, inclusive, a proposta deixa claro quem eram estes: “os alunos das Escolas Militares e os que forem militares por efeito do sorteio”¹¹⁴.

Por mais democráticos que aparentassem ser os clubes localizados nas regiões suburbanas, estes continuavam a excluir parcelas da sociedade. Seja pelas mensalidades, seja pelos próprios estatutos que precisavam se adaptar às exigências da própria sociedade que reafirmava os interesses das elites durante o século XX. Como a exigência de determinadas profissões para que o indivíduo não fosse considerado “vadio”. Ou, simplesmente, pela falta de condições dos próprios moradores de conseguirem se associar e firmar o compromisso de manter quitadas as mensalidades exigidas. Esses aspectos, somados a inconstâncias dos próprios clubes, direciona estes homens e meninos a outros espaços para praticar o futebol. É possível observar as ligas e associações como importantes para a reafirmação do esporte, porém a possibilidade de se praticar o jogo nas ruas, é o que permitia esses indivíduos de vivenciarem o jogo, os sentimentos e a excitação que o lúdico é capaz de proporcionar.

Como destaca Nei Jorge dos Santos Junior, a participação de negros, operários e indivíduos das camadas populares proporcionava um alargamento simbólico nos sentidos do jogo¹¹⁵. O futebol à medida que vinha sendo apropriado por diferentes clubes e,

¹¹⁴ *Gazeta de Notícias*, 1917, ed.00111, p.7.

¹¹⁵ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. O futebol suburbano e as inspirações de Lima Barreto: representações e tensões. **Record**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2019, p.4.

proporcionando, aos populares o direito de o jogar, tornava-se um produto não apenas das elites, mas sim de múltiplos indivíduos que passam a incorporar na prática sentidos diferentes. Esses conflitos em torno do futebol, apenas exemplifica as disputas em torno da própria cidade do Rio de Janeiro. O jogo, ao mesmo tempo que se populariza, tem não apenas seus sentidos alterados, como passa a se relacionar cada vez mais com a cidade.

As reações das elites ao observar a popularização do jogo, assim como o controle das autoridades sobre a prática que se estendia às ruas, pode ser interpretado como uma tentativa de manter a fidalguia da modalidade¹¹⁶. Observa-se, no entanto, que a busca por clubes da Liga Suburbana em impedir determinados profissionais de praticarem o esporte, também ajudava a reforçar a imagem do futebol como um esporte restrito a certos grupos. Isso permite olhar para os subúrbios como espaços heterogêneos, aonde uma elite suburbana se apresenta como responsável por gerir parte desses clubes e organizar ligas. No entanto, é importante ressaltar que estabelecer critérios para a admissão de associados é o que permitia aos clubes mais populares receber autorização por parte da polícia. Ou seja, as regras presentes nos estatutos e, muitas vezes semelhantes aos clubes mais abastados da cidade, não representava apenas um interesse em ser como o clube das elites, mas pode ser pensado também, como forma de se integrar a uma necessidade imposta pela própria cidade, permitindo assim driblar as autoridades policiais.

A Liga Suburbana de Football que continuou a vigorar até o final da década de 1910, foi experienciada por diferentes clubes localizados nas distintas regiões da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, ligas anteriores a esta e, algumas que estão sendo responsáveis por organizar o futebol suburbano concomitantemente, corroboram com o jogo na cidade. Destaco o Torneio Carioca de Sports Athleticos, Associação Carioca de Football e a já mencionada, Associação Brasileira de Sports Athleticos. Apesar de haver outras organizações durante o período, essas se apresentam como importantes aqui, por terem seus *matches* disputados no bairro de São Cristóvão. A menção sobre a Liga Suburbana de Football, está sobre o fato do clube Aventureiro Football Club, localizado na rua Soares ou rua Barcellos, ter sido um dos filiados no ano de 1917. No caso dos demais, também está a relação seja com o clube ou com a região aonde este estava

¹¹⁶ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. O futebol suburbano e as inspirações de Lima Barreto: representações e tensões. **Record**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2019, p.7.

localizado. O Torneio Carioca de Sports Athleticos, provavelmente fundado em 1914, é uma das organizações que permaneceram pouco tempo no cenário esportivo.

No ano de 1914 observam-se poucos clubes envolvidos no Torneio, sendo estes os São João F. C, o Sul America F.C, o Navarro F.C e o Mattoso F.C¹¹⁷. O Sul America F.C, de acordo com algumas informações expostas pelo *O Imparcial*, ficava localizado próximo ao campo da praia do Russell, ou seja, na região que viria a ser ocupado pelo aterro do Flamengo¹¹⁸. A informação mais antiga a respeito do clube data de 1912 e as últimas notícias de 1916. Já o Navarro Football Club tinha sua sede localizada na região central da cidade¹¹⁹, em compensação, seu campo se encontrava em São Cristóvão, na rua Soares¹²⁰. A respeito do Mattoso Football Club, foi possível obter informações sobre ele no ano de 1913¹²¹, contudo, os jogos disputados pelos clubes ou eram realizados no campo do seu adversário, ou no de terceiros, o que permite pensar na probabilidade do Mattoso FC não ter um local próprio para disputar seus jogos, tendo que alugar para realização de seus jogos. Tanto o clube em questão como o Navarro Football Club, que já participavam do Torneio Carioca, participam de uma reunião ocorrida em 1915, visando a organização de um torneio para agremiações não filiadas à Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LSMA)¹²².

No ano de 1915 destacam-se novos clubes que disputariam o Torneio Carioca, como o Aventureiro F. Club, Passagem F.C¹²³, Rio de Janeiro F.C, Paulistano Athletico Foot-ball Club¹²⁴, S. C Humaytá, Laranjeiras F.C. Dentre os clubes mencionados, destaco o Aventureiro F.C, que passou a ocupar o campo antes utilizado pelo Navarro F.C, na região de São Cristóvão. A rua Soares tem em menos de um ano dois clubes distintos utilizando a região para a disputa dos seus jogos. O Aventureiro F.C tinha sua sede localizada na rua Soares, local onde também disputava seus jogos, e seus associados eram moradores da região. Já o Navarro F.C era um clube localizado em Santa Teresa, mas que em 1914, disputava seus jogos no campo na rua Soares (ou Barcellos). A presença dos clubes e de torneios realizados ali, leva à conclusão de que a região tivesse uma relação

¹¹⁷ O Imparcial, 1914, ed. 00627, p.7.

¹¹⁸ O Imparcial, 1913, ed.00270, p.9.

¹¹⁹ O Imparcial, 1914, ed.00422, p.9.

¹²⁰ O Imparcial, 1914, ed. 00489, p.9.

¹²¹ O Imparcial, 1913, ed. 00352, p.8.

¹²² O Imparcial, 1915, ed. 00876, p.7.

¹²³ Gazeta de Notícias, 1915, ed.00150, p.8.

¹²⁴ Correio da Manhã, 1915, ed.05911, p.8

amistosa com o futebol e, possivelmente, atrairia de forma positiva a atenção dos moradores do entorno.

Outra organização que possui relação não apenas com a rua Soares, mas com o Aventureiro Football Club, é a Associação Carioca de Football. As primeiras informações a respeito, aparecem a partir de 1915, expostas pelo *Correio da Manhã*¹²⁵. O jornal menciona a realização de uma das reuniões responsáveis por eleger a diretoria efetiva que regeria a Associação ao longo do ano de 1915. Entre os membros da diretoria, é possível encontrar homens ligados aos clubes que se associam a recente liga formada. Outra menção a Associação Carioca, aparece no jornal *Gazeta de Notícias*, através do pedido do Pereira Passos Foot-ball Club, fundado em 1913¹²⁶, para que os jogadores interessados em disputar o campeonato, se apresentassem ao clube com o objetivo de serem selecionados para jogar¹²⁷. É importante ressaltar, que dos representantes efetivos eleitos para dirigir a Associação Carioca de Football, dois pertenciam ao Pereira Passos FC.

Outros clubes envolvidos com a Associação, são identificados em 1916. O *Correio da Manhã* informa os clubes envolvidos com a organização: Club Dramático de Realengo, Sport Club Realengo, Esperança Football Club, Recreio Foot-ball Club e Brasil F. C (Piedade). Além destes, destacava-se o interesse de outros em filiar-se como o Municipal F.C, Confiança A.C e Botafogo A.C. Somado a estes, a *Gazeta de Notícias* também menciona o Aventureiro Football Club e o Victoria Foot-ball Club¹²⁸. De acordo com a *Gazeta*, a sede provisória da Associação ficava localizada na Estrada Real de Santa Cruz n.64, em Realengo¹²⁹.

A Estrada Real de Santa Cruz durante o século XIX, apresentava-se como um importante trajeto por ligar a Quinta da Boa Vista ao Palácio de Santa Cruz¹³⁰. Por ela “cruzavam-se as carruagens dos ministros do Estado e fidalgos (...)”, contudo, o crescimento e desenvolvimento da região, ocorreria principalmente a partir da estação da Estrada de Ferro D. Pedro II (1878)¹³¹. De acordo com Victor Melo, a instalação da estação férrea tinha relação com uma questão estratégica: a de atender as unidades

¹²⁵ Correio da Manhã, 1915, ed. 05959, p.6.

¹²⁶ Correio da Manhã, 1913, ed. 05207, p.4.

¹²⁷ Gazeta de Notícias, 1915, ed. 00205, p.6

¹²⁸ Gazeta de Notícias, 1916, ed. 00120, p.7.

¹²⁹ Gazeta de Notícias, 1916, ed.00130, p.5.

¹³⁰ MELO, Victor Andrade de; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Entre o rural e o urbano, entre o civil e o militar: peculiaridades (esportivas) do bairro de realengo/ rio de janeiro (1902-1940). *Antítese*, Londrina, v. 13, n. 26, p. 361-389, jul-dez. 2020., p.365

¹³¹ Ibid., p.366

militares do Exército¹³². A grande incidência de militares na região fez com que esses indivíduos tivessem forte participação no desenvolvimento de práticas de lazer. Contudo, é o Clube Dramático voltado para o teatro, que se destaca no bairro de Realengo. Fundado em 1902 e com sede na Estrada Real, o clube voltado para a dramaturgia incorpora o futebol em 1912¹³³. Melo destaca que em 1915 o clube já havia “seis adestrados *teams* a fim de disputarem *matches*”¹³⁴.

A Associação Carioca de Football possuía valores acessíveis, permitindo que clubes com pouca renda, pudessem se associar. De acordo com a informação no *O Paiz*, a joia de filiação custaria 30\$, as mensalidades 10\$ e o registro de jogador 500 réis¹³⁵. O valor cobrado demonstra-se modesto, principalmente, quando comparado ao cobrado pela Liga Metropolitana. A principal liga da cidade, descrita por João Malaia como “filha dos clubes da elite e feita à imagem e semelhança deste”¹³⁶, definiu o valor de 500\$000 como taxa para os clubes que em 1916 obtivessem o interesse de disputar o campeonato na terceira divisão¹³⁷. Logo, essas ligas surgem como alternativas acessíveis aos times que viam dificuldades em se associar a qualquer liga. Essas alternativas são importantes para os clubes menos abastados, que devido aos valores baixos de suas mensalidades e joias, tinham pouca receita e, muitas vezes, não tinham sequer um local próprio para disputarem seus jogos.

Da mesma forma que buscava-se limitar a participação das camadas populares em outras esferas da sociedade como a política, o lazer também se inclui nesse conflito que permeia a cidade do Rio de Janeiro, contudo, as alternativas que surgem no campo esportivo, apenas demonstra a capacidade dos mesmos de recriarem e buscarem artifícios para agir dentro do âmbito que vinha sendo-lhes negado. De acordo com João Malaia, as elites através dos clubes que organizavam, estavam produzindo mais “capital simbólico” responsável por agregá-los ainda mais valor, além do capital econômico, social e cultural que já possuíam. E, segundo o autor, este capital simbólico foi apropriado pelas camadas populares de três maneiras: a partir da formação de clubes populares que tentavam ser claramente como os clubes da elite, segundo o autor; através da especialização de

¹³² Ibid., p.366.

¹³³ MELO; SANTOS JUNIOR, 2020, p.374.

¹³⁴ Ibid., p.375.

¹³⁵ O Paiz, 1916, ed. 11496, p.8.

¹³⁶ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934), 2010, p.59.

¹³⁷ O Imparcial, 1916, ed.01125, p.6.

jogadores oriundos das camadas populares nas práticas esportivas e através do ato de torcer¹³⁸.

As semelhanças entre os estatutos dos clubes de caráter mais popular e os redigidos pelos clubes das elites, devem ser vistas para além do simples desejo de ser como os clubes mais abastados. O capital simbólico produzido pelas elites a partir do futebol, é apropriado e transformado pelos populares. É provável sim, que alguns clubes pertencentes aos menos abastados, buscassem ser como as elites, ao exercer as mesmas práticas que estes. Contudo, o tentar “ser como as elites”, se apresenta como uma alternativa de garantir o funcionamento de suas associações, tendo em vista que era necessário se enquadrar aos padrões definidos como legítimos pelos mais abastados.

As exigências que as autoridades policiais impunham sobre os clubes menores, teriam como referência os clubes frequentados pelas elites da cidade, era o estilo de vida desses indivíduos que vinha servindo como parâmetro de civilidade no Rio de Janeiro do início do século XX. Ao abrir associações e clubes, fossem eles esportivos ou dançantes, as camadas populares não buscavam somente “ser como as elites”, mas apenas “ser”. Ter o direito de usufruir de práticas, que mesmo sendo apropriadas pelas elites não pertenciam exclusivamente a elas. Logo, esses indivíduos também atribuem ao futebol, novos sentidos e formas de executá-lo. E os sentidos em torno desse “capital simbólico”, tenderiam a aumentar ainda mais com a prática do esporte nas ruas da cidade.

Ao disputar a Associação Carioca e, posteriormente, filiar-se à Liga Suburbana de Football, observa-se a relevância que o Aventureiro FC havia adquirido na região de São Cristóvão. As inúmeras associações contribuem para a reafirmação do esporte nas regiões mais afastadas do centro. E, estavam contribuindo de formas distintas e particulares, tendo em vista que a formação dessas regiões, sucederam de forma diferente. Victor Melo afirma, por exemplo, que o bairro de Madureira sempre foi marcado por uma atividade comercial intensa¹³⁹. Já o bairro de Realengo, pontuado pelo mesmo, destacava-se pelo grande contingente de unidades militares¹⁴⁰. Esses aspectos influenciavam na forma como esses bairros vinham sendo formados e também se relacionavam com certas práticas. O fato da Associação ter sua sede localizada em Realengo e a região possuir dois clubes

¹³⁸ SANTOS, op. cit., p.8.

¹³⁹ MELO; SANTOS JUNIOR, 2020, p.363.

¹⁴⁰ Ibid., p.365.

voltados para a prática do futebol, disputando o mesmo campeonato, demonstra uma certa adesão ao recente esporte bretão.

Alguns dos jogos do campeonato organizado pela Associação Carioca, foram disputados na rua Soares, localizada em São Cristóvão¹⁴¹. É possível observar a distância entre os campos mencionados pelos jornais, onde os jogos vinham sendo realizados. Quando não em São Cristóvão, era utilizado o campo localizado em Realengo ou um outro em Bangu. Tanto o Recreio F.C.¹⁴² quanto o Esperança, tinham seus campos localizados no bairro de Bangu. Esses times, para que pudessem jogar entre si, precisavam se locomover e, para isso, precisava-se ter um mínimo de organização. Apesar de pequena expressão no meio esportivo da cidade, exerciam importantes funções na região ao qual pertenciam, pois proporcionavam aos moradores momentos de lazer e espaços de sociabilidade. Como destaca Vitor Melo, considerar agremiações de menor expressão, como importantes espaços de sociabilização, amplia os olhares sobre a história da cidade¹⁴³. Assim como os ambientes privados, as ruas também permitem olhar para essa cidade, como fruto de diferentes protagonistas.

O cronista e jornalista Mario Filho, menciona em seu livro “O negro no futebol brasileiro”, a recorrente prática do futebol nas redondezas da fábrica Bangu, principalmente, por crianças. A prática causava incômodo ao padre Frota Pessoa, pois de acordo com o autor, atrapalhava o andar da missa¹⁴⁴. Além disto, o cronista ressalta a importância da difusão da prática entre os meninos, pois, cada bola que ultrapassava os muros da fábrica e ia para as ruas, não representava uma perda, mas uma troca: “as bolas não voltariam mais, em troca, porém, viriam mais jogadores para o time, mais operários para a fábrica”¹⁴⁵. É possível identificar um padre Frota, responsável pela realização de missas na região de Bangu¹⁴⁶. O mesmo padre, em 1913, é denominado pelo *Correio da Manhã*, como “padre espancador”, pois, de acordo com o periódico, o reverendo havia espancado uma criança de 8 anos que estaria sob seus cuidados¹⁴⁷. A ausência do assunto

¹⁴¹ Gazeta de Notícias, 1916, ed.00120, p.7.

¹⁴² Gazeta de Notícias, 1916, ed. 00231, p.6.

¹⁴³ MELO; SANTOS JUNIOR, 2020, p.364.

¹⁴⁴ FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003, ed.5, 2010, p.85.

¹⁴⁵ Ibid., p.86.

¹⁴⁶ A Época (RJ), 1913, ed. 00219, p.4.

¹⁴⁷ Correio da Manhã, 1913, ed. 05270, p.5.

nos jornais, segundo o próprio *Correio da Manhã*, se explicaria pela relação que o padre possuía com o delegado Paula Pessoa, sendo seu primo¹⁴⁸.

Contudo, o fato da região de Bangu possuir um clube de forte expressão na cidade, que ao longo do século XX, esteve participando das principais ligas da cidade, permite que o futebol se estendesse para além dos muros da fábrica. O mesmo pode ser utilizado para pensar a prática do esporte na região de São Cristóvão, aonde o Aventureiro Football Club não se apresenta nem como o único e nem como o clube mais expressivo do bairro, mas ainda assim, dialoga com os moradores da rua Soares. Um logradouro que tem seu campo utilizado com dada frequência para a realização de jogos. Os clubes e as ligas representam uma parte da história a respeito da consolidação do futebol pela cidade. Por mais relevantes que essas associações fossem e também enfrentassem obstáculos, a prática do futebol nas ruas experimenta a antipatia de diferentes grupos. Até mesmo, porque o jogo em espaços públicos colocava em xeque o ideal de modernidade tanto defendido por grande parte das elites e, em alguns casos, defendidos por grupos médios. Ou seja, o futebol nas ruas não apenas interferia no sentido que um grupo privilegiado havia atribuído ao esporte, mas também no sentido que buscava-se atribuir a própria cidade.

1.3 Aventureiro Foot-Ball Club e a rua Soares.

O Aventureiro Foot-ball club fundado em 1914, segundo seu estatuto¹⁴⁹, experimentou dificuldades em seu processo de consolidação na rua Soares. Para se obter licença, era necessário que o clube obtivesse autorização da Secretaria de Polícia do Distrito Federal e seguisse os critérios definidos pelo chefe de polícia. E, de acordo com Nei Jorge dos Santos Junior, não eram critérios precisos e nem de fácil aplicação¹⁵⁰. Esses clubes representam a tentativa de moradores em organizarem de forma simples, um espaço apropriado para a prática de futebol. De maneira a legitimar um jogo que, praticado fora dos ambientes esportivos, era considerado inapropriado. Contudo, sua

¹⁴⁸ *Correio da Manhã*, 1913, ed. 05270, p.5.

¹⁴⁹ Arquivo Nacional. Fundo / coleção: Série Justiça – Polícia – Escravos – moedas falsas. Notação: IJ6 – 595.

¹⁵⁰ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **Vida divertida suburbana**: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). 2017. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, p.15.

participação em ligas, destacando a Liga Suburbana de Football, na qual ingressou no ano de 1917, demonstram que apesar dos contratempos enfrentados em seu primeiro ano, o clube conseguiu se firmar na região de São Cristóvão.

De acordo com o estatuto, o clube foi fundado em 15 de novembro de 1914, contudo, antes de 1915 não é possível encontrar menção a respeito da associação. Dentre seus artigos, o clube menciona não fazer distinção nem de cor e nacionalidade, podendo se associar maiores de 12 anos, sem evidenciar a questão de gênero, e com “bom procedimento”¹⁵¹. Ou seja, o Aventureiro se apresenta como um espaço democrático, ao contrário dos principais clubes da cidade que estabeleciam critérios rigorosos para a admissão de sócios. No entanto, os sócios precisariam declarar o nome, profissão e residências, critérios comuns aos estatutos, podendo ser visto como uma tentativa de evitar problemas com a polícia¹⁵². No mais, a apresentação do estatuto no ano de 1914, não necessariamente representa o funcionamento do clube sem nenhum tipo de impedimento. Em março de 1915 o clube redige um abaixo-assinado às autoridades policiais para que aprovassem o estatuto do clube, concedendo a licença para o seu funcionamento¹⁵³. Ao que aparenta, o clube havia adquirido autorização para funcionar, contudo, a partir de reclamações a respeito do jogo na rua Soares, exposta na *Gazeta de Notícias*, a licença teria sido caçada.

A primeira reclamação encontrada no periódico, data de 5 de março de 1915, já o pedido redigido pelo então presidente do clube, Arnaldo Dias da Costa Villar, de 20 de março de 1915. De acordo com o periódico, os jogadores vinham burlando as ordens da polícia¹⁵⁴. Recorrendo a diferentes artifícios para manter a prática do esporte na rua, que já se demonstrava estar acostumada com a prática do esporte bretão. O pedido assinado pelo presidente do clube, que de acordo com o documento, estaria localizado na rua Barcellos, nº32, e também denominada por alguns jornais como rua Soares, foi dirigido à Secretaria de Polícia do Distrito Federal, que era responsável por conceder o aval de funcionamento não só dos clubes, mas das casas de diversão no geral. O pedido passou por avaliações de autoridades de segurança, na seção de ordem social, de acordo com o

¹⁵¹ Arquivo Nacional. Fundo / coleção: Série Justiça – Polícia – Escravos – moedas falsas. Notação: IJ6 – 595.

¹⁵² SANTOS JUNIOR, op. cit., p.137.

¹⁵³ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6) Notação: IJ6 -564.

¹⁵⁴ Gazeta de Notícias, 1915, ed. 00090, p.2.

carimbo presente no documento¹⁵⁵. A seção de ordem social, de acordo com a exemplificação do jornal *O Paiz* em 1915, tinha por objetivo exercer vigilância sobre anarquistas agitadores, sociedades operárias, estabelecimentos industriais, agremiações, e toda e qualquer reunião frequentada por pessoas exaltadas¹⁵⁶. E, de acordo com as reclamações a respeito do clube, o ambiente esportivo se enquadrava dentro dessas categorias. São diferentes autoridades responsáveis por investigar e avaliar as condições do clube, definindo a possibilidade ou não de sua atuação no ano em questão.

Dentre estes, sob a assinatura do inspetor Arthur, que suponho ser o major Arthur Andrade, nomeado pelo chefe de polícia Aurelino Leal para o cargo de chefe do Corpo de Segurança Pública¹⁵⁷, o clube Aventureiro F.C é apresentado pelo inspetor como sendo composto por empregados do comércio, tendo sido colhidas boas referências, isto em 1 de abril¹⁵⁸. O chefe de polícia, no caso da rua Soares, é criticado pela *Gazeta de Notícias* pela decisão equivocada em relação aos agentes envolvidos. No conflito envolvendo o jogo na rua Soares, os agentes teriam sofrido punições pela conduta e, em contraposição, os jogadores que ao longo da narrativa vinham sendo criticados pelo periódico, não sofreram nenhum tipo de correção. O inspetor Arthur rompe, inclusive, com o discurso do jornal em referência aos jogadores. É observada a ênfase no que diz respeito à profissão e à moral na defesa aos sócios do clube, pois eram aspectos importantes na decisão a respeito dos clubes.

Para os reclamantes, os jogadores eram “vagabundos”¹⁵⁹, que se ocupavam da rua para a prática do esporte, mas de acordo com a defesa do clube presente no jornal, a associação era composta por “homens bons e todos empregados”, que residiam no mesmo logradouro¹⁶⁰. O posicionamento do inspetor, também reforça o fato dos jogadores não serem desocupados, mas comerciantes. Contudo, o Aventureiro Foot-ball Club exemplifica a dificuldade que os clubes de menor porte enfrentavam para se manterem em funcionamento. Os estigmas a respeito da índole dos jogadores do subúrbio e de clubes que passam a permitir jogadores pertencentes às camadas populares,

¹⁵⁵ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6) Notação: IJ6 -564.

¹⁵⁶ *O Paiz*, 1915, ed.11113, p.4.

¹⁵⁷ *Anais da Câmara dos Deputados*, 1914, ed.001, vol. XI, p.148.

¹⁵⁸ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 -564.

¹⁵⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00096, p.3.

¹⁶⁰ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00105, p.2.

apresentavam-se como suficientes para que esses ambientes viessem a ser questionados. Até porque a ideia de “classes perigosas”, criada na primeira metade do século XIX, para referir-se àqueles que se encontravam à margem da sociedade¹⁶¹, também permeava o imaginário policial, contribuindo ainda mais para a hostilidade que esses ambientes costumavam sofrer.

O Dr. Cid Braune, delegado responsável pelo 10º distrito durante o caso¹⁶², é quem discorre com mais detalhes a situação do clube. Em 8 de abril de 1915, o delegado declara dever mencionar a “boa idoneidade da diretoria do Aventureiro F.C”, afirmando não haver motivos para se negar a licença. Contudo, Cid Braune faz uma observação sobre o que precisaria ser ajustado. De acordo com o delegado “o campo, onde os sócios do clube se reúnem para o *sport*, é um terreno aberto”, devido a isto vinha recebendo reclamações “relativos ao dano que as bolas causavam aos prédios vizinhos, ao ajuntamento de desocupados que o jogo e as condições do terreno provocavam”¹⁶³. A questão central apontada pelo delegado, estava relacionada à situação do campo, que em 1915 pertencia ao Aventureiro. Porém, um ano antes, o mesmo espaço vinha sendo usufruído pelo Navarro F.C para a disputa de jogos. Contudo, é com o Aventureiro Football Club que a situação em relação à infraestrutura da rua e do campo geram um conflito a respeito do uso da região.

Para os moradores, o campo não tinha condições de receber esses jogos, pois além de ser aberto, a rua também era estreita¹⁶⁴. No entanto, para os jogadores que também residiam no logradouro e insistiam na prática, o campo se apresentava como apropriado. Observa-se a polícia como mediadora de um conflito a respeito de como o espaço deveria ser utilizado. Na *Gazeta de Notícias*, os jogadores são tratados como “grupos de verdadeiros vagabundos”¹⁶⁵. No entanto, o Dr. Cid Braune destaca a índole da diretoria do clube. Contrariando, em certo ponto, o discurso ríspido utilizado pelo periódico. Porém, o delegado destaca o fato do campo aberto, possibilitar o “ajuntamento de desocupados”¹⁶⁶. A falta de cercamento permitia que outros indivíduos usufríssem

¹⁶¹ CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.20.

¹⁶² Boletim Policial, 1915, ed.0001-0002-0003, p.56.

¹⁶³ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

¹⁶⁴ Gazeta de Notícias, 1915, ed.00096, p.3.

¹⁶⁵ Gazeta de Notícias, 1915, ed.00096, p.3.

¹⁶⁶ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

daquele espaço para também praticar o futebol. É provável que o jogo se fazia constante, não apenas pelo clube que estaria localizado na rua, mas por outros moradores da região que identificavam o campo como apropriado para a prática do futebol.

O próprio delegado, em um relato posterior e avaliando a atuação do clube em relação ao problema levantado, sobre o campo, menciona a demarcação de todo o terreno onde se fazia o jogo. Tal demarcação teria sido feita com dois fios de corda. No entanto, destaca-se a impossibilidade de se conter completamente o “ajuntamento de desocupados contra o qual se reclamava”¹⁶⁷. O Dr. Cid Braune enfatiza que o agrupamento era comum em muitos outros campos de football, “na Quinta da Boa Vista, na Praça Marechal Deodoro, este, onde o jogo pode ser observado por qualquer pessoa”¹⁶⁸.

Ou seja, o futebol em espaços públicos, se tornava comum não apenas na rua Soares, aonde de acordo com o delegado, indivíduos se ocupavam do campo do Aventureiro para a prática, mas em todo o bairro de São Cristóvão. O jogo vinha ocorrendo em espaços importantes para a região, em áreas que também eram utilizadas por clubes para a prática do futebol. O crescimento de clubes no bairro, permitia que a região suburbana vivenciasse o crescimento do esporte entre as camadas populares. Neste caso, a própria falta de condição do clube, observada na dificuldade encontrada para proporcionar a melhora do campo em que jogavam, fez do campo um ambiente acessível, democrático, sem necessariamente desejar fazê-lo acessível.

Algo que chama a atenção e retomo, é como os jogadores a partir do relato do jornal, são vistos como desocupados. Olhar apenas para o discurso do periódico, conduz a uma conclusão deturpada, tendo em vista que o jornal omite o fato de serem os sócios de um clube que usufruíam do campo. O clube possuía licença e tinha autorização para executar o jogo na rua, contudo, seus sócios são colocados no mesmo nível que um provável grupo de homens ou meninos, que assim como em outros campos, utilizavam o da rua Soares para jogar. Porém, neste segundo caso, de forma inapropriada. Isso permite refletir sobre o perfil dos jogadores pertencentes ao Aventureiro FC, que certamente não se enquadravam entre a elite local. A presença de nomes importantes da cidade em determinados clubes e eventos, costumava alterar completamente a narrativa dos jornais a respeito dos acontecimentos. Como já destacado, o principal interesse dos jornais pelo

¹⁶⁷ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

¹⁶⁸ Ibidem.

menos até 1915, nos jogos realizados na cidade, estava mais relacionado à curiosidade em detalhar a vida da alta sociedade, do que de fato, com o esporte.

A ausência de sócios abastados entre os associados ao Aventureiro FC, tornava-os tão suscetíveis aos estigmas quanto àqueles que não integravam clube algum. Ou seja, mesmo fazendo parte de um ambiente privado, se viam também sob controle das autoridades policiais e sob o risco de ter facilmente sua licença cassada. O mesmo ocorria na rua dos Cajueiros que ficava, no ano de 1915, localizada na Gamboa e, ao que parece, próxima à rua Senador Pompeu. O clube Cajuense F.C utilizava para prática do futebol um campo que ficava localizado no logradouro Cajueiros, contudo, de acordo com o *Jornal do Brasil*, o local encontrava-se nas mesmas condições que o campo da rua Soares, sem nada que impossibilitasse seu uso por outros¹⁶⁹.

No campo da rua dos Cajueiros, como menciona o periódico, aos “domingos e dias santificados”¹⁷⁰ se reuniam diversos indivíduos para disputar partidas de futebol. Sendo esses indivíduos não associados ao clube responsável pelo campo. Como forma de resguardar o local, foram postas cercas de arame farpado ao redor do campo utilizado para o jogo, tal como, proposto pelo delegado Cid Braune ao clube Aventureiro F.C¹⁷¹. A reação dos menores que utilizavam o campo do Cajuense FC para seus jogos, foi de invadi-lo durante uma partida do clube, gerando então, um conflito. Através deste ocorrido, observa-se como as crianças apresentavam-se como importantes agentes no que diz respeito à prática do futebol nas ruas da cidade.

É comum excluir da historiografia, principalmente a respeito do esporte, não só mulheres como crianças, contudo, observa-se a recorrente menção de menores exercendo o futebol em espaços públicos e, inclusive reagindo. A atitude dessas crianças, de acordo com o *Jornal do Brasil*, fez com que os mesmos sofressem violências físicas dos associados do clube. Isto posto, torna-se explícito como os locais aonde esses clubes se fixavam, tendiam a ser influenciados pela prática do futebol, na realidade, até mesmo antes da fundação, pois é o interesse pelo esporte que motiva a abertura desses ambientes. Contudo, os clubes tendem a fortalecer ainda mais o apreço pelo esporte, levando as práticas a se estenderem pelas ruas. E, a falta de estrutura dos campos tornando-os

¹⁶⁹ *Jornal do Brasil*, 1915, ed.00361, p.7.

¹⁷⁰ *Jornal do Brasil*, 1915, ed.00361, p.7.

¹⁷¹ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

acessíveis, corroboravam ainda mais para que o jogo se consolidasse, pois aproximava ainda mais as pessoas do jogo.

Sobre o Aventureiro FC, outro ponto mencionado pelo dr. Cid Braune e que evidencia a carência de uma estrutura, é a falta de vestiário para que os jogadores pudessem se trocar. De acordo com o delegado, as reclamações também eram sobre “a falta de cuidado com que os sócios do clube substituem suas roupas comuns pelas próprias do *sport*”¹⁷². Para sanar o problema das roupas sendo trocadas de forma inadequada, um dos sócios do clube cedeu sua casa para que fosse utilizada como vestiário¹⁷³. As finanças do clube pareciam não ser suficientes para criar uma estrutura adequada para a prática do esporte. As mudanças feitas devido às exigências do delegado, eram apenas medidas paliativas, como o cercamento do terreno com cordas ou a colocação de um “extenso e alto anteparo de arame” para impedir que a bola danificasse as edificações em torno¹⁷⁴.

Os artifícios buscados pelo Aventureiro FC apresentam os esforços que muitos clubes tinham de fazer para ter o direito à prática do futebol na cidade. Sua consolidação entre os menos abastados ocorreu com dificuldades. Entre os clubes, havia-se o conflito com as autoridades responsáveis por fiscalizar tais ambientes, as dificuldades financeiras em manter as exigências impostas, além dos estigmas que sofriam por parte da imprensa. Para os que estavam fora dos clubes, havia a ausência de ambientes próprios para prática, a perseguição que se introduz no dia a dia das camadas populares, buscando retirar destes o direito ao lazer e à cidade.

De acordo com o estatuto, os sócios se dividiam em fundadores, contribuintes, remidos e beneméritos. Os contribuintes no ato da admissão ou dentro do prazo de trinta dias deveriam contribuir com a mensalidade de 2\$000 réis. Os sócios remidos seriam aqueles que no momento da admissão pagariam 100\$000 reis, não precisando este pagar joia, e o valor total poderia ser facultada em quatro prestações de 25\$000 mensais. Os sócios beneméritos seriam os remidos ou contribuintes que propusessem 20 contribuintes ou 5 remidos, que houvesse pagado as respectivas entradas ou os que fizessem donativos em dinheiro, serviços ou objetos avaliados em 100\$000¹⁷⁵.

¹⁷² Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 – 564.

¹⁷³ Ibidem.

¹⁷⁴ Ibidem.

¹⁷⁵ Arquivo Nacional. Fundo / coleção: Série Justiça – Polícia – Escravos – moedas falsas. Notação: IJ6 – 595

De acordo com Malaia, joias e mensalidades em torno de 1\$000 eram considerados valores baixos, levando em consideração que os principais clubes da cidade cobravam mensalidades de mais de 5\$000, isso no início do século XX¹⁷⁶. De acordo com o autor, a partir de 1910 esses valores chegavam a 40\$000 e as joias a 10\$000¹⁷⁷. Então, as quantias propostas pelo Aventureiro F.C se aplicavam aos clubes menores. Os valores maiores, de acordo com o estatuto, pareciam ser pagos apenas uma vez pelo sócio, como no caso do sócio remido, que não precisaria pagar a joia e lhe era facultada a parcela do valor proposto.

Contudo, o sócio que tivesse condições de pagar 100\$000 como joia, demonstrava ter uma posição privilegiada em relação aos demais, ou seja, havia uma distinção entre os outros associados do clube. João Malaia destaca que os pertencentes às camadas menos abastadas tais como operários, garçons, choferes e pedreiros, não tinham condições de pagar tais valores¹⁷⁸. Levando-se em consideração que o Aventureiro F.C como destacado pelo próprio delegado Cid Braune¹⁷⁹, tinha um grande número de comerciantes, é possível deduzir que estes sócios dispostos e com condições de pagar valores maiores, fossem donos de estabelecimentos comerciais na região ou proximidades. Provavelmente, seriam estes indivíduos os responsáveis pela maior arrecadação que o clube viesse a ter.

Os valores propostos serviam como receita para o clube, no entanto, além das mensalidades e joias, também se aplicavam à receita doativos em dinheiro, rateios, produtos de entradas em dias de festas, aluguel do campo a “club estranhos” e a “feira do bar” caso viesse a possuir¹⁸⁰. A renda do clube, ainda assim, não aparenta ser suficiente para arcar de forma eficaz com todas as condições impostas para seu funcionamento, ainda que, de acordo com os jornais, jogos continuassem ocorrendo durante o período em que a licença ainda não havia sido concedida. Tais dificuldades enfrentadas pelo Aventureiro F.C, permite explicar a rapidez na qual não apenas clubes, mas ligas, surgiam e desapareciam com grande velocidade¹⁸¹. Os custos para manter esses ambientes

¹⁷⁶ SANTOS, 2010, p.72.

¹⁷⁷ Ibid., p.72.

¹⁷⁸ Ibid., p.139.

¹⁷⁹ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

¹⁸⁰ Arquivo Nacional. Fundo / coleção: Série Justiça – Polícia – Escravos – moedas falsas. Notação: IJ6 – 595.

¹⁸¹ PEREIRA, 2000, p. 114.

esportivos não eram poucos. Mas ainda assim, vale ressaltar a disposição dos sócios em seguir as instruções com o intuito de não prejudicar o jogo.

De acordo com o relato do delegado, as incumbências atribuídas parecem ter sido recebidas com tranquilidade pelo clube. Contudo, a partir dos relatos da *Gazeta de Notícias*, a licença caçada havia desencadeado alguns conflitos¹⁸² entre jogadores do clube e moradores da rua, responsáveis por realizar as queixas à polícia. No dia 8 de abril, por exemplo, o delegado se posiciona a respeito da idoneidade dos sócios do clube, mas faz observações a respeito de melhorias que precisariam ser feitas. Mas, três dias antes, em 5 de abril de 1915, a *Gazeta de Notícias* expôs a reação de jogadores frente às investidas dos moradores e da polícia¹⁸³, demonstrando uma discordância dos jogadores sobre os impedimentos colocados à prática do futebol na rua Soares. No dia 28 de abril de 1915, o delegado Cid Braune menciona não haver mais razões para que a licença não fosse concedida, pois as reclamações já tinham cessado¹⁸⁴.

Contudo, no dia 14 de abril, a *Gazeta de Notícias* relata algumas atitudes da própria polícia em relação ao conflito, sendo algumas autoridades policiais transferidas para outra delegacia. Dentre esses policiais, segundo o jornal, estava o comissário Eduardo Rocha, filho de um dos moradores da rua Soares e responsável pelas queixas relacionadas ao clube. O Sr. Eduardo Rocha havia sido punido pelo então chefe de polícia, Sr. Aurelino Leal¹⁸⁵. Algo que pode ter ajudado ao Aventureiro a manter-se aberto seria sua aproximação, segundo o jornal, a uma figura importante da cidade. A aproximação com figuras importantes na cidade, se estabeleceram como artifícios utilizados pelo clube para manter o jogo. Essa relação do Aventureiro FC com o futebol, retrata a importância que o esporte vinha adquirindo na cidade entre 1910-1919.

Segundo um cronista mencionado por Leonardo Miranda Pereira, o Rio de Janeiro em 1915, era a cidade com o maior número de campos na América Latina¹⁸⁶. Partidas realizadas entre clubes menores, vinham reunindo um público de quase 2000 pessoas e, além disso, o jogo se tornava presente em festivais beneficentes, frequentemente realizados na Quinta da Boa Vista e no Jardim Zoológico¹⁸⁷, locais estes,

¹⁸² *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00096, p.3.

¹⁸³ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00096, p.3.

¹⁸⁴ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

¹⁸⁵ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00104, p.2.

¹⁸⁶ PEREIRA, 2000, p.115.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p.115.

localizados no bairro de São Cristóvão. O clube São Christóvão Foot-ball club antes da construção do seu estádio em 1916, na rua Figueira de Mello, utilizava o campo de São Cristóvão para realizar o jogo. No entanto, o jornal *O Imparcial* ao se referir ao time, denomina-o de “club da Praça Marechal Deodoro”¹⁸⁸. Ou seja, o futebol era uma prática que havia se consolidado na região, sendo praticado seja em eventos beneficentes ou por clubes localizados no bairro e em regiões próximas.

Seja no próprio bairro ou em regiões próximas, o jogo nas ruas vinha se tornando presente no cotidiano da cidade. Não era apenas a rua Soares que lidava com a constância do jogo; o ocorrido no logradouro apenas evidencia a relevância do esporte como prática social que se tornou uma prática de lazer comum não apenas às elites, mas aos mais pobres, a ponto de levar aos jogadores a resistirem e a ser um importante mecanismo no processo eleitoral da cidade. A prática do futebol pelos espaços públicos vai moldando a cidade não apenas ao gosto dos mais abastados, mas mostra a constante participação de indivíduos pobres na manutenção dos sentidos que estes já imprimiam sobre a cidade, tendo em vista, que os espaços públicos já eram utilizados por negros e pobres como espaço de sociabilidade antes do século XX. Como destaca Henri Lefebvre, a cidade não pode ser vista como um sistema significante, determinado e fechado¹⁸⁹. Na realidade, ela representa um pedaço do conjunto social, a cidade representa uma projeção das relações¹⁹⁰. A prática do futebol nas ruas representava como as relações vinham se desdobrando.

Na rua Barcellos (ou rua Soares) em 1915, o *Correio da Manhã* publicou a notícia da morte de um menor, de 13 anos, que teria falecido devido a um “fatal ponta-pé”¹⁹¹. Além de jogos envolvendo o clube, o campo na rua também servia para que menores pudessem praticar o jogo. E, em bairros circunvizinhos não era diferente a realidade. A avaliação do *Jornal do Brasil*, no mesmo ano, era a de que a prática do futebol nas vias públicas na zona suburbana vinha se tornando insuportável¹⁹². Contudo, o jogo não era uma prática que se limitava ao subúrbio, pelo contrário, é possível identificar um grande número de queixas a respeito da prática em Botafogo e em regiões localizadas na zona central da cidade. Mas, ainda de acordo com o *Jornal do Brasil*, os jogadores não se

¹⁸⁸ O Imparcial, 1914, ed.00510, p.8.

¹⁸⁹ LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001, p.61.

¹⁹⁰ Ibid., p.66.

¹⁹¹ Correio da Manhã, 1915, ed.05917. p.5.

¹⁹² Jornal do Brasil, 1915, ed.00275. p.8.

intimidavam com as reclamações feitas pelos transeuntes. Neste caso, os jogadores seriam uma “garotada” que insistia na prática todos os dias, mas aos domingos o jogo era executado das 7 horas da manhã até a noite. A queixa exposta pelo periódico refere-se ao futebol nas ruas do Encantado e Piedade, dificultando a locomoção dos transeuntes¹⁹³.

Nas tentativas de conter o jogo, ao chamar a atenção dos jogadores, ouvia-se destes que “a rua é pública” e “ninguém manda nela”¹⁹⁴. A garotada, tal como os moradores não envolvidos com o futebol, estaria reivindicando seu direito à rua, assim como ao próprio futebol. Na realidade, é o jogo neste caso, que os impulsiona a requerer aquele espaço. E, a prática recorrente do jogo vai permitindo que o futebol seja reinventado, concedendo aos meninos uma nova habilidade, a habilidade com a bola. A prática vinha tornando a cidade um “campo de football”, carecendo com urgência da ação da polícia. Os periódicos como mencionados, são importantes na definição de sentidos ao futebol, incorporando com frequência conotação negativa ao jogo praticado nas ruas. Na verdade, como demonstra o caso do Aventureiro F.C, nem mesmo um ambiente esportivo fugia de estigmas, caso este fosse um clube suburbano. O *Jornal do Brasil* impulsiona a perseguição da polícia ao jogo, redirecionando a polícia para as ruas onde “desfilam pessoas de inconfundível importância social e política” e, todos os dias, se deparam com um “delírio de coices, imoralidade e lamentável palavreado”¹⁹⁵.

As ruas mencionadas pelo periódico se encontravam no bairro de Laranjeiras, todavia, o início da queixa vinha fazendo referência aos bairros localizados no subúrbio. Observa-se então, que a maior preocupação com o futebol está na sua presença nas zonas mais centrais da cidade. O problema principal era o encontro entre pessoas de “importância social” com “desocupados”, era o fato destes indivíduos não apenas modificarem os sentidos atribuídos ao futebol como ocuparem as ruas. Estes indivíduos se colocavam em evidência e ressignificavam os espaços que tomavam para si através de suas práticas. Pensando a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, retirar as camadas pobres das áreas centrais da cidade era um dos principais projetos políticos¹⁹⁶. Mas as reclamações não apenas sobre a prática do futebol, mas sobre jogos de azar, que

¹⁹³ *Jornal do Brasil*, 1915, ed.00275. p.8.

¹⁹⁴ *Jornal do Brasil*, 1915, ed.00275. p.8.

¹⁹⁵ *Jornal do Brasil*, 1915, ed.00275. p.8.

¹⁹⁶ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.26.

se mostravam como principal preocupação da força policial, demonstrava o quanto tal projeto não se concretizou.

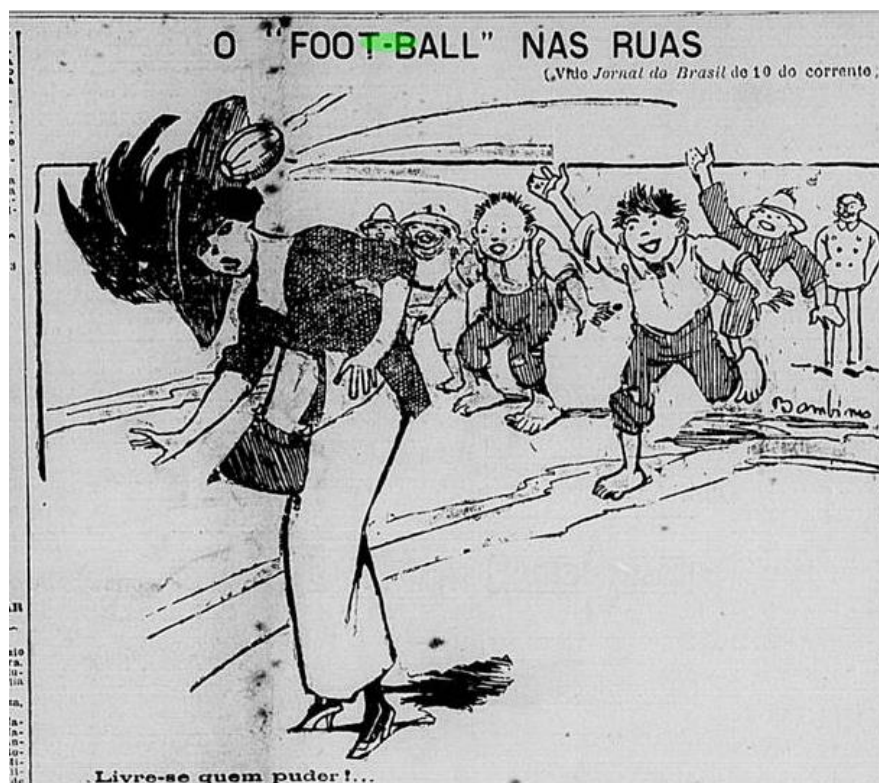


Figura 1: *Jornal do Brasil*, 1913, ed.0013, p.1.

A imagem acima, veiculada pelo *Jornal do Brasil*, apareceu em sua primeira página, permitindo observar o incômodo gerado pelo jogo. Nela, observamos a prática do futebol nas ruas como fruto de meninos pobres. Isso se percebe pela vestimenta rasgada, pela representação das crianças como estando sujas e pelo fato de se encontrarem descalças. Como crítica ao jogo, é posta a ameaça que ele trazia para os pedestres. Porém, não qualquer pedestre, mas àqueles que não pertenciam a mesma condição social do menino. A vestimenta da senhora, também nos permite entender a condição dos meninos na sociedade, pois expõe um contraste. O “livre-se quem puder” exprime a dificuldade de fugir do jogo nos espaços públicos por, aparentemente, vir se tornando frequente entre os jovens na cidade. Ou, talvez, da tentativa de se livrar também dos considerados indesejados, neste caso, meninos de rua ou da rua

Retornando ao caso da rua Soares, no discurso do delegado Cid Braune a respeito do uso dos campos de futebol de forma inapropriada no bairro de São Cristóvão, o mesmo não exprimiu nenhum incômodo. No entanto, para validar as precárias condições do

campo na rua Soares, utilizou como argumento o uso inapropriado de outros espaços. Enfatizando a impossibilidade de inibir o jogo de futebol, que havia se tornado comum a ponto de qualquer um o poder observar¹⁹⁷. Na tentativa de abrandar as críticas ao Aventureiro FC, o delegado enfatiza algo que o próprio *Jornal do Brasil* pondera na imagem, o fato de ser impossível coibir o jogo. Em 1913, o *Jornal do Brasil* também expõe o uso do campo de São Cristóvão para a prática do futebol como sendo um problema para as famílias, que não podiam mais se distrair no local¹⁹⁸. Ou seja, de forma ilegítima ou com a permissão de autoridades, o futebol havia se firmado no bairro. O Aventureiro F.C era apenas um dos clubes sediados na região.

Seja em eventos esportivos, em disputas organizadas por ligas ou em eventos beneficentes, o futebol vinha sendo executado. A prática do esporte na rua, apenas apresenta como o esporte aos poucos passou a dialogar com todas as camadas sociais. Os meninos, principalmente, a partir da impossibilidade de pertencer aos clubes que se disseminavam pela cidade, e desejosos por praticarem o esporte que os adultos praticavam, produziram novas formas de jogar futebol. Fizeram das ruas, verdadeiros *grounds*, assim como os mais velhos. Local adequado para se pôr em prática aquilo que vinha sendo feito por *players*, termo utilizado para referir-se aos jogadores dos clubes mais abastados, ou praticar o que talvez tivessem apenas ouvido falar a respeito dos jogos.

Os clubes espalhados pelos subúrbios e pelos arrabaldes, fez com que o futebol se aproximasse à realidade daqueles que se viam longe do centro, contudo, as ruas permitiram que o futebol se firmasse entre as camadas populares. Se firmasse de tal forma, que adultos e crianças passaram a reivindicar de formas diferentes, seu direito ao jogo e ao uso dos espaços públicos. Não há nada que permita reafirmar isto, contudo, ousou dizer que a prática do futebol nas ruas também se reflete nos clubes da cidade. Da mesma forma que os clubes se apresentam como importantes para aproximar o jogo das camadas populares, o futebol praticado nos espaços públicos é importante por formar jogadores que aos poucos passam a integrar esses ambientes esportivos.

¹⁹⁷ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

¹⁹⁸ *Jornal do Brasil*, 1913, ed.00232, p.1.

CAPÍTULO II

Rua Soares: aqui nós podemos jogar

2.1 A *Gazeta de Notícias* e o futebol

Os periódicos assim como produções literárias, tornaram-se fontes importantes e frequentes nos estudos relacionados à prática desportiva, seja o futebol ou outras modalidades, que antecederam a introdução do esporte na cidade. O uso recorrente da imprensa como fonte na produção historiográfica sobre o futebol, leva a crer que esses importantes meios de comunicação e informação durante a primeira metade do século XX, foram junto com as elites, os únicos fatores no desenvolver do jogo no país e, mais especificamente, no Rio de Janeiro. Contudo, podemos ver o jogo como uma prática que se desenvolve basicamente de forma autônoma entre as camadas populares. Sidney Chalhoub, por exemplo, ao lançar a hipótese de que a cultura popular na cidade do Rio de Janeiro é resultado de uma dialética¹⁹⁹, também busca mostrar a existência de uma cultura popular “relativamente autônoma, vigorosa e criativa”²⁰⁰.

Para o historiador, houve uma clara tentativa de impor novas normas e valores burgueses as camadas populares, o que acaba se refletindo no lazer dos trabalhadores. Isso não ocorreu sem conflitos, pois esses grupos resistiram às tentativas de destruir e cercear seus “valores tradicionais”²⁰¹. Logo, por mais que o futebol tenha adquirido um caráter elitista na cidade, ele chegou às camadas populares e se desenvolve de forma particular. A forma como a prática passou a ser percebida, a relação quase que indissociável das elites da cidade, estaria relacionada à forma como o principal meio de comunicação durante o período, no caso a imprensa, se apropriou do esporte. Por seguir esta hipótese, proponho pensar como se estabeleceu a relação da grande imprensa na cidade do Rio de Janeiro com o futebol durante a primeira metade do século XX, mas especificamente a *Gazeta de Notícias*. O intuito é entender como foram construídas as

¹⁹⁹ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012, p.255.

²⁰⁰ Ibid., p.256.

²⁰¹ Ibid., p.256.

narrativas em torno do futebol e, perceber como os jornais contribuíram na reafirmação do jogo na cidade.

A *Gazeta de Notícias* vai ser o jornal responsável por veicular o caso da rua Soares, ocorrido em 1915. O discurso do periódico não só ao jogo, mas também aos jogadores, influencia a pensar um distanciamento ou a desaprovação do impresso à prática. No entanto, o periódico se destaca durante o início do século XX, no que diz respeito a informações sobre a então recente modalidade, o que torna a sua posição contraditória, apresentando um conflito de sentidos sobre o futebol na cidade a partir de sua popularização. O jogo antes mesmo de 1910, passou a apresentar problemas. O *Jornal do Brasil*, em 1902, expõe danos que a prática do futebol na rua Barão do Flamengo, de dia e de noite, vinha produzindo²⁰². Não é possível identificar o perfil dos jogadores, no entanto, fica claro que o esporte ultrapassa os muros dos clubes, porque além de não haver espaço dentro das associações esportivas para uma parcela significativa da sociedade, em função dos critérios de raça e da condição social dos indivíduos²⁰³. Havia um grande contingente populacional da cidade que tornava o número de clubes já abertos na cidade durante a década de 1910, ínfimo ao se comparado ao grande número de habitantes.

O historiador João Manuel Malaia Santos destaca que, em 1919, só na liga principal havia cerca de 72 clubes e, em torno de 800 jogadores envolvidos. Pensando os 157 clubes registrados no Dep. de Polícia do Distrito Federal, seriam mais 314 times de futebol e cerca de 3.400 jogadores²⁰⁴. Contudo, Sidney Chalhoub destaca que em 1906 havia na cidade 811.443 habitantes na capital, sendo 57% homens²⁰⁵. A média de crescimento populacional da cidade era de 3,2% ao ano, o que fez com que a cidade comportasse 1.157.873 habitantes em 1920²⁰⁶. Ou seja, por mais que o número de associações fosse algo significativo, levando em consideração o fato do esporte ser uma modalidade recente na capital, não foi suficiente para comportar o grande número de

²⁰² Jornal do Brasil, 1902, ed. 00248, p.2.

²⁰³ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)** São Paulo, 2010. 489 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010., p.94

²⁰⁴ MALAIA, João Manuel C. “O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933)”. Pós-graduando, FFLCH-USP, 2018, p.6.

²⁰⁵ CHALHOUB, 2012, p. 42-45.

²⁰⁶ HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, p.81.

homens e meninos que viviam na cidade, por mais democrático que alguns clubes aparentavam ser.

Aos poucos as ruas e campos espalhados pela cidade, tornaram-se opções para a prática do futebol, gerando insatisfação de diferentes indivíduos. Os jornais apresentavam-se como importantes meios para manifestar as reclamações e, ao mesmo tempo, os jornalistas passaram a utilizá-las para definir formas legítimas de se praticar o jogo. Ou seja, os periódicos eram influentes na tentativa de conter a popularização, por estar com frequência chamando a atenção das autoridades e, principalmente, por criar uma imagem negativa do futebol nas ruas em contraposição ao futebol praticado pelos clubes. De acordo com Rafael Lapuente, quando analisamos um periódico, é preciso compreender que, independentemente do seu perfil, ele está envolvido em um jogo de conflitos²⁰⁷.

Ou seja, é necessário levar em consideração que parte das narrativas estão sendo motivadas por interesses pessoais, expondo visões de homens que, em sua maioria, estão defendendo determinados valores. Parte dos discursos em torno da importância da prática desportiva na cidade do Rio de Janeiro e das suas contribuições positivas para o desenvolvimento físico e moral da juventude, aparece com frequência nos jornais de maior circulação, acompanhando um intenso debate que vigorava na capital federal. A partir do século XIX, o objetivo do aparelho estatal em modernizar a capital é expressa não apenas no espaço físico, mas reflete a forma como os indivíduos deveriam agir, propondo também uma reforma de impacto moral²⁰⁸. Por essa razão, é importante entender a estrutura desses periódicos quando tidas como fonte, para compreender de onde estes jornais estão falando e para qual o público.

Impressos como o *Correio da Manhã* e a *Gazeta de Notícias*, declaravam-se muitas vezes neutros e imparciais, no entanto, a predominância de certos assuntos possibilitam entender os interesses de alguns jornalistas em torno de determinados assuntos. O fato de se denominarem neutros, pode ser interpretada como um interesse em alcançar mais leitores e gerar mais lucros, até porque esses impressos adquirem na virada

²⁰⁷ LAPUENTE, Rafael. A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais do acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. **Bilros**, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 11-29, jan-jun, 2016, p.6.

²⁰⁸ HERSCHMANN; LERNER., 1993, p.17

do século, cada vez mais o perfil de empresa²⁰⁹. Demonstrar-se como imparcial ajudava a alcançar um público mais diversificado. O interesse em lucrar conduz à inserção de assuntos mais plurais em suas páginas, assim como o grande fluxo de anúncios. Com frequência, todos os periódicos passam a conceder um grande número de páginas para publicidades e anúncios. Essa imprensa-empresa, que passou a remunerar seus funcionários, tem na divulgação de produtos e serviços, uma das principais fontes de renda. Por esse motivo, Maria Eleutério afirma que tanto os jornais como as revistas “não podiam dispensar a publicidade profissional nascente”²¹⁰.

Aos poucos, os jornais iam adquirindo importância no imaginário popular, introduzindo a partir de suas escritas uma ideia de república e sociedade. Todavia, é necessário situar os leitores como indivíduos que interpretam as narrativas à sua maneira. Além de buscar informação, as pessoas desejavam se visualizar no mundo, buscavam assuntos que também abarcassem as suas realidades²¹¹. Por este motivo, os jornais passaram a ceder espaços para que a população pudesse manifestar suas insatisfações, como é o caso do *Jornal do Brasil*, que criou a coluna “queixas do povo”²¹². Da mesma forma, outros periódicos vão buscar fazer do seu jornal, um espaço mais “democrático”, criando também sessões voltadas para notícias referentes ao subúrbio carioca e demais regiões para além da zonal central²¹³. Marialva Barbosa explicita como assuntos mais ao gosto popular, passam a compor também as páginas de jornal.

Para conquistar maior número de leitores, dedicam maior espaço a um tipo de notícia que, até então, estivera relegada a segundo plano: a de natureza policial [...] publicando charges diárias, os escândalos sensacionais, os palpites do jogo do bicho, as notícias dos cordões e blocos carnavalescos, entre uma gama variável de assuntos, os periódicos visavam a um público vasto e heterogêneo.²¹⁴

Com a introdução de assuntos que abarcavam não apenas as camadas abastadas, mas também os mais pobres, observamos como algumas práticas já haviam se

²⁰⁹ BARBOSA, Marialva. Imprensa, Poder e Público: os diários do rio de janeiro (1880-1920). *Intercom: Rev. Bras. de Com.*, São Paulo, v., n. 2, p. 87-102, dez. 1997, p.89.

²¹⁰ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p.44.

²¹¹ BARBOSA, 1997, p.100.

²¹² *Jornal do Brasil*, 1899, ed. 0157, p.2.

²¹³ *Gazeta de Notícias*, 1906, ed. 00022, p.3.

²¹⁴ BARBOSA, 1997, p.90.

consolidado na sociedade. Essas práticas que adquirem o conceito de “popular”, também se tornam comum entre as elites, o que gera a necessidade em definir distinções a um mesmo lazer, mas exercido por pessoas pertencentes a grupos sociais distintos. A presença de temas relacionados ao carnaval, jogo do bicho, histórias sobre crimes, ajudam a compreender quais objetos vinham despertando maior interesse. Ao passo que algumas modalidades e novos entretenimentos iam surgindo e se popularizando, mais espaços iam adquirindo na grande imprensa. Inicialmente, a maioria dos periódicos estavam preocupados em narrar a vida da elite, em retratar o evento social por trás dos clubes que passam a ser cada vez mais frequentados²¹⁵. O interesse em abordar a moda, as modalidades esportivas e outras opções de lazer da elite, expressa a conduta que não só os jornalistas, mas os governantes, consideravam civilizadas²¹⁶.

O jornalista e literato Paulo Barreto, também muito conhecido pelo pseudônimo João do Rio, em seus textos levanta reflexões sobre o processo de transformação vivenciada pela cidade do Rio de Janeiro²¹⁷, direcionando com frequência seu olhar para a alta sociedade. O cronista ao abordar assuntos relacionados a costumes, vestimentas e comportamentos já consolidados entre a aristocracia carioca, permite observar como as produções literárias, assim como a imprensa, apenas acompanha e massifica hábitos que já haviam se introduzido e adquirido relevância, a ponto de ser percebido e se tornar um assunto capaz de despertar algum interesse nos leitores. Em “vida vertiginosa”, por exemplo, o capítulo intitulado “jogatina”, enfatiza o quanto o jogo de aposta se alastrou por diferentes camadas sociais, sendo praticado tanto em clubes, como nas ruas ou nas próprias casas dos apostadores²¹⁸.

[...] Joga-se nos cavalos, nos galos, na loteria, no bicho, na renda da Alfandega, no final da loteria, nas somas de diversas produções comerciais, nas flores, na eletricidade, na hipótese de ganhar; joga-se em todas as ruas, em cada canto: aposta-se no dado, no bac, no pocker, na roleta, no cometa Halley, nas candidaturas, no reconhecimento, nos atos do governo, na possibilidade da morte de pessoas notáveis, na flutuação do câmbio, na honra alheia, no que fará o sentimental chefe de polícia...²¹⁹

²¹⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.74.

²¹⁶ FARIAS, Thaís Duarte Meinicke. **Imprensa esportiva carioca: modernizações e segmentação, um estudo de caso sobre o lance!**. 2009. 82 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p.15.

²¹⁷ BULGARELLI, J. Paulo Barreto e a moda dos “encantadores” no Rio de Janeiro do fim do século XIX e início do século XX. **dobra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 13, n. 28, p. 61–76, 2020.

²¹⁸ RIO, João. Vida vertiginosa, 1911, p. 143.

²¹⁹ Ibid., p.144.

É possível identificar na narrativa acima, um certo exagero por parte do autor que, no entanto, não anula o caminho que o jogo vinha trilhando na cidade. Não é por menos, que periódicos como o *Correio da Manhã*, a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Brasil*, por exemplo, durante as primeiras décadas do século XX estão preocupados em expor o que ocorria em ambientes como o *Jockey Club* e o *Derby Club*, ambos destinados às elites. As colunas de *sports*, onde se encontravam assuntos relacionados às principais modalidades esportivas da cidade, costumavam ser estruturadas de forma semelhante. Nos assuntos voltados à diversão, predominavam temas relacionados ao *turf* e ao remo, o futebol surgia poucas vezes e superficialmente. Em 1901, o *Jornal do Commercio* trata de forma detalhada um jogo ocorrido entre Rio de Janeiro e São Paulo, times formados para representar as cidades em questão, no campo do São Paulo Athletic Club²²⁰. A forma como o jogo é descrito pelo jornal, pode ser visto como algo nada trivial entre os demais periódicos, que se limitavam ao máximo em falar da recente modalidade.

Os jogos de apostas, mencionados por Paulo Barreto, que haviam se popularizado na cidade de forma lícita, tornam-se um problema já nos anos finais do século XIX. Com práticas antes permitidas, sendo consideradas ilícitas pelas autoridades, observa-se que a relação destas com a grande imprensa aos poucos também muda. Ao contrário do *Jornal do Brasil*, que por ser um periódico considerado popular²²¹, continua propagando assuntos relacionados ao jogo do bicho, por exemplo. Observa-se, então, que o jogo de azar passa a ter dois sentidos distintos. O jogo do bicho, não carecendo de muitos aparatos e com sua popularização, torna-se uma prática frequente das camadas médias e pobres, logo, vista de forma negativa. Ao mesmo tempo, as apostas em torno do *turf* e cassinos, frequentados pela elite, representam a “alma encantadora” da cidade.

À medida que algumas práticas passam a alcançar as camadas populares, estas começam a ser interpretadas de forma diferente. As práticas populares são constantemente descritas de forma depreciativa. A forma como as notícias relacionadas ao cotidiano do povo se apresenta, cercam-se de violência, sendo apresentadas sempre como algo que estaria contrariando a noção de modernidade defendida. É como se os efeitos positivos das práticas esportivas e do exercício físico não abarcasse os mais pobres e, isso é apresentado por Leonardo Pereira, quando menciona o esforço de Alberto Silveiras, diretor da revista *Sports* em selecionar os jogadores que poderiam jogar na então

²²⁰ *Jornal do Commercio* (RJ), 1901, ed. 00294, p.3.

²²¹ BARBOSA, 1997, p.90.

Liga Metropolitana²²². Para Silveiras, o esporte só poderia ser praticado “por pessoas da mesma educação ou cultivo”, pois, sendo o jogo “intrinsecamente violento”, era importante ter uma “boa educação”²²³. Ou seja, o mesmo futebol que para alguns cronistas tinha a capacidade de proporcionar não apenas o “bom funcionamento dos órgãos”, mas também o desenvolvimento do caráter de seus praticantes, torna-se então, a partir de sua popularização, ineficiente para alguns jogadores.

A mudança na forma em que os jornais vão retratar o futebol, acompanha o processo de popularização do esporte por homens de condições inferiores aos que frequentavam os grandes clubes da cidade. Aos poucos os periódicos vão criando uma imagem negativa do jogo praticado por populares ou apenas suprimindo de suas páginas os diversos clubes espalhados pelo subúrbio do Rio de Janeiro. Antes de 1910, poucos eram os jornais que se preocupavam em abordar o futebol, no entanto, após o ano em questão, os temas relacionados ao esporte bretão se concentravam apenas ao que ocorria nos principais clubes da cidade.

É aqui que o jornal *Gazeta de Notícias* se destaca, pois em 1906, a coluna esportiva passa a ganhar uma nova feição. A seção deixa de ser intitulada apenas “sports”, com letras pequenas e ocupando pouco espaço. Agora, ela aparece com letras maiores, intitulada “Gazeta dos Sports”²²⁴, ora iniciando na página dois, ora na três e ocupando parte significativa das páginas. Essa mudança ocorreu um ano após a criação da Liga Metropolitana de Sports Athleticos, o que fomentou na grande imprensa um maior interesse pela recente modalidade, tendo em vista que, os fundadores da principal Liga da cidade eram homens pertencentes às elites da capital.

Em 1906, quando o jornal se propõe a entender a origem do futebol, o cronista equipara o *rugby* e o *association*, destacando que o último seria o futebol praticado apenas com os pés. O cronista busca reafirmar os efeitos benéficos do futebol que poderia “desenvolver a inteligência, o sangue frio, a destreza, a disciplina, a solidariedade e a coragem”²²⁵. É importante reforçar, que ao narrar o que teria sido a origem da modalidade, o jornalista observa o *rúgbi* como sendo também futebol, no entanto, uma variação deste. No entanto, mesmo havendo distinções, enfatiza que “sob o ponto de vista higiênico o

²²² PEREIRA, 2000, p.105.

²²³ Ibid., p.112.

²²⁴ *Gazeta de Notícias*, 1906, ed. 00106, p.3.

²²⁵ *Gazeta de Notícias*, 1906, ed. 00112, p.7.

football, rugby ou *association*, produz os mais eficazes efeitos, que asseguram o bom funcionamento de todos os órgãos”²²⁶. Logo, percebe-se como o periódico está contribuindo na construção de uma imagem para o esporte, ainda que de forma singela. E também se apresenta como um dos primeiros jornais, de grande circulação na cidade, a trazer com maior recorrência e de forma mais abrangente o jogo.

A *Gazeta* foi fundada em 1875 por Ferreira Araújo que, de acordo com Sodré, seria um dos únicos que levasse a missão de jornalista a sério²²⁷. Seu funcionamento, já durante o Império, permitiu que o jornal na virada do século tivesse certa popularidade. Como menciona Clara Asperti, a partir de meados da primeira década do século XX, era reconhecido como um periódico que presava pela literatura, por destinar espaço em suas páginas a reconhecidos escritores²²⁸. Dentre os intelectuais que colaboraram com o periódico estavam Olavo Bilac, Raul Pompéia, Machado de Assis, Coelho Netto, entre outros. Nos primeiros anos do período republicano o jornal era um dos mais vendidos²²⁹, tendo tiragens em torno de 40 000 exemplares.

Em 1901 o valor das assinaturas do *Gazeta de Notícias* não diferenciava muito dos demais. A assinatura anual se encontrava em 30\$000, enquanto a semestral custava 16\$000. A diferença do periódico, estaria em sua venda avulsa, no valor de \$100, algo que o próprio periódico havia iniciado, mas antes pelo valor de \$40²³⁰. O modelo de venda, inaugurado pelo jornal, utilizando-se de pequenos jornaleiros responsáveis por anunciar as edições, contribuiu para que o periódico se tornasse popular. De acordo com Rita de Cássio Rodrigues, na virada do século, a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Commercio* e *O Estado de São Paulo*, eram tidos como os principais órgãos jornalísticos do país²³¹.

Entretanto, o periódico vai se destacar na cidade do Rio de Janeiro, como sendo “jornal barato, popular, liberal, vendido a 40 réis o exemplar”²³². O *Jornal do Commercio*,

²²⁶ *Gazeta de Notícias*, 1906, ed.00112, p.7.

²²⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, ed.4, 1999, p.253.

²²⁸ ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: *Gazeta de notícias* e a defesa da crônica. *Contemporânea (Título não-corrente)*, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 45-55, nov. 2015, p. 48.

²²⁹ *Ibid.*, p.46.

²³⁰ FONSECA, Leticia Pedruce. *A Construção Visual do Jornal do Brasil na Primeira Metade do Século XX*. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2008, p.163

²³¹ RODRIGUES, Rita de Cássia Lamino de Araújo. *GAZETA DE NOTÍCIAS: jornal fomentador da cultura e da literatura portuguesa no rio de janeiro*. *Letras Escreve*, Macapá, v. 8, n. 1, p. 193-217, 1ºsem., 2018, p.200.

²³² *Ibid.*, p. 199.

por exemplo, se intitulava conservador, tendo por principal público as elites da cidade. Como menciona Izamara Bastos, orgulhava-se em ser lido pelas classes políticas, homens de negócios e por funcionários graduados²³³. Em contradição, a *Gazeta* se colocava como um periódico mais acessível, que através da venda por unidade, abordando assuntos diversos, torna-se além de um dos principais órgãos da época, um dos poucos que estava ao alcance do público menos abastado. Porém, apesar de ter se destacado pelas inovações, a maior parte de sua prosperidade esteve ligada aos contratos firmados com a própria Prefeitura²³⁴, tornando-se responsável por divulgar assuntos oficiais, como legislações e decretos. Devido a isto, a forma como a *Gazeta* auferiu seus lucros, é distinta do *Correio da Manhã* e do *Jornal do Brasil*, pois, enquanto o primeiro prosperava devido aos contratos com órgãos municipais, os últimos lucravam através das vendas em bancas, nas ruas e anúncios²³⁵.

Contudo, a imprensa durante o século XX, além de informar, tem importante responsabilidade na introdução dos valores modernos. Os jornais que investiam nas crônicas e nos folhetins, tinham a possibilidade de influenciar não apenas o cotidiano das elites, mas também as camadas mais populares, que já consumiam essas produções desde o século XIX, principalmente, a partir da leitura oral²³⁶, devido a poucos letrados na sociedade. Ana Gomes, inclusive, destaca a preferência pelas histórias de crimes, narrativas compostas de suspense, que permitia ao autor visualizar acontecimentos do seu cotidiano, porém imbuídos de elementos ficcionais: dramas e comédias²³⁷.

Se tratando do futebol, algumas crônicas produzidas pelos escritores que colaboravam com o jornal, já no início do século XX, evidenciam a importância que o jogo ia tomando entre as elites na cidade. De acordo com Jeane Laura Santos, ao mesmo tempo que o romance-folhetim emergiu do olhar voltado para o interior burguês, a crônica surge das histórias das ruas, que revela uma perspectiva fragmentada²³⁸. Ou seja, enquanto o folhetim durante o século XIX, representava o cotidiano da elite, mas que

²³³ MACHADO, Izamara Bastos. **A imprensa no Rio de Janeiro da Belle Époque**. 2005. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, p. 74.

²³⁴ FONSECA, Leticia., p.164.

²³⁵ Ibid., 164.

²³⁶ SANTOS, Jeane Laura da Cunha. Do folhetim à crônica: gêneros fronteiriços entre o livro e o jornal. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 11-22, 3 jul. 2009. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p11>.p. 12.

²³⁷ PORTO, Ana Gomes. **Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)**. 2009. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, p. 28.

²³⁸ SANTOS, Jeane Laura., p.16.

sofre também transformações ao longo do século XX. As crônicas nascem dos acontecimentos cotidianos. As práticas percebidas pelos autores são transformadas em poesias ou histórias, produções relevantes aos jornais. A partir do momento em que os cronistas da *Gazeta de Notícias* escolhem abordar o futebol, permite-nos compreender como o jogo vinha sendo percebido pelas elites. Em 1904, por exemplo, o jornal menciona que os *sports*, inclusive o futebol, haviam superado o carnaval na cidade.

Os primeiros annos da Republica foram os últimos do esplendor da mascarada, que, valha a verdade, não passava de uma descarada apotheose da prostituição. De anno em anno, esse esplendor foi diminuindo, e os prestilos carnavalescos foram perdendo a sua riqueza: hoje, a opulência daquelas imensas procissões escandalosas é apenas uma recordação. Querem saber o que matou o carnaval? Foi sport. Antigamente, os rapazes economisavam todo o seu dinheiro, pensando nesses tres dias de barulhenta folia [...] Hoje, os rapazes têm outro ideal e outro gosto, incontestavelmente mais belos e uteis: não ha moço, hoje, que não pertença a um club de regatas, de football ou de cricket²³⁹

O trecho acima, retirado de uma crônica, na realidade se inicia a partir do olhar do cronista sobre a prática do entrudo na cidade. Na narrativa o autor coloca-se contrário à ideia de que havia se estabelecido entre indivíduos próximos. Enquanto alguns, viam o entrudo como a causa para o fim do carnaval, o cronista identifica os *sports* como sendo o real motivo para isso. A perspectiva sobre a prática, não simboliza a empatia do autor em relação à manifestação. Na realidade, associa-se a mascarada como não passando de uma “apotheose de prostituição”²⁴⁰. É preciso evidenciar que o entrudo, por mais que representasse o Carnaval, teria se tornado a principal manifestação do período festivo. Já no final do século XIX teve sua relação dissociada da festa, tornando-se apenas o “jogo das molhadelas”²⁴¹. A imagem negativa, que aos poucos é construída sobre a prática, estaria relacionado com sua execução por pobres, incluindo escravos, que se utilizavam das ruas para pregar peças. Como menciona Débora Paiva, a população aproveitava a ocasião para “além da folga e do divertimento (...) inverter sinais, e rir dos brancos”²⁴². Além disso, já durante a República, a prática é associada ao atraso do período

²³⁹ *Gazeta de Notícias*, 1904, ed. 00038, p.2

²⁴⁰ *Gazeta de Notícias*, 1904, ed. 00038, p.2.

²⁴¹ MONTEIRO, Débora Paiva. O mais querido "fora da lei": um estudo sobre o entrudo na cidade do rio de janeiro (1889-1910). In: XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Unirio, 2010, p.2.

²⁴² *Ibid.*, p. 4.

monárquico, algo que buscavam esquecer e dentro da busca pela higienização da cidade, o entrudo torna-se um inimigo da saúde pública²⁴³.

Por tais motivos, o entrudo e o carnaval tornam-se duas coisas distintas, e como evidencia Débora Paiva, a imprensa tem papel importante nesse processo. Os jornais tornam-se impulsionadores das campanhas contra o entrudo, por meio de artigos e crônicas²⁴⁴. No mais, o trecho retirado da crônica na *Gazeta de Notícias*, chama a atenção para a inserção de uma nova prática entre a juventude carioca, porém, não qualquer juventude. O Carnaval com duas diferentes manifestações, era comum entre indivíduos de diferentes camadas sociais, impulsionando tanto pobres como membros da elite. Mas como pondera o cronista, com o passar dos anos, a espera pelo carnaval deixara de ser empolgante, sendo a festa substituída pelas diferentes modalidades esportivas. Essa transformação, explorada por Nicolau Sevchenko sobre São Paulo, mas que cabe na análise sobre a cidade carioca, teria por trás a filosofia de que “ser jovem, desportista, vestir-se e dançar os ritmos da moda é ser ‘moderno’”²⁴⁵.

Observa-se que da mesma forma que os jogos de azar ao se popularizarem, tornam-se criminalizados, ocorre o mesmo com o entrudo. E, em ambos os casos os jornais se destacam no empenho em reforçar as ideias negativas sobre tais práticas, criando sentidos variados. Com o futebol não é diferente, a prática destacada na crônica como responsável por “matar” o carnaval, é o futebol exercido dentro dos clubes, o futebol *association*. Até então, o jogo em seus recentes momentos na cidade não representa um problema, pois tende a ser praticado com maior constância pela elite da cidade.

Apesar do periódico *Gazeta de Notícias* ao longo de 1910-1919, não possuir muitas ocorrências decorrentes do jogo de futebol nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, isto não significa que não haja uma forma distinta do jornal de ver a prática. Como já destacado, o impresso destaca-se na forma como irá abordar a modalidade. A partir de 1912, por exemplo, a *Gazeta* expõe mais incisivamente os assuntos relacionados ao esporte. Não só o que dizia respeito aos campeonatos realizados pela Liga Metropolitana, mas jogos promovidos pela Liga Suburbana, pela Associação de Football do Rio de

²⁴³ CUNHA, Fabiana L. **CARNAVAL X ENTRUDO: formas de reger o carnaval no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX**. Uberlândia: Cadis. Pesq. Cdhis, v. 24, n. 2, 2011.

²⁴⁴ MONTEIRO, 2010, p. 6

²⁴⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 34.

Janeiro, entidade criada em 1912 pelo Botafogo²⁴⁶, e o campeonato paulista, são abordados com frequência²⁴⁷. Essa atuação do jornal, no tocante a outros campeonatos para além dos disputados pelos grandes clubes cariocas, consistia em uma realidade pouco comum nos demais impressos. Através das sessões esportivas da *Gazeta*, é possível notar a presença de um grande contingente de clubes na cidade e, inclusive, de campeonatos realizados ou, que vinham sendo pensados.

É importante ponderar que durante os anos de 1910 e 1911, pouco a *Gazeta de Notícias* noticiou sobre as mudanças, decisões e questões que envolviam a política interna da Liga Metropolitana, algo que o jornal fazia desde 1906. Em compensação, jornais como *O Paiz* e o *Correio da Manhã* estiveram abordando com frequência os assuntos e decisões ligados à associação, contendo o primeiro órgão mais informações. Por mais que haja uma visão homogênea da grande imprensa, estas não deixavam de ser concorrentes, disputando entre si assuntos que atrairiam maior número de leitores. Acontecimento que talvez exemplifique esses conflitos, foi a escolha da Metropolitana pelo *Jornal do Brasil* em 1913, como órgão oficial, gerando críticas da *Gazeta de Notícias* e de *O Imparcial*²⁴⁸. Nos anos anteriores, poderiam ocorrer predileções, mas nenhum periódico havia sido instituído publicamente como oficial. Por esta razão, *O Imparcial* decidiu não “publicar fatos e atos da aludida Liga”²⁴⁹.

Porém, apesar do jornal passar a cobrir com maior ênfase clubes menores a partir de 1915, expondo a diversidade de times e associações esportivas na cidade durante a primeira metade do século XX. O jornal se concentra no futebol praticado por ambientes privados, ou seja, que apresentavam um certo tipo de controle. Ao criar uma enquete, em 1912, com o título de “qual sport o sport mais útil?”, os *sportman* que se propunham a considerar o futebol o jogo mais útil entre a mocidade, enche-o de qualidades e benefícios ao corpo e à moral. Conforme o jovem Sr. Carlos Villaça, o “(...) foot-ball além de fortalecer o corpo, dando-nos um bom apetite e somno delicioso, elle disciplina o nosso espirito, desenvolvendo em nós o germen do sangue-frio, nas situações perigosas(...)”²⁵⁰. No entanto, para que o jogo fosse benéfico, o mesmo menciona a importância de não ser “cultivado com exagero”²⁵¹. Essas matérias expostas pelo jornal, permite que uma

²⁴⁶ PEREIRA, 2000, p. 101.

²⁴⁷ *Gazeta de Notícias*, 1912, ed.A00151, p.6.

²⁴⁸ *O Imparcial*, 1913, ed.00089, p.7.

²⁴⁹ *O Imparcial*, 1913, ed. 00096, p.6.

²⁵⁰ *Gazeta de Notícias*, 1912, ed.00116, p.4.

²⁵¹ *Gazeta de Notícias*, 1912, ed.00116, p.4.

imagem do futebol seja construída, servia para atribuir sentidos ao jogo a partir do que um grupo de jovens abastados pensava sobre o esporte.

O futebol na cidade vinha sendo narrado a partir de uma perspectiva romântica, ignoravam-se outros aspectos importantes neste processo de consolidação do jogo na então capital da República. Se o Rio de Janeiro vinha sendo construído a partir de diferentes conflitos, não seria diferente com o esporte, que se insere neste contexto. O futebol idealizado, assim como o projeto de cidade da elite, vai encontrar resistências. No momento em que o futebol passa a ser jogado nas ruas, irá divergir do jogo exercido pelos sócios dos clubes da cidade. Da mesma forma que, quando as reclamações ou atos de violência passam a fazer parte do esporte, as manifestações de insatisfação começam a ser caracterizadas como algo de “desocupados”²⁵², buscando distanciar essas atitudes do que seria o “verdadeiro futebol”, responsável por disciplinar os corpos e não proporcionar violência. Em sua maioria, a violência ocorrida nos *grounds* passa a ser associada aos jovens que não se incluíam no mesmo perfil dos *sportman*. É importante ressaltar que as poucas reclamações a respeito da prática do “football nas ruas” no jornal *Gazeta de Notícias*, dá-se muito pela questão do pouco uso do termo para se referir a prática do jogo nos locais públicos.

[...] A prefeitura, num bello gesto de interesse esthetico da cidade, mandou, há tempos, ajardinar a arborizar um pequeno e abandonado largo, que fica no fim da rua de largo, que fica no fim da rua de S. Clemente e que antigamente era conhecido por largo dos Leão. [...] É bom de ver que a Prefeitura pretendeu, ajardinando aquelle trecho, proporcionar a seus moradores, um lugar de passeio e de reunião. Era esta a intenção da Prefeitura e a... convicção dos moradores. Ilusão! absoluta ilusão!

Aquelle pequeno trecho ajardinado, está convertido agora em campo de “foot-ball”. Rapazes desocupados, moleques de rua, transformaram aquelles gramados encantadores em “ground de foot-ball”, pisando-os, estragando-os e que é incrível, impedindo que as crianças pequenas, possam frequentar o largo, com temor ao engano dos “shoots” [...] ²⁵³

No trecho acima, a *Gazeta de Notícias* expõe a reclamação de moradores da rua São Clemente, localizada em Botafogo. No entanto, a área conhecida como Largo dos Leões, hoje localizada no Humaitá, liga os dois bairros. A prática do futebol no local que havia passado por melhorias e deveria servir de passeio, expressa algo que aparentemente, se tornaria comum no bairro de Botafogo. Mais à frente, por exemplo, será mencionado

²⁵² *Gazeta de Notícias*, 1912, ed. 00128, p.4.

²⁵³ *Gazeta de Notícias*, 1911, ed. 00344, p.6.

o caso de Ulysses Vianna, que segundo o jornal *O Paiz*, agrediu um fiscal por tentar impedir a prática do jogo na rua Visconde de Caravelas²⁵⁴, próximo ao Largo dos Leões. Ou seja, o jogo vinha contrariando os reais interesses da Prefeitura, de alguns moradores da região e, ao que parece, do próprio periódico sobre como o Largo deveria ser utilizado. Já os denominados “moleques de rua” e “rapazes desocupados” que provavelmente residiam em regiões próximas, demonstravam ter uma percepção diferente dos demais, não apenas sobre o jogo, que tende a ser modificado quando jogado fora dos ambientes privados, mas também sobre o ambiente recentemente reformado.

Na realidade, ao que diz respeito a região, não eram apenas os “moleques de rua” que demonstravam ter uma percepção diferente da prática e da rua S. Clemente, mas também indivíduos, que segundo a *Gazeta de Notícias*, encontravam-se em condição social privilegiada. O periódico expõe, no mesmo ano, que alguns “mocinhos” vinham transformando os “belos jardins” em campos. A narrativa do jornal a respeito dos “sportman” que utilizavam a região para a prática, é completamente oposta a reclamação exposta acima²⁵⁵. Na reclamação, os jogadores eram “mocinhos sportman” e, condição social destes, é o que permitiu ao jovem reagir à tentativa do guarda em proibir o jogo no local. Pois, a *Gazeta de Notícias* menciona que os mesmos, ao serem repreendidos por um guarda civil, que ao tentar coibir o jogo quase apanhou, o “goal keeper” declarou logo sua condição de “filho de papai”²⁵⁶. Ao que parece, o guarda não tinha conhecimento de quem eram os jovens que utilizavam o local para a prática do jogo, sendo “tolo” em repreender²⁵⁷. Contudo, observa-se como os discursos costumavam ser mais brandos ao se dirigir a jovens endinheirados quando exerciam a mesma prática que meninos das camadas populares.

Quando a *Gazeta de Notícias* chama a atenção da polícia, para o jogo quando manifestado nas ruas pelas camadas populares, ela apresenta esses indivíduos como perigosos à ordem. O jornal reafirma as desigualdades que cerceavam a cidade. O futebol nas ruas era considerado inapropriado, contudo, dependendo da condição social ocupada pelos jogadores, o jogo podia ser tolerado para não constranger os “mocinhos sportman”. Ao estabelecer distinção entre o jogo nas ruas e o praticado pelos clubes, não se reforçava apenas a ideia de que o futebol não teria sido feito para qualquer um, mas também que a

²⁵⁴ O Paiz, 1919, 12853, p.5.

²⁵⁵ Gazeta de Notícias, 1911, ed.00090, p.3.

²⁵⁶ Gazeta de Notícias, 1911, ed.00090, p.3.

²⁵⁷ Gazeta de Notícias, 1911, ed.00090, p.3.

posição social era importante para legitimar, inclusive, uma prática considerada inapropriada.

Ao definir ambientes apropriados ou não ao jogo, se retirava a única opção de exercer o futebol entre determinados grupos menos abastados. Ou seja, se não houvesse a possibilidade de frequentar um clube esportivo, não se deveria praticar o jogo. Marilita Aparecida Rodrigues ao pensar a inserção do esporte na cidade de Belo Horizonte, destaca que à medida que as elites buscavam cada vez mais oportunidade de se divertirem usufruindo de espaços como clubes e teatros, os menos abastados que não podiam frequentar tais ambientes, continuavam com práticas consideradas antigas. Como, por exemplo, divertimentos nas ruas e bares, o que passou a ser alvo de perseguição policial²⁵⁸. Como a própria autora ainda exemplifica:

Assim, as desigualdades de tratamento para as diferentes camadas sociais eram, também, decorrentes do modelo imposto no projeto da cidade que, além de delimitar os espaços, excluía aqueles “não eleitos” para usufruir os prazeres que a cidade podia oferecer. Essa exclusão levava a constantes tensões provocadas pela busca do direito à cidade pelas camadas populares, cujas atitudes eram taxadas como não civilizadas e inconvenientes aos padrões exigidos pelas elites. E entre os prazeres estava o esporte²⁵⁹.

Processo não muito diferente ocorria na cidade do Rio de Janeiro. As camadas populares viam seus direitos à cidade sendo negados, a partir do momento em que as reformas urbanas passam a retirá-las de determinados espaços e estabelecem quais condutas eram ou não aceitáveis. À medida que, as práticas de lazer começam a se restringir aos ambientes privados, que afastavam ao máximo indivíduos empobrecidos e negros, as ruas se tornaram o lugar de acessibilidade a todos. Quando o periódico apenas deslegitima o jogo de futebol nos espaços públicos, não levando em consideração a ausência de locais apropriados e acessíveis às camadas populares, este pretendia afastar esses indivíduos do jogo, principalmente crianças que, a partir da análise dos periódicos, se tornavam um dos principais grupos a se apropriarem das ruas para exercer o futebol.

Um ano antes do caso da rua Soares, a *Gazeta de Notícias* expôs outra reclamação na região de São Cristóvão. Conforme o jornal, a “garotada vadia” vinha causando

²⁵⁸ MELO, Victor Andrade de (org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, p.107.

²⁵⁹ Ibid., p. 108.

sobressaltos aos moradores da rua Francisco Eugenio, também localizada próxima à Estrada Central do Brasil²⁶⁰. É importante observar, que nem mesmo as crianças fugiam das injúrias do jornal. Por meio das palavras, os periódicos também agiam de forma violenta. A violência não se restringe às atitudes da polícia com as camadas populares, mas os discursos construídos para se referir a esses grupos, também os feriam e permitiam que a perseguição se estabelecesse. Na realidade, são essas narrativas em torno do futebol, as principais geradoras de distinções sobre o esporte. Pois, elas criam sentidos e as naturalizam, tornando qualquer prática que se distancie daquilo que foi estabelecido como correto, estranho e inaceitável. Contudo, mesmo havendo a predominância de um discurso sobre os outros, os conflitos se estabelecem. A insistência de meninos e adultos na prática, demonstra como o jogo se estabelece não a partir de um único sentido, mas de vários.

2.2 O caso da rua Soares

Em 1915, no bairro de São Cristóvão, a prática do futebol nas ruas proporcionou um caso singular, a ponto de provocar o interesse do periódico *Gazeta de Notícias*. Ao contrário das reclamações que vinham ocupando os jornais a partir de 1910, o denominado “Caso da rua Soares” pela *Gazeta*, vai dispor de quatro edições distintas, sendo narrado com dedicação. A matéria que teria sido fruto de uma queixa feita por moradores do logradouro, ao ser exposta, exprime não apenas a visão de parte dos moradores sobre o jogo. Mas o posicionamento do impresso em relação à prática e também a alguns indivíduos envolvidos. O grande contingente de personagens no desentendimento provocado pela prática do futebol nas ruas, assim como o interesse do jornal no conflito, é o que torna o caso diferente dos demais. A partir do “Caso da rua Soares”, pretendo pensar as tensões que se desenrolam em torno dos sentidos do próprio futebol e de como o espaço deveria ser experienciado.

No caso é possível identificar a partir do periódico, o grande envolvimento de homens pertencentes a polícia. Na continuação do conflito, exibiu-se o nome do comissário Eduardo Rocha, somado ao de seu colega Demócrito. Assim como, o do Dr. Osório de Almeida Filho, autoridade da 2ª delegacia auxiliar e responsável pela proibição do jogo na rua Soares, como expõe o jornal. Aparece também a figura do Dr. Aurelino

²⁶⁰ *Gazeta de Notícias*, 1914, ed. 00082, p.5.

Leal que recebeu críticas da *Gazeta de Notícias*. Outro personagem mencionado e que, aparece como sendo o ponto central do interesse do jornal em relatar o *Caso da Rua Soares*, foi a ilustre figura do Sr. Nicanor do Nascimento. Além de se apresentar como advogado dos jogadores, também foi deputado federal na cidade do Rio de Janeiro. Estes indivíduos, somados aos próprios sócios do *Aventureiro Foot-ball Club*, permitem observar como as tensões sociais e políticas que permeiam a cidade, estão sendo expressas através da prática do futebol nas ruas e das consequências geradas pelo jogo.

Os sentidos em torno do jogo estão sendo disputados da mesma forma como o sentido em volta da própria capital da República. É nos periódicos que se apresentavam de forma mais intensa os conflitos a respeito da imagem que o futebol deveria ter. Ao narrar as reclamações sobre a prática do futebol nas ruas, imprimiam suas percepções sobre o jogo, normalmente, trazendo comparações e criticando a postura dos jogadores. Em relação ao uso das ruas, todos os âmbitos se demonstravam preocupados com os sentidos em torno do espaço. Até porque, como menciona Arno Vogel “uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações”, não sendo apenas uma via, um caminho, mas carregada de significados para quem as conhece²⁶¹. A prática do lúdico nesses espaços públicos, estava imprimindo o significado que alguns dos indivíduos residentes daquele espaço possuíam sobre o local. No entanto, há divergências entre os próprios moradores do logradouro, que não consideravam a prática apropriada para a rua. Somado a isto, a percepção das elites da cidade sobre o uso dos espaços, muitas vezes sendo expressas pelos jornais, tornava-se um empecilho para que as camadas populares pudessem também imprimir à capital federal suas representações.

A primeira parte do caso foi exposta no dia 5 de março de 1915 e ocupou a segunda página do jornal. Ao contrário dos outros episódios envolvendo o conflito, expostas posteriormente, a primeira foi exibida de forma contida pelo imprenso, se confundindo com outras notícias, não possuindo ainda a chamada “O Caso da rua Soares”. Contudo, a matéria foi iniciada enfatizando a prática do futebol nas ruas como um problema recorrente na cidade, a ponto de “chover reclamações”. O futebol praticado na rua Soares, vinha sendo manifesto em diferentes regiões da cidade, o que demonstrava o quanto o jogo havia caído nas graças das camadas populares. A praticidade em torno do jogar futebol, pode ser um dos fatores responsáveis pelo seu processo de popularização, algo

²⁶¹ VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: a apropriação dos espaços de uso coletivo em um centro de bairro. EDUFF, 2017, p.24.

que Glauco Souza pontua²⁶². Logo, foi dentro da simplicidade do futebol, que o Rio de Janeiro vivenciou um processo de popularização do esporte não apenas na esfera dos clubes e associações, mas também nas ruas, vias públicas, causando danos em propriedades e a inquietação de muitos moradores que passaram a dividir o mesmo ambiente com a recente modalidade.

O “foot-ball” nas ruas. E o abuso continua. As reclamações chovem de todos os lados. Agora chega-nos uma que merece a máxima atenção da polícia, pelo número de famílias que a fazem: são todos os moradores da rua Soares, entre S. Christóvão e Figueira de Mello. Acontece que naquela rua, em uma das faces, existe um terreno aberto, onde grupos de verdadeiros vagabundos se entregam ao jogo de “foot-ball”. Ora, o terreno não dá espaço para este “sport” e a rua é estreita. Dahi, seguidamente, serem vítimas da terrível bola dos “sportmen” não só os transeuntes, como até as pessoas que estão a janela e mesmo nas salas [...] O protesto tem sido por tal forma violento e enérgico, que a polícia do 10º distrito, já se tem visto, por várias vezes, obrigada a proibir o jogo²⁶³.

A rua Soares, localizada na região de São Cristóvão, se encontrava entre a rua Figueira de Mello e a rua São Cristóvão, de acordo com o periódico. Entretanto, ao final da década de 1910, ela teve seu nome modificado para rua Sotero dos Reis. É possível identificar a nova denominação do logradouro em 1917, no entanto, com poucas informações²⁶⁴. O jornal *Correio da Manhã*, ao expor o aluguel de uma estância de lenha, informa sua localidade na “rua Sotero dos Reis n.26 (antiga rua Soares)”²⁶⁵. É a partir de 1920, então, que os principais jornais da cidade passam a informar com maior incidência sobre a rua. Algo que ajude a entender a ausência da rua Soares, tanto nas cartografias referentes ao início do século XX, como em outras fontes documentais, pode ser sua ocupação sem que houvesse o reconhecimento oficial desta como logradouro.

De acordo com algumas notícias e outras reclamações sobre a rua, foi possível identificar não só a aproximação desta com a estação Central do Brasil, assim como as péssimas condições em que se encontrava. A rua Soares em 1910 não é representada pela cartografia. É possível observar uma parte do que poderia sê-la colada à rua São

²⁶² SOUZA, Glauco. “O FOOTBALL NÓS PODEMOS JOGAR”. Rio de Janeiro: Recorde, v. 8, n. 2, p.1-28, jul./dez. 2015, p.16.

²⁶³ Gazeta de Notícias, 1915, ed.00090, p.2.

²⁶⁴ Coleção de Leis Municipais e Vetos (RJ), 1917, ed.00041, p.73.

²⁶⁵ Correio da Manhã, 1920, ed.07709, p.7.

Christóvão e a rua do Barcellos²⁶⁶. Essa ausência pode ser entendida mediante a falta de infraestrutura observada através das reclamações, como a falta de calçamento, que não deveria ser um processo fácil de executar, tendo em vista sua proximidade a dois rios, o Trapicheiro e o Maracanã. A ausência do calçamento, gerava transtornos, provocando “poeira em dias de sol e lamaçal em dias chuvosos”²⁶⁷. Em 1901, por exemplo, o jornal *O Paiz* expõe uma queixa relacionada às condições da rua²⁶⁸, demonstrando não só a ausência do poder público em solucionar um antigo problema, mas a antiga ocupação da rua na região, apesar de pouco retratada.

A rua, no entanto, também se localizava próxima à Estrada de Ferro Auxiliar, ou seja, a Leopoldina Railway Company Ltd. Não só o mapa representa esta proximidade, como algumas queixas e notícias presentes em periódicos permitem precisar esse acercamento. Assim como o indeferimento exposto pela *Gazeta de Notícias*, do requerimento de José Antonio Fortes a um terreno situado entre a “Empresa de Melhoramentos” e o prolongamento da rua Soares²⁶⁹, como a reclamação feita por Joaquim Augusto de Oliveira, alegando a invasão de seus terrenos por empregados da Estrada de Ferro Central do Brasil²⁷⁰, ajudam a visualizar não apenas as proximidades da rua, como o perfil de indivíduos que residiam no logradouro ou regiões próximas. De acordo com o jornal *O Imparcial*, também é possível identificar negociantes que residiam na região, pois estes teriam se disposto a arcar com as despesas referentes ao calçamento das ruas²⁷¹.

A presença de empregados da estrada de ferro, referida por Joaquim Augusto no periódico *O Imparcial*, em 1913, possibilita retornar ao objeto. Assim como o relato do jornal *A Epoca*, sobre um “numeroso grupo de meninos empregados da fábrica”, que durante o seu horário de almoço, trocavam o ócio pela prática do futebol diariamente na rua da Relação, próximo à avenida Gomes Freire²⁷². É provável que, em meio aos períodos de descanso dos operários da Estrada de Ferro, a prática do esporte também se apresentasse como uma das distrações. Já foi demonstrado o grande número de clubes no

²⁶⁶ Mattos, Francisco Jaguaribe Gomes de. Planta da Cidade do Rio de Janeiro: obedecendo a divisão da cidade em distritos municipais, 1910. <https://www.imaginerio.org/pt/map#2589151>.

²⁶⁷ *A Noite*, 1915, ed.01340, p.4.

²⁶⁸ *O Paiz*, 1901, ed.06186, p.2.

²⁶⁹ *Gazeta de Notícias*, 1905, ed.00224, p.3.

²⁷⁰ *O Imparcial*, 1913, ed.00279, p.8.

²⁷¹ *O Imparcial*, 1917, ed.01496, p.4.

²⁷² *A Epoca*, 1915, ed.00937, p.4.

bairro de São Cristóvão, permitindo observar que o futebol já estava inserido no cotidiano dos moradores. A presença de clubes na própria rua Soares, evidencia como a prática do futebol não era nenhuma novidade. Em 1914, por exemplo, o *Navarro Foot-ball club* tinha seu campo localizado na rua Soares²⁷³, apesar de sua sede social ficar estabelecida na travessa Navarro, em Santa Teresa²⁷⁴.

Levando em consideração que muitos clubes alugavam o campo de outras associações para disputar seus jogos, é possível identificar outros times que também utilizavam a rua Soares. Dentre eles, os clubes *3 de Maio* e *Minerva Foot-ball Club* disputaram um *match* no dia 3 de maio de 1914 no campo do *Navarro FC*²⁷⁵. O jornal *Gazeta de Notícias*, órgão responsável pela cobertura do *Caso da Rua Soares*, havia sido escolhido como jornal oficial do clube Navarro pelos próprios sócios do time²⁷⁶. A *Gazeta de Notícias*, entre a grande imprensa, foi um periódico que se destacou pelas coberturas recentes relacionadas ao futebol. A *Gazeta dos Sports* não se limitava aos acontecimentos referentes à Liga Metropolitana, pois trazia informações de diferentes clubes e ligas espalhadas pela cidade, ainda que, ocorresse de forma superficial. No entanto, a posição do jornal em relação à prática do futebol na rua Soares torna-se contraditória, tendo em vista a relação que o impresso demonstrava ter com a recente modalidade.

Um club que perturba a ordem publica

Uma mala (malta?) de garotos e barbados tomou, ante-hontem, á noite, de assalto, na praça da Bandeira, o bond n. 470, que se dirigia a Lapa. Durante a viagem, que foi um verdadeiro tormento, para os demais passageiros, a referida malta de gente mal educada, que pertencia ao Navarro Foot-ball Club, comportou-se de um modo déveras condemnavel, atentando contra a moral, em uma algazarra infernal, sem respeitas as famílias que alli viajavam. Os passageiros, vexados, ficaram calados ante a atitude daqueles homens e garotos, que infligiram aos viajantes do bond número 470, momentos de torturas. A' polícia compete agir em taes casos, correndo em defesa dos que soffrem respeitando a tranquillidade alheia²⁷⁷.

Desta vez, são rapazes pertencentes ao clube Navarro, ao qual a *Gazeta de Notícias* servia como órgão oficial, os envolvidos em problemas referentes às posturas adotadas em lugares públicos. A reclamação noticiada foi publicada em setembro de

²⁷³ O Imparcial, 1914, ed. 00489, p.9.

²⁷⁴ O Imparcial, 1914, ed. 00422, p.9.

²⁷⁵ O Imparcial, 1914, ed. 00489, p.9.

²⁷⁶ Gazeta de Notícias, 1914, ed.00071, p.4.

²⁷⁷ A Rua: Semanário Illustrado, 1914, ed. 00182, p.2.

1914. Neste mesmo ano, nada além dos jogos que envolviam o clube, foram publicadas pela *Gazeta*. O jornal se apresentou ao longo do século XX, como órgão oficial de diferentes times espalhados na cidade, e que se distanciavam do perfil dos clubes mais abastados. E, no que diz respeito à prática do futebol nas ruas da cidade, o periódico, entre 1910 e 1919, possuía poucas ocorrências. Logo, a questão envolvendo o conflito na rua soares, aparenta estar relacionada mais aos envolvidos com a prática, do que ao jogo em si.

Algo comum entre as reclamações, que corroborava para a perseguição ao jogo, é o aspecto moral levantado pelos jornais. Assim como a revista *A Rua* levantou o aspecto moral para não só criticar, mas requerer da polícia uma postura mais rígida frente aos homens que causavam o alvoroço no bonde e rompiam com o silêncio tão desejado pelos passageiros, que se esforçavam para o respeitar. No “Caso da rua Soares”, por exemplo, o termo “verdadeiros vagabundos”, surge com o intuito de desqualificar os homens que insistiam na prática. O uso de “vagabundos” para se referir aos jogadores, relaciona-se com o universo ideológico da elite brasileira, que estabelece dois mundos opostos: “de um lado, há o mundo do trabalho; do outro, há o da ociosidade e do crime”²⁷⁸.

A nova ética capitalista tornou o trabalho imbuído de valores morais, não o ter, significava que o indivíduo estaria entregue à criminalidade, principalmente, se este fosse pobre. As elites tinham o pleno acesso ao lazer, sem que fossem estigmatizadas como “vadios” ou “ociosos”, pois sua condição social privilegiada, era suficiente para exemplificar seu gosto pelo trabalho. Essa ideologia sustentou a perseguição às práticas populares, que por serem tidas como perigosas, passaram a requerer maior atenção. Por consequência, a presença de expressões como essas para se referir aos indivíduos pobres demonstrava a atuação da ideologia elitista que permeou a sociedade, sendo, inclusive, utilizada também pelos menos abastados, com o intuito de se defenderem das investidas das autoridades policiais.

[...] Mas os jogadores burlam as ordens da policia e, agora, para se garantirem da sua acção, acabam de dirigir uma petição ao chefe de policia, para que ninguém os vá perturbar na sua diversão, muito embora os demais continuem importunados e se repitam os casos da bola ir pisar as crianças que por ali brincam. Não. O Sr. Chefe de policia, conscienciosos como é, não vai deferir assim essa petição. O seu indeferimento é certo, uma vez que toda e qualquer averiguação

²⁷⁸ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012, p.78.

que se fizer determinará a inconveniência dessa licença. Não somos, contra o “foot-ball”. É bem natural que sejamos mesmo pelo útil “sport”. Assim também o Sr. Chefe. O que nós, porém, não podemos, nem o Dr. Aurelino Leal, é permitir as inconveniências que advêm desse “sport” quando jogado em logares improprios. Não há duvida, a policia precisa e deve evitar o “foot-ball” nas ruas. E sendo assim, confiamos na sua acção, para que acabe quanto antes com esse facto que se está passando na rua Soares. É uma reclamação justa²⁷⁹.

A sequência do Caso da rua Soares, possibilita observar como não apenas a utilização dos termos mencionados anteriormente – vadios e vagabundos – colaboravam para a perseguição ao jogo. Mas também o discurso sutil do próprio jornal permitia que o significado do jogo fosse alterado. Ao utilizarem a palavra *football* entre aspas, o jornalista já aparentava tentar estabelecer uma distinção do esporte praticado nas ruas com o jogado pelos principais clubes na cidade.

As terminologias inglesas haviam se tornado comuns no que se refere aos esportes praticados na cidade. Observando as edições da *Gazeta de Notícias*, no ano em que o conflito na rua Soares foi noticiado, são raros os momentos em que o termo *football* ou *sportmen*, são empregados sob o uso de aspas. Até mesmo, porque manter e enfatizar o termo *football*, assim como outros utilizados para se referir a elementos do jogo - *hands*, *penalty*, *off-side* e *kick-off* – ajudavam a destacar a diferença entre homens que compunham os clubes esportivos e os que se viam impedidos de usufruírem desses ambientes. Como menciona Leonardo Miranda Pereira, os termos estrangeiros tornaram-se uma terminologia peculiar aos *sportmen*. Funcionavam como um fator de distinção social. Ver um homem mencionar qualquer um dos termos, permitia compreender a qual grupo social este pertencia²⁸⁰. No mais, a utilização do termo *football* entre aspas não se referia ao estrangeirismo da palavra. Mas, ao fato do futebol nas ruas não se enquadrar naquilo que o jornalista via como sendo o autêntico futebol.

De forma sutil, o jornal deslegitima tal prática, considerando-a distinta da praticada pelos clubes. Ao seguir esta linha, pretendia-se não desaprovar o recente esporte bretão, visto como útil, mas sim quem insistia em desvirtuá-lo. O futebol, ao contrário de outras modalidades, estaria se estabelecendo como prática estimada entre os mais abastados e os populares, logo, taxar a prática, seria torná-la infundada também entre a

²⁷⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00090, p.2.

²⁸⁰ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.31

alta sociedade. Os discursos contrários de jornalistas ao jogo nas ruas, não significava a falta de apreço pelo esporte, mas sim, pela sua popularização, que retirava seu caráter distinto. Henrique Sena Santos em seu artigo sobre a prática do futebol nas ruas de Salvador, justamente, pontua as constantes tentativas dos jornais em comparar e distinguir o futebol “saúdável”, praticado dentro das normas pelos grandes clubes, e o “nocivo”, executado pela malta de “vadios e desordeiros”²⁸¹.

Esta distinção, estabelecida pela *Gazeta de Notícias*, apresenta-se de forma clara em praticamente todas as queixas relacionadas ao jogo. É como Henrique Santos enfatiza, os periódicos pretendiam construir a partir do discurso dois tipos de futebol, um “mau” e outro “bom”²⁸². O empenho em coibir a prática e estabelecer sentidos contrários para uma mesma modalidade, demonstra a força social do jogo entre 1910 e 1919, a ponto de se fazer necessário buscar novos meios para impedir ainda mais a difusão do “distinto” esporte. O futebol se firma entre as camadas populares, atraindo trabalhadores, além de meninos, que insistem em praticar o jogo nos espaços públicos, mediante a ausência de locais considerados apropriados. É possível observar o desporto dentro da ótica de Pierre Bourdieu, que o enxerga como um campo²⁸³. O conflito se apresentaria a partir da busca pelo “monopólio da imposição da definição legítima da prática desportiva e da função legítima”²⁸⁴.

Acompanhando a introdução do esporte, estão em jogo as determinações sobre o uso legítimo do corpo, o conjunto de regras que acompanham as modalidades e todo o ideal moral atribuído. Entretanto, estas implicações que são atribuídas ao futebol, se veem ameaçadas, sendo possível identificar estas disputas em torno do significado e definição de uma mesma prática. Neste ambiente de oposições, a imprensa se estabelece como crucial na reafirmação de moldes para o que seria o “verdadeiro futebol”. Os esforços em atribuir estigmas envolviam tanto o futebol praticado por clubes menos abastados, que também sofriam com os estigmas construídos pela imprensa, como no que se referia à prática nas ruas. No entanto, era o jogo nas ruas que presenciava as maiores hostilidades, pois se afastava mais da “essência” do “verdadeiro futebol”.

²⁸¹ SANTOS, Henrique Sena dos. "Desastres materiais, desordens morais": o "football de vagabundos" nas ruas de salvador, 1905-1920. **Recorde: História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-26, jun. 2012, p.16.

²⁸² Ibid., p.16.

²⁸³ BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983, p.187.

²⁸⁴ Ibid., p.189.

É necessário enfatizar que o futebol abarcado pelo adjetivo “verdadeiro”, ainda que subjetivo, costuma estar associado ao praticado pelos grandes clubes da cidade. Em uma informação exposta no *Correio da Manhã*, a respeito de um campeonato organizado em Buenos Aires em 1916, no qual jogadores brasileiros competiram com *sportman* sul-americanos. O jornalista utiliza o termo “verdadeiro” acompanhado de outros adjetivos como lisura, delicadeza e lealdade²⁸⁵. Vê-se que o “verdadeiro futebol” pouco se relaciona com técnica ou qualidade do *match* disputado, mas com o comportamento dos *players* durante a partida. Observa-se a semelhança quando o mesmo jornal, expôs a resposta de um leitor a uma crítica feita aos jogadores do Inhaumense F. Club. Na carta enviada e publicada pelo periódico, o leitor Augusto Araujo Silva responsável por redigi-la, critica a generalização que haviam feito.

Como é disputado um match no campo do Inhaumense F. Club

Pessoas que vão assistir um match de football no ground deste club, só saem encantadas pelo modo com que é praticado o pebol naquelle centro sportivo. Narra o sr. Gabriel Motta que todos os jogos ali levados a effeito são praticados com a maior indelicadeza dos jogadores inhaumenses, parecendo não conhecerem o verdadeiro football. E' uma calúnia, uma injustiça, uma inverdade deste moço, que parece-me não ter ainda occasião de apreciar um match no field deste agremiação²⁸⁶.

Conforme o que é apresentado na carta, o então Gabriel Motta haveria mencionado que os jogadores do Inhaumense F.C não demonstravam ser conhecedores do “verdadeiro futebol”. A atitude dos jogadores durante o jogo é o que fundamenta sua afirmação. Percebe-se como o futebol, em sua essência, se associa à capacidade do jogador em controlar seus ímpetos e emoções. O “pebol”, termo utilizado por alguns escritores com o intuito de acabar com o estrangeirismo da palavra²⁸⁷, é desvirtuado por clubes e jogadores que não se inserem dentro dos padrões estabelecidos pela elite local. Outro ponto importante, é como os moradores da região suburbana estão sendo retratados, pois os jogadores do Inhaumense, provavelmente, também seriam moradores da região,

²⁸⁵ Correio da Manhã, 1916, ed. 06354, p.2.

²⁸⁶ Correio da Manhã, 1919, ed. 07572, p.5.

²⁸⁷ Vida Sportiva: hebdomadário sportivo e mundano, 1918, ed. 0061, p.6.

ou seja, indivíduos que já viviam sob estigmas²⁸⁸. Estes tornavam-se responsáveis por desvirtuar o caráter aristocrático e o “bom futebol”.

Os sentidos construídos pela imprensa para o futebol tinham por objetivo definir qual jogo deveria ser considerado legítimo e qual precisava ser combatido. E, as percepções que se construíam sobre o jogo, apenas reforçava a visão que parte das elites políticas e intelectuais possuíam a respeito do futebol. Grande parte dos cronistas esportivos possuíam proximidades com clubes e algumas entidades esportivas, o que torna considerável a presença recorrente de determinados temas nas páginas dos impressos. No caso da *Gazeta de Notícias*, quem possuía um envolvimento com os ambientes desportivos era Oldemar Murtinho que, além disso, fora eleito presidente do Sport Club Brasil tanto em 1914 como no ano seguinte, em 1915. O clube mencionado era voltado para a prática da canoagem²⁸⁹. Oldemar Murtinho é um desses homens que não se limitavam ao meio esportivo, pois sendo filho do senador José Murtinho²⁹⁰, transitava também pela imprensa, por outros clubes e compartilhava esses espaços com outras figuras de influência na política da cidade.

Ou seja, era sua percepção junto a de outros *sportman* em situação semelhante, que costumava ser compartilhada pela grande imprensa com frequência. Em 1915, o então presidente do *Sport Club* ocupou o lugar de vice-presidente da Liga Metropolitana e ao deixar o cargo, tornou-se então membro da comissão de sindicância²⁹¹. Oldemar Murtinho manteve sua permanência na Liga Metropolitana, porém ocupando funções distintas. Em 1918, o mesmo volta a ocupar o antigo cargo de vice-presidente da instituição de esportes atléticos²⁹². Seu nome aparecia reiteradamente em assuntos relacionados aos esportes na cidade do Rio de Janeiro. No ano em que o *sportman* retorna à vice-presidência²⁹³, este ocupa também o cargo de cronista da *Gazeta de Notícias*²⁹⁴.

No mais, jornalistas e cronistas tinham responsabilidade sobre a construção da “bela imagem” do futebol na cidade, assim como na representação negativa do esporte

²⁸⁸ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **Vida divertida suburbana**: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). 2017. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, p.113.

²⁸⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00019, p.4.

²⁹⁰ *Gazeta de Notícias*, 1918, ed.00187, p.6.

²⁹¹ *O Imparcial*, 1915, ed.00761, p.9.

²⁹² *O Imparcial*, 1918, ed.01837, p.6.

²⁹³ *O Imparcial*, 1918, ed.01837, p.6.

²⁹⁴ *Gazeta de Notícias*, 1918, ed.00182, p.6.

praticado pelos menos abastados. Os jornais se apropriavam das queixas em torno do futebol, devido aos incômodos que a prática proporcionava aos moradores de diferentes regiões na cidade, e punha sua própria interpretação sobre os casos envolvendo o jogo. Logo, a percepção sobre a prática vinha se construindo de formas diversas, pois os habitantes que estavam vivenciando a experiência da popularização do esporte na cidade, também se demonstravam incomodados com a maneira em que as ruas e vias públicas estavam sendo usufruídas. À vista disso, quanto mais se aprofunda o olhar sobre o futebol, ou melhor, sobre as diversas formas de o praticar, mais se percebe suas nuances, tanto na forma de jogar, como no controle que buscaram estabelecer sobre ele. A partir da crônica escrita por Coelho Netto no periódico *A Noite*, em 1919, é possível observar essas ambiguidades referentes ao esporte.

[...] Quem assistiu aos dois grandiosos certames realizados no Estádio do Fluminense, com a colina ao fundo, em acrópole, e mais de trinta mil pessoas emoldurando, em círculo de entusiasmo, os torneios, compreendeu as vantagens que resultam para as nações de tais festas agonísticas, que recordam pela beleza enérgica, as olimpíadas helênicas.

Fortalecendo o mancebo, adestrando-o, estimulando-o na arena, ao ar livre e na piscina, na arneteura, tais exercícios atraem ao prêmio de uma vitória pacífica os homens do continente, chamando-o desde a vizinhança dos polos e d'alem Andes[...] ²⁹⁵

A citação é parte da crônica intitulada *O Campeonato*, exaltando o esporte e os efeitos que o futebol geraria entre os jovens praticantes. Na realidade, observa-se uma defesa das atividades físicas, sendo o futebol protagonista, para que pudesse ocorrer um desenvolvimento dos homens. Tal defesa, é uma das alegações utilizadas para que o esporte se tornasse mais uma modalidade aceita e praticada entre os jovens da elite. A partir de 1918, o escritor Coelho Netto torna-se um colaborador do jornal *A Noite*, sendo responsável por escrever crônicas, juntamente, com outros intelectuais, todas as quintas-feiras. Sua aproximação com o ambiente esportivo, é o que torna o futebol assunto principal de sua crônica, intitulada “O Campeonato” e exposta na primeira página do impresso. Assim, os benefícios que a modalidade seria capaz de proporcionar entre a juventude e o belo *match* envolvendo um grande clube carioca, tornam-se o foco do escrito.

No entanto, o que chama a atenção não é a crônica em si, pois como já expressado, Coelho Netto se apresentava como um admirador do esporte. Mas bem ao lado,

²⁹⁵ *A Noite* (RJ), 1919, ed.02664, p.1.

encontrava-se uma coluna intitulada “Contra o football na via pública”, com letras garrafais e na primeira página, parabenizando um delegado da polícia por haver criado um decreto que proibia o futebol nas ruas²⁹⁶. Ter uma manchete como esta, ocupando a primeira página, próxima a uma crônica que exaltava as belezas do esporte, demonstra como o jornal estabelecia fortes distinções. Percebe-se que ao abordar uma mesma prática de forma distinta, havia uma clara percepção do que deveria ser considerado aceito ou não, qual futebol seria bom e qual precisaria ser interpretado como um problema. Na queixa ao lado da crônica é possível ter a compreensão de tamanho incômodo que o jogo vinha causando na cidade, não se restringindo aos subúrbios, mas sendo praticados também em bairros como Laranjeiras.

(...) Sob a direção do fiscal Herminio Silva é constituída nesta data uma turma de guardas civis para o serviço especial de repressão do denominado jogo de “football” na via pública. Aos rondantes, recomendo secundarem os esforços da referida turma, não tolerando a prática desse jogo nos seus postos ou imediações, cabendo-lhes apreender os petrechos do mesmo jogo e remete-los a delegacia respectiva, bem assim os jogadores recalcitrantes. Pede-se ao público colaborar nesse serviço, organizado em seu proveito, bastando para isso comunicar a Inspetoria da Guarda, pelo telefone Central 248, o lugar onde os vadios exercitem o citado jogo, perturbando o sossego das famílias e o livre trânsito das ruas.²⁹⁷

A reclamação acima expõe a prática do futebol em espaços públicos, como algo que vinha ocorrendo diariamente. O jogo, exercido em local inapropriado, era culpado de gerar a desordem, pois quebrava vidraças e levava risco aos moradores. O desprazer que o jogo estava gerando, suscitou na criação de uma ordem por parte do Sr. major Carlos Reis, contra a prática. Ao contrário da maior parte das narrativas contrárias ao jogo, nesta é possível observar uma postura atuante da polícia, o que levou o periódico a parabenizar o então major. Entretanto, a presença de um tema em comum, mas tratado de forma diferente, como é o caso do futebol, na mesma página do jornal. Exibe como o próprio impresso não considerava o jogo praticado nas ruas, como sendo futebol.

Essa distinção permitia que a repressão ao esporte não causasse estranhamento, pois o jogo praticado por “vagabundos” e “ociosos”, não era reconhecido como o mesmo futebol praticado pelo *Fluminense*, time destaque na crônica de Coelho Netto. Ou seja, o jogo seria claramente mais um fator de hierarquização de uma sociedade amplamente desigual. É o que a *Revista Contemporânea* aborda em uma das suas páginas, sobre a

²⁹⁶ A Noite, 1919, ed.02664, p.1.

²⁹⁷ A Noite, 1919, ed.02664, p.1

ambiguidade do *A Noite*. É importante destacar que no acervo digital, a coluna mencionada abaixo data o ano de 1918, entretanto, foi produzida em 1919, mesmo ano em que a crônica criticada é produzida.

(...) O ‘footballer’ ou é excelente, dionísico e apolíneo, como afirma o sr. Coelho Netto, ou é perigoso a ordem e a sociedade, como quer o sr. Carlos Reis. Onde a razão, se o jornal a dá, simultaneamente, aos dois? Por que glorificá-lo de um lado e proibi-lo do outro? Porque os moleques não têm os seus cronistas oficiais como a Liga Metropolitana, não dispõem de ‘grounds e são obrigados, por isso a jogar em plena rua, sem ‘torcedores’ para aplaudir e sem repórteres para lhes registrarem as vitórias. Jogam com uma bola de molambos, em falta de um balão ypeumatico, mas assim mesmo são respeitáveis e devem ser respeitados na liberdade de exercer seu ‘sport’ predileto (...) ²⁹⁸.

O trecho acima é parte de uma ampla coluna a respeito do decreto apontado pelo jornal *A Noite*, que havia sido elaborado pelo delegado Sr. Carlos Reis. O então chefe da Guarda Civil, antes de assumir a guarda, cumpria a função de assistente do então chefe de Polícia, o Dr. Aurelino Leal²⁹⁹. Uma de suas incumbências estava relacionada a campanha contra a “ladroagem, os desordeiros, falsos mendigos e espeluncas”³⁰⁰, ou seja, o chefe da polícia se apresentava como importante na moralização dos costumes segundo a elite carioca. O Sr. Carlos Reis junto ao Sr. Aurelino Leal vinha percorrendo as ruas da cidade visando observar o policiamento³⁰¹. Além disto, alguns periódicos apontavam para o excesso do major, no que diz respeito ao trato com a população. O *Correio da Manhã*, menciona ser procurado por várias pessoas que buscavam se queixar das violências ordenadas pelo Sr. Carlos Reis, na Avenida Central³⁰².

A ação das autoridades se apresentava como contraditórias em diferentes momentos, até porque, muitas dessas personalidades representavam o interesse de figuras políticas da cidade. A violência policial costumava recair sobre as camadas populares e suas práticas. Em 1917, a *Gazeta de Notícias* expõe a ideia levantada pelo major Carlos Reis e reiterada pelo seu chefe Aurelino Leal, de organizar um grupo de policiais para combater os “amigos dos alheios”, indivíduos que praticavam crime, principalmente furtos e roubos, na zona suburbana³⁰³. No entanto, o periódico manifesta críticas

²⁹⁸ Revista Contemporânea (RJ), 1918, ed.00026, p.16.

²⁹⁹ Gazeta de Notícias, 1914, ed.00320, p.1.

³⁰⁰ Correio da Manhã, 1916, ed.06359, p.3.

³⁰¹ Correio da Manhã, 1916, ed.06359, p.3.

³⁰² Correio da Manhã, 1917, ed.06828, p.4.

³⁰³ Gazeta de Notícias, 1917, ed.00032, p.2.

utilizando como exemplo um episódio anterior a este, que pouco resultado obteve, sendo apenas praticadas “as mais clamorosas violências”. O periódico ressalta que “os xadrezes, principalmente o do 4º distrito, ficaram repletos de gente trabalhadora e honesta, enquanto os ladrões, os caftens e os assassinos, viviam à solta, alguns até auxiliando o chefe da turma”, ou seja, a polícia³⁰⁴.

A repressão se apresentava de forma intensa contra os indivíduos das camadas populares. Por isso, a perseguição ao jogo nas ruas se apresenta como mais uma forma de cercear os indivíduos menos abastados. O futebol não era tido como o real problema pela grande imprensa e sim, os jovens e meninos que insistiam em sua prática. Mais do que a ameaça às casas, estava o sentido que a elite havia atribuído ao jogo e que vinha sendo deturpado a partir de sua rápida popularização. A *Revista Contemporânea* teve uma curta duração na cidade do Rio de Janeiro, porém possuiu como colaboradores importantes cronistas, dentre eles, Lima Barreto. Barreto não possuía apreço pelo esporte bretão, a ponto de fundar junto a outros literatos uma “Liga Contra o Foot-ball” em 1919³⁰⁵. O literato enxergava os grandes clubes da cidade como sendo “portadores de uma pretensão absurda, de classe, de raça, etc.”, ou seja, como responsáveis por perpetrar mais distinções³⁰⁶.

Observa-se, então, como o colaborador da revista apresenta a preocupação em estabelecer uma crítica social relacionada à repressão ao jogo. Apesar da ausência do nome do autor responsável por redigir a coluna na então *Revista Contemporânea*, existe a possibilidade de ter sido feita por Lima Barreto e, não apenas pela sua aversão ao futebol ou devido ao seu antagonismo com Coelho Netto, que se colocava como um entusiasta do esporte³⁰⁷. Mas, porque as crônicas de Lima costumavam se destacar pelo teor crítico, tanto relacionada às questões políticas quanto sociais. Esses temas, tão tocantes a Lima Barreto, podem ser identificados na crítica publicada no jornal *A Noite*.

O autor, responsável por escrevê-la, consegue perceber na repressão da polícia e na narrativa presente no *A Noite*, a intenção de tornar o jogo prática restrita às camadas abastadas. Quando se busca apenas reprimir sem levar em consideração o direito ao lazer e à cidade, há o interesse de tornar não só o futebol, mas também de fazer da capital, monopólio das elites. Como a própria coluna da *Revista Contemporânea* evidencia, é a

³⁰⁴ Gazeta de Notícias, 1917, ed.00032, p.2.

³⁰⁵ PEREIRA, 2000, p.204.

³⁰⁶ Ibid., p.213.

³⁰⁷ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. O futebol suburbano e as inspirações de Lima Barreto: representações e tensões. Recorde, Rio de Janeiro, v.12, n.1, 2019, p.8.

ausência de ambientes públicos para o lazer na cidade, que tornavam as ruas atraentes para a execução dos *matches*. À medida que as opções de lazer das elites cariocas na cidade aumentavam, as práticas populares, por não possuir lugares apropriados para exercê-las, recorriam à clandestinidade³⁰⁸.

O “Caso da rua Soares” demonstra a mesma tentativa em estabelecer contradições, mesmo que de forma mais sutil. Além disso, expõe de forma clara as dificuldades que tanto os periódicos quanto as autoridades policiais encontraram nas buscas por coibir a prática do futebol. É necessário enfatizar que, mesmo havendo um claro interesse em impor às camadas populares hábitos e valores que se enquadravam às noções de moralidade por parte de um grupo abastado, essas investidas encontraram resistência, o que permitiu que práticas consideradas inapropriadas para uma cidade civilizada, se mantivessem no cotidiano dos populares. Sidney Chalhoub menciona o agir de alguns donos de botequins que mediante às tentativas de controle do principal espaço de sociabilidade entre trabalhadores homens, destacou o nível de entendimento destes grupos diante da própria investida policial que os conduziu a combinar resistência e submissão para “obstaculizar, ou pelo menos moderar, a ação policial”³⁰⁹.

Os jogadores, uma vez cassada a licença, tentam invadir a residência de uma família moradora nessa rua.

O “foot-ball” nas ruas. Há dias publicámos uma nota contra o modo por que este sport, aliás utilíssimo, era cultivado entre nós, jogado livremente por todos os recantos da cidade, nos lugares os mais impróprios, com um evidente desrespeito pelas posturas municipais.

Não somos contra tão útil sport. Procuramos apenas cooperar para pôr termo a uma série de inconvenientes provindos desse jogo sportivo em lugares não adequados as suas exigências como, por exemplo, o meio da rua. Citámos, então, o facto da rua Soares, onde em um pequeníssimo terreno, ali existente, um grupo de vagabundos se entregava, quase diariamente, ao jogo de “foot-ball”, provocando na rua estreitíssima uma série de incidentes desagradabilíssimos.

Houve um protesto coletivo das famílias ali moradoras – que a nossa nota registrara. Mas os jogadores conseguiram a proteção indecorosa de um deputado, que naturalmente os conta entre o número dos seus votantes – o que. Aliás não abona muito o seu elemento eleitoral, pois são verdadeiros vagabundos, e voltaram a jogar o “foot-ball”³¹⁰.

308 HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, p.19.

309 CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012, p.269-270.

310 Gazeta de Notícias, 1915, ed. 00096, p.3.

Na continuação do “Caso da rua Soares”, na edição do dia 5 de abril de 1915, é possível observar que o conflito ganhara um destaque maior. Ao contrário da primeira publicação, nesta o jornal preocupa-se em destacar o conflito ao dar a ele letras maiores, separando-o das demais notícias. Contudo, logo no subtítulo dado pelo jornal, os jogadores aparecem não apenas como “vagabundos”, mas são colocados também como perigosos. Com o intuito de reafirmar a importância do esporte e descaracterizar o praticado na rua Soares, mais uma vez a *Gazeta* se refere ao futebol não apenas como “útil”, mas desta vez “utilíssimo”. A vantagem da prática, no entanto, é deturpada quando “jogada livremente por todo recanto da cidade”. No entanto, a prática aparentava ser inoportuna não apenas para o periódico, mas também para os residentes da rua.

Conforme o jornal, o grande número de famílias, sendo “todos moradores da rua Soares”, tornava importante uma maior atenção por parte da polícia³¹¹. Logo, ainda que seja difícil definir com precisão o quanto a prática havia se tornado um estorvo para os moradores da rua, indicando o número de pessoas responsáveis por efetuarem a reclamação. É importante ressaltar que o jogo estava sendo manifesto por pessoas que também residiam no mesmo logradouro, como vai apontar a continuação do caso. Logo, o jogo de futebol nas ruas permite observar a vigência de conflitos, não apenas em torno dos sentidos do esporte, mas também do próprio uso das ruas. E, como as representações em torno do uso da cidade, não se restringia apenas às elites, pois a rua Soares aparentemente demonstrava ser ocupada por camadas menos abastadas, que talvez se destacassem por possuir um pouco de privilégios em detrimento de outros indivíduos.

Assim como o caso da rua Soares, a prática do futebol na rua da Alfândega, exposta pelo *Correio da Manhã*, em 1916³¹², também apresenta um conflito em torno do uso dos espaços. Em ambos, são mencionados os costumes como forma de obstaculizar a prática, colocando-a como algo que não cabia em uma cidade que vinha se modernizando. O cronista do *Correio da Manhã* menciona que as consequências do jogo eram “quadros que não recomendam os nossos costumes, e ainda menos a nossa civilização”³¹³. Logo, ao se dirigir à prática do futebol nas ruas, como algo contrário aos “nossos costumes”, é preciso enfatizar que estes “costumes” elucidados pelo jornal,

³¹¹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00090, p.2.

³¹² *Correio da Manhã*, 1916, ed. 06207, p.4.

³¹³ *Correio da Manhã*, 1916, ed.06207, p.4.

faziam parte de condutas elaboradas por um grupo específico na sociedade, que buscava legitimar e as naturalizar.

Levando em consideração os populares, a prática do lúdico em espaços públicos não se apresentava como algo incomum, o jogo de futebol se constituía como mais um dentre outras práticas manifestadas nas ruas. No entanto, ao levar em consideração a prática na Alfândega, atenta-se para o jogo sendo comum inclusive entre os indivíduos que ali moravam, afastando-se do perfil que o próprio periódico havia atribuído. Tendo em vista que o próprio jornal, em uma edição seguinte, esclarece que o futebol praticado no logradouro era feito por meninos que residiam ali. Segundo o periódico, o sr. Manoel Miranda Outeiro teria declarado que a reclamação relacionada ao futebol, não tinha razão de ser, por não se tratar de “menores vagabundos e sim de alguns meninos das famílias da vizinhança”³¹⁴. O conhecimento do impresso sobre quem seriam os meninos, é suficiente para atenuar a narrativa sobre o acontecimento.

A modernidade vai fazer com que práticas antes toleradas, passem a contrastar com as novas orientações que buscavam estabelecer na capital. Desta forma, a diversidade que constituía a cidade, torna as interpretações sobre o futebol também diversas. Outro aspecto importante é a presença do termo “desordeiro”³¹⁵, comum também na referência aos jogadores. Durante o período republicano e o crescimento das áreas urbanas, a “ordem” tornou-se tema recorrente e importante entre as elites locais, difundindo-se inclusive, para outras camadas sociais. Na realidade, o aumento das cidades durante o século XVIII, em países europeus, e o processo de industrialização, alterando o cotidiano dos homens, torna o ordenamento urbano tema importante para a burguesia. Como menciona Robert Storch, sobre o policiamento na Era Vitoriana, a polícia foi projetada como um instrumento da disciplina urbana³¹⁶. E, o interessante, é que o foco principal da polícia, como destaca o autor, não era a criminalidade, mas sim as antigas práticas populares³¹⁷. É necessário levar em consideração que o papel da polícia no Rio de Janeiro, segue lógica semelhante à da polícia nas principais metrópoles europeias.

A ausência do termo “desordeiros” nas reclamações envolvendo a rua Soares, não significa que este aspecto da “ordem” não seja considerado. Pois, como menciona Gizlene

³¹⁴ Correio da Manhã, 1916, ed.06208, p.4.

³¹⁵ Correio da Manhã, 1916, ed.06207, p.4.

³¹⁶ STORCH, Robert D. O policiamento do Cotidiano na Cidade Vitoriana. Ver. Bras. de Hist., São Paulo, v.8/9, n.5, 1985, p.9.

³¹⁷ STORCH, 1985, p.9.

Neder, as fronteiras entre “ordem” e “desordem”, haviam ganhado espaço no imaginário social e político³¹⁸. Portanto, os “incidentes desagradabilíssimos” colocados pelo periódico, apresentava uma perturbação no ordenamento do local, gerando a necessidade de recorrer às autoridades policiais. No entanto, as motivações em torno do futebol na rua Soares, parecem ser distintas. Para os moradores, o que aparenta estar em jogo é como a rua vinha sendo utilizada. De fato, a prática ali deveria proporcionar incômodos, principalmente, levando em consideração a infraestrutura da rua, como destaca alguns jornais. Ou seja, havia um conflito se o terreno era ou não próprio para o jogo. Enquanto para os não apreciadores da prática, que residiam na rua, o futebol se apresentou como um problema. Para os residentes que insistiam no jogo, a rua se apresentava como um lugar adequado a ponto de fundarem um clube.

Em contrapartida, o interesse do periódico sobre o caso aparenta estar relacionado a dois aspectos importantes. Primeiro, os sentidos em torno do próprio futebol, que estaria em disputa através da popularização do esporte e sua execução que se estendia pelas mais diversas regiões e o envolvimento de um deputado com os jogadores, que se apresentou como um fator importante de reação diante às investidas sobre o jogo. A política oferece aos jogadores alternativas de manter a prática na rua mesmo com os esforços de coibi-la, pois além de deputado, o Sr. Nicanor do Nascimento também era advogado. Ou seja, a falta de temor por parte dos jogadores, de acordo com o jornal, estaria relacionada à aproximação destes com o deputado. Havia nesta relação uma troca de favores, o lazer encontrava-se preservado, assim como o eleitorado do então deputado, segundo o periódico.

Pensando nos jogadores, é importante observar os recursos utilizados para manter o direito em executar a prática na rua. Os diversos empecilhos empregues em torno do futebol, não impossibilitaram que este chegasse entre os menos abastados, e tão pouco, impediu que alcançasse as ruas. A repressão que se estende às práticas populares, o jogo do bicho, a capoeira e o entrudo, sustentada por diferentes discursos. Dentre eles, o de que negros e pobres não seriam desenvolvidos moralmente para usufruir das mesmas regalias que os mais privilegiados³¹⁹. Fazendo-se necessário haver controle em suas

³¹⁸ NEDER, Gizlene. **Cidade, Identidade e Exclusão Social. Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 106-134, fev. 1997, p.9.

³¹⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.105.

práticas, pois o lúdico não deveria agir apenas como prazer, mas prepará-los para o trabalho e produção³²⁰. Não foi capaz de interromper o uso dos espaços públicos para a manifestação do lazer. A postura dos jogadores da rua Soares, só evidencia o quanto esses indivíduos estão participando da construção da cidade e, a importância que o esporte estava adquirindo na cidade. Pois, mesmo que houvesse um código de posturas estabelecido que pretendia cercar suas tradições, as camadas populares dentro das possibilidades as mantinham.

Na rua Soares, a partir da revista *A Rua: Seminário Ilustrado*, é possível observar como o futebol não se apresentava como a única diversão dos moradores do logradouro. Outras práticas se apresentavam como problemáticas, pois reunia um grupo de “vagabundos e desocupados”, como explicita o impresso. Na notícia exposta, em 1914, seria o Sr. Durval Pereira da Vilva, o responsável por queixar-se de homens jogando o “monte” e o “sete meio”, duas práticas relacionadas a jogos de azar³²¹. Aqui, segundo o periódico, o delegado Sr. Cide Braune não se demonstrava importar com as práticas. Ou seja, a rua Soares se apresenta como um importante espaço de sociabilidade para parte dos moradores. É possível observar que não havia um consenso entre os seus residentes sobre como os espaços deviam ser partilhados. No entanto, se os jogos de azar incomodavam, pois reunia um grupo de populares, quem dirá o futebol. Esporte esse que carecia de um grande contingente de jogadores.

Generalizada, como está, no Rio, mania do foot-ball, enquanto as mocinhas por toda a parte torcem, para melhor se habituarem torcer a hora do match, a petizada vai se exercitando com o jogo da bola, por toda a parte. Rara é a rua que não tenha o seu grupo de jogadores de foot-ball, a despeito das ordens severas da polícia. Ainda ontem, na rua Capitão Salomão, em Botafogo, um grupo de rapazes jogava o foot-ball, quando se aproximava, a pedalar, numa bicicleta o fiscal da guarda civil Luiz de Oliveira, que reparando no grupo, procurou debandar os rapazes, fugindo quase todos. Mas o menor Ulysses Vianna, de 13 anos, residente á rua Visconde de Caravellas n.89, entendeu desobedecer a ordem, sendo, então, perseguido pelo fiscal da guarda civil. Munidos de uma pedra, Ulysses alvejou o fiscal, motivando a queda do policial, abaixo de sua bicicleta. Com o tombo, o fiscal se feriu bastante, e Ulysses, aproveitando a circunstância, fugiu [...]³²²

³²⁰ MAGALHÃES, Felipe dos Santos. **Ganhou, leva ... do vale o impresso ao vale o escrito**: uma história social do jogo do bicho no rio de janeiro (1890-1960). 2005. 186 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, p. 41

³²¹ *A Rua: Semanário Ilustrado*, 1914, ed.00240, p.4.

³²² O Paiz, 1919, ed.12853, p.5.

Se na rua Soares, os jogadores utilizaram a relação de proximidade com o Sr. Nicanor do Nascimento. Em Botafogo, o menor Ulysses Vianna reage utilizando-se de um recurso violento, como retrata alguns periódicos. É importante observar o envolvimento que se estabelece de crianças com a prática do futebol nas ruas, levando-as também a resistir às investidas policiais. Entretanto, é importante ponderar o termo “resistência”, que de acordo com Victor Andrade de Melo, é usado com frequência em paralelo com temas relacionados ao lazer. Quando não este, costuma-se pontuar a dominação atrelada às manifestações culturais ou de massa. O futebol não se desvincula deste princípio, é normalmente pensado a partir do ponto da dominação ou alienação das camadas populares. Para o autor, é importante pensar que na experiência cultural a resistência e contrarresistência, caminham sempre de forma conjunta³²³.

No entanto, faz-se necessário refletir sobre resistência não apenas com um teor político, ainda que, o ato de resistir em si o seja, mas como um ato com certo grau de irracionalidade. Principalmente, quando se pensa na prática do futebol nas ruas comum também às crianças. Há possibilidade de que muitos dos meninos que o praticavam, mesmo em meio ao controle e perseguição, não tivessem total compreensão de suas ações, de que ao insistir no jogo estariam contribuindo não só para popularização do esporte, mas também modificando os sentidos entorno do futebol e reafirmando outras formas de se utilizar os espaços. No caso da rua Soares, a maior parte dos envolvidos aparentam ser maiores, de acordo com o discurso, ou seja, adultos. No entanto, a maioria das reclamações envolvendo a prática do futebol pelas ruas da cidade, são os “moleques vadios” ou “menores vagabundos” que aparecem como sendo os motivadores da desordem.

A ausência de alguns desses termos para caracterizar esses jovens, gera certa curiosidade em entender quem são. Principalmente, o menor Ulysses Vianna, responsável por agredir o guarda civil³²⁴. Por bem menos, os indivíduos que insistiam na prática eram caracterizados com rispidez pelos jornais, algo que não ocorre nas descrições do caso em Botafogo. É provável que o conhecimento dos periódicos sobre quem era o menino e aonde este residia, pertencendo também ao bairro de Botafogo, tenha coibido as narrativas em torno do menor. É interessante observar como os discursos, no entanto, variam entre os periódicos. Tanto *O Paiz* como *O Jornal* colocam a prática do futebol na rua Capitão

³²³ MELO, Victor Andrade de. *Lazer e Minorias Sociais*. São Paulo: IBRASA, 2003, p.55.

³²⁴ *O Paiz*, 1919, ed.12853, p.5.

Salomão, como sendo algo coletivo, estando presente não apenas o menor, mas outros rapazes. O periódico *O Jornal*, por exemplo, ao se referir ao mesmo episódio ocorrido em Botafogo, afirma que havia uma “grande quantidade de menores” que se divertiam praticando o futebol³²⁵. Entretanto, o jornal *A Razão* tal como o *Correio da Manhã* apresentam Ulysses Vianna como sendo o único a estar no logradouro, seja jogando bola como destaca o *Correio da Manhã*³²⁶ ou estando, simplesmente, “jogando pedras em quem passava”³²⁷.

A reação do jovem pode ser entendida, a partir das ações que o fiscal Luiz de Oliveira vinha desempenhando contra a prática do jogo no bairro de Botafogo. No jornal *O Imparcial*, na coluna referente as ações da guarda civil na cidade, o então fiscal teria apreendido duas bolas de borracha, nas ruas Fernandes Guimarães e Oliveira Fausto, aonde “diversos menores se divertiam em jogar football”³²⁸. A apreensão ocorrida deu-se quatro meses antes do incidente da pedrada, mas ajuda a considerar a provável inquietação que havia entre os meninos que insistiam em jogar bola nas ruas do bairro. Entretanto, o futebol como lazer havia se estabelecido a tal ponto, que levou os jogadores a reagirem às diferentes tentativas de cercear o jogo. Seja a partir da apreensão de bolas, tachando o jogo como uma prática danosa e incivilizada ou estabelecendo um “serviço especial para a repressão do denominado jogo de football”³²⁹.

A ação dos rapazes envolvidos com o jogo na rua Soares foi mais uma forma encontrada de burlar não apenas a investida da polícia, mas também a dos moradores e do próprio periódico. O jornalista, ao relatar o caso, menciona que a licença havia sido cassada. Logo, se existia licença é porque a prática não era tão incorreta assim. Na realidade, a informação de que havia licença, demonstrava que o jogo era praticado por um clube e não jogado aleatoriamente nas ruas. Mas, para se obter licença era necessário que o clube obtivesse autorização da Secretaria de Polícia do Distrito Federal e seguisse os critérios definidos pelo chefe de polícia e não eram critérios de fácil aplicação. Em uma sociedade marcada pela desigualdade racial, assim como econômica, é possível deduzir a existência de uma dificuldade maior por parte de clubes suburbanos em obter autorização para seu funcionamento, do que àqueles frequentados pela alta sociedade.

³²⁵ *O Jornal*, 1919, ed. 00187, p.4.

³²⁶ *Correio da Manhã*, 1919, ed. 07599, p.4.

³²⁷ *A Razão*, 1919, ed. 01090, p.5.

³²⁸ *O Imparcial*, 1919, ed. A01348, p.8.

³²⁹ *A Noite*, 1919, ed. 02664, p.1.

Nei Santos Junior, por exemplo, em seu estudo a respeito do lazer no subúrbio, e focando principalmente, em clubes carnavalescos, observa um maior rigor por parte do chefe de polícia sobre os clubes de caráter mais popular, pois seriam estes que vinham crescendo e se espalhando pela sociedade³³⁰. Além disso, havia todo o estigma que acompanhava os indivíduos que frequentavam estes ambientes, sendo vistos como violentos e mais propensos ao vício do jogo. Logo, ambientes voltados para os populares, recebiam uma maior atenção por parte das autoridades, ficando estes suscetíveis a perder sua licença a qualquer momento. Observa-se, a partir do caso da rua Soares, como o futebol praticado por esses clubes pequenos viviam sobre hostilidades, sobre uma linha tênue entre o futebol admitido e o inaceitável. Qualquer atitude considerada como inapropriada e que fugisse do que era considerado moralmente aceitável, tornava o futebol praticado pelo clube suburbano, semelhante ao jogado nas ruas da cidade.

Algo importante destacado pelo *O Paiz*, além de chamar a atenção para a prática recorrente entre a “petizada” na cidade, foi a participação das “mocinhas”³³¹, que estariam envolvidas com a prática recorrente do jogo nas ruas, aprimorando seu ato de torcer. Assim como a prática do futebol nas ruas vinha sendo importante para atribuir novos sentidos ao esporte e à cidade, possibilitando que o jogo se aproximasse de grupos distintos, que não tinham a possibilidade de se associarem a clubes, ou mesmo que o tivessem, podiam recorrer aos espaços públicos para ampliar alternativas para executar o jogo. A presença da mulher, ainda que restrita a certos espaços, também é importante para que uma nova relação com o futebol se firmasse. Deve-se enfatizar que essas mulheres, já nos primeiros momentos do esporte na cidade, estavam ocupando os ambientes esportivos. O que para alguns cronistas e jornalistas estaria relacionado apenas com o interesse dessas mulheres em praticar o *flirt*, hoje conhecido por flerte, relacionado ao jogo da sedução que costumava ocorrer nos *grounds*. Na realidade, representa a relação que essas moças vinham construindo com o esporte, a ponto de em 1918 haver concurso para eleger a torcedora mais apaixonada na revista *Jornal das Moças*³³².

Nicolau Sevcenko menciona que, ao mesmo tempo que os homens presenciavam mudanças em seu comportamento, as moças também passaram a se entregar as mesmas

³³⁰ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **Vida divertida suburbana**: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). 2017. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, p. 140.

³³¹ *O Paiz*, 1919, ed.12853, p.5.

³³² *Jornal das Moças*, 1918, ed. 00144, p.16.

transformações, “as moças aderiram com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos”³³³. Ou seja, a figura feminina vinha também incorporando algumas modalidades esportivas ao seu cotidiano, sendo possível perceber o envolvimento de mulheres com alguns clubes da cidade, no sentido de se reafirmarem como torcedoras. Na revista *Jornal das Moças*, por exemplo, voltada para o público feminino, mas que tinha como fundadores Álvaro Menezes (diretor e redator) e Agostinho Menezes (diretor responsável)³³⁴, é possível observar a partir da recorrência de determinados temas, àquilo que vinha despertando interesse do público leitor.

Em vista disso, identifica-se o futebol como algo de interesse não apenas para homens, mas também para mulheres. Mesmo o impresso se restringindo a um grupo específico de mulheres, sendo estas em suma maioria pertencentes às elites. É possível deslocar o olhar sobre o envolvimento da mulher com o futebol, como uma mera acompanhante dos *sportsman*. A revista ao expor em suas páginas versos criados por um grupo de torcedoras, intitulado “bloco do América”³³⁵, demonstra que o futebol vinha também despertando sentimentos nos mais diversos habitantes da cidade.

Logo, o fato da popularização do esporte estar com frequência associada apenas à figura masculina, não significa que a mulher não se apresente como importante neste processo. Olhar para as arquibancadas permitem observar uma atuação incipiente da figura feminina no esporte, até mesmo, porque os principais clubes da cidade eram ambientes privados, frequentados pelas famílias pertencentes à alta sociedade. Pensar a prática do futebol nas ruas, se torna importante para perceber outros indivíduos nesse processo, inclusive outros tipos de mulheres que poderiam estar se relacionando com a prática.

Então, os moradores da rua Soares, fizeram sentir pessoalmente ao Dr. Osorio de Almeida, ativo 2º delegado auxiliar, a inconveniência da continuação deste abuso. Ontem, felizmente, o Dr. Osorio de Almeida, compreendendo quanto era justa a reclamação, cassou a licença que dera para o jogo ali. Deu-se, então, um facto, desagradável: os jogadores pretenderam invadir a residência de um dos moradores, que, certo, foi o que mais se esforçara para pôr termo ao abuso praticado na rua Soares, pela tal malta de vagabundos. Felizmente, no momento, o comissário Demócrito providenciou cabalmente, evitando, assim, maiores desatinos da parte dos

³³³ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.49.

³³⁴ SOARES, Diego; SILVA, Ursula. *O jornal das moças: uma narrativa ilustradas das mulheres de 30 a 50 e sua passagem por pelotas na década. XVII Seminário de História da Arte*, UFPel, 2013.

³³⁵ *Jornal das Moças*, 1916, ed. 00087, p.29.

assaltantes. Diante disso, á polícia cabe tomar providencias enérgicas contra esse inqualificável procedimento dos desclassificados, que vendo-se tolhidos de continuar um jogo que evidentemente constituía um desrespeito ás posturas municipais, tentam, arrogantemente, tomar um desforço, assaltando a residência de uma família cujo chefe procurou terminar de uma vez para sempre com um costume que, dia a dia, ia ameaçando tornar-se um perigo, pelo pouco caso que os jogadores de “foot-ball”, da rua Soares, ligavam as mais justas reclamações dos seus moradores³³⁶.

Segundo a *Gazeta de Notícias*, a aproximação dos jogadores com o deputado não teria sido a única ação dos jogadores frente à ofensiva da polícia e dos moradores. A partir da narrativa exposta pelo jornal, os jogadores também usufruíram da violência com o intuito de reagir aos responsáveis pelas queixas. Até o momento, não é possível discernir em que parte do discurso do jornal há excessos ou não. No entanto, a forma como foi descrita apresenta os jogadores não só como desordeiros, mas também violentos. Logo, o que seriam apenas jogadores no início do conflito, tornam-se para o periódico “assaltantes”. Os indivíduos que insistiam nas atividades lúdicas no espaço urbano, praticando o que seria contrário ao “lazer fino”, não precisavam de muito para se aproximar do que seria o “mau cidadão”, vistos como obstáculos para o desenvolver da nação³³⁷.

Sidney Chalhoub evidencia o conceito de “classes perigosas”, que estaria relacionado diretamente com a condição social³³⁸. Ser pobre havia se tornado o mesmo que ser vicioso, contra o trabalho, ou seja, mais propenso ao crime. Observa-se que as elites intelectuais junto à imprensa concebem dois tipos de cidadão, um “bom” e um “mau”. O “bom cidadão”, como cita o autor, estaria relacionado ao gosto pelo trabalho, o que proporcionaria uma posição privilegiada³³⁹, ou seja, da mesma forma que a própria sociedade passa a ser classificada, com o intuito de facilitar um maior controle, estabelecendo claramente quem precisaria de uma maior atenção. Como destacam Micael Herschmann e Kátia Lerner, se estabelece o lazer fino e o lazer pobre, o permitido e o proibido³⁴⁰. E a forma como essas práticas vão ser exercidas, é o que define de fato aonde

³³⁶ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00096, p.3.

³³⁷ HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. *Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, p.25.

³³⁸ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.22.

³³⁹ *Ibid*, p.22.

³⁴⁰ HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. *Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, p.18.

elas se enquadram. A prática do futebol nas ruas já exprimia a qual grupo esses jogadores pertenciam, tornando suficiente para caracterizá-los como um problema.

A menção ao desrespeito às posturas municipais estaria relacionada à proibição de certas condutas no espaço urbano. Dentro do código de posturas vigente não havia nenhuma menção à prática do futebol, no entanto, a reunião de diversos indivíduos em um mesmo espaço para jogar uma “pelada”, acabava transgredindo algumas regras. Nas posturas municipais de 1889, por exemplo, foi proibido “fazer vozerias, alaridos e dar gritos nas ruas, a não ser por motivo de necessidade indeclinável ou para chamar socorro(...)”³⁴¹. Em 1903, no Regulamento do Serviço Policial do Distrito Federal, algumas disposições também permitem observar quais eram os critérios utilizados para a perseguição ao jogo. Ao exibir em quais casos a guarda civil deveria conduzir os indivíduos à delegacia, menciona-se “os que estiverem a jogar em qualquer lugar público ou considerado como tal”³⁴².

Ao mencionar o ato de “jogar em qualquer lugar público”, mesmo havendo uma correlação quase direta com os jogos de azar e o entrudo, práticas criminalizadas em 1890, abre-se a possibilidade para que outros jogos realizados em espaços públicos, também pudessem ser coibidos. Além disso, a preocupação com as “vozerias” destacada pelo código de posturas³⁴³, também permitia sua utilização como critério para impedir o futebol. Ao contrário de outras práticas lúdicas, que podiam ser praticadas com um número reduzido de pessoas. O futebol passou a reunir em um mesmo espaço vários homens e meninos.

Por consequência, durante os momentos de euforia da prática, podia motivar não apenas gritos e palavras “obscenas”, como destacam alguns jornais, mas também, atos violentos, seja como consequência do jogo ou como reação a interferências externas, como ocorreu no caso do jovem Ulysses Vianna³⁴⁴. Essa forma de se praticar o jogo vinha aplicando uma nova forma de se exercer o futebol. O esporte nas ruas, o futebol exercido pelas camadas populares, fora dos ambientes privados, ainda que submetidos às regras básicas do esporte, não possuíam obrigação de colocar em prática o tal *fair play*, se é que os meninos acostumados a jogar, sabiam o significado de tal termo inglês.

³⁴¹ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, BR RJAGCRJ.CM.POM.3.4.004.

³⁴² Ibid.

³⁴³ Ibid.

³⁴⁴ O Paiz, 1919, ed.12853, p.5.

Ao ignorar regras importadas pelos principais clubes da cidade e estabelecidas como importantes, o futebol nas ruas tornou-se um problema para o ordenamento da cidade. O jogo passou a evidenciar tanto os indivíduos considerados “indesejáveis”, assim como práticas e atitudes tidas como impróprias. Insistir em uma prática que vinha despertando a atenção das autoridades e da imprensa, demonstra a força social que o futebol estava adquirindo em diferentes regiões da cidade. O futebol nas ruas não se desenrolava apenas nos subúrbios da cidade, mas também no centro da cidade, assim como em bairros que, ao longo do século XX, vão aos poucos se destacando pela condição social privilegiada de seus moradores.

O Dr. chefe de polícia, por ato de 12 do corrente, resolveu suspender por 5 dias o comissário Eduardo Rocha, do 10º distrito policial, removendo-o ainda deste distrito para o 17º. Este ato prende-se diretamente no caso do “foot-ball”, jogado a rua Soares, com protesto dos moradores e do qual tratamos aqui detalhadamente. Mas envolve este ato uma flagrante injustiça que nos admira tenha partido diretamente do Dr. Aurelino Leal, tão criterioso na sua maneira de agir, sem que houvesse feito um inquérito e sem que fosse mesmo ouvido o delegado. Tanto mais que correm ainda notas que o comissário Rocha agiu como particular, no caso que vamos lembrar, para que o Dr. chefe de Polícia sinta bem o modo inesperado por que agiu. Certo, o comissário Rocha, diante do assalto, por uma horda de desocupados, a residência de seu pai, coronel Joaquim Rocha, não podia ser indiferente ao violento ato dos “foot-ballers”. E, depois, não foi o comissário Rocha quem invadiu a casa do número 50, e sim seu colega Demócrito (...) ³⁴⁵.

Na continuação do caso, exposta na edição de 14 de abril, é possível observar o grande número de personagens envolvidos no conflito da rua Soares. Além dos jogadores, havia uma grande participação de policiais, que de acordo com o jornal, também residiam na rua. Um dos principais reclamantes sobre a prática do futebol nas ruas, como vai destacar o periódico, era o coronel Joaquim Rocha, indivíduo que teria tido não apenas sua casa invadida, mas sofrido agressões. Nesta narrativa da *Gazeta de Notícias*, o jornal deixa clara a sua posição em relação não apenas à prática nas ruas, mas aos jogadores e ao advogado Nicanor do Nascimento. O impresso manifesta sua insatisfação no que diz respeito à postura dos policiais, mais especificamente à do Dr. Aurelino Leal. O então chefe de polícia, que até o momento em questão, não havia sofrido críticas pelo jornal,

³⁴⁵ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00104, p.2.

tem sua ação questionada. Isso, porque o mesmo teria punido o filho do coronel Rocha, ao invés do jogador que, supostamente, teria invadido a casa de seu pai.

Contudo, a *Gazeta* coloca-se como a favor da reação do comissário Rocha e seu amigo Demócrito que teriam reagido à investida dos jogadores frente à perda da licença. O jornal ao expor o conflito, denota o quanto a cidade vinha sendo construída a partir de uma série de tensões. A prática do futebol na rua Soares se apresenta como o cerne de diferentes disputadas que já vinham sendo manifestas na cidade. Mesmo entre indivíduos que, aparentemente, pertenciam ao mesmo grupo social, é possível observar divergências sobre o esporte e o uso das ruas. Ainda que o esporte viesse aos poucos se demonstrando popular, este esteve longe de agradar a todos. Mesmo atualmente, com o futebol apresentando-se como atrativo a uma grande parcela da população na cidade, isso não significa que todos sentem apreço ou, ainda, que sintam o esporte de forma semelhante.

Na citação do caso acima é possível observar uma mudança na narrativa do jornal, que acentua a atitude dos jogadores em relação ao coronel Joaquim Rocha. Na edição anterior, o impresso mencionou que “os jogadores pretenderam invadir”³⁴⁶, mas ao que pareceu, o então comissário Demócrito conseguiu evitar tal ato. Contudo, na publicação posterior, os jogadores teriam não apenas invadido, mas agredido o morador da residência³⁴⁷. Com exceção do Dr. Aurelino Leal, as demais autoridades policiais envolvidas no ocorrido foram apresentadas como contrárias aos abusos dos jogadores. Por isso, foi justamente a posição do chefe da Polícia, que representou um incômodo ao impresso, uma “injustiça”.

No entanto, a surpresa do periódico em relação à atitude tomada por Aurelino Leal, demonstrava em parte uma confiança do jornalista pela figura da autoridade policial. Em contrapartida, em 1916, o mesmo impresso junto ao *Correio da Manhã*, haveria de mencionar um provável pedido do então deputado Irineu Machado ao chefe de polícia Aurelino Leal, para relaxar a prisão de bandidos³⁴⁸. É importante ponderar que os dois jornais se apresentavam como oposição ao governo vigente, colocavam-se como

³⁴⁶ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00096, p.3.

³⁴⁷ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00104, p.2.

³⁴⁸ OTTONI, Ana Vasconcelos. "O paraíso dos criminosos": imprensa, política e crimes na cidade do Rio de Janeiro durante as eleições do início do século XX. *Crítica Histórica*, Maceió, ano 9, n. 18, p. 220-257, dez. 2018, p.248.

preocupados com a moralização do sistema eleitoral, o que não significava ausência de interesses políticos.

A crítica estabelecida por ambos os periódicos, normalmente, carregava consigo interesse pela oposição³⁴⁹. No entanto, tais atitudes eram comuns na cidade. A ação dos indivíduos responsáveis por policiar a cidade, costumava variar mediante às questões políticas, principalmente, próximo às eleições na cidade³⁵⁰. Daniel José Eduardo em seu trabalho sobre o processo eleitoral na cidade do Rio de Janeiro, visando entender a participação de “pessoas comuns” dentro deste emaranhado de conflitos, menciona Lima Barreto em sua obra *Numa e Ninfa*³⁵¹.

Em relação à obra, o autor destaca a afirmação que o cronista fez sobre o fato de que a política era discutida em diversos âmbitos, cabendo aos “doutores, coronéis e militares” a definição dos rumos políticos³⁵². O interesse em libertar bandidos, como pondera o jornal, se vinculava aos crimes eleitorais que ocorriam na cidade, aonde estes homens detidos se apresentavam como importantes no processo de fraude e violência que marcava os pleitos na cidade. No entanto, para que a cidade viesse seguir os rumos desejados por um grupo, era preciso não apenas influenciar as eleições, mas sim o cotidiano da população, o que não ocorria de maneira eficaz. As camadas populares, dentro das possibilidades, vinham se apropriando dos espaços e de hábitos, incorporando novas representações.

(...) Foi no domingo, 4 do corrente, que por ordem do Dr. Osorio de Almeida Filho, e em atenção as várias reclamações dos moradores da rua Soares, em S. Cristóvão, foi proibido o jogo de “foot-ball” que constituiu o divertimento de uma porção de desocupados, com flagrante prejuízo das vidraças das casas e das “bitaculas” dos habitantes destas. Esta medida louvável, tomada pela autoridade da 2 auxiliar, foi colher de surpresa os desabusados “foot-ballers”, que, em momento de exacerbação, resolveram assaltar a casa do Sr. Joaquim Rocha e agredi-lo, desrespeitando a sua família, por julgarem-no o principal promotor da medida repressiva. Minutos antes a efetivação deste ato de ousadia, havia saído da casa assaltada, que é a de seu progenitor, o comissário Eduardo Rocha. Ainda na esquina da rua em questão, á espera de um bonde, o comissário

³⁴⁹ OTTONI, 2018, p.237.

³⁵⁰ Ibid., p. 243.

³⁵¹ EDUARDO, Daniel José. **Cidadãos e eleições na cidade do Rio de Janeiro da Primeira República: do "voto de cabresto" ao direito de ser eleitor**. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011. p.36.

³⁵² Ibid., p.36.

Eduardo Rocha assistiu ao avanço dos desclassificados, não trepidando em evitar o desatino. Isto fez o comissário Rocha como faria qualquer de nós e o próprio Dr. Aurelino Leal. A ação do comissário, porém, resumiu-se a debandar o grupo e mandar efetuar por uma praça da polícia a prisão do chefe do bando, um tal Arthur Rangel, que se homiziou em casa de uns de seus parentes residentes no n.50 da mesma rua Soares (...) ³⁵³

Acima o jornal se propõe a detalhar o que havia ocorrido de fato na rua Soares, para chamar a atenção do Dr. Aurelino Leal sobre sua decisão em punir o comissário Eduardo Rocha, filho do coronel Joaquim Rocha que teve sua casa invadida. Aqui, além do nome das autoridades policiais, o imprenso mencionou pela primeira vez algum dos jogadores, sendo este “um tal Arthur Rangel”. Havia sido Arthur Rangel, o mandante do grupo responsável por cometer atos violentos contra alguém que julgavam ser o responsável pelas atitudes repressivas ao jogo na rua. Como forma de menosprezar os jogadores, a *Gazeta de Notícias* em todas as edições coloca-os como sendo desocupados, ou seja, homens que não exerciam nenhum tipo de trabalho.

A motivação do periódico em detalhar, se concentra em convencer o então chefe da polícia a respeito de sua errada decisão diante da situação. Eram os jogadores que precisavam ser punidos, pois estes produziam a desordem e agiam de forma violenta, não os guardas. Essas narrativas sobre a prática do futebol nas ruas, vinculadas a tais atitudes violentas, reforçava a ideia de que o jogo praticado, em um lugar considerado inapropriado por parte dos moradores, representaria um risco. Um perigo não só para quem passava nas ruas ou residia nela, mas também para os próprios jogadores que se entregavam à “vagabundagem”.

O mesmo Dr. Osório de Almeida, delegado que, segundo o jornal, havia agido de forma correta ao proibir o jogo nas ruas, no ano seguinte ao episódio, aparece sendo criticado pela *Gazeta de Notícias*, sendo cobrado pelo mau policiamento da guarda civil nas casas de diversões ³⁵⁴. Conforme o periódico, os fiscais cobravam propina dos cambistas na porta dos teatros e, por isso, não agiam contra os mesmos ³⁵⁵. A notícia expunha o conhecimento do então delegado em relação ao proceder de seus subordinados,

³⁵³ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00104, p.2.

³⁵⁴ *Gazeta de Notícias*, 1916, ed.00292, p.3.

³⁵⁵ *Gazeta de Notícias*, 1916, ed.00292, p.3.

pressupondo a parceria do Dr. Osorio de Almeida, com os fiscais que vinham lucrando com os cambistas que ficavam localizados na porta dos teatros.

Além disso, a *Gazeta de Notícias* também destaca o nome do chefe da Guarda Civil, o major Carlos Reis, que havia sido procurado pelo fiscal denunciado ao jornal, para permanecer em seu posto³⁵⁶. Ou seja, a partir da aproximação entre cambistas e fiscais, incluindo delegados, as casas de diversões conseguiam burlar as ações da própria polícia. Enquanto, os jogadores da rua Soares se beneficiavam da proximidade com o deputado Nicanor do Nascimento para reivindicar a proibição da prática na rua Soares, outros espaços que também estariam sobre vigilância buscavam formas de manter-se em funcionamento. Observa-se então que os indivíduos sujeitos à perseguição, não estavam omissos ao que vinha ocorrendo na cidade.

A relevância que o futebol vinha adquirindo na cidade, faz com que outras questões se apresentem dentro de uma prática que, olhando de forma superficial, parece dispensável. A inserção do futebol na cidade do Rio de Janeiro, foi observado principalmente a partir da perspectiva dos clubes, de ambientes privados, que em suas atas proibiam o acesso ao jogo às camadas populares. Levando em consideração os discursos lineares a respeito do jogo, aparece os clubes do subúrbio que possibilitam a inserção do operário, negro e pobre. E, finalmente, estes mesmos homens conseguiriam ingressar nos grandes clubes. Ou seja, a prática só haveria se tornado comum aos populares, a partir da aprovação de outrem.

Porém, a popularização do esporte na cidade não deve ser pensada de forma gradual, ou seja, que sai das elites, chega aos clubes do subúrbio e por fim, às camadas populares no geral. Henrique dos Santos pensando o futebol na cidade de Salvador, pretende destacar a partir do seu artigo, as múltiplas formas pela qual o esporte vai se desenvolver³⁵⁷. O esporte chega às ruas sem que essas elites, dentro dos seus ambientes esportivos, tenham consentido com a presença de populares em seus times. Inclusive, Leonardo Pereira enfatiza os longos debates que se desenrolam, sobre a presença de clubes heterogêneos na mesma divisão que os grandes clubes da cidade na Liga Metropolitana. O autor cita o caso do Andarahy Football Club, que ao subir para a

³⁵⁶ *Gazeta de Notícias*, 1916, ed.00290, p.3.

³⁵⁷ SANTOS, Henrique Sena dos. "Desastres materiais, desordens morais": o "football de vagabundos" nas ruas de salvador, 1905-1920. **Recorde: História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-26, jun. 2012, p.4.

primeira divisão, passa a gerar desconforto nos clubes abastados da cidade, devido à presença de negros e operários no clube suburbano³⁵⁸.

Este incômodo gerado ocorreu em 1916, de acordo com Pereira. Ou seja, neste ano, o futebol nas ruas da cidade já vinha sendo considerado uma praga, algo incontrolável entre adultos ou meninos. Logo, o esporte não se populariza por permitirem seu acesso e muito menos ocorre de forma gradual, o jogo está sendo, ao mesmo tempo, disputado por diferentes grupos sociais. A busca por dificultar a presença de clubes do subúrbio na mesma divisão que os grandes clubes da cidade, demonstram que não havia nenhuma motivação por parte das elites em democratizar o acesso ao jogo.

As ruas apresentam-se como fundamentais para esses indivíduos, pois ali puderam exercer seu direito ao recente lazer. O jogo praticado nas ruas, aumentara ainda mais a relevância do esporte na cidade, pois passou a integrar ainda mais os indivíduos. Entretanto, é impossível que um esporte como tal, conseguisse passar despercebido nas ruas da cidade. O jogo passa a externar outras questões importantes, que também estão ajudando a conduzir os rumos da cidade. O futebol nas ruas, além de contrariar os sentidos que haviam lhe atribuído. Contrariava as noções de modernidade e civilização, pensadas pela República, que em muito se pautavam na ideia de ordem e disciplina, além de apresentar às disputas por poder na cidade, a partir da interferência de autoridades policiais, políticas e, dos próprios moradores e jogadores, que buscavam se reafirmar na rua Soares.

(...) O sr. Joaquim Rocha, por sua vez, fora ao distrito e obteve o comparecimento ao local do comissário de serviço, Dr. Democrito, que foi quem penetrou na casa em que se refugiara Arthur Rangel, para realizar a prisão. A intervenção do comissário Rocha não foi além do que acabamos de narrar. O que é verdade também, e o que o Dr. Aurelino Leal talvez não saiba, por lhe ter sido propositalmente ocultado, é ter somente Arthur Rangel comparecido á delegacia do distrito a noite acompanhado do Sr. Nicanor do Nascimento, e saído de novo com este mesmo advogado, que acintosamente proclamou alto e bom som, para quem quisesse ouvir, “que o preso não ficaria na polícia por ser seu constituinte”. Ora, não é justo que um funcionário – com mais de dez anos de bons serviços a causa pública, portador de uma fé de ofício longa e com atestados honrosíssimos do punho dos Drs. Alfredo Pinto, Parreiras Horta, Cid Braune e outras tantas autoridades sob cujas ordens tem servido, venha a ser agora vítima, por tramoias do Sr. Nicanor, de uma injustiça que se torna clamorosa, qual seja a das penalidades que o Dr. Chefe de Polícia lhe

³⁵⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.111.

acaba de aplicar. E, aproveitando o ensejo, achamos necessário inquerir do motivo que leva o Sr. Nicanor do Nascimento a percorrer assiduamente os cartórios das delegacias policiais, tudo devassando, sempre na defesa de desocupados, como no caso presente. O Dr. Chefe de polícia, já que tem o interesse de sempre acertar, acertará mais uma vez fazendo tornar sem efeito as suas duas portarias do corrente (...)³⁵⁹

No trecho acima, parece ficar mais claro o verdadeiro interesse da *Gazeta de Notícias* diante do conflito ocorrido em São Cristóvão. Os conflitos em torno dos sentidos do jogo esteve presente em todo o discurso, em cada momento que o periódico desmerecia a prática. No entanto, o principal incômodo do periódico afigura-se estar no envolvimento do Sr. Nicanor do Nascimento. Ana Ottoni enfatiza em sua pesquisa, alguns jornais que utilizavam de assuntos relacionados aos crimes na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de atacar ou favorecer candidaturas³⁶⁰. Entre seus objetivos, por exemplo, está a *Gazeta de Notícias* e a preocupação do periódico com determinados acontecimentos na cidade, que tinham por motivação interesses políticos. Logo, o interesse do jornal no caso da rua Soares, se tornaria interessante por ter entre seus envolvidos um advogado e também deputado.

Como a própria notícia expõe, o advogado vinha percorrendo as delegacias defendendo pessoas que, para o jornal, não mereciam tal atenção. A decisão do Dr. Aurelino Leal seria consequência da presença do advogado, que o teria influenciado em sua decisão. Somado à *Gazeta*, a revista *A Rua* também menciona o caso da Rua Soares em uma de suas edições, no entanto, com poucos detalhes. Contudo, o enfoque do *Semanário Ilustrado*, esteve centrado justamente na relação do advogado e deputado Nicanor do Nascimento, não com a simples prática do futebol nas ruas, mas com um clube que ali estava localizado, o já mencionado *Aventureiro Foot-ball Club*³⁶¹. A revista expõe esta relação, inclusive, antes de expor que o jogo não se tratava de uma prática ilegítima, mas de um clube de futebol, que possuía licença para ter o jogo executado no campo que estaria localizado na rua.

³⁵⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00104, p.2.

³⁶⁰ OTTONI, Ana Vasconcelos. "O paraíso dos criminosos": imprensa, política e crimes na cidade do Rio de Janeiro durante as eleições do início do século XX. *Crítica Histórica*, Maceió, ano 9, n. 18, p. 220-257, dez. 2018, p.229.

³⁶¹ *A Rua: Semanário Ilustrado*, 1915, ed.00101, p.3.

A falta de preocupação da *Gazeta de Notícias* em expor o clube, a presença de um ambiente esportivo organizado e licenciado, apresenta-se como um elemento importante na tentativa de desmerecer a prática, concedendo aos reclamantes maior crédito em relação aos jogadores. No entanto, a presença de torneios na rua demonstra como a prática não fugia das condições estabelecidas pelas autoridades policiais, ou seja, das exigências que os ambientes esportivos precisavam se submeter. Como já destacado, o clube Aventureiro F.C esteve em 1915, participou do Torneio Carioca de Sports Athleticos, que possuía como integrantes associações esportivas de pequeno porte na cidade. A informação mais antiga sobre o Torneio Carioca é de 1914 e, pela ausência de notícias relacionadas ao campeonato após o ano de 1915, é possível concluir a curta duração do torneio.

Ainda assim, no dia em que o jornal *Gazeta de Notícias* se propôs a narrar a decisão equivocada do Sr. Aurelino Leal, o periódico *O Imparcial* retrata o *match* disputado entre o Aventureiro FC e o SC Humaytá, realizado quatro dias antes³⁶². Esses jogos apresentam o clube como uma associação organizada, tão organizada que chegou a ser aceito para disputar a segunda divisão da Liga Suburbana de Football em 1917³⁶³. Como menciona Glauco Costa, a Liga Suburbana se apresentou como responsável por chamar a atenção da imprensa para as disputas que vinham ocorrendo tanto no subúrbio como nos arrabaldes da cidade³⁶⁴. A entidade, juntamente, com a Liga Metropolitana e a Associação Athletica Suburbana, representava as três principais ligas da capital federal.³⁶⁵ A Liga Suburbana, criada em 1906, representou um espaço importante para os clubes que se viam barrados de participar da Liga Metropolitana.

Essas entidades que se estendem pela cidade do Rio de Janeiro, incorporando clubes de bairros distintos, serviam não apenas para empolgar os moradores dessas regiões. Como destaca a *Gazeta de Notícias* referente à criação da Liga Suburbana, “adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos”³⁶⁶, mas também impulsionavam a prática entre jovens e adultos que não se encontravam

³⁶² O Imparcial, 1915, ed. 00833, p.10.

³⁶³ Gazeta de Notícias, 1917, ed. 00111, p.7.

³⁶⁴ SOUZA, Glauco José Costa. “**adiantam-se bastante nos subúrbios**”: o desenvolvimento do futebol na região suburbana do rio de janeiro (1907-1924). 2018. 116 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018, p.84.

³⁶⁵ KUPPER, Agnaldo. A Paulatina Afeição ao Futebol no Estado do Rio De Janeiro: do elitismo à popularização (1910-1930). *Revista de História*, [s. /], v. 1, n. 1, p. 57-74, fev. 2022, p.66.

³⁶⁶ Gazeta de Notícias, 1907, ed.00087, p.4.

dentro desses ambientes esportivos. Entretanto, permanecer nessas entidades não se apresentava como uma tarefa fácil, pois ficava sobre a responsabilidade dos clubes arcar com as despesas que uma partida de futebol produzia. Além disso, o pertencimento dos clubes suburbanos nas Ligas, mesmo sendo essa a Liga Metropolitana, não diminuía os estigmas e as representações negativas utilizados para retratá-los³⁶⁷.

Mesmo o Aventureiro Football Club demonstrando ser um clube licenciado, tendo permissão para utilizar o campo da rua Soares, teve seu futebol desmerecido pelo jornal. Sua prática passou a ser equiparada ao jogo nas ruas, algo sem qualquer legitimidade diante das autoridades municipais. A disputa de poder que se apresenta em diferentes níveis, fez com que o futebol fosse ameaçado e diminuído. Na relação entre os moradores (os que manifestam insatisfação) e os jogadores, que também residiam na rua, observa-se um conflito entre a condição do logradouro e o gosto pelo esporte. No que diz respeito ao jornal e à polícia, é a presença de Nicanor do Nascimento que ameaça o lazer de parte dos moradores da rua Soares.

O caso é que o Sr. Nicanor, que é protetor de um “club” de “football” que apavora os moradores da rua Soares, em S. Christóvão, onde ocupa um terreno baldio, sem pagar impostos e alugueis, vem perseguindo um comissário de polícia do 10º distrito que, cumprindo o seu dever, ousou desgostar os protegidos daquele paredro. Hoje, depois de várias peregrinações no Palacio da Policia o paredro do falido P.R.C conseguiu que o comissário Eduardo Franco da Rocha, com exercício no 10º distrito, que ousara arreganhar os dentes para os “sportmen” eleitores do elegante político, fosse suspenso por 5 dias e, ato continuo, transferido para o 17º distrito como castigo, de onde não poderá tornar a fazer cara feia para os protegidos do Sr. Nicanor³⁶⁸.

A relação citada na *Gazeta de Notícias* entre o político e o jogador, é tratada de forma mais direta em *A Rua*. A partir do periódico, é possível identificar que a prática do futebol nas ruas, tratava-se de um clube que utilizava seu campo para disputar jogos, inclusive, torneios. Na última informação, o próprio clube se defende das investidas que o jornal insistiu em fazer em relação aos seus jogadores, chamando-os de desocupados. No entanto, a associação não destaca a relação que *A Rua* insinua haver entre o advogado e o clube. Mesmo assim, vejo como sendo importante não desconsiderar a relação de

³⁶⁷ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. Um jogo de representações: o futebol suburbano nos jornais da cidade do rio de janeiro. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 16, n. 4, p. 956-1270, 20 dez. 2013. Universidade Federal de Goiás, p.8.

³⁶⁸ *A Rua*: Semanario Ilustrado, 1915, ed.00101, p.3.

proximidade, pois, a presença do deputado seria crucial para que o jogo não fosse proibido. Esta relação pode ser vista como uma estratégia não apenas por parte do político que precisava de eleitores, mas também dos jogadores que precisam de proteção contra a hostilidade da polícia.

Recebemos a seguinte carta:

Elmo. Sr. redator da Gazeta de Notícias. – Saudações muito cordiais. Relativamente às considerações que faz esta ilustre redacção sobre a licença concedida ao “Aventureiro Foot-ball Club”, temos a retificar: 1º - Que a maioria dos moradores da rua Soares que são: João Antonio Silva, rua Soares n.52; João Martins Lourenço, rua Soares n.54; Alice Almeida, rua Soares n.64; Hubino Augusto Pires, rua Soares n.44; Alfredo José Rodrigues, rua Soares, n.50; Carlos de Almeida Bazilio, rua Soares n.46, e não só ela como todos os sócios são homens bons e empregados; desafiamos que se cite um só que não o seja; 2º - O terreno todo está á nossa disposição legalmente; 3º - Só se opunham ao funcionamento do foot-ball a distinta família do comissário Rocha e seu pai (rua Soares n.60) e a família que mora na casa n.62, amigos íntimos do comissário Rocha. Este se opõe por motivos particulares; 4º - A atitude do comissário Dr. Demócrito foi a mais prudente e cortês; 5º - Nem nós, nem o nosso ilustre advogado e amigo Dr. Nicanor do Nascimento teve qualquer intervenção para a remoção e suspensão do Sr. comissário Rocha, que foram atos de pura administração. A local do brilhante jornal de V.S. é o produto de um equívoco que, assim, pedimos a V. S desfazer em bem da verdade, publicando generosamente esta defesa, onde veio a acusação. De V.S. leitor diário – Aluizio Almeida Bazilio, rua Soares n.46. Negociante á rua XI ns. 98 e 100, Mercado Municipal.

Por fim, é importante observar a defesa que os integrantes do Aventureiro Foot-ball Club irão encaminhar para *Gazeta de Notícias*. A carta escrita pelo negociante Aluizio Almeida, publicada um dia após a clara manifestação do jornal contra a atitude tomada pelo Dr. Aurelino Leal, referente ao jogo na rua Soares, demonstra a noção sobre o que vinha ocorrendo por parte dos jogadores e sócios dos clubes, sobre as tentativas do impresso de invalidar o jogo e depreciar os sócios do clube. A partir da manifestação de representantes do clube, é possível observar que grande parte dos integrantes da associação esportiva também moravam na rua Soares. Quando Joaquim Rocha recorre à polícia para banir a prática no logradouro, este o faz porque observa como o jogo havia se tornado aceitável entre parte dos residentes, dificultando haver um consenso entre os próprios moradores sobre o uso do campo.

Com o intuito de defender-se das acusações, o redator da carta faz questão de mencionar que todos são os sócios, são “homens bons e empregados”, isto é, utiliza-se de

valores colocados em cheque pela *Gazeta de Notícias* para defender a prática entre os sócios. Sidney Chalhoub, por exemplo, ao analisar processos criminais, observa como a estratégia utilizada pelos acusados na tentativa de se defender, girava em torno de se colocarem como um “bom trabalhador”³⁶⁹. Apropriar-se de aspectos que vinham sendo utilizado pelas autoridades para perseguir, torna-se recorrente entre os alvos da perseguição. Associar a prática de lazer à ausência de emprego, apresenta-se como um recurso importante na tentativa de coibir práticas populares entre os mais pobres. No caso do *football* apresenta-se como crucial, mediante a ausência de leis voltadas diretamente para a prática.

Quando os sócios do clube se apresentam como trabalhadores, inviabilizam a narrativa do jornal sobre os envolvidos. Aluizio de Almeida, responsável pela resposta à *Gazeta de Notícias*, não apenas se coloca como trabalhador, mas mostra com o que trabalhava e onde ficava seu estabelecimento. Definir a moradia de cada sócio, também se demonstrou relevante para que as próprias autoridades policiais tivessem conhecimento sobre quem frequentava o clube. Para esses indivíduos, que não pertenciam às elites e residentes de uma região suburbana, havia a necessidade de demonstrar sua ocupação, de esclarecer sua condição dentro da sociedade. Para se afastarem ao máximo das suposições elencadas pelas autoridades, que podiam servir como justificativa para a perseguição.

As associações frequentadas pelas camadas populares viviam sobre a constante ameaça de serem fechadas, justamente, por serem consideradas perigosas pelas autoridades, pois reuniam em um mesmo local indivíduos pertencentes a mesma condição social. A figura do “ilustre” Nicanor do Nascimento permite a continuidade da prática na rua, em seu terreno, que segundo Aluizio de Almeida, era legalizado. Contudo, se uma prática legítima e organizada, apresenta-se como um problema para o ordenamento da rua Soares, quem dirá o futebol praticado nas ruas da cidade. Fora dos ambientes privados, o futebol se estabelece sem estatutos, sem regras que viessem definir quem podia ou não se associar ou, como o jogo deveria ou não ser praticado. Desta forma, passa a contrariar de forma ainda mais incisiva as condutas defendidas por uma elite política e intelectual durante o século XX.

³⁶⁹ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012, p.98.

Mas é esta prática que contraria em muito os interesses das elites cariocas, que se apresentam como importantes na construção de uma nova imagem do futebol. As investidas em retardar o processo de popularização não foram eficazes para que o jogo aos poucos fosse adquirindo novas características, sendo importantes, inclusive, para alguns clubes. O cronista Mario Filho, por exemplo, em seu livro “O negro no futebol brasileiro”, menciona a prática do futebol nas redondezas de Bangu. A prática causava incômodo ao padre Frota Pessoa, que conforme o autor, atrapalhava o andar da missa³⁷⁰. Além disto, o cronista ressalta a importância da difusão da prática entre os meninos, pois, cada bola que ultrapassava os muros da fábrica e ia para as ruas, não representavam uma perda, mas uma troca “as bolas não voltariam mais, em troca, porém, viriam mais jogadores para o time, mais operários para a fábrica”³⁷¹. Até que ponto é verídica tal narrativa, é difícil dizer. Entretanto, é possível identificar um padre Frota, responsável pela realização de missas na região de Bangu³⁷².

Quanto mais o jogo ia se popularizando, os clubes suburbanos também se viam beneficiados, pois se apresentavam talentosos. Este talento, no entanto, estava longe de ser algo natural, herdado biologicamente, mas consequência da recorrente execução do futebol em locais não apropriados para a prática do lazer. O esporte se consolida na cidade por influência de múltiplos elementos, porém não ocorre de forma descomplicada. Da mesma forma é a cidade do Rio de Janeiro, que se constrói a partir da influência de diferentes indivíduos. Por mais que, a historiografia aponte para uma elite atuante na busca por estabelecer novos hábitos e condutas na cidade, transformando os espaços e policiando com rigor as camadas populares. Elas não impedem que os menos abastados também participem do processo de construção da cidade.

As regiões modernizadas da cidade, continuam sendo compartilhadas, ainda que ocorresse uma migração das camadas populares para regiões no subúrbio ou nos arrabaldes. As constantes reclamações sobre o futebol nas ruas, demonstram a dualidade dos bairros, nos quais dois grupos distintos podiam dividir o mesmo espaço e ambos, relacionavam-se de forma diferente com a região. A prática do futebol nas vias e espaços públicos, permite observar como a imagem do jogo estava sendo disputada. Os jornais reagiam a algo que já teria saído do controle, determinando dois tipos distintos de futebol.

³⁷⁰ FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003, ed.5, 2010, p.85.

³⁷¹ Ibid., p.86.

³⁷² A Época (RJ), 1913, ed. 00219, p.4.

Somado a isto, os conflitos de poder que atravessavam o Rio de Janeiro, também se apresentam no jogo. Pois, a prática não só do futebol nas ruas, mas de outras atividades de lazer, manifestadas pelas camadas populares nos espaços públicos, redefiniam a todos os momentos sentidos que se pretendia estabelecer. Contrastava-se com frequência a cidade que as elites desejavam e a cidade que as camadas populares conferiam.

CAPÍTULO III

Com o *football* eu vou ganhar

Como já mencionado, o caso da rua Soares se destaca pela presença no conflito de uma figura importante na cidade. O Sr. Nicanor do Nascimento, advogado responsável pela defesa do jogador Arthur Rangel e que, segundo o clube Aventureiro, era um amigo da associação³⁷³. Apresentou-se como parte importante do conflito e, por meio da análise da narrativa sobre o conflito, foi o motivo do interesse da *Gazeta de Notícias* no ocorrido. Conforme a *Rua: Semanário ilustrado*, o então candidato a uma cadeira de deputado, em 1915, seria protetor do clube na rua Soares³⁷⁴. E, através da menção do político no jornal *Gazeta de Notícias*, pressupõe-se que o envolvimento dele tenha sido importante para o desenrolar de todo o conflito³⁷⁵, no qual os comissários da delegacia teriam sido punidos enquanto os jogadores que, de acordo com o periódico, haviam invadido a casa de um dos moradores por vingança, não teriam passado por qualquer tipo de punição. A menção a Nicanor do Nascimento, que aparece logo na primeira reclamação em relação ao jogo na rua Soares, demonstra o quanto a prática do futebol não era o único problema.

Pensar o processo eleitoral da cidade e sua relação com a prática do futebol nas ruas, é refletir sobre a proporção que o jogo vinha adquirindo na cidade já nas primeiras décadas do século XX. A relação que se estabelece entre o Sr. Nicanor do Nascimento e o clube precisa ser vista de duas formas. A primeira, como uma forma do político ampliar sua influência na cidade, abarcando mais eleitores, ou seja, o futebol apresenta-se como um instrumento político importante. E segundo, a relação com o Sr. Nicanor permitiu que o clube mantivesse suas portas abertas e que não sofresse impactos tanto pela reclamação dos moradores, quanto pela forma como o jogo vinha sendo executado em função de sua pouca infraestrutura, de acordo com o delegado Cid Braunne.

Neste capítulo pretendo observar, a partir do caso da rua Soares, como a prática do futebol nas ruas possibilita pensar os conflitos políticos presentes na cidade. Busco

³⁷³ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00105, p.2.

³⁷⁴ *A Rua: Semanário Ilustrado*, 1915, ed.00101, p.3.

³⁷⁵ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00096, p.3.

refletir sobre a importância das relações de camaradagem e compadrio dentro do jogo político na cidade e, como o lazer, neste caso o futebol, se apresenta como mais um artifício não só para indivíduos como o Sr. Nicanor do Nascimento ampliarem sua influência na cidade, mas assim como para as camadas populares enfrentarem a perseguição policial e manter-se praticando o novo jogo. Outro ponto importante, está na forte presença das autoridades policiais no caso. Em muitas queixas a polícia é vista como indiferente às constantes reclamações sobre o uso das ruas para a prática do futebol. A posição da polícia diante da prática do jogo em locais públicos nos direciona a tentar perceber como se estabelece a relação das autoridades policiais, responsáveis pelo ordenamento urbano, com a prática do futebol nas ruas e as disputas eleitorais.

Aqui, pretende-se então olhar para mais um conflito que permeia a cidade do Rio de Janeiro e que repercute numa prática cultural, prática esta, que desde o século XX apresentou-se muito mais do que um simples entretenimento para as elites e camadas populares. A insistência do futebol nas ruas expõe como o jogo dialoga com múltiplos grupos sociais. Este diálogo permitiu que a cidade fosse constantemente ressignificada e a prática viesse ser vista de forma distinta pela imprensa, a partir de quem o vinha praticando. A presença de Nicanor do Nascimento no caso, demonstra o papel político do futebol desde sua inserção na cidade do Rio de Janeiro. O ambiente esportivo apresentou-se como um espaço de sociabilidade das elites, elites estas responsáveis por pensar e conduzir as transformações às quais a cidade vinha sendo submetida. Esses ambientes se tornam importantes espaços políticos, quando reúnem importantes nomes da capital da República. Contudo, o futebol também se tornou político para os grupos menos abastados, que por meio dele construíam seus próprios espaços de sociabilidade e, resistiram às constantes investidas policiais, reivindicando seu direito à cidade.

3.1 - Nicanor Nascimento entra em campo

O caso é que o Sr. Nicanor, que é protetor de um “club” de “football” que apavora os moradores da rua Soares, em S. Christóvão, onde ocupa um terreno baldio, sem pagar impostos e alugueis, vem perseguindo um comissário de polícia do 10º distrito que, cumprindo o seu dever, ousou desgostar os protegidos daquele paredro. Hoje, depois de várias peregrinações no Palacio da Policia o paredro do falido P.R.C conseguiu que o comissário Eduardo Franco da Rocha, com exercício no 10º distrito, que ousara arregar os dentes para os “sportmen”

eleitores do elegante político, fosse suspenso por 5 dias e, ato contínuo, transferido para o 17º distrito como castigo, de onde não poderá tornar a fazer cara feia para os protegidos do Sr. Nicanor³⁷⁶.

Apesar de ter como objeto de análise o caso exposto pelo jornal *Gazeta de Notícias*, é a revista *A Rua* que faz menção ao Sr. Nicanor do Nascimento de forma agressiva, como é possível observar na citação acima. Através da *Gazeta*, é possível identificar um incômodo em relação à presença do, então, advogado. Contudo, o discurso da *Gazeta de Notícias* em relação ao político não foi redigido de forma violenta como foi feito em relação aos jogadores e à prática do jogo manifestada na rua Barcellos, também denominada por rua Soares. Ana Ottoni em seu artigo sobre a relação de impressos, crimes e a política na capital federal, enfatiza a postura dos jornais frente às figuras políticas. Apesar de alguns periódicos levantarem críticas sobre as fraudes comandadas por políticos, estes raramente recebiam a denominação de “valentes” e “malandros”, como os supostos criminosos recebiam³⁷⁷. Criminosos estes, que segundo os impressos, possuíam relações com alguns políticos na cidade, sendo os responsáveis por executar fraudes e ameaçar eleitores.

O posicionamento da *Gazeta de Notícias*, desde o início do século XX, era de um jornal que se opunha às principais forças políticas do período, ou seja, seguia uma postura oposicionista³⁷⁸. Juntamente com o *Correio da Manhã* o impresso costumava expor críticas aos políticos da época, principalmente àqueles pertencentes ao Partido Republicano do Distrito Federal (PRDF)³⁷⁹. De acordo com Hernan Gómez, alguns jornais durante 1909-10, se posicionam claramente contra a candidatura do marechal Hermes da Fonseca, fazendo parte do movimento civilista³⁸⁰. Dentre estes periódicos, encontrava-se a *Gazeta de Notícias* que durante as reuniões organizadas no centro da cidade por apoiadores do candidato civilista Rui Barbosa, tinham parte de seus jornalistas demonstrando apoio da sacada de seus prédios à campanha³⁸¹.

³⁷⁶ A Rua: Semanario Ilustrado, 1915, ed.00101, p.3.

³⁷⁷ OTTONI, Ana Vasconcelos. "O paraíso dos criminosos": imprensa, política e crimes na cidade do Rio de Janeiro durante as eleições do início do século XX. *Crítica Histórica*, Maceió, ano 9, n. 18, p. 220-257, dez. 2018, p.222.

³⁷⁸ Ibid., p.237.

³⁷⁹ Ibid., p.240.

³⁸⁰ GÓMEZ, Hernán Eufemio. Jornalista, espaço público e vida política: o papel da imprensa nas manifestações públicas da campanha civilista (1909-1910). In: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: Uff, 2008. p. 1-13., p.5

³⁸¹ Ibid., p.5

A relação que se estabeleceu do jornal com o processo eleitoral na cidade, ajuda a pensar o interesse da *Gazeta de Notícias* com o caso da rua Soares e a participação do já mencionado, Nicanor do Nascimento. O Sr. Nicanor apesar de ser apresentado como advogado pelo jornal, foi uma figura política na cidade. Contudo, o processo eleitoral na capital, nos primeiros anos do século XX, apresentou-se como complexo por não possuir um consenso a respeito de como funcionaria a administração municipal. Entre os anos de 1895 e 1897, o PRF era o partido com maior influência na cidade, tendo sido criado para dar apoio ao presidente Prudente de Moraes, e que exerceu forte influência na capital, principalmente durante a gestão de Furquim Werneck³⁸². No entanto, durante o governo de Campos Sales, o partido perde sua força, sendo substituído em 1906 pelo PRDF que, de acordo com Américo Freire, é o de maior durabilidade na cidade.

No partido destacava-se o deputado federal e depois senador Augusto Vasconcelos que, segundo o autor, possuía “larga experiência em vencer e controlar pleitos”³⁸³. Américo Freire menciona a importância do senador Vasconcelos no que diz respeito à política da cidade, pois com mais dois intendentess das áreas rurais da capital, formavam o “triângulo”³⁸⁴. O “triângulo”, nome dado pela imprensa, era formado por Augusto Vasconcelos, Raul Barbosa e Felipe Cardoso Pires, que respectivamente, eram ex-intendentes das freguesias de Campo Grande, Guaratiba e Santa Cruz. E, de acordo com Freire, as três freguesias haviam se consolidado como celeiros de votos para candidatos do PRF³⁸⁵ e, posteriormente, do PRDF.

O senador obtinha atenção de alguns jornais, pois com frequência tinha sua imagem associada a “criminosos” na cidade, assim como, à tentativa de compra de votos, fraudes eleitorais e diversos crimes, no que diz respeito, ao processo eleitoral na cidade. De acordo com Américo Freire, Vasconcelos teria sido um “político negociador”³⁸⁶. O papel de Augusto Vasconcelos torna-se então, importante para se pensar Nicanor do Nascimento e a relação deste com o caso da rua Soares. Tendo em vista que o próprio *Gazeta de Notícias*, narra seu envolvimento com o conflito como forma de resguardar

³⁸² FREIRE, Américo. A política na e da capital da República. In: XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: Anpuh, p. 1-7, p.5.

³⁸³ *Ibid.*, p.6

³⁸⁴ FREIRE, Américo. Uma capital para a República: poder federal e forças políticas locais no Rio de Janeiro na virada para o século XX. Rio de Janeiro: Revan, p.104.

³⁸⁵ *Ibid.*, p.104.

³⁸⁶ *Ibid.*, p.127.

seus eleitores³⁸⁷, ou seja, enfatizando um interesse político. De acordo com Ana Ottoni, em 1915, o deputado *Nicanor do Nascimento* também intitulado de “rapadura” tal como Vasconcelos era conhecido, foi acusado tanto pelo *Correio da Manhã* como pela *Gazeta* de estar atraindo homens para assaltar locais de votação³⁸⁸. O intuito da interferência na votação, era a reeleição do senador. A partir dos trabalhos mencionados acima é possível perceber o envolvimento dessas duas figuras políticas na capital e a relevância dos mesmos na constante vitória de membros do PRDF.

O semanário *A Rua* menciona o Partido Republicano Conservador (PRC) para fazer referência a Nicanor do Nascimento. O partido em questão foi criado em 1910, e segundo Surama de Sá Pinto, era produto do PRDF³⁸⁹. O Partido Republicano Conservador da antiga capital, foi obra de Augusto Vasconcelos³⁹⁰. O sr. Nicanor carregava consigo os mesmos estigmas utilizados por parte da imprensa para fazer referência ao senador Vasconcelos. Assim, como o político era visto como responsável pelas fraudes na cidade, o sr. Nicanor também era acusado com frequência por alguns periódicos de cometer as mesmas irregularidades. As agremiações políticas cariocas durante a Primeira República, de acordo com Sá Pinto, tornavam-se importantes por garantir mecanismos de acesso ao governo, diante das incertezas da política carioca³⁹¹.

Ao observar o posicionamento da *Gazeta de Notícias* frente aos embates políticos na capital federal, percebe-se um discurso contra a “politicagem”, termo muito utilizado pelo periódico para se referir as relações construídas em busca de benefícios próprios por parte das elites políticas. Em 1910 colocou-se ao lado de Rui Barbosa, na “campanha civilista”. É possível concluir que o seu interesse no conflito da rua Soares, apresentou-se não apenas como uma crítica à prática do futebol nas ruas, mas contra a figura de Nicanor do Nascimento. Em 1909, por exemplo, já é possível encontrar notícias no jornal *Gazeta* manifestando insatisfação pela figura do advogado Nicanor³⁹². Sua relação tanto com políticos criticados por parte da imprensa como com indivíduos denominados pelo próprio jornal *Gazeta de Notícias* de “escória social”³⁹³, tornava-o para os periódicos

³⁸⁷ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00096, p.3.

³⁸⁸ OTTONI, 2018, p.246.

³⁸⁹ PINTO, Surama Conde Sá. Só para iniciados: o jogo político na antiga capital federal. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-17., p.12.

³⁹⁰ FREIRE, Américo; SARMENTO, Carlos Eduardo; MOTTA, Marly Silva da. **O Rio de Janeiro em três perfis: trajetórias individuais e o campo político carioca**. 35. ed. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1999, p.17.

³⁹¹ PINTO, Op.cit., p. 9.

³⁹² *Gazeta de Notícias*, 1909, ed.00192, p.5.

³⁹³ *Ibid.*

semelhante aos homens com quem estava acostumado a se relacionava. Segundo Américo Freire, Augusto Vasconcelos é posto em algumas narrativas, como “a melhor expressão das trevas, da ignorância”³⁹⁴. A partir da corrente política civilista, entre 1910 e 1915, buscou-se na cidade do Rio de Janeiro reduzir o controle político carioca pelo pinheirismo³⁹⁵, que tinha como principal articulador Vasconcelos. A relação de proximidade entre Nicanor do Nascimento e membros importantes da elite política da cidade, fez dele mais um político frequente nas páginas dos jornais por fraudar as eleições e participar de negociações com o intuito de garantir novos eleitores.

Podemos observar como a prática do futebol nas ruas se tornou mais um elemento importante dentro da luta política existente no Distrito Federal. O objetivo aqui não é pensar os jogadores como massa de manobra por parte dos políticos, mas pelo contrário, refletir o quanto a prática apresentou-se como um importante mecanismo de ação e articulação para ambos os lados. Contudo, o futebol deve ser visto como uma modalidade recente, se comparada a outros jogos que também se entrelaçavam com aspectos políticos na cidade. No mais, não foi apenas a prática do futebol nas ruas que se viu inserida dentro deste emaranhado de conflitos que envolviam o processo eleitoral na cidade.

Os grandes clubes na capital também se inseriam neste contexto, principalmente por se apresentarem como importantes espaços da sociabilidade de importantes figuras políticas da cidade. Tanto a revista *A Rua* como a *Gazeta de Notícias* apresentam a relação do Aventureiro Football Club com o Sr. Nicanor do Nascimento como algo negativo. Contudo, não se encontram críticas sobre a presença de ministros, prefeitos e presidentes, em jogos e eventos organizados por grandes clubes na cidade. Observa-se, então, que o problema não era a relação que se estabelecia entre figuras políticas e práticas esportivas, mas sim quais personagens políticos e com quem as relações vinham se desenrolando. Logo, da mesma forma como a prática do futebol nas ruas era visto de forma negativa, relacionar-se com a prática também o era. Manter proximidade com os indivíduos que insistiam no jogo e vinham deturpando o sentido atribuído ao esporte é o que tendia a ser visto como negativo. A proximidade do Sr. Nicanor do Nascimento com o futebol nas ruas e com um clube de menor porte, que tendia a abarcar indivíduos pobres, reforçava então certos estigmas que já vinham sendo atribuídos a sua figura.

³⁹⁴ FREIRE; SARMENTO; MOTTA. Op. cit., p. 20.

³⁹⁵ FREIRE; SARMENTO; MOTTA, 1999, p.17.

O advogado Nicanor do Nascimento nasceu na cidade do Rio de Janeiro, formou-se em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1893, e tornou-se deputado em 1911. O mesmo seria reeleito em 1912 e em 1915, ou seja, esteve envolvido com a política da cidade durante toda a década de 1910. Assim como Vasconcelos, monarquista por convicção durante o Império, visto como a figura típica do político negociador, mas que com o advento da República, seguiu a maré do adesismo, ou seja, logo passou a aderir ao novo regime e tornou-se uma figura com trânsito junto ao poder central³⁹⁶. Nicanor do Nascimento também carregava consigo algumas semelhanças, pois demonstrava através de seus feitos a característica de político negociador.

De acordo com Américo Freire, a mudança de posicionamento político por parte de Augustos Vasconcelos, que se dizia ser um “adesista republicano”, demonstra que o que realmente contava, era a capacidade de vencer os pleitos e ocupar os espaços políticos³⁹⁷. A relação do advogado Nicanor do Nascimento com o senador Vasconcelos, além de seus envolvimento em escândalos eleitorais, permite pensar que o advogado também mantinha esse interesse em ganhar as eleições, independente dos meios utilizados³⁹⁸. E dentre os meios, se fazia necessário aliar-se à principal agremiação da capital, o PRDF.

Ao ingressar na Câmara dos Deputados, o deputado e advogado Nicanor do Nascimento, esteve envolvido com projetos de lei visando a proteção de trabalhadores. E como advogado, de acordo com a *Gazeta de Notícias*, costumava ter como clientes “desocupados”³⁹⁹, tal como Arthur Rangel, um dos jogadores pertencentes ao Aventureiro F.C. De acordo com Surama de Sá Pinto, o engenheiro Paulo de Frontin que se tornou prefeito do Rio de Janeiro em 1919, se destacou por ser um “agregador e articulador”⁴⁰⁰. Segundo o autor, o prefeito firmou alianças com influências políticas de diferentes freguesias e aproximou-se de setores do operariado da prefeitura⁴⁰¹. Nicanor do Nascimento a partir de suas ações, também se firma na cidade a partir das relações que constrói. Sua aproximação com Vasconcelos, tornando-se parte do principal partido

³⁹⁶ FREIRE, Américo. Liderança e localismo na I República brasileira. *Ler História*, Lisboa, n. 59, p. 49-63, 2010, p.2.

³⁹⁷ FREIRE, Américo; SARMENTO, Carlos Eduardo; MOTTA, Marly Silva da. **O Rio de Janeiro em três perfis: trajetórias individuais e o campo político carioca**. 35. ed. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1999, p.11.

³⁹⁸ *Ibid.*, p. 11.

³⁹⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00104, p.2.

⁴⁰⁰ PINTO, Surama Conde Sá. Só para iniciados: o jogo político na antiga capital federal. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-17., p.14

⁴⁰¹ *Ibid.*, p.14.

político carioca, somado às suas atuações como advogado ação que o aproximava das camadas menos abastadas, permitiu a ele ocupar espaço no campo político do Distrito Federal.

Dentre seus projetos como deputado, Nicanor do Nascimento se destacava pela preocupação no que diz respeito às condições de trabalho no país. O projeto de Lei levantado pelo deputado em 1911, por exemplo, visava a regulamentação das horas de trabalho na cidade, algo que já havia ocorrido nos principais centros comerciais e industriais do mundo⁴⁰². Como pondera o Deputado, a teoria de que a limitação seria estabelecida pela natureza das coisas, sem a intervenção do Estado, não se sustentou, sendo necessária tal interferência. Apesar das posições de Nicanor é importante ter cuidado para não atribuir ao deputado nenhuma convicção ideológica, ou seja, associá-lo a alguma ideologia política, tendo em vista a complexidade que sua figura representa a partir das análises dos impressos.

Nicanor ao ponderar a necessidade de limitar a 12 horas diárias de trabalho no comércio, reverbera o discurso higienista que circunda a capital. Trabalhar até 12 horas, do “ponto de vista da higiene social”, seria uma “média de trabalho suficiente para que a saúde do corpo e do espírito do caixeiro fosse mantida”⁴⁰³. Antes de qualquer coisa, o advogado e também deputado, tinha pretensões tais como a de qualquer político, a de vencer os pleitos. Para inserir-se na política, esteve associado ao principal partido político vigente na capital e, ao mesmo tempo, aproximou-se de grupos sociais que sofriam com os excessos do poder público.

Como afirma Daniel José Eduardo, mesmo havendo a restrição à participação da população nos pleitos da cidade, estes ainda eram importantes para manter o jogo político ao longo da Primeira República⁴⁰⁴. Contudo, não constato que os interesses do deputado pelos direitos de setores menos abastados na sociedade estivessem unicamente relacionados aos seus interesses políticos. O fato do político e advogado trazer para discussão tais assuntos, envolvendo setores menos abastados, apresentava um certo compromisso do mesmo com essas problemáticas. É importante levar em consideração

⁴⁰² Anais da Câmara dos Deputados, ed. 1911, ed. 0003, p.170.

⁴⁰³ Anais da Câmara dos Deputados, ed. 1911, ed. 0003, p.172.

⁴⁰⁴ EDUARDO, Daniel José. **Cidadãos e eleições na cidade do Rio de Janeiro da Primeira República: do "voto de cabresto" ao direito de ser eleitor**. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011, p.42.

que, ao atingir seu objetivo de tornar-se deputado, o sr. Nicanor do Nascimento poderia não fazer menção aos infortúnios das camadas populares.

Observa-se que havia um interesse claro de jornais como a *Gazeta de Notícias*, por exemplo, em transformar ao máximo a imagem do político em um “criminoso”. Muito pela relação que o mesmo vinha construindo com as “classes perigosas”, indivíduos que os jornais com frequência apontam como sendo problemáticas na cidade. Até que ponto são verídicas as críticas levantadas pelos periódicos, não é possível afirmar. A única certeza é que os impressos críticos ao Sr. Nicanor do Nascimento também tinham seu posicionamento político, também possuíam interesses. Dentre as diferentes acusações levantadas ao advogado, está a de seu envolvimento em uma ação contra um bonde da linha de Ipanema⁴⁰⁵. De acordo com o relato direcionado ao impresso, “assassinos policiais” teriam atirado no transporte cheio de populares que “vivavam o sr. Ruy”⁴⁰⁶. Aqui observamos que a ação dos policiais, segundo o jornal, tinha motivação política. O interesse da *Gazeta de Notícias* em noticiar o relato do leitor a respeito do ocorrido, também reforça esta percepção, pois, os policiais envolvidos seriam capangas do Sr. Nicanor do Nascimento.

Diante da campanha civilista alguns jornalistas e impressos se colocam como apoiadores do candidato Rui Barbosa. O Dr. Nicanor do Nascimento, no entanto, manifestou seu apoio ao candidato marechal Hermes da Fonseca. Nas informações a respeito das conferências políticas pró Hermes-Wenceslau organizadas na cidade, o Dr. Nicanor aparecia como orador oficial⁴⁰⁷. Ainda no ano de 1910, o periódico *Gazeta* também menciona que, segundo o chefe de polícia, havia na cidade cerca de 300 indivíduos presos como perigosos, aonde 26 eram capitaneados por Nicanor do Nascimento que teria se empenhado em soltá-los⁴⁰⁸. A notícia a respeito dos presos e a relação destes com Nicanor foi publicada em 2 de março e, no dia anterior, havia ocorrido o pleito tão aguardado na cidade do qual o Marechal saiu vencedor.

A *Gazeta de Notícias* ao abordar notícias e informações a respeito das eleições que transcorriam, menciona as “fraudes em perspectivas” coordenadas pelo senador Vasconcelos, e executadas em diferentes freguesias da cidade. A acusação do

⁴⁰⁵ *Gazeta de Notícias*, 1910, ed. 00056, p.2.

⁴⁰⁶ *Gazeta de Notícias*, 1910, ed.00056, p.2.

⁴⁰⁷ *O Paiz*, 1910, ed.09260, p.10.

⁴⁰⁸ *Gazeta de Notícias*, 1910, ed. 00061, p.2.

envolvimento de Nicanor com alguns presos e sua motivação em soltá-los, se aplica ao que Ottoni pontua em seu artigo, a respeito da relação do crime com as eleições na cidade⁴⁰⁹. A autora em seu artigo afirma que próximo aos pleitos, os políticos “procuravam livrar da cadeia os seus instrumentos políticos para desordens eleitorais”⁴¹⁰ e, dentre esses políticos, o nome do Sr. Nicanor do Nascimento costumava aparecer com dada frequência após 1910. Antes disso, Nicanor ainda não possuía cargo político na cidade, vinha exercendo apenas a função de advogado, de homens que levantavam dúvidas e severas críticas por parte da grande imprensa. No entanto, após se eleger não deixou de advogar, sendo ainda um indivíduo aparentemente controverso.

Dentre os indivíduos colocados pelo jornal como “criminoso”, havia João da Cunha Medina, denominado de “Treme-Terra”. Segundo a *Gazeta de Notícias*, seria um “facínora, dos mais afamados do Cattete”⁴¹¹. Sua prisão tardia, para o jornal, não passava de politicagem. A imprensa menciona o “treme-terra” como um dos personagens importantes durante o período das eleições, sendo “um dos mais devotos próceres da política do Sr. Nicanor do Nascimento”⁴¹². A crítica do jornal esteve direcionada à prisão tardia do aliado do Sr. Nicanor, justamente, por ser importante o seu trabalho. No entanto, não apenas o advogado Nicanor era acusado pela associação com homens tidos como “desordeiros”, mas a própria polícia também é vista como parte importante destas alianças que se formavam, principalmente, perto das eleições na cidade. Segundo o *Correio da Manhã*, João da Cunha Medina, vulgo “treme-terra”, era responsável por explorar a “jogatina desenfreada” na capital⁴¹³.

Junto a ele havia outros indivíduos responsáveis por explorar estabelecimentos e, dar proteção a negociantes que tinham em seus estabelecimentos máquinas de jogo. Todos esses homens relacionados com atos apontados como criminosos, segundo o periódico, possuíam o compadrio do Sr. Nicanor. Não dar ciência ao advogado e deputado a respeito de assuntos tocantes ao jogo na cidade, poderia gerar problemas para os donos de botequins. No caso narrado pelo *Correio da Manhã*, José Domingos da Costa também conhecido como “Zeca Cabelleira”, juntamente com outros indivíduos, buscou intimidar

⁴⁰⁹ OTTONI, Ana Vasconcelos. "O paraíso dos criminosos": imprensa, política e crimes na cidade do Rio de Janeiro durante as eleições do início do século XX. *Crítica Histórica*, Maceió, ano 9, n. 18, p. 220-257, dez. 2018.

⁴¹⁰ Ibid, p.233.

⁴¹¹ *Gazeta de Notícias*, 1910, ed. A00148, p.6.

⁴¹² *Gazeta de Notícias*, 1910, ed. A00148, p.6.

⁴¹³ *Correio da Manhã*, 1910, ed.03186, p.3.

Antonio Bittencourt, dono de um botequim na rua das Laranjeiras. O proprietário do estabelecimento, segundo a notícia, possuía um caça-níquel em seu botequim sem o consentimento do Sr. Nicanor do Nascimento. Para resolver o problema, o advogado enviara uma proposta a Antonio Bittencourt, contudo, a proposta foi negada, sendo ainda julgada como “extorsão” pelo negociante.⁴¹⁴.

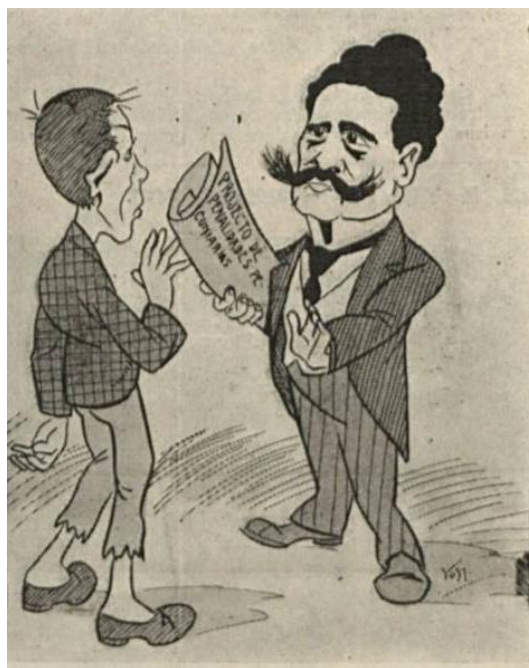


Figura 2 *O Malho* (RJ), 1915, ed.0673

A relação do deputado com os jogos de azar e o jogo do bicho, a partir da análise dos jornais, se fazia conhecida entre os jornalistas. A charge acima, de 1915, é uma sátira a respeito de um projeto de lei criado pelo deputado. O projeto de lei é visto como “projetos para inglês ver” em referência a lei Feijó, criada em 1831, que girava em torno da proibição do tráfico atlântico, mas pouco resultado obteve, ocasionando, na realidade, o aumento do tráfico no país. Ou seja, o projeto do deputado Nicanor do Nascimento, previa a multa a pequenos delitos, inclusive a ofensa por palavras, segundo o periódico *O Malho*⁴¹⁵. A problemática se encontrava, no entanto, no envolvimento do então político em práticas tidas como proibidas. No diálogo criado entre Nicanor e Zé Povo, o Dr. Nicanor do Nascimento menciona o projeto como uma grande fonte de receita. O Zé povo

⁴¹⁴ *Correio da Manhã*, 1910, ed.03186, p.3.

⁴¹⁵ *O Malho*, 1915, ed.0673, p.28.

concorda com a afirmação, contudo, pondera que seria ainda maior se ela se aplicasse também à Câmara dos Deputados⁴¹⁶.

Quando Nicanor do Nascimento cria possibilidades para que práticas proibidas continuem sendo exercidas, este criava mais uma forma de se beneficiar com a ampliação de sua influência na capital, em diferentes bairros da cidade. A partir da análise dos periódicos, observa-se que o Sr. Nicanor do Nascimento costumava atuar principalmente em botequins localizados na região de Laranjeiras e Catete, mas sua aproximação com o clube da rua Soares, demonstra que sua influência não se restringia a esses bairros. Outro ponto importante, é pensar não só o futebol, mas sim o lazer como importante elemento de barganha entre figuras políticas e populares. Durante a Primeira República, ocorreram tentativas de estigmatizar a ida aos botequins, principal opção de lazer dos pobres urbanos e do sexo masculino⁴¹⁷. Frequentar tais ambientes, era motivo suficiente para ser visto como “desordeiro e vagabundo”. Segundo Chalhoub, isso revelava um projeto que a República queria trazer para estes homens, transformando-os em “morigerados e trabalhadores”⁴¹⁸. Somado às idas aos botequins, estava também os jogos, que à medida que foi se tornando comum na cidade, tornou-se um problema.

A tentativa das autoridades em cercear tais práticas de lazer e a apropriação do jogo, por parte do advogado e deputado na cidade, evidenciam a relevância dessas práticas. Logo, para os menos abastados, manter essas práticas, demonstrava a resistência das camadas populares à imposição de novos hábitos, hábitos esses pautados numa nova ordem burguesa⁴¹⁹ e no pensamento higienista. O envolvimento de indivíduos pobres com Nicanor do Nascimento, representa também uma forma de resistir às tentativas do Estado em cercear suas práticas de lazer. É possível refletir o lazer como um aspecto importante de atuação política não apenas para a figura do deputado, pois, é comum olhar para situações como essa e de forma simplória, ratificar uma dominação por parte do deputado, representando uma elite, aos menos abastados. Contudo, para os populares, a proteção de Nicanor se fazia importante, pois permitia que os mesmos pudessem agir, pois através dela conseguiam escapar da atuação da polícia, que em determinados distritos, também era acusada de envolvimento com o deputado.

⁴¹⁶ O Malho, 1915, ed.0673, p.28.

⁴¹⁷ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012. p.257.

⁴¹⁸ Ibid., p.257.

⁴¹⁹ Ibid., p.256.

Em 1911, quando Nicanor ocupa a vaga do deputado federal Monteiro Lopes, que havia falecido, a *Gazeta de Notícias* continua dirigindo espaço em seu jornal para criticar o advogado. As críticas se mantinham em torno dos seus envolvimento com homens considerados pelo jornal como “vagabundos”. Essa relação dificultava o policiamento na cidade, pois inibia a ação das autoridades policiais⁴²⁰. Mas, nas críticas, é possível observar por parte do periódico o que Chalhoub menciona sobre as “classes perigosas”. O jornal aproxima ao máximo a noção de pobreza da ideia de criminalidade. Essa constante associação dos eleitores de Nicanor do Nascimento a criminosos, é o que leva o jornal a determinar que os jogadores da rua Soares não passavam de “vagabundos” e “desocupados”. O fato de jogarem futebol em um espaço considerado inapropriado e, manter relações com o deputado, foi suficiente para esses indivíduos serem percebidos como uma ameaça à ordem, sendo necessário a intervenção da polícia.

No ano de 1912, o já deputado Nicanor do Nascimento, advogou a favor de um grupo de trabalhadores. Na solicitação de *habeas corpus* redigida pelo advogado no mês de dezembro, os onze homens defendidos pelo mesmo, seriam operários na empresa das docas de Santos. Porém, devido à inconformidade dos salários e a rejeição à proposta de aumento, decidiram não trabalhar. De acordo com Nicanor, tal atitude coincidia com o “uso simples do direito de ir trabalhar ou não”⁴²¹. Os trabalhadores, segundo o advogado, não teriam praticado qualquer ato de violência e nem haviam cometido crime algum, só “não lhes convindo o preço, deixaram de trabalhar”⁴²². No entanto, para as autoridades, esses indivíduos eram “marxistas perigosos” e não operários. Essa afirmação, expressa em um telegrama vindo de São Paulo, fez com que esses homens fossem enviados ao Distrito Federal sob a ameaça de serem expulsos do país por representarem um problema para a sociedade, causando dissensões⁴²³.

O caso não se vê limitado ao campo jurídico, mas foi pontuado pelo mesmo durante a sessão do dia 12 de dezembro na Câmara dos Deputados, durante a votação de uma legislação que buscava facilitar a expulsão de estrangeiros residentes no território nacional⁴²⁴. O projeto em debate eliminaria dois artigos de uma lei já vigente no país. Dentre os artigos, estava o artigo 3º: responsável por definir o que deveria se considerar

⁴²⁰ *Gazeta de Notícias*, 1911, ed.00238, p.1

⁴²¹ Arquivo Nacional. Supremo Tribunal Federal – BR RJANRIO BV

⁴²² *Idem*.

⁴²³ *Idem*.

⁴²⁴ *Anais da Câmara dos Deputados*, 1912, ed.0015, p.923.

como um estrangeiro residente e o art.8º, que prescrevia o direito de recurso do ato de expulsão⁴²⁵. O deputado Nicanor faz críticas sobre a expulsão de um operário, que segundo ele, era brasileiro nato. Mesmo provado a condição de brasileiro, este não teria sido repatriado. Em relação aos demais, detidos pela Polícia do Distrito Federal, a expulsão estaria sendo também requisitada, mesmo não havendo nenhum antecedente criminal contra eles⁴²⁶. Durante a sessão, o Sr. Nicanor defende as sociedades sindicais como sendo um preceito constitucional, e enfatiza o fato de não serem anarquistas, enfatiza ainda dizendo que as sociedades “repelem por completo o anarquismo”⁴²⁷. Ratificar isso tornava-se importante por haver entre as autoridades hostilidades a estas ideologias. Mais do que advogado, o Sr. Nicanor afirmava ser representante tanto de sociedades sindicais de Santos como do Distrito Federal.

As sociedades de classe são organizações de operários pertencentes ao mesmo ramo de trabalho manual, que se coligam para beneficência, para manter os seus sócios na ocasião em que não tenham trabalho, ou se encontrem enfermos, e para discutirem, dentro das normas legais, e quase sempre com o auxílio das autoridades, aquelas contendas de preço e de trabalho, que se estabelecem entre o grupo de operários e o de patrões.⁴²⁸

Observa-se então a definição das sociedades sindicais feita pelo Sr. Nicanor do Nascimento, na qual busca ao máximo afastar a ideia de que os trabalhadores detidos representariam algum perigo para a sociedade. O deputado se colocava favorável à permanência dos estrangeiros no país, mesmo após estes demonstrarem inconformidade com seus salários. Além disso, o deputado prezava pela não alteração da Constituição que facilitava a entrada de imigrantes, isso em defesa dos manifestantes detidos pela Polícia do Distrito Federal. Segundo Nicanor do Nascimento, a Constituinte apresentava-se favorável à imigração, mas o interesse do governo em criar um projeto-lei tornava vã todas as tentativas em atraí-los⁴²⁹.

A nação continua a querer o imigrante, segue a trilha das constituintes. Para esta propaganda gastamos somas extraordinárias; a este pretexto de propaganda subsidiamos grandemente jornais estrangeiros para dizer que o nosso país é uma terra de liberdade;

⁴²⁵ Anais da Câmara dos Deputados, 1912, ed.0015, p.926.

⁴²⁶ Anais da Câmara dos Deputados, 1912, ed.0015, p.926.

⁴²⁷ Anais da Câmara dos Deputados, 1912, ed.00015, p.936.

⁴²⁸ Ibid.

⁴²⁹ Ibid., p.934.

que nossa Constituição e nas nossas leis a remédios para todas as arbitrariedades. [...] Entretanto, no mesmo momento promissório em que despendemos estas somas fabulosas para atrair o estrangeiro, com este projeto de lei vamos declarar a esses mesmos estrangeiros que tudo que está assegurado na nossa Constituição é apenas uma promessa vã.⁴³⁰

Para manter os operários em território nacional, Nicanor se apropriou do discurso de superioridade racial predominante no país desde a segunda metade do século XIX e que serviu de base para ações do próprio Estado interessado em atrair estrangeiros. Dentro da própria Constituição, o deputado e também advogado encontrou brechas para manter os membros da sociedade sindical em território nacional. No entanto, mesmo tomando partido de grupos considerados populares na cidade, o deputado ainda fazia parte da principal coligação da Capital, estando então inserido no contexto de “politicagem”, como acusava parte da imprensa.

Porém, difícil era encontrar um político que não estivesse inserido nas negociações, base do processo eleitoral na cidade. É possível inferir, que o que coloca o deputado em evidência, era a estreita relação que demonstrava ter com homens e mulheres vistos como “desordeiros” pela imprensa. Outro ponto importante, é que a presença do Nicanor do Nascimento na Câmara dos Deputados, demonstra a ausência de consenso entre políticos no que diz respeito aos rumos do país. Ou seja, mesmo havendo fraudes eleitorais, responsáveis por manter sempre os mesmos personagens atuantes dentro do jogo político, isso não representava uniformidade nos interesses.

Os clientes do advogado Nicanor do Nascimento e criticado pela *Gazeta de Notícias*, permitiam que o deputado se apresentasse como uma forte referência na cidade. Mas como já destacado, sua influência também permitia a ação das camadas populares mediante as dificuldades por elas enfrentadas. Daniel José Eduardo, ao abordar o processo eleitoral no Rio de Janeiro, destaca as críticas feitas por Lima Barreto em suas crônicas, a respeito da política na cidade. Dentre elas, menciona a ação de capangas que atuavam nas eleições a serviço de políticos, contudo, esses agentes agiam com o interesse de garantir imunidades graças aos serviços prestados aos políticos com quem tinham alguma

⁴³⁰ Anais da Câmara dos Deputados, 1912, ed. 0015, p.934.

relação⁴³¹. Ou seja, dentro das inúmeras perseguições que se estendiam às práticas populares, também se estabeleciam inúmeras formas de resistir a elas.

O caso do Aventureiro FC nos permite refletir sobre a relação que se constrói na cidade entre o futebol e o processo eleitoral. Relação essa, que possibilitou ao clube permanecer em funcionamento, mesmo com sua licença cassada e que concedia a Nicanor do Nascimento possibilidade de alargar seu eleitorado. No caso do clube vemos comerciantes que acham no político uma forma de se manter exercendo seu direito ao jogo. É importante ressaltar que, por mais que os periódicos enfatizem a relação do político com “criminosos”, isto não significava que todos que recorressem a ele se caracterizassem como delinquentes. Na realidade, a imagem de “bandido” ou “criminoso”, só é vista associada aos homens pertencentes às camadas populares. Os políticos constantemente associados ao processo de fraudes por parte dos periódicos, não recebiam as mesmas qualificações. Esses eram sempre retratados como “doutores”, “senhores”, longe de qualquer estigma mais grosseiro.

No mais, a relação entre política e futebol não se restringiu ao Aventureiro Football Club, mas esteve associado aos principais clubes da cidade também. De acordo com Leonardo Pereira, os clubes de futebol na cidade do Rio de Janeiro, tendem a crescer a partir do fortalecimento das teorias higiênicas⁴³². As teorias passaram a influenciar diferentes esferas da sociedade, a regular condutas e a reger, inclusive, as transformações às quais o espaço urbano carioca foi submetido. A ideologia higienista também é apontada por Victor Andrade de Melo como sendo importante para a difusão do remo na cidade, entre meados do século XIX e início do século XX⁴³³. Ou seja, a introdução de novas práticas e hábitos vinha sendo sustentada e defendida por um pensamento que influenciou as ações das autoridades na cidade. Não somente isto, mas passou a ter um peso simbólico para as elites da capital que viam nos novos esportes um símbolo de distinção social.

Os primeiros clubes da cidade passaram a reunir a “bela sociedade”. Por esta razão, os ambientes esportivos eram vistos por parte da imprensa como sendo o ápice da

⁴³¹ EDUARDO, Daniel José. **Cidadãos e eleições na cidade do Rio de Janeiro da Primeira República:** do “voto de cabresto” ao direito de ser eleitor. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011, p.36.

⁴³² PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania:** Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.43

⁴³³ MELO, Victor Andrade de (org.). Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, p.25.

civilidade⁴³⁴, onde o que havia de mais belo se encontrava. Isso se percebe na maioria dos textos escritos sobre as disputas entre *teams* que ocorriam na cidade. Os periódicos se preocupavam mais em descrever os homens e mulheres presentes aos *grounds*, do que o jogo em si. Alguns parágrafos eram destinados a exemplificar os frequentadores das arquibancadas. Sobre o *match* entre Fluminense e Paysandu, ocorrido no dia 3 de maio 1913, o jornalista se atenta, inicialmente, em expor as “lindas vestimentas” das senhoritas presentes no local, além de ressaltar que estas pertenciam à “melhor sociedade”⁴³⁵. Os *grounds* representavam parte da moda, além de exprimir através dos frequentadores das arquibancadas o que havia de moderno na cidade, assim como funcionava nas ruas e no teatro.

A introdução dos esportes modernos tinha forte relação com as ações políticas na cidade. As reformas urbanas são conduzidas pela mesma ideologia higienista que serviu de justificativa para a apropriação do futebol⁴³⁶, como sendo benéfico tanto para o corpo como para a moral dos indivíduos. É este pensamento que justifica a incorporação do jogo no cotidiano da sociedade, se estabelecendo entre as elites. Logo, os clubes tornavam-se mais do que um mero ambiente esportivo, eram também espaços políticos, aonde representantes, intelectuais e jornalistas costumavam se encontrar. O futebol tinha um papel político, principalmente, entre as camadas abastadas da cidade. Conhecer as regras do jogo e suas terminologias inglesas era suficiente para demonstrar se os indivíduos eram verdadeiros *sportsman*. Logo, o futebol tornou-se uma forma de reafirmar a condição social das elites cariocas⁴³⁷. Se a relação do Sr. Nicanor do Nascimento com o Aventureiro FC aproxima a política com o futebol na cidade, levando a crítica por parte da *Gazeta de Notícias*, é possível mencionar também o deputado federal pelo estado do Maranhão, Coelho Netto, que em 1912 transformou-se em sócio do Fluminense⁴³⁸.

Além de político na cidade, o deputado Coelho Netto aos poucos se firmou como um literato de popularidade⁴³⁹. Segundo Leonardo Pereira, suas produções vinham desde o século XIX até 1934, nas quais afirmou suas ideias e ideais a partir de seus artigos em

⁴³⁴ PEREIRA, op. cit., p.35-36.

⁴³⁵ Correio da Manhã, 1913, ed.05208, p.3.

⁴³⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.36.

⁴³⁷ Ibid., p.31.

⁴³⁸ PEREIRA, 2000, p.197.

⁴³⁹ CHALHOULB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). **Histórias em cousas miúdas**. Campinas: Unicamp, 2005, p.203.

jornais de grande circulação⁴⁴⁰. Dentre as ideias afirmadas, esteve a sua percepção sobre o futebol. Entre disputas em torno dos sentidos do esporte, o deputado e literato contribuiu em reafirmar os seus próprios sentidos à recente modalidade. Dentre sua visão a respeito do jogo, está sua crônica no jornal *A Noite* no ano de 1919, que descreve o jogo realizado pelo Fluminense como sendo importante para criação de alianças entre países sul-americanos e ressalta a beleza do esporte⁴⁴¹. Observa-se na crônica de Coelho Netto, o interesse do literato em ressaltar a relevância do esporte dentro do próprio contexto diplomático.

Contudo, não apenas o deputado incluía em suas agendas a visita ao clube das Laranjeiras em dias de jogos. Mas, ao longo da década de 1910, é possível observar outras figuras políticas que passavam a inserir o esporte na sua programação. Em 1913, por exemplo, o atual presidente da República, o marechal Hermes da Fonseca, juntamente com seus ministros, pretendia assistir ao *match* que iria ocorrer no *ground* do Fluminense FC⁴⁴². Além do jogo, também é mencionado o interesse do mesmo em acompanhar a primeira prova do concurso hípico que iria ocorrer no Campo de São Cristóvão⁴⁴³. Essas programações, envolvendo modalidades esportivas, demonstram a importância que essas atividades haviam adquirido com o advento da modernidade. Representavam também espaços importantes para reafirmar ou formar novas relações, pois haviam se tornado ambientes frequentados pela alta sociedade.

A visita ao campo de São Cristóvão, ratifica o quanto o bairro ainda trazia consigo um pouco do caráter aristocrático que carregou consigo durante o período colonial, tanto pela visita do Executivo, como pelo evento de uma modalidade que foi significativa durante o século XIX. A introdução das corridas de cavalo na cidade do Rio de Janeiro, em 1850, gerou o entusiasmo nas elites da cidade. Segundo, Victor Andrade de Melo a inserção do divertimento hípico representava o avanço dos costumes e, segundo o periódico *Correio Mercantil* mencionado pelo autor, os divertimentos públicos eram uma necessidade imperiosa para o povo, conveniente à moral como à política⁴⁴⁴.

⁴⁴⁰ Ibid., p.202.

⁴⁴¹ *A Noite*, 1919, ed. 02664, p.1.

⁴⁴² *O Imparcial*, 1913, ed.00263, p.3.

⁴⁴³ *O Imparcial*, 1913, ed.00263, p.3.

⁴⁴⁴ MELO, Victor Andrade de. Entre a elite e o povo: o sport no rio de janeiro do século XIX (1851-1857). *Tempo*, [S.L.], v. 21, n. 37, p. 208-229, 21 jul. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2015v213706>, p.6

Outro grande clube na cidade, com relação de proximidade a um personagem de relevância na política, é o Botafogo Football Club. Lauro Sodré durante a Primeira República, destacou-se como governador pelo estado do Pará, sendo natural da região. E, como senador no Distrito Federal, tornou-se elemento de destaque na imprensa carioca⁴⁴⁵. A revista *O Malho* destacou o reconhecimento de Sodré como senador pelo Distrito Federal, como “um triunfo do povo contra a fraude”⁴⁴⁶. Ou seja, o político é representado como um personagem que não se enquadrava na politicagem que envolvia o processo eleitoral, pelo menos até 1904. Segundo uma crônica do impresso *O Malho*, em 1904, uma “trique de patrioqueiros” pretendia retirar Rodrigues Alves do Catete e nele colocar Lauro Sodré, fazendo da figura do político uma ameaça ao Estado⁴⁴⁷. Contudo, a crítica estabelecida a Lauro Sodré por parte da imprensa, não diminuiu a influência que este possuía tanto entre as classes militares como entre alguns civis.

Apesar de ter nascido no Pará, este se consolidou também na política carioca. Tanto que, em 1914, segundo o impresso *A Rua*, o senador teria recebido um convite do então presidente Wenceslau Braz para assumir a prefeitura do Distrito Federal⁴⁴⁸. A informação aparentava agradar pelo menos o jornalista responsável por expor a notícia, pois, devido à “brilhante administração” no Pará, o senador teria sido uma boa escolha⁴⁴⁹. Contudo, entre as condições exigidas por Sodré ao presidente Wenceslau Braz, estaria a de não fazer política com o Sr. Augusto Vasconcelos⁴⁵⁰, personagem este de grandes críticas por parte dos principais impressos. No mais, este personagem importante na política constrói uma relação com o clube Botafogo, através da proximidade de seus filhos com o clube esportivo. Não era apenas um, mas três dos seus filhos faziam parte do time do Botafogo Football Club durante o ano de 1910, Emmanuel Sodré, Lauro Sodré Filho e Benjamin Sodré (Mimi)⁴⁵¹. O clube carioca havia se consagrado campeão do principal campeonato da cidade, tendo como importantes *players* Lauro Sodré Filho e Benjamin

⁴⁴⁵ SANTOS, Alan Christian de Souza. Lauro Sodré em revista: textos, traços e retratos do senador paraense no periodismo carioca. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, 29., 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Unb, 2017. p. 1-16, p.4.

⁴⁴⁶ Ibid., p.4

⁴⁴⁷ SANTOS, Alan Christian de Souza. Lauro Sodré em revista: textos, traços e retratos do senador paraense no periodismo carioca. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, 29., 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Unb, 2017. p. 1-16, p.5.

⁴⁴⁸ *A Rua: Semanário Ilustrado*, 1914, ed.00176, p.3.

⁴⁴⁹ *A Rua: Semanário Ilustrado*, 1914, ed.00176, p.3.

⁴⁵⁰ *A Rua: Semanário Ilustrado*, 1914, ed.00176, p.3.

⁴⁵¹ *O Paiz*, 1910, ed.09443, p.5.

Sodré⁴⁵². O periódico *O Imparcial* descreveu Benjamin Sodré como o “inigualável inside-left” do clube Botafogo⁴⁵³.

Apesar da relação indireta do senador Sodré a presença de seus filhos no Botafogo FC, de alguma forma, o aproximava da entidade esportiva. Ter entre seus associados membros de famílias como a de Sodré, atribuía prestígio a qualquer clube. Mais do que vitórias era fundamental ter a presença de “distintas famílias” nas arquibancadas, tal como nomes de estima dentro de campo integrando os times principais. Como ressalta Marcia Diogo, a moda e o esporte juntos tornaram-se um dos fatores de propagação do ideal de homem e mulher modernos⁴⁵⁴. Os ambientes esportivos, destacando aqui os voltados para o futebol, foram criados para reafirmar os valores modernos. Marcia Diogo ao fazer uma análise a respeito dos teatros na Primeira República, enfatiza que o local era frequentado independentemente do espetáculo, na realidade lá se ia “para ver e ser visto pela alta sociedade”⁴⁵⁵. Os clubes de futebol e seus *grounds* parecem ter vivido semelhante processo.

Por esta razão, os eventos organizados na cidade e que, passam a inserir as atividades físicas em suas programações, também se tornavam políticos. A presença de distintas famílias nesses ambientes, atribuía prestígio tanto ao local prestígio quanto à prática. O futebol exercido pelos grandes clubes, tinha entre seus sócios personalidades importantes da sociedade carioca, e isso reafirmava a ideia de que aquele seria o “verdadeiro futebol”. Ângela de Castro Gomes e Martha Abreu trazem uma percepção intrigante a respeito dos partidos políticos na capital. Segundo elas, os partidos eram como “clubes de elite”, aonde os critérios de inclusão passavam pelo saber ler e escrever e por critérios de idade e sexo⁴⁵⁶. É possível observar os grandes clubes esportivos como extensão desses partidos, aonde os critérios para associar-se eram semelhantes e era possível encontrar as mesmas figuras políticas presentes nestes partidos, frequentando *grounds* e eventos organizados pelos clubes de futebol. Era destes homens que partiam as concepções de “bom” e “mau”, assim como o que deveria ser considerado ou não

⁴⁵² Gazeta de Notícias, 1911, ed.00183, p.9.

⁴⁵³ O Imparcial, 1913, ed. 00332, p.11.

⁴⁵⁴ CHALHOULB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). **Histórias em cousas miúdas**. Campinas: Unicamp, 2005, p.474.

⁴⁵⁵ Ibid., p.475.

⁴⁵⁶ GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. **A nova "velha" República: um pouco de história e historiografia. um pouco de história e historiografia**. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/j6CdLTMjjjVhZz7SBTNXQqJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jan. 2023., p.8

civilizado. Por esta razão, os clubes semelhantes ao Aventureiro FC, ocupados por homens de pouco prestígio e privilégio, costumavam ser estigmatizados por parte da imprensa, por constituírem-se de populares.

Todavia, a relação que havia entre o Sr. Nicanor do Nascimento com o clube de futebol, não se diferenciava muito da relação que outras figuras políticas acabavam tendo com os grandes clubes. Na realidade, a proximidade do deputado Nicanor com indivíduos mal vistos pela imprensa, colaborou muito para que representantes fossem eleitos e ocupassem cargos responsáveis pela administração da cidade. Levando em consideração o processo eleitoral na capital, os chefes locais denominados de “coronéis”, possuíam um importante papel no desenrolar da política nos municípios. Para Victor Nunes Leal, o “coronelismo” seria o sistema da reciprocidade, aonde de um lado os chefes municipais e os “coronéis” conduziriam uma massa de eleitores⁴⁵⁷. Esses eleitores eram importantes para eleger certos representantes. Durante as eleições de 1910, a *Gazeta de Notícias* estabelece a proximidade de Nicanor do Nascimento com o então marechal Hermes da Fonseca. A influência do advogado, teria sido relevante para que o marechal assumisse seu posto de presidente.



Figura 3 O Malho (RJ), 1910, ed.0394*

⁴⁵⁷ LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013, p.33.

* Manifestação na praça Quinze de Novembro ao Dr. J. J. Seabra. Sobre o carro enfeitado vê-se o ilustre parlamentar, tendo à esquerda o representante do presidente da República e a direita o Dr. Serzedelo Correia, prefeito, e mais o Dr. Nicanor do Nascimento, que pronuncia entusiástico discurso.

A partir das imagens produzidas pela revista *O Malho*, é possível observar a frequente presença do Sr. Nicanor do Nascimento em eventos políticos, com grande presença de público. O advogado não apenas fazia companhia nos comícios ou ocasiões solenes, mas era comum vê-lo discursando, o que demonstrava sua pertinência para as campanhas. Logo, a figura de Nicanor pode ser vista como a de um chefe local ou “coronel”, que a partir da negociação, às vezes da intimidação e das relações que construía com as camadas populares, tornava-se fundamental para a eleição de determinadas figuras políticas. Assim como Augusto Vasconcelos, que tinha forte influência na freguesia de Campo Grande, o deputado demonstrava ter em bairros mais ao centro da cidade. Contudo, é observado que esses indivíduos não exerciam diretamente a tarefa de intimidar ou interferir nas eleições, mas a responsabilidade costumava ser atribuída aos seus “capangas”.

Nas eleições de 1915, o deputado Nicanor do Nascimento foi novamente acusado por parte da imprensa de fraudar as eleições. Desta vez sua influência tornou-se importante na eleição para senador e deputados na capital federal, estando o próprio, entre os candidatos. As fraudes ocorriam, principalmente, a partir do alistamento de eleitores que era responsabilidade da comissão de alistamentos⁴⁵⁸. As comissões escolhidas por membros do governo municipal, eram responsáveis por revisar as provas para definir se os alistados se adequavam às normas necessárias para tornar-se eleitor⁴⁵⁹. De acordo com Daniel Eduardo, com o intuito de aumentar o controle sobre o processo eleitoral em 1904, as comissões passaram a ser compostas por um juiz de direito, mais os dois maiores contribuintes do imposto predial urbano, os dois maiores do imposto sobre a propriedade rural e mais três cidadãos eleitos pelo governo municipal⁴⁶⁰. Ou seja, cabia às elites da cidade definir quem poderia ou não exercer o direito ao voto. Por essa razão, tornava-se difícil haver surpresas nas eleições.

Ao longo do século XX, houve alterações na legislação com o intuito de diminuir as tentativas de fraudes por parte de políticos locais, porém poucos resultados foram obtidos. As eleições na capital em 1915 demonstram isso, pois segundo Daniel Eduardo, durante as votações na 6ª pretoria um político com “capangas” teria levado o livro de

⁴⁵⁸ EDUARDO, Daniel José. **Cidadãos e eleições na cidade do Rio de Janeiro da Primeira República:** do “voto de cabresto” ao direito de ser eleitor. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011, p.58.

⁴⁵⁹ Ibid., p.57.

⁴⁶⁰ Ibid.

registro das eleições⁴⁶¹. Também é possível identificar em outras pretorias a tentativa de interferência no número de votos. É apontada a entrega de atas falsas à Secretaria da Câmara, atas que faziam referência às seções onde não haviam nem sequer ocorrido eleições⁴⁶². De acordo com o jornal a *Gazeta de Notícias*, na 2ª seção, além da ausência dos mesários que não compareceram, houve protestos e os livros teriam sido roubados⁴⁶³. Apesar de todos os problemas envolvendo o processo eleitoral na capital, o Dr. Augusto Vasconcelos foi eleito senador, assim como Nicanor conseguiu se reeleger deputado federal⁴⁶⁴.

O reeleito deputado também teria sido acusado por mesários de fugir da seção com os livros, algo que teria ocorrido sem maiores impedimentos, o que demonstrava ser uma prática já natural⁴⁶⁵. Neste ano de eleição tão conturbada, com diferentes relatos de fraudes e roubos de livros de registros, o caso da rua Soares seria relatado pela primeira vez dois meses depois. As eleições teriam ocorrido em janeiro, enquanto o caso da rua Soares, seria noticiado no início do mês de março. Contudo, o fato de Nicanor do Nascimento já ter se estabelecido como deputado na cidade, com forte participação no processo eleitoral, faz com que sua relação com o Aventureiro FC se torne uma forma de angariar novos prováveis eleitores. No entanto, é possível afirmar que a relação entre os sócios do Aventureiro e o deputado, só é vista de forma negativa, devido à condição social dos jogadores. Assim como, a prática do futebol é menosprezada por ser praticada por esses indivíduos.

A condição social dos praticantes era crucial para a construção simbólica da imagem do esporte. Os jornais, como já mencionado, já haviam definido o futebol praticado pelos grandes clubes como o “bom” futebol. A relação que outros políticos demonstravam ter com ambientes esportivos, não era encarada como apenas uma forma de constituir uma nova base eleitoral. Pelo contrário, a presença desses personagens da política carioca nos clubes, reafirmava a importância do esporte para o desenvolvimento da cidade, pois as modalidades esportivas passam a ser vistas como fundamentais para o desenvolvimento da raça, pois aprimorava a juventude⁴⁶⁶. Além disso, atribuíam maior

⁴⁶¹ EDUARDO, 2011, p.70.

⁴⁶² Anais da Câmara dos deputados, 1915, 0005, p.821.

⁴⁶³ *Gazeta de Notícias*, 1915, 00031, p.5.

⁴⁶⁴ *Gazeta de Notícias*, 1915, 00031, p.5.

⁴⁶⁵ EDUARDO, 2011, p.81.

⁴⁶⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.39.

reputação aos clubes que frequentavam, pois, eram esses ambientes frequentados pelas elites da cidade, que carregavam a responsabilidade de defenderem os “verdadeiros” sentidos do futebol.

O interesse da *Gazeta de Notícias* no caso da rua Soares não se restringia ao conflito em si, entre moradores. E nem pelo envolvimento de um político com o clube ali localizado. Mas, pela presença específica de Nicanor do Nascimento, alguém que antes do conflito já vinha ocupando com frequência as páginas do periódico. E o advogado se destaca pela relação com indivíduos considerados perigosos na cidade. Todavia, é importante ressaltar que a definição de “perigoso” durante a Primeira República, é vista como problemática. Pois, como já assinalado, o que costumava determinar a periculosidade de algum indivíduo, era na maioria das vezes, sua condição social.

O posicionamento político da *Gazeta de Notícias*, contrária a políticos como Nicanor, torna o caso da rua Soares uma alternativa para estabelecer maiores críticas ao advogado. Pois o deputado, apresentava-se como uma figura emblemática durante as eleições na cidade e, segundo o próprio jornal, tinha costume de defender indivíduos vistos como um problema para a sociedade. O *Correio da Manhã*, ao apresentar os candidatos a eleição para a vaga de deputado em 1911, descreve Nicanor do Nascimento como “candidato do boçalíssimo senador Rapadura” e “parceiro de cafajestes e de banqueiros do bicho”⁴⁶⁷. Além disso, Nicanor do Nascimento também vai se colocar à frente de movimentos sindicais ao longo da década de 1910. Em 1912, segundo o periódico *A Epoca*, esteve de frente do movimento grevista ocorrido na capital da República, envolvendo trabalhadores em trapiches e café, que vinham criticando a diretoria da Leopoldina⁴⁶⁸.

O jornal enfatiza que a greve na capital era mais uma, entre outros movimentos que vinham ocorrendo no país, a exemplo de movimentos grevistas em Santos e em Juiz de Fora. O Sr. Nicanor do Nascimento é apontado como advogado e deputado da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café⁴⁶⁹. Ou seja, o deputado vinha causando incômodo entre as elites da cidade por estar relacionado a trabalhadores muitas vezes vistos como “desordeiros”.

⁴⁶⁷ Correio de Manhã, 1911, ed.03503, p.2.

⁴⁶⁸ A Epoca, 1912, ed.00025, p.4.

⁴⁶⁹ A Epoca, 1912, ed.00025, p.4.

Realisou-se ontem, no vasto salão da Sociedade Flor da Glória, uma grande reunião política a qual compareceram cerca de quatrocentos eleitores da paróquia da Glória. Tinha ela por fim receber o sr. deputado Nicanor do Nascimento a comissão de senhoras delegadas por numerosas operárias da Fábrica Alliança, para apresentar ao referido deputado os agradecimentos das operárias ao seu patrono, durante a última greve vitoriosa que fizeram e mantiveram os operários da Fábrica Alliança. Aberta a sessão, o sr. Nicanor Nascimento, que tinha sido convidado para presidi-la, chamou para constituir a mesa uma das senhoras representantes da fábrica, para representar o elemento feminino, “importantíssimo no envolver da sociedade moderna”⁴⁷⁰

Acima há outra menção ao deputado, feita pelo jornal *Gazeta de Notícias* em 1918, na qual Nicanor do Nascimento é mencionado por operárias da Fábrica Aliança. Segundo o jornal, uma comissão de operárias teria organizado um evento com o intuito de agradecer ao Sr. Nicanor do Nascimento por ter sido patrono das operárias durante a greve⁴⁷¹. A greve envolvendo a Fábrica teria sido iniciada em 1917, por não possuir condições apropriadas para o trabalho. Segundo o deputado Mauricio de Lacerda, a fábrica faltava com todas as regras de higiene, sendo inclusive, responsável por aplicar castigos corporais aos menores⁴⁷². A fábrica têxtil já havia no início do século XX, sido uma das responsáveis pelo movimento grevista na capital em 1903. Dentre as reivindicações, estariam a diminuição da jornada de trabalho, as críticas aos abusos sofridos por operárias e os castigos físicos no qual os trabalhadores eram submetidos por mestres ou gerentes⁴⁷³.

A comissão de senhoras delegadas por operárias, responsáveis pelo evento em 1918, foi organizada um ano antes. O intuito era solicitar ao chefe de polícia que interviesse junto à Fábrica Aliança para que os operários fossem readmitidos, operários que haviam sido demitidos por envolvimento na greve⁴⁷⁴. Além disto, as mesmas vinham sendo responsáveis por angariar donativos para as famílias dos trabalhadores⁴⁷⁵. Logo, alguma das senhoras citadas em 1918, no evento que buscava prestigiar a figura de

⁴⁷⁰ *Gazeta de Notícias*, 1918, ed. 00025, p.6.

⁴⁷¹ *Gazeta de Notícias*, 1918, ed. 00025, p.6.

⁴⁷² *Anais da câmara dos deputados*, 1917, ed. 0012, p.134.

⁴⁷³ PIRES, Isabelle Cristina da Silva. Luta operária: trabalhadores (as) da companhia de fiação e tecidos aliança na "greve geral" de 1903. *Espaço Plural*, [s. /], n. 34, p. 437-466, jun. 2016. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/>. Acesso em: 25 fev. 2023, p.444.

⁴⁷⁴ *Gazeta de Notícias*, 1917, ed. 00341, p.1.

⁴⁷⁵ *Gazeta de Notícias*, 1917, ed. 00341, p.1.

Nicanor do Nascimento, também se encontravam presentes entre as mulheres responsáveis por se dirigir ao chefe de polícia em prol dos operários envolvidos na greve. Observa-se então a presença assídua das mulheres nos movimentos grevistas ao longo do século XX, demonstrando a atuação das mesmas nas fábricas. O deputado Nicanor do Nascimento se apresentava novamente como um elemento crucial na luta dos populares frente à ausência de direitos.

Na Câmara, o deputado havia se colocado contrário aos impostos sobre o vencimento da Guarda Civil. Para o Sr. Nicanor do Nascimento, o imposto votado tinha um “aspecto monstruoso”, pois se tratava de uma taxa a funcionários que não possuíam “garantia de aposentadoria e cujos vencimentos são verdadeiros minguados”⁴⁷⁶. Contudo, mesmo envolvido em assuntos relacionados aos direitos de trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro o deputado não faz menção a nenhuma ideologia de forma direta. Segundo Michel Goulart da Silva, o Sr. Nicanor do Nascimento tornou-se um dos membros mais importantes do Grupo Clarté⁴⁷⁷. O Grupo Clarté era responsável pela edição da revista Clarté no Brasil, que teve sua primeira publicação em setembro de 1921 e sua última em janeiro de 1922. O impresso que surge por influência francesa no Brasil passou a reunir importantes figuras da política e que ocuparam importantes papéis em organizações sindicais⁴⁷⁸. No entanto, até o período aqui estudado, não foi encontrada nenhuma menção do deputado como adepto a alguma linha ideológica.

Apesar do Grupo Cartlé ter influência francesa, e carregar consigo maior proximidade com o pensamento socialista, Silva menciona que no Brasil, o grupo se destacou pelo seu caráter bastante eclético, ou seja, não havia um consenso a respeito do socialismo⁴⁷⁹. Segundo o autor, o socialismo apresentado pelo Clarté distanciava-se da perspectiva marxista, carregando consigo um caráter mais moderado. Ou seja, a relação do Sr. Nicanor do Nascimento com o grupo, posteriormente, não torna mais fácil definir sua posição ideológica. Tendo em vista que o próprio grupo é definido como diverso. Surama de Sá Pinto em sua análise sobre partidos políticos na cidade do Rio de Janeiro, menciona que os conflitos envolvendo as elites políticas, que se acentuavam durante as

⁴⁷⁶ A Rua: Semanário Ilustrado, 1915, ed.00013, p.3.

⁴⁷⁷ SILVA, Michel Goulart da. Socialismo e Revolução nas páginas do Clarté. **Tempos Históricos**, [s. /], v. 21, p. 52-73, set. 2017, p. 60.

⁴⁷⁸ Ibid., p.61.

⁴⁷⁹ Ibid., p. 62.

conjunturas eleitorais, não tinham como elemento central as divergências de cunho ideológico⁴⁸⁰.

Essa análise realizada por Sá Pinto discorre a respeito da pouca influência ideológica entre as elites políticas, ao menos, de ideologias muito divergentes do que vinha sendo implementado na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, é importante ponderar que mesmo havendo poucas divergências entre as elites, as diferenças ainda assim existiam. Américo Freire destaca que havia duas maneiras de entrar na vida pública: pelos contatos por “cima” e também pela consistência de uma base eleitoral segura, dando ênfase à segunda opção⁴⁸¹. Observamos então, que o deputado Nicanor do Nascimento se ampara nas duas vias destacadas por Freire. Primeiro, a partir da sua relação com o senador Augustos Vasconcelos antes de se tornar deputado, além de outras figuras importantes dentro do cenário político. E segundo, através da proximidade que o Sr. Nicanor estabelecia com diferentes grupos sociais na cidade. Ambas o permitiu alcançar um espaço na vida pública da cidade. No entanto, apesar de compor partidos que representavam “mais do mesmo” na cidade, que pouca relevância tivera na ampliação de direitos ao povo, Nicanor do Nascimento traz questões importantes para alguns setores operários da cidade.

Américo Freire destaca que algumas lideranças operárias costumavam relacionar-se com partidos conservadores, com o intuito de vocalizar seus interesses específicos⁴⁸². O deputado tanto na Câmara quanto exercendo sua função de advogado, consegue representar indivíduos considerados “criminosos” e “vadios”. Seu envolvimento com práticas criminalizadas na capital da República, como os jogos de azar, permite refletir sobre a relevância da prática cultural para a ampliação e consolidação de uma base eleitoral forte, aspecto também importante para adentrar a vida política, mesmo com grande parte da população se vendo excluída do direito ao voto. No entanto, essa relação apresentou-se como favorável não apenas para Nicanor do Nascimento, como para indivíduos tidos como principais alvos das autoridades. O futebol nas ruas destacou-se como mais uma prática cultural que se firmava na cidade, à medida que ocupava as ruas e tornava-se comum entre clubes de caráter mais popular. Perpetuar as mesmas diretrizes

⁴⁸⁰ PINTO, Surama Conde Sá. Só para iniciados: o jogo político na antiga capital federal. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-17, p.8

⁴⁸¹ PINTO, 2013, p. 127.

⁴⁸² FREIRE, Américo. **Uma capital para a República: poder federal e forças políticas locais no rio de janeiro na virada para o século xx**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2015, p. 189.

em seus estatutos que os clubes frequentados pelas elites da cidade, pode ser visto como forma de contornar a própria polícia. No entanto, isso em certos momentos não demonstrava ser suficiente.

Nicolau Sevcenko enfatiza o quanto a República trouxe consigo não só a preocupação em transformar os espaços públicos, mas o modo de vida e a mentalidade carioca, destacando ainda, que não havia quem pudesse se opor⁴⁸³. Ainda que houvesse diferenças entre as elites, as semelhanças tendiam a ser maiores. Quem costumava se opor, eram as camadas populares que se viam obrigadas a seguir essa nova mentalidade. O autor pondera práticas que se tornaram alvo de perseguição como a serenata, tendo por enfoque o violão, tido como instrumento popular⁴⁸⁴. Destaca ainda, o jogo do bicho já mencionado aqui, mas faz questão de elucidar o quanto os cassinos e o Jockey haviam se tornado os principais espaços de sociabilidade das elites⁴⁸⁵. E, além das elites políticas, os jornais também se tornaram importantes nos ataques aos “velhos hábitos”⁴⁸⁶.

Diante das perseguições a algumas práticas populares, também se construíram formas de resistência. Mesmo as disputas políticas sendo cercadas de fraudes, apresentando poucas mudanças, havia espaços de atuação diante das competições que se formavam entre as próprias elites. Para os contemporâneos, o voto precisava ser preservado, mesmo demonstrando-se esvaziado⁴⁸⁷. E, era esse voto, muitas vezes adquiridos a partir da negociação ou da violência, que elegia os representantes da cidade.

⁴⁸³ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.30.

⁴⁸⁴ SEVCENKO, 1995, p.32.

⁴⁸⁵ Ibid., p.33.

⁴⁸⁶ Ibid., p.33.

⁴⁸⁷ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; SOARES, Livia Freitas. Votos, partidos e eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de *“o malho”*. **Revista de História**, [S.L.], n. 177, p. 1-31, 17 dez. 2018. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2018.13447>, p.29.

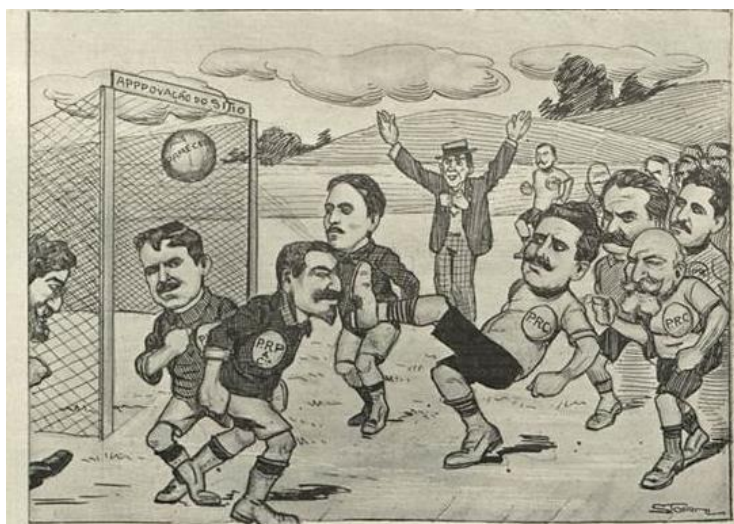


Figura 4 O Malho, 1914, ed.0610

A imagem publicada n' *O Malho* enfatizava justamente essa competitividade que havia na política. Contudo, a charge faz menção a desacordos envolvendo um partido carioca e um partido paulista. O PRC (Partido Republicano Conservador), representado na imagem, foi produto de Augusto Vasconcelos, representando então a capital⁴⁸⁸. Já o PRP (Partido Republicano Paulista), representava o estado de São Paulo, com grande atuação política durante os anos iniciais da República⁴⁸⁹. O que estaria em debate, era a permanência ou não do estado de sítio, instituído por Marechal Hermes da Fonseca em 4 de março de 1914. A validade do estado de sítio era até 31 do mesmo mês, contudo, conseguiu ser prorrogado até 30 de abril e, posteriormente, para 30 de outubro de 1914⁴⁹⁰. Sobre a justificativa de possíveis ameaças internas, o estado de sítio havia se tornado um “paradigma de governo”, utilizado pelos governos da Primeira República como forma de enfrentar as contestações sociais⁴⁹¹. Dentro deste debate, o partido paulista manifestou-se contrário à continuidade⁴⁹² do estado de sítio, mesmo que as restrições estivessem limitadas ao Distrito Federal e Niterói.

⁴⁸⁸ FREIRE, Américo. Liderança e negociação política no Distrito Federal: Augusto de Vasconcelos - o 'Dr. Rapadura'. *REVISTA DO ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO*, v. 19, p. 111-129, 2020., p.123.

⁴⁸⁹ RAMOS, Plínio de Abreu. **Partido Republicano Paulista**. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-republicano-paulista-prp>. Acesso em: 03 fev. 202.

⁴⁹⁰ FONSECA, Hermes da. min. Guerra 1906-1909; pres. da Rep. 1910-1914. <https://cpdoc.fgv.br/verbetes/primeira-republica>.

⁴⁹¹ GOMES, Ana Suelen Tossige; MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. O estado de exceção no Brasil republicano. *Direiro & Práxis*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2017, p. 1760-1787, p.1764.

⁴⁹² *Anais da Câmara dos Deputados*, ed. 1914, ed. 0001, p.210.

A figura com os pés levantados na charge, que aparenta chutar a bola, representa a figura de Nicanor do Nascimento que haveria posto em discussão na Câmara um parecer aprovando o estado de sítio.⁴⁹³ É interessante observar como o futebol foi apropriado pelo impresso para fazer menção ao jogo político colocado em campo na Câmara. A utilização de determinados elementos culturais por parte dos jornais, permitem refletir sobre o papel destes na sociedade. O futebol, obviamente, não era ainda uma prática popular tal como o jogo do bicho, contudo, a partir das reclamações é possível afirmar que já havia adquirido o interesse de uma parcela significativa da população.

Em 1914, o jogo já vinha se tornando um problema nas ruas da capital. No diálogo construído pelo *O Malho*, durante a partida entre os dois partidos políticos, são utilizadas palavras inglesas como “*off side*” e *score*, contudo, a figura do Zé Povinho, comum nas sátiras do periódico, aparece destacando não conhecer “essas inglezices”, contudo, conhecia o jogo⁴⁹⁴. Na partida estaria além da figura do Nicanor do Nascimento, outros nomes importantes da política carioca, dentre elas o senador Augusto Vasconcelos, responsável por fundar o partido.

Esses homens que representariam as elites políticas, são apresentados como indivíduos que além de possuir conhecimento sobre o futebol, também possuíam compreensão dos termos que refletiam a essência do esporte. Essas “inglezices” do futebol serviam como um demarcador social. Por essa razão, o Zé povinho, que representava os menos abastados, menciona não conhecer os termos referidos. Contudo, não conhecer os termos não representava ignorância em relação à recente prática esportiva. O jogo vinha se fazendo presente no cotidiano não apenas das elites, mas dos menos abastados, principalmente, a partir do crescimento de clubes nos subúrbios do Rio de Janeiro e de ligas que vinham se formando na cidade. E assim como o Zé povinho, personagem fictício criado pelo *O Malho*, os menos abastados podiam não ter conhecimento dos termos em inglês, mas vinham ressignificando o esporte a partir de suas vivências e realidade, assim como tudo em uma sociedade plural.

O advogado e deputado Nicanor nos ajuda a perceber o quanto o futebol vinha se tornando uma prática comum entre diferentes grupos sociais, desencadeando na aproximação do esporte com o processo eleitoral na cidade. Como já mencionado, não

⁴⁹³ O Malho, 1914, ed.0610, p.5.

⁴⁹⁴ O Malho, 1914, ed.0610, p.5.

era apenas o futebol aspecto de interesse do deputado, mas os botequins e os caça-níqueis espalhados por esses estabelecimentos. Ou seja, práticas populares que, segundo as elites cariocas, representavam ameaça à ordem na cidade. O advogado, por sua vez, se colocou como protetor dos menos favorecidos, de indivíduos que tendiam a ser alvos constantes da polícia. O que acarretou críticas dos jornais à sua atuação. Ao mesmo tempo, através desta relação, políticos ligados ao seu partido foram eleitos com frequência, assim como o mesmo, eleito em 1915 como deputado. Apesar de integrar partidos que representavam “mais do mesmo”, de se relacionar com políticos acusados com frequência por coordenar fraudes em diferentes seções eleitorais, estando envolvido nesses crimes. Nicanor do Nascimento também se destacou por representar interesses das classes trabalhadores, estando a frente de greves e sindicatos.

Logo, as ações de Nicanor do Nascimento permitem observá-lo como alguém que se ajustou aos processos eleitorais da cidade, relacionando-se com nomes importantes da política carioca e criando uma base sólida de eleitorado, com o intuito de adentrar a esfera política. A relação do deputado com tais práticas populares permitira a ele construir essa base, e, conseqüentemente, ser eleito e eleger outros representantes. Contudo, nesta relação observamos que não foi apenas Nicanor do Nascimento o único a se beneficiar, pois com sua influência o Aventureiro FC conseguiu resistir às investidas de moradores contra a prática do esporte, conseguindo inclusive, a transferência de um comissário para outro distrito. Ao mesmo tempo, os jogos de azar se mantinham em determinados estabelecimentos, por tê-lo como “protetor”. Pautas ligadas à classe trabalhadora também são abordadas na Câmara pelo deputado, que fazia questão de reiterar sua não relação com ideologias. As práticas culturais também davam margem para a negociação e, através dela, observamos que as vantagens não se limitavam às elites, mas os menos abastados souberam se apropriar de artifícios para alcançar benefícios.

3.2 Entre o agir e o não agir: a ação das autoridades policiais na cidade.

A partir das reclamações a respeito da prática do futebol nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, é possível observar com frequência críticas a respeito da falta de ação por parte da polícia. No caso da rua Soares, a presença de autoridades policiais é nítida, porém com grande participação. A frequente reclamação sobre a ação da polícia e, no caso da rua Soares, a ausência de um consenso entre os personagens envolvidos, demonstram uma

dificuldade por parte das autoridades sobre como e quando agir diante de determinadas situações. Lericce Garzoni em seu trabalho, se propôs a compreender a relação de “homens fardados” encarregados da vigilância direta nas ruas e os moradores de determinadas regiões, com o intuito de problematizar algumas visões genéricas a respeito desses indivíduos, uma vez que muitos policiais de baixo escalão poderiam compartilhar visões de mundo dos sujeitos que controlavam e reprimiam⁴⁹⁵.

A crescente perseguição às práticas populares que se estabeleceram durante a Primeira República é o que justamente leva à percepção mais generalizada a respeito da ação policial na cidade. Aqui, o interesse é seguir o raciocínio de Garzoni, com o intuito de apontar os limites dessas ações policiais, justamente, pelas relações estabelecidas no dia a dia da cidade. Ao pensar os vínculos que se formaram entre certos grupos políticos e camadas menos abastadas, é necessário também refletir sobre a polícia dentro deste meandro de relações. Vários cargos na Polícia eram ocupados a partir de indicações e, concomitantemente, alguns grupos apontados como criminosos na cidade ou desordeiros, possuíam o “apadrinhamento” de membros das elites políticas da cidade. Essas conexões que parecem antagônicas é o que torna a ação das autoridades policiais em determinados momentos intrincadas, pois estes são submetidos às figuras políticas e, em certos momentos, se veem submetidos aos indivíduos que por eles deveriam ser reprimidos. Ou seja, tudo dependia dos vínculos formados na cidade.

Segundo as leis e regulamentos da Polícia Civil do Distrito Federal, em 1907, é possível observar como funcionários da corporação eram nomeados. O Chefe Polícia, por exemplo, era nomeado pelo Presidente da República dentre doutores e bacharéis em direito por alguma das faculdades da República, além disso, deveria possuir pelo menos dez anos de experiência na magistratura, advocacia ou na administração pública, ou ainda, que por meio de estudos especiais demonstrasse aptidão para o serviço policial.⁴⁹⁶ Em relação aos Comissários, estes seriam nomeados após a realização de um concurso e a avaliação de dois advogados estranhos a polícia escolhidos pelo Chefe de Polícia⁴⁹⁷. Contudo, os demais funcionários segundo o Regulamento, seriam providos dentre os

⁴⁹⁵ GARZONI, Lericce de Castro. **Vagabundas e conhecidas**: novos olhares sobre a polícia republicana (rio de janeiro, início do século xx). 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Unicamp, Campinas, 2007, p. 64.

⁴⁹⁶ BRASIL. Decreto N° 6440, de 30 de março de 1907. Dá novo Regulamento ao serviço Policial do Distrito Federal. Rio de Janeiro, 1907. Disponível em: < <http://museu.in.gov.br/fr/web/guest/colecao-de-obras-raras>>. Acesso em: 08 mai.2024.

⁴⁹⁷ Ibid.

cidadãos brasileiros que reunissem condições de idoneidade, a juízo do Chefe de Polícia. Ou seja, a maior parte dos membros da corporação eram escolhidos sem muitos critérios, pois o próprio regulamento permitia que os delegados e chefe da polícia escolhessem segundo os seus próprios critérios.

Cumprir o que era proposto pelo próprio Estado, não demonstrava ser algo simples. Logo, o intuito é refletir como o futebol nas ruas aproxima as autoridades policiais dos seus potenciais alvos. E, como a condição econômica dos indivíduos, assim como as relações que os menos abastados vinham ter com importantes figuras políticas, limitavam a ação da própria polícia. O “Caso da Rua Soares” permite observar a divergência entre as autoridades em relação ao jogo, divergência essa, que pode ser associada à presença de Nicanor do Nascimento no caso. Contudo, ao contrário de outras reclamações, é possível observar uma atuação maior da polícia no que diz respeito à tentativa de coibir a prática, apesar de não conseguir. Segundo a narrativa da *Gazeta de Notícias*, a polícia do 10º distrito, já havia por “várias vezes” sendo vista obrigada a proibir a prática do futebol no local, pois vinha incomodando os moradores⁴⁹⁸.

A partir do discurso do periódico, não houve um consenso entre os próprios policiais. A atuação da polícia encontrou limites que, neste caso, estiveram relacionadas às relações construídas pelos jogadores, e também moradores da rua Soares⁴⁹⁹, com o deputado Nicanor. Outro ponto que deve ser situado, é a provável proximidade da figura do policial, com as práticas que deveriam coibir. Esses homens responsáveis por policiar as ruas tendiam a compartilhar muito mais de hábitos com populares, do que com os mais abastados. Valter Martins ao analisar a ação policial em Campinas, que também portava consigo o papel de educar parte da população, menciona que, ao mesmo tempo em que a polícia promovia batidas e prisões nos biombos para combater a “vagabundagem”, muitos dos seus membros eram habituais frequentadores desses espaços⁵⁰⁰. Os Biombos eram cortiços, mas por serem associados a prática de prostituição pela imprensa, passaram a ser chamados assim⁵⁰¹.

⁴⁹⁸ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00090, p.2.

⁴⁹⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00105, p.2.

⁵⁰⁰ MARTINS, Valter. Policiais e populares: educadores, educandos e a higiene social. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 23, n. 59, p. 79-90, abr. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622003000100006>, p.87.

⁵⁰¹ *Ibid.*, p.84.

Lerice Garzoni, de forma semelhante, destaca o fato de muitos policiais viverem em habitações coletivas, levando-os a forjar gradações entre as moradias em casos de denúncias⁵⁰². É possível pensar as autoridades policiais não apenas como braços do Estado, mas como indivíduos inseridos e participantes de uma complexa estrutura que as relações formavam. A partir dos vínculos construídos no ceio da sociedade, as pessoas podiam agir diante das repressões ou reafirmarem posições de poder e adquirir benefícios. Neste caso, algumas conexões permitiam aos menos abastados manterem práticas que haviam sido criminalizadas. E, no caso do futebol que não era criminalizado, os permitia mantê-lo. Ainda que a forma como o jogo vinha sendo praticado, nas ruas da cidade, viesse contrariando os interesses de parte das elites cariocas.

Mas os jogadores burlam as ordens da polícia e, agora, para se garantirem da sua ação, acabam de dirigir uma petição ao chefe de polícia, para que ninguém os vá perturbar na sua diversão. [...] Não. O sr. chefe de polícia consciencioso como é, não vai deferir assim essa petição. O seu indeferimento é certo, uma vez que toda e qualquer averiguação que se fizer determinará a inconveniência da licença. [...] O que nós não podemos, nem o dr. Aurelino Leal é permitir as inconveniências que advém desse “sport” quando jogado em lugares impróprios⁵⁰³.

Na reclamação já exposta no trabalho, no capítulo anterior, observaremos a ação policial a partir do discurso da *Gazeta de Notícias* sobre o caso da Rua Soares. Através da narrativa do jornal, percebe-se uma certa facilidade dos jogadores em dialogar com a polícia. Mesmo acusados de gerarem a “desordem” na rua Soares, não se sentiram intimidados em reagir a partir de uma petição ao chefe de polícia. Apesar de ser mencionado o nome do Dr. Aurelino Leal, no período em questão, era o delegado Cid Braune o responsável pela delegacia do 10º distrito⁵⁰⁴. Portanto, é o nome do delegado que aparece no processo de avaliação do clube para a concessão de licença⁵⁰⁵. E, ao contrário do que o periódico ansiava, o delegado não viu motivos para negar a licença ao clube⁵⁰⁶.

⁵⁰² GARZONI, 2007, p.34.

⁵⁰³ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00090, p.2.

⁵⁰⁴ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

⁵⁰⁵ Idem.

⁵⁰⁶ Idem.

Sobre o Dr. Cid Braune, é possível observar suas passagens por diferentes delegacias. Na realidade, essa transferência de autoridades por distritos demonstrava-se comum. O delegado, por exemplo, durante o ano de 1910 esteve no 1º distrito, já no ano de 1911, foi transferido para o 4º distrito, estando durante o ano de 1915 no 10º distrito, delegacia essa, que abrangia a região de São Cristóvão⁵⁰⁷. Contudo, no mês de julho o delegado foi transferido novamente⁵⁰⁸. Apesar do Dr. Cid Braune ser o responsável pelo distrito, o nome do delegado não é mencionado em nenhum momento pelo jornal. É possível encontrar outras autoridades, contudo, o delegado responsável por avaliar a situação do clube, segundo os documentos destinados à polícia visando a obtenção de licença, é negligenciada pela narrativa da *Gazeta de Notícias*. Essa ausência pode ser explicada pelo conhecimento de Cid Braune para o que vinha ocorrendo na rua Soares, na realidade, na região de São Cristóvão.

Como já ponderado no primeiro capítulo, o delegado consente o jogo na rua Soares pelo Aventureiro FC, justificando o fato de não haver muito o que fazer em relação ao jogo, pois a prática já havia se tornado comum em outros campos na região⁵⁰⁹. O delegado conseguiu, apenas, estabelecer orientações para que o clube pudesse funcionar sem gerar maiores reclamações da vizinhança. No entanto, já era de conhecimento do próprio que o campo vinha servindo para a prática do jogo não apenas para o clube, mas também por “desocupados”⁵¹⁰. Ou seja, é possível observar que a prática do jogo em locais considerados inapropriados não era novidade e, ao mesmo tempo, aparentava não demonstrar incômodo para a autoridade. Em contrapartida, para os moradores e para o periódico, a prática do futebol não se apresentava apenas como um incômodo, mas em muitos momentos, como uma praga que precisava ser controlada.

Houve um protesto coletivo das famílias ali moradoras – que a nossa nota registrara. Mas os jogadores conseguiram a proteção indecorosa de um deputado, que naturalmente conta entre o número dos seus votantes – o que, aliás não abona muito o seu elemento eleitoral, pois são verdadeiros vagabundos, e voltaram a jogar o “football”. Então, os moradores da rua Soares, fizeram sentir pessoalmente ao Dr. Osório de Almeida, ativo 2º delegado auxiliar, a inconveniência da continuação deste abuso. Ontem, felizmente, o

⁵⁰⁷ Boletim Policial, 1915, ed.0001-0002-0003, p.56.

⁵⁰⁸ Boletim Policial (RJ), 1915, ed.00007-00009, p.173.

⁵⁰⁹ Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos (IJ6). Notação: IJ6 - 564.

⁵¹⁰ Idem.

Dr. Osório de Almeida, compreendendo quanto era justa a reclamação, cassou a licença, que dera para o jogo ali⁵¹¹.

A partir da facilidade encontrada pelos jogadores em burlar as regras, mantendo a prática do jogo, os moradores, segundo o periódico *Gazeta de Notícias*, recorreram ao 2º delegado auxiliar, o Dr. Osório de Almeida. Seria o Dr. Osório de Almeida o responsável pelo feito de cassar a licença dos jogadores, o que na realidade representa a existência de um clube, pois a licença era documento necessário às associações. Ou seja, não era uma prática qualquer, mas sim um clube com autorização para praticar o futebol na rua Soares. O delegado auxiliar, antes de ocupar o cargo em questão, havia sido oficial de gabinete do presidente do Estado do Rio, o Dr. Oliveira Botelho⁵¹². A menção a Osório de Almeida como delegado auxiliar, só foi encontrada no ano de 1914⁵¹³. Ao contrário, temos o dr. Cid Braune que já vinha ocupando o cargo de delegado desde 1905⁵¹⁴. Além disso, é possível observar um maior contingente de críticas relacionadas ao dr. Braune, do que ao seu auxiliar.

Enquanto o Dr. Osório de Almeida é descrito como “uma autoridade criteriosa”⁵¹⁵, o dr. Cid Braune é por algumas vezes criticado pelos seus excessos. Dentre eles, a *Gazeta de Notícias* expõe o abaixo assinado de um comerciante da rua da Alfândega que se dirigiu ao delegado, com o intuito de depor em favor de seu empregado. No entanto, o dr. Cid Braune teria se negado a escutá-lo, pelo fato de o depoente possuir origem síria. O comerciante ainda acrescenta que tanto o delegado como seus auxiliares teriam dito que “os sírios não tem direito a coisa alguma, e que a lei são eles (os policiais) e o lugar de sírios é no xadrez”⁵¹⁶. Outro aspecto mencionado no *Correio da Manhã*, seria a respeito do crescente número de roubos no 1º distrito, onde Cid Braune era delegado no ano de 1910⁵¹⁷. Segundo o jornal, a polícia no geral costumava agir apenas para “servir os amigos” e, no distrito em questão, vinham escondendo os registros de roubos, com o intuito de não serem desmoralizados pela própria imprensa.⁵¹⁸

⁵¹¹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00096, p.3.

⁵¹² *Gazeta de Notícias*, 1912, ed.00005, p.3.

⁵¹³ *Gazeta de Notícias*, 1914, ed. 00332, p.5.

⁵¹⁴ *Gazeta de Notícias*, 1905, ed. 00028, p.2.

⁵¹⁵ *Gazeta de Notícias*, 1916, ed. 00301, p.3.

⁵¹⁶ *Gazeta de Notícias*, 1911, ed. 00115, p.2.

⁵¹⁷ *Correio da Manhã*, 1910, ed. 03171, p.4.

⁵¹⁸ *Correio da Manhã*, 1910, ed. 03171, p.4.

Mesmo com as críticas aparecendo com maior frequência, do que em relação ao Dr. Osório de Almeida, estas não estavam relacionadas a possíveis relações do delegado com criminosos, como ocorre com o deputado Nicanor do Nascimento e outros membros da corporação. Contudo, a postura tomada por Cid Braune, segundo a *Gazeta de Notícias*, em relação ao comerciante na rua da Alfândega e seu empregado, leva a questionar as razões pelas quais o mesmo não agiu com rigor em relação ao Aventureiro FC que era composto em sua maioria por homens do comércio, homens que provavelmente possuíam a mesma condição social. O delegado poderia, ao menos, ter dificultado a obtenção de licença por parte dos jogadores, contudo, não se incomodou com o jogo nem por parte dos sócios, nem por parte dos “desocupados”, que segundo ele, vinham usufruindo de diferentes espaços em São Cristóvão.

Se a presença do Nicanor do Nascimento inibiu sua ação, ela não teve o mesmo impacto para o delegado auxiliar Osório de Almeida, que agiu segundo o interesse de parte dos moradores. Recorrer a outras autoridades policiais demonstrava a insatisfação por parte do jornal na impunidade referente ao jogo, assim como dos moradores. Antes da proibição do jogo por parte do Dr. Osório de Almeida, o Dr. Aurelino Leal, chefe de polícia, já é mencionado pelo periódico. Na primeira reclamação feita ao jogo na rua Soares, há uma tentativa sutil de chamar a atenção do chefe de polícia, atribuindo a ele certas qualidades, como a de “consciencioso”⁵¹⁹ que seria uma forma de mostrar a necessidade de agir para defender o útil esporte que vinha sendo ameaçado pelos “desocupados”. Contudo, o chefe de polícia só viria agir em favor dos jogadores, desapontando o periódico. E, inclusive, contrariando a ação do delegado auxiliar da região.

Aurelino Leal tornou-se chefe de polícia no ano de 1914, durante o governo de Wenceslau Braz⁵²⁰, antes disso, já havia ocupado posto semelhante na Bahia, seu Estado natal⁵²¹. O mesmo recebeu a atribuição de organizar o quadro de delegados auxiliares e distritais⁵²². Logo, da mesma forma que o cargo de chefe de polícia apresentava-se como político, sendo um cargo indicado diretamente pelo presidente, a função de delegado não era diferente. Uma das atribuições do chefe de Polícia era indicar e exonerar das funções atribuídas. Da mesma forma, o cargo de prefeito da cidade do Rio de Janeiro, também

⁵¹⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, 00090, p.2.

⁵²⁰ *Gazeta de Notícias*, 1914, ed.00318, p.5.

⁵²¹ *Gazeta de Notícias*, 1914, ed. 00319, p.2.

⁵²² *Gazeta de Notícias*, 1914, ed.00321, p.2.

funcionava por indicação direta do presidente da República⁵²³, demonstrando que as relações se faziam peça importante para a ocupação de importantes cargos no Distrito Federal.

Por mais que as autoridades tentassem efetivar o projeto das elites políticas da cidade, de sanear os espaços públicos, as autoridades também agiam segundo seus interesses quando possível. O Dr. Cid Braune, por exemplo, não se vê interessado em perseguir a prática do jogo na rua Soares, por mais que a prática viesse incomodando parte das elites locais e também, membros das camadas populares, que não se sentiam confortáveis com o jogo sendo praticado nas ruas. O futebol nas ruas vinha acomodando nos mesmos espaços indivíduos de condições sociais distintas. As críticas ao dr. Braune, em relação a sua postura violenta, não se manifestam no tocante aos jogadores.

Aparentemente, a prática para o delegado não representava um grande problema, se comparado a outros assuntos colocados como mais urgentes e que também eram de responsabilidade da polícia. Dentre estes temas vistos como mais imediatos, havia a prostituição na cidade e o jogo do bicho, temas presentes de forma assídua nos periódicos e atribuídos como obrigações da polícia em coibir. Contudo, não se deve associar apenas a presença de Nicanor do Nascimento, importante por fazer com que os jogadores não sofressem nenhum tipo de punição por parte do delegado Cid Braune. Pois, a prática segundo o próprio delegado, já vinha sendo comum na região e, ainda assim, não se vê uma preocupação do mesmo em relação a isso. Na realidade, se percebe poucas reclamações a respeito do futebol nas ruas em São Cristóvão, se comparado as regiões centrais da cidade e aos bairros pertencentes ao que se percebe hoje como Zona Sul.

O menor contingente de reclamações no bairro de São Cristóvão, assim como em regiões suburbanas, pode estar relacionado à relevância dessas regiões para a cidade. A zona central da cidade, assim como os bairros localizados na Zona Sul, vinham sendo o alvo de reformas e transformações. Com o intuito fazer da capital um “posto avançado por onde se fariam o progresso e a grandeza do Brasil”⁵²⁴. Por essa razão, se estabeleceu maior controle sobre as áreas centrais. O futebol nas ruas praticado nessas regiões, colocava em xeque o objetivo das elites políticas. Reunia não apenas dois, mais um grupo

⁵²³ FREIRE, Américo. **Uma capital para a República**: poder federal e forças políticas locais no rio de janeiro na virada para o século xx. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2015, p.141.

⁵²⁴ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012, p.251

de jovens e meninos que usavam os espaços públicos como campos, trazendo risco as “famílias” e à imagem que buscavam atribuir à cidade e ao próprio futebol.

Em contrapartida, o futebol executado em regiões um pouco mais distantes, não representava a mesma ameaça, pois essas localidades já não vinham sendo contempladas pelo projeto de modernização da cidade⁵²⁵ e, aos poucos, passaram a ser mais ocupadas pelos mais pobres. Não por acaso, as reclamações em relação à falta de infraestrutura e à ausência das autoridades são recorrentes nessas regiões. Mesmo o bairro de São Cristóvão carregando ainda o simbolismo de ter sido um bairro imperial, sendo utilizado para a realização de eventos que remetiam a este período, o seu crescimento e o alto contingente de indivíduos menos abastados, colocava-o em segundo plano em relação às regiões que vinham atraindo os endinheirados.

Sobre o Dr. Aurelino Leal, em 1915, ele é saudado pelo intendente do Conselho Municipal Carlos Leite Ribeiro, por conseguir através de suas ações tornar possível trafegar novamente pelas ruas, que estavam limpas do “baixo meretrício”⁵²⁶. Como especifica Guedes, o direcionamento na perseguição ao meretrício não se tratava necessariamente de uma perseguição à prostituição, mas apenas daquela que envolvia mulheres pobres e “desclassificadas”⁵²⁷. Observa-se que o ponto central era o uso dos espaços públicos por indivíduos pobres. O jogo, por não se restringir apenas às ruas do subúrbio, torna-se controverso. Apesar da ação do chefe de polícia Aurelino Leal instigar a perseguição aos menos abastados, a *Gazeta de Notícias* demonstrou-se decepcionada com sua postura no caso da rua Soares. Ou seja, não apenas Dr. Cid Braune, mas o próprio chefe de polícia, relega o ocorrido a segundo plano, sem contar a transferência dos comissários que desafiaram os jogadores do Aventureiro FC.

Dr. Chefe de polícia, por ato de 12 do corrente, resolveu suspender por 5 dias o comissário Eduardo Rocha, do 10º distrito policial, removendo-o ainda deste distrito para 17º [...] o comissário Rocha diante do assalto, por uma horda de desocupados a residência de seu pai, coronel Joaquim Rocha, não podia ser indiferente no violento

⁵²⁵ PEREIRA, Mariana Figueiredo de Castro. A evolução habitacional-urbana na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Em Debate*, Rio de Janeiro, v. 0, n. 8, p. 1-12, out. 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=14415@1>. Acesso em: 08 fev. 2023. p.8-9

⁵²⁶ GUEDES, Gabriela Fazolato. “**Policiou, saneou, moralizou**”: as práticas de controle da prostituição nas primeiras décadas republicanas (1896-1920). 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020, p.40.

⁵²⁷ GUEDES, 2020, p.40.

ato dos “foot-ballers”. E, depois, não foi o comissário que invadiu a casa do número 50, e sim o seu colega Demócrito⁵²⁸.

O trecho acima demonstra o quanto o periódico sentiu-se inconformado com a ação do chefe de polícia, a ponto de se dispor a narrar os fatos, com o intuito de o esclarecer e conduzir o Dr. Aurelino Leal a uma atitude correta. Segundo o jornal, a licença cassada por Osório de Almeida, gerou a revolta nos jogadores, motivando um deles a invadir a casa do coronel Joaquim Rocha e o agredir. Nesta continuação do caso da rua Soares, é mencionado um grande contingente de autoridades policiais envolvidas, que acabam demonstrando uma reação diferente para o mesmo caso. Ou seja, membros de uma mesma corporação e responsáveis por policiar o mesmo distrito, apresentavam percepções distintas sobre a prática. Percepções essas, que se viam sujeitas aos limites que as relações entre os sujeitos podiam impor à ação das autoridades policiais.

O comissário Rocha, por exemplo, ocupava esta função no 10º distrito desde 1910, sem haver críticas relevantes em relação às suas atuações. Contudo, sua postura e seus anos de trabalho na região não impediram que o mesmo fosse transferido devido a sua conduta no caso da rua Soares. A própria *Gazeta de Notícias* se preocupa em exaltar o comissário, mencionando não ser justo que um “funcionário de mais de dez anos de bons serviços a causa pública, portador de uma fé de ofício e com atestados honrosíssimos”, fosse vítima do Dr. Nicanor do Nascimento⁵²⁹. Nesta continuação do caso, o periódico já deixa evidente o seu incômodo com a presença do deputado e também advogado do conflito, atribuindo-o a culpa pela transferência do comissário Eduardo Rocha para outra delegacia. Não é por menos que o Aventureiro FC ao se posicionar, menciona que nem o clube e nem o “ilustre advogado e amigo Dr. Nicanor do Nascimento” tiveram qualquer intervenção para a remoção e suspensão do Sr. comissário Rocha, sendo apenas atos da própria administração⁵³⁰.

No entanto, apesar dos representantes do clube buscarem se eximir da decisão do chefe de polícia, a proximidade do deputado e advogado Nicanor do Nascimento com o Aventureiro FC apresentou-se como um aspecto crucial para a decisão da autoridade. O vínculo construído entre os jogadores e o deputado, representou um limite para a ação

⁵²⁸ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00104, p.2.

⁵²⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00104, p.2.

⁵³⁰ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00105, p.2.

policial. O deputado carioca por pertencer ao PRC, partido de grande representação na cidade, e possuir forte influência, tanto entre os menos abastados como entre as principais figuras políticas do Distrito Federal, possuía poder para influenciar a ação dessas autoridades, inclusive do chefe de polícia. É possível pressupor uma proximidade do Sr. Nicanor do Nascimento com o Dr. Aurelino Leal.

Essa proximidade pode ser cogitada, justamente, pelas relações que se apresentavam como cruciais para a manutenção de cargos e do poder na cidade. Contudo, é importante ponderar que esses vínculos estavam sujeitos a mudanças, ou seja, a se romperem devido às divergências e interesses. Em 1910, o Sr. Nicanor do Nascimento havia sido membro de uma comissão pró Hermes-Wenceslau⁵³¹. E, ao assumir a Presidência, Wenceslau nomeou Aurelino Leal como chefe de polícia. A proximidade com importantes personagens da conjuntura política do período, pois Nicanor do Nascimento se tornou deputado em 1912, sendo reeleito em 1915⁵³², permitiu usufruir de algumas regalias. A revista *A Rua* menciona relações do deputado Nicanor do Nascimento em gestões anteriores, como a de Francisco Valladares e Belisário Tavora, ex-chefes de polícia⁵³³, demonstrando que o deputado ao longo da década de 1910 esteve envolvido de alguma forma com as autoridades indicadas a ocupar o cargo de chefe de polícia no Distrito Federal.

O Dr. Francisco Valladares foi indicado ao cargo de chefe de polícia em novembro de 1913 substituindo o Dr. Edwiges de Queiroz, que passou a ocupar o cargo de Ministro da Cultura, durante o mandato do presidente marechal Hermes da Fonseca⁵³⁴. Ambos estiveram envolvidos na campanha pró Hermes em 1910. O *Correio da Manhã*, por exemplo, menciona que o Dr. Francisco Valladares passeava cercado de capangas pela cidade de Juiz de Fora, com o intuito de angariar votos⁵³⁵ pois, segundo o jornal, o Dr. Valladares seria o chefe do partido hermista de Juiz de Fora⁵³⁶. Já o Dr. Belisário Tavora, foi escolhido para o cargo de chefe de polícia em 1910, no primeiro ano do mandato de

⁵³¹ Gazeta de Notícias, 1910, ed. 00046, p.5.

⁵³² DANTAS, Carolina. Nicanor do Nascimento. Rio de Janeiro: FGV / CPDOC. Disponível em : < <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NASCIMENTO,%20Nicanor%20Queir%C3%B3s%20do.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2024.

⁵³³ A Rua: Semanário Ilustrado, 1915, ed. 00101, p.3.

⁵³⁴ Anais da Câmara dos Deputados, 1913, ed. 0010, p.157.

⁵³⁵ Correio da Manhã, 1910, ed. 03151, p.143.

⁵³⁶ Correio da Manhã, 1910, ed. 03163, p.1.

Hermes da Fonseca⁵³⁷. O Dr. Belisário Tavora já havia ocupado cargos na corporação policial em anos anteriores, sendo delegado em São Cristóvão, em 1899⁵³⁸.

O Dr. Edwiges Queiroz assumiu a função de chefe de polícia em julho de 1913⁵³⁹, sendo exonerado o dr. Belisário Távora. O ex-chefe de polícia, Dr. Belisário Tavora, é criticado pelo *Correio da Manhã*, devido as suas ações em relação ao jogo na cidade. Segundo o periódico, pouco teria sido feito em sua gestão, sendo fechadas “de duas a três baiucas pobres onde se jogava o pinguelim, enquanto que as casas endinheiradas não sofriam o menor desassocego”⁵⁴⁰. A acusação direcionada ao Dr. Belisario não se distinguia das acusações dirigidas ao deputado Nicanor do Nascimento. A colaboração do Dr. Valladares em sua cidade, para a obtenção de votos a Hermes da Fonseca, também é vista nas ações de Nicanor na cidade do Rio de Janeiro na qual, segundo alguns periódicos, Nicanor de forma semelhante, se cercava de capangas. Tais ações, aproximavam essas figuras, que recebem destaque durante o governo de Hermes da Fonseca por fazerem parte de sua campanha durante o ano de 1910. O deputado tornou-se relevante para a política carioca, sendo também, importante para a própria política nacional, tendo em vista sua influência sobre o eleitorado local.

À medida que esses indivíduos obtinham poder através dos cargos atribuídos por meio das relações construídas, mantê-las era importante para a manutenção de seus privilégios. Diante das constantes acusações envolvendo Nicanor do Nascimento, feitas pelos jornais, esperava-se uma ação por parte da polícia em tentar coibir o deputado. Contudo, não se há notícias envolvendo hostilidades sofrida pelo deputado e também advogado por parte da polícia. A sanção sofrida por Nicanor do Nascimento, ocorreu por parte da Corte de Apelação, em 1915, onde foi suspenso das suas funções de advogado. A suspensão ocorreu devido à relação que o deputado possuía com o Sr. João Labanca, organizador do jogo do bicho no Largo do Machado e adjacências, segundo o *A Noite*.

Iniciada a ação, por parte do chauffeur prejudicado, que teve como seus advogados os Drs. Octavio de Souza Leão e Carlos Baptista de Castro Junior, o Sr. Nicanor, advogado do Sr. Labanca, a principio conseguiu todas as facilidades da policiado sr. Valladares, e depois entrou a chicanar, chegando até ao ponto de reter os autos em seu

⁵³⁷ Correio da Manhã, 1910, ed. 03409, p.4.

⁵³⁸ Gazeta de Notícias, 1899, ed.00258, p.2.

⁵³⁹ Correio da Manhã, 1913, ed. 05270, p.1.

⁵⁴⁰ Correio da Manhã, 1913, ed.05172, p.1.

poder mais de dois meses, a fim de evitar o prosseguimento da causa, esperando que chegassem as férias forenses⁵⁴¹.

O Sr. Labanca, segundo o periódico, teria sido responsável por um acidente, e mesmo assim, obteve “facilidades” por parte da polícia do Sr. Valladares, por conta de sua relação com o advogado Nicanor do Nascimento. A influência do deputado se demonstrava tamanha, que os advogados tiveram que buscar medidas “extremas”, como menciona o jornal, para conseguir reverter a situação. A palavra “chicanar” utilizada pelo periódico, significava levantar obstáculos para dificultar um processo judicial, algo que foi feito com a ajuda da polícia, segundo o jornal. A importância do deputado e advogado na cidade refreava qualquer ação por parte das autoridades policiais, levando-as inclusive, a agir em seu favor.

Essa relação apresentava-se como importante tanto para os membros da corporação, como permitia a atuação de Nicanor nos diferentes distritos da cidade. Segundo o enunciado da revista *A Rua*, em relação ao caso da rua Soares, o deputado mandava na polícia⁵⁴². Ele se colocava entre dois grupos contraditórios, os jogadores tidos como vadios e a polícia que tinha a atribuição de moralizar esses indivíduos. A subalternidade de determinadas autoridades policiais em relação a certas figuras políticas, pode ser vista também como uma forma dos membros da corporação adquirirem certos benefícios, se reafirmarem também dentro da instituição a que pertenciam e na própria cidade.

Foi dito por aí que o delegado do 6º distrito tinha metido violentamente no xadrez o negociante José Lopes Sanches, estabelecido à rua Nuncio. Esse cavalheiro, que tem como patrono o Sr. Nicanor do Nascimento, hoje procurou o Dr. Chefe de polícia a quem se queixou da violência do delegado e disse que ia processá-lo⁵⁴³.

A notícia veiculada pelo jornal *A Noite*, possibilita pensar sobre a influência que o deputado Nicanor do Nascimento possuía na cidade, pois permitia que pessoas próximas a ele, como o negociante José Lopes Sanches, sentissem confiança de procurar

⁵⁴¹ A Noite, 1915, ed. 01108, p.3.

⁵⁴² A Rua: Semanário Ilustrado, 1915, ed.00101, p.3.

⁵⁴³ A Noite, 1915, ed.01103, p.2.

diretamente o Dr. Chefe de Polícia, com o intuito de se queixar a respeito da violência sofrida. De maneira semelhante, os jogadores da rua Soares fizeram mediante as investidas dos moradores. O político concedia às camadas populares maior segurança para reagir às investidas da própria polícia, justamente, porque o mesmo carecia também da instituição para manter seus negócios na cidade, muitos considerados ilegais, segundo alguns jornais apontavam, como a *Gazeta de Notícias*. Logo, na figura de Nicanor se percebe um fator limitador da ação policial.

Os vínculos construídos na cidade, aspecto importante para se obter determinados cargos, serviam também para os populares, que através disto, não se tornavam presas fáceis para a polícia. Contudo, para se esquivar da perseguição policial, não era preciso possuir a mesma influência que o deputado ou, construir ligações com figuras como ele. Ao pertencer às camadas abastadas, se adquiria também maior liberdade para agir. Indivíduos que pertenciam às elites da cidade, mesmo exercendo práticas criticadas pela imprensa e perseguida pela polícia, não eram vistos como um problema. No caso mencionado no capítulo anterior, a respeito dos “mocinhos sportman” que praticavam o futebol na rua São Clemente, destacou-se a quase agressão sofrida por um guarda civil, por ter tido a audácia de interferir no jogo⁵⁴⁴.

O guarda é, inclusive, chamado de “tolo” pelo jornalista por interferir. Contudo, a todo momento a polícia tornava-se alvo de questionamentos pela sua não atuação contra a prática do futebol nas ruas, pelos mesmos jornais. Observa-se então, que o periódico também entende haver restrições para a ação policial. Como já destacado, a ameaça se resumia às camadas populares. As práticas comuns entre os menos abastados, eram perseguidas por se tornarem parte importante da sociabilidade dos pobres e negros na cidade. A polícia como instituição, torna-se interessante por trazer consigo certas dualidades. É uma instituição que cumpria seu papel como instrumento do Estado, das elites políticas, reprimindo populares. Porém, ao mesmo tempo, era composta por indivíduos que não se distinguiam tanto ou quase nada, dos seus principais alvos.

Isso é perceptível na ação do guarda. O fato deste não ter encontrado espaço para coibir a prática do futebol entre os *sportman*, demonstra que sua autoridade não se aplicaria a todos. Dentro das relações de poder existentes na sociedade, o guarda se viu numa posição inferior aos “mocinhos”. Algo que, aparentemente, para ele não era claro.

⁵⁴⁴ *Gazeta de Notícias*, 1911, ed.00090, p.2.

No entanto, se fez claro para o jornalista responsável por narrar o ocorrido. Essas relações de poder podiam ser vistas entre as próprias corporações militares, encarregadas de vigiar as ruas. Os membros da polícia, de baixa patente, buscavam formas de se reafirmarem frente a outros homens fardados também responsáveis por policiar a cidade⁵⁴⁵. Cristiana Schittini em seu trabalho sobre a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, durante a primeira metade do século XX, enfatiza como a relação que se estabelecia entre policiais e prostitutas, permitia a explicitação de uma determinada masculinidade⁵⁴⁶. As prostitutas tornavam-se pretextos para expressar rivalidade e valentia, parte importante no processo de legitimação da autoridade desses homens⁵⁴⁷.

É possível perceber que a ação das autoridades policiais frente a práticas consideradas perniciosas, oscilava mediante a quem estivesse exercendo-as. Gabriela Guedes observa um esforço por parte dos chefes de polícia em coibir o baixo meretrício enquanto o alto meretrício não enfrentava grandes problemas, por possuir policiais como cúmplices⁵⁴⁸. Da mesma forma, as grandes casas de jogos costumavam não ser alvos de fiscalização⁵⁴⁹. O que mantinha esses espaços eram justamente os vínculos construídos entre os indivíduos na cidade, onde ambos buscavam de alguma forma beneficiar-se. Os donos das casas de jogos ao se aproximarem de autoridades policiais, conseguiam burlar a fiscalização, em contrapartida, parte desses policiais tendiam a receber quantias para fazer vista grossa a esses ambientes⁵⁵⁰.

O periódico *A Rua*, em 1917, expõe a existência de um possível documento que trazia o recenseamento da população dos clubes, ou seja, dos frequentadores desses ambientes. Segundo o impresso, o documento teria sido resultado de um relatório feito por ordem do Dr. Aurelino Leal a respeito dos vinte clubes localizados na capital, clubes esses direcionados aos jogos proibidos. Conforme o relatório, mencionado pelo jornal, esses clubes eram frequentados por cerca de 670 pessoas, sendo estes desembargadores, deputados, pretores, engenheiros e oficiais do Exército⁵⁵¹, entre outras funções bem quistas na sociedade. A presença desses indivíduos, com condições melhores do que

⁵⁴⁵ SCHETTINI, Cristiana. “Que tenhas teu corpo”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006, 264p., p.45.

⁵⁴⁶ SCHETTINI, 2006, p.45.

⁵⁴⁷ Ibid., p.45

⁵⁴⁸ GUEDES, 2020, p.88.

⁵⁴⁹ Ibid., p.79.

⁵⁵⁰ Ibid., p.77.

⁵⁵¹ *A Rua: Semanário Ilustrado*, 1917, ed. 00065, p.4.

grande parte dos membros da instituição policial, possibilitava a permanência do jogo, mesmo sob conhecimento do chefe da polícia. A *Gazeta de Notícias* menciona o “secreta”, que seriam agentes da polícia responsáveis por investigar crimes, colher informações e prender delinquentes, entre outras funções, como sendo homens que em sua maioria possuíam relações com os criminosos, a quem deveriam perseguir.

Defeitos de organização do nosso Corpo de Segurança Publica conta-se, no rol dos principais, o processo de ser aceito para o serviço qualquer indivíduo, contanto que tenha um protetor político. Devido a isso existe nessa corporação a ignorância, a decadência moral, a falta de caráter e a dissolução vergonhosa⁵⁵².

O jornal *Correio da Manhã*, a respeito de uma circular baixada pelo chefe de polícia, cujo objetivo era conceder instruções aos delegados distritais, destaca a importância de se estabelecer uma reforma completa no aparelho policial. Uma das razões, estaria relacionada à facilidade encontrada pelos criminosos na cidade, dada a falta de ação por parte dos delegados. A não ação policial, segundo a crítica do jornal, se justificaria pela “politicagem”. Para manter seus cargos deixavam impunes os criminosos que formavam a “guarda avançada” dos eleitores⁵⁵³, segundo o *Correio da Manhã*. Observa-se, então, a frequência pela qual a corporação é criticada pelas relações, seja com políticos ou com indivíduos percebidos como “criminosos”, com o intuito de alcançar benefícios para ambas as partes envolvidas.

Gabriela Guedes menciona que o Dr. Aurelino Leal durante sua atuação como chefe de polícia no Distrito Federal entre 1915-1919, passou a sofrer críticas por parte da imprensa pela sua relação com os jogos de azar na cidade⁵⁵⁴. Essa proximidade mencionada pela autora de alguma forma o aproximaria da figura do Sr. Nicanor do Nascimento, também severamente criticado pelos jornais, pelos mesmos motivos. E, assim como Dr. Aurelino Leal, observa-se com frequência outros indivíduos da corporação sendo criticados por motivos semelhantes.

A participação da polícia no caso da rua Soares, sendo conflituosa, demonstrando não haver um consenso a respeito da atitude a ser tomada em relação à prática do futebol

⁵⁵² *Gazeta de Notícias*, 1912, ed. 00146, p.1.

⁵⁵³ *Correio da Manhã*, 1915, ed. 05877, p.1.

⁵⁵⁴ GUEDES, 2020, p.88.

nas ruas, representa a instituição durante a primeira metade do século XX. Complexa e contraditória, tendo que exercer sua função repressora, principalmente, sobre as camadas populares, contudo, dava margem para que os mesmos agissem. Uma dessas possibilidades encontradas para burlar as perseguições, era os baixos salários que membros de algumas corporações, responsáveis por policiar a cidade, possuíam⁵⁵⁵. Assim como os vencimentos da guarda foram apontados como baixos, o da polícia aparentemente não era tão diferente.

Em 1918 foi debatido um projeto para o aumentar o vencimento do guarda civil. Dentre os argumentos levantados mencionava-se que “os guardas vivem por aí a definhar e a morrer” e, além disso, os vencimentos “mal chegavam para o alimento de suas famílias”⁵⁵⁶. Em relação à polícia, o impresso *A Rua* destaca que senão fossem as “propinas gordas dos criminosos” muitos viveriam sob a “mesquinhez de seus vencimentos”⁵⁵⁷. Isso tornava os agentes suscetíveis a receberem gratificações, com o intuito de possibilitar que algumas casas e clubes funcionassem⁵⁵⁸. O jogo político e a relação de parte desses policiais com práticas populares, tendo em vista que, estes pertenciam em sua maioria ao mesmo grupo social, os tornavam também alvos de críticas, e talvez, condizentes com certas manifestações.

O futebol, como uma prática recente na cidade, não pode ser visto com a mesma dimensão como os jogos de azar. Em relação ao futebol nas ruas, pensar a não ação da polícia como uma possibilidade de se lucrar com a prática, como ocorria em determinados ambientes de jogos, onde as autoridades fingiam não ver com o intuito de adquirir algum benefício, é pouco válido. A *Gazeta de Notícias*, em 1915, chama a atenção do chefe de polícia, sobre um policial do 3º distrito, que percorria à paisana casas de jogos avisando quando autoridades iriam visitá-las e, por isso, receberia de cada casa de tabuleiro cerca de 10\$000⁵⁵⁹. No entanto, no que diz respeito ao futebol nas ruas, o jogo vinha sendo praticado, principalmente, por crianças, algo observado a partir da análise das reclamações presentes tanto na *Gazeta de Notícias* como no *Correio da Manhã*. Isso torna desapropriado relacionar a negligência da polícia em relação ao futebol nas ruas com o

⁵⁵⁵ Anais da Câmara dos Deputados, 1918, ed.0004, p.769.

⁵⁵⁶ Anais da Câmara dos Deputados, 1918, ed.0004, p.769.

⁵⁵⁷ A Rua: Semanário Ilustrado, 1917, ed. 00199, p.4.

⁵⁵⁸ GUEDES, 2020, p.77.

⁵⁵⁹ Gazeta de Notícias, 1915, ed. 00027, p.3.

capital, ou seja, com o lucro. Mesmo que em relação aos clubes suburbanos, seja necessária uma ponderação.

Mas, como possível razão para a ausência da polícia na perseguição aos jogos de futebol nas ruas, pode ser destacado o excesso de funções que a corporação acumulava durante o século XX⁵⁶⁰. Ou seja, o jogo praticado por meninos, tornava-se um dos menores problemas frente às diversas incumbências da polícia. Schettini menciona a “ação moralizadora” da polícia, que incluía a perseguição aos caftens⁵⁶¹. Esse papel de moralizar e disciplinar os indivíduos considerados “incivilizados”, tornara-se incumbência das autoridades policiais, não se limitando à questão da prostituição, mas abarcando toda prática considerada uma ameaça à ordem.

No mais, além do excesso de funções, é importante refletir sobre a possibilidade de parte dessas autoridades terem cultivado, a partir da convivência com o jogo, um gosto pela recente modalidade. É possível observar a partir das vivências dos membros da corporação, a relação destes com práticas perseguidas durante o século XX. Schettini pondera a proximidade da polícia com o meretrício, menciona que as corporações militares estavam acostumadas a receberem comunicações sobre brigas e desordens envolvendo seus subordinados e meretrizes⁵⁶². Guedes destaca a relação do chefe de polícia, Dr. Aurelino Leal com os jogos de azar na cidade, porém, essa proximidade com o jogo fez-se comum entre membros da corporação.

Logo, essas relações da polícia com práticas vistas como imorais, torna possível refletir sobre a possibilidade de se haver construído entre os membros da corporação uma relação com o futebol. Ainda mais, pelo esporte não carregar consigo os mesmos sentidos que as outras práticas populares possuíam. Os sentidos em torno do futebol estavam em disputa, as críticas em relação ao jogo estavam relacionadas aos seus praticantes diretamente, e não à prática em si. Na realidade, é possível observar que grande parte das práticas perseguidas, traziam as mesmas questões. O que tendia a tornar o ambiente ou a prática imoral era quem o ocupava e a exercia. Ainda que todo o meretrício fosse na teoria alvo de perseguição e crítica por alguns, o alto meretrício não sofria as mesmas investidas que o baixo⁵⁶³. E, o mesmo pode ser usado para se pensar as casas de jogos na cidade.

⁵⁶⁰ GUEDES, 2020, p. 76.

⁵⁶¹ SCHETTINI, Cristiana. “Que tenhas teu corpo”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006, 264p., p.32.

⁵⁶² SCHETTINI, 2006, p.43.

⁵⁶³ GUEDES, 2020, p.70.

Essas práticas no geral eram proibidas, no entanto, não eram coibidas da mesma forma dependendo de quem as exercia.

Em relação ao futebol, o jogo era bem visto pela imprensa e por parte das elites. Não se havia a pretensão de prejudicar os sentidos atribuídos à prática, mas sim de preservá-los. E para isso, ao longo da década de 1910 observa-se o crescimento de reclamações em torno da prática e, ao mesmo tempo, a principal liga da cidade colocando em pauta a questão do amadorismo. Logo, ao contrário dos jogos de azar que ao se popularizarem, são criminalizados. O futebol, ao se popularizar, é visto como algo que precisava ser resguardado, logo, quem passa a ser criticado são os praticantes. Então, o jogo recebe aos poucos sentidos distintos, porém continua sendo uma prática permitida dentro das diretrizes estabelecidas.

À vista disso, a prática do esporte torna-se cada vez mais comum nas ruas e o crescente número de ambientes voltados para o jogo, dava a possibilidade para que os membros da corporação viessem se relacionar cada vez mais com a recente modalidade, principalmente, a partir da década de 1910.

Agora sugerimos-lhe nós um problema também digno de estudo e solução: o dos guardas “torcedores”. Não é espetáculo pouco comum o de ver-se os nossos policiais agarrados aos sabres ou aos cassetetes, em posições difíceis, mesmo acrobáticas, “torcendo” pelo seu club como qualquer espectador. Esses homens não vêm nada; não fiscalizam ninguém; não podem proteger o campo, pelo simples motivo de que ficam cegos completamente e, quando são chamados a realidade de seus deveres, as complicações já se desenvolvem e a sua ação é tardia. A cerca só seria excelente para garantir o “polícia-torcedor” nas suas funções extra-políciais.⁵⁶⁴

Nas queixas envolvendo membros da corporação policial, observa-se em alguns momentos a familiaridade que estes tinham com práticas populares, práticas estas que deveriam coibir. O envolvimento dos polícias, de guardas civis, em casas de jogos, teatros, ambientes que serviam para o entretenimento, nem sempre aparecem associados ao capital, mas sim, ao fato de muitos desses homens cultivarem relações com as práticas e com os indivíduos que frequentavam esses locais. A *Gazeta de Notícias* em 1912,

⁵⁶⁴ Correio da Manhã, 1917, ed. 06856, p.4.

menção que muitas vezes os agentes eram “tirados do meio dos criminosos”⁵⁶⁵. Ou seja, membros da instituição antes de integrá-la, possuíam em dados momentos vínculos com homens e mulheres que são durante o século XX alvos da polícia, simplesmente, por pertencerem às camadas populares, ou como denomina Chalhoub, “classes perigosas”.

A reclamação mencionada acima permite refletir sobre a relação que algumas autoridades construíram com a prática. O futebol à medida que vai alcançando as ruas de diferentes bairros da cidade, tornando-se prática frequente entre meninos, jovens e adultos, também passa a fazer parte do cotidiano das autoridades policiais. Não eram apenas os jogos de azar ou a capoeira, que vinham sendo manifestos nos espaços públicos, mas também o jogo com a bola. Os esportes, exercícios físicos no geral, passam a ser incentivados ao longo do final do século XIX e início do século XX, por corporações militares, como forma de treinamento⁵⁶⁶. A partir da década de 1910 observa-se uma maior presença do futebol tanto no Exército como na Marinha. Em 1914 a modalidade foi incorporada em escolas de aprendizes, nas quais crianças entre 12 e 16 anos, além de terem acesso a noções de elementos necessários a um marinheiro, tinham acesso a exercícios de toda sorte, inclusive o futebol para “desenvolver- lhes o físico e adaptá- lhes a inteligência ao estudo mais elevado”⁵⁶⁷.

Algo que permite observar o futebol como consolidado também entre as corporações militares, é a organização da Liga Militar de Futebol que envolveu inicialmente apenas o Exército, contudo sua existência corrobora com a legitimação do esporte como uma prática relevante, inclusive, para o aprimoramento físico. A Liga Militar foi criada em 1915, tendo seu nome modificado para Liga de Sports do Exército no ano de 1920⁵⁶⁸. Segundo o jornal *O Imparcial*, a participação na Liga era facultada ao pessoal dos corpos do Exército, sendo o *ground* oficial localizado na Vila Militar⁵⁶⁹. A partir da organização do campeonato o futebol se estabelecia como uma prática permitida e importante por gerar benefícios aos seus praticantes. Ainda que desta Liga não fizessem parte membros da polícia militar ou guarda civil, e nem mesmo houvesse uma Liga criada

⁵⁶⁵ Gazeta de Notícias, 1912, ed. 00146, p.1.

⁵⁶⁶ CANCELLA, Karina. A defesa da prática esportiva como elemento de preparação dos militares por meio das publicações institucionais da " Revista Marítima Brasileira" e "Revista Militar". In: XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 15., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]** . Rio de Janeiro: Anpuh, 2012. p. 1-10, p. 4.

⁵⁶⁷ Relatório do Ministério da Marinha, 1914, ed.00001, p.196.

⁵⁶⁸ ALMEIDA, Adilson José de. História da Educação Física no Exército Brasileiro: História do Corpo e formação do Estado. **Recorde**: Revista de História do Esporte, São Paulo, v. 3, ed. 2, dez 2010, p.11.

⁵⁶⁹ O Imparcial, 1915, ed. 00903, p.5.

para incorporar esses indivíduos, a prática do jogo por instituições como Exército e Marinha, ligadas diretamente ao âmbito federal, atribuía ao futebol sentidos positivos a respeito da prática. O jogo passou a carregar consigo aspectos importantes para o aperfeiçoamento do corpo e disciplina.

Além disso, da incorporação do esporte no meio militar, os clubes vinham se popularizando pela cidade. Da mesma forma, diferentes campeonatos foram organizados pelas diferentes ligas que se espalhavam pelas áreas centrais e suburbanas. Os policiais encontravam-se inseridos nesta mesma sociedade, logo, também compartilhavam experiências vividas pelas elites e camadas populares. Assim como, o jogo vinha sendo praticado por populares e pelas elites, provável, que este também viesse sendo executado por membros da corporação. Ou, pelo menos, despertasse algum o interesse dos membros da corporação.

Na reclamação citada acima, percebe-se uma expressão do desenvolvimento do gosto pelo esporte entre os guardas. Ao invés de coibir e proteger o campo de manifestações mais violentas, os guardas estavam interessados demais no jogo a ponto de não prestarem atenção. O jornal pondera o fato de não ser um “espetáculo pouco comum”, ver os policiais parados assistindo aos seus clubes, como “qualquer espectador”⁵⁷⁰. Logo, a partir da narrativa do jornal, observa-se que a atitude dos policiais não era inusual, não era algo particular do jogo em questão, mas sim representa a relação que estes policiais vinham construindo com o esporte. Na notícia exposta pelo jornal *A Rua*, a respeito de uma tentativa de agressão de um torcedor a um jogador em campo, e que se generalizou entre os torcedores, cita a ação de um guarda que por estar assistindo ao “match”, conseguiu intervir prendendo o “desordeiro”⁵⁷¹.

Ambos os impressos destacam a presença de guardas nos jogos, contudo, apesar das atitudes serem diferentes nos casos, é possível perceber o interesse destes pelo esporte. Na reclamação do *Correio da Manhã* é possível entender que os guardas estariam nas arquibancadas a trabalho, devendo então, estarem atentos para coibir qualquer ato de desordem. E, segundo o mesmo, esta atitude vinha se tornando usual, ou seja, vinha sendo comum os guardas estarem mais ocupados assistindo ao jogo do que exercendo suas funções. Já o semanário *A Rua*, não estabeleceu crítica ao guarda, mas atribuiu a

⁵⁷⁰ Correio da Manhã, 1917, ed. 06856, p.4.

⁵⁷¹ A Rua: Semanário Ilustrado, 1916, ed. 00192, p.4.

responsabilidade aos clubes, que deveriam se preocupar em requisitar um maior contingente de praças de polícia, para manter a ordem. De qualquer forma, temos nos dois eventos guardas assistindo, se relacionando com a prática dentro das possibilidades, e demonstrando o quanto estes estavam interagindo com a cidade e com as práticas estabelecidas. Os membros da instituição policial não eram meramente braços do Estado, mas homens com interesses, que vinham se articulando e interagindo com os diferentes grupos sociais e práticas exercidas na cidade.

Contudo, ao contrário dos jogos de azar, que vinham sendo criticados pela imprensa, mesmo quando executados em ambientes fechados, o futebol tem seu sentido sendo disputado a todo momento. O jogo havia recebido características aristocráticas, bom para o desenvolvimento físico da juventude, tal como muitos esportes modernos que passaram a compor a sociedade carioca do início do século XX. No entanto, percebe-se que ao longo da década de 1910, o esporte começa a tomar dimensões não esperadas, tornando-se problemático. A prática do futebol nas ruas vinha desafiando a noção de progresso e, estabelecendo novas formas de se relacionar com o esporte. Além disso, se estabeleciam novas formas de torcer, formas essas consideradas muitas vezes inapropriadas e responsáveis por gerar uma “desarmonia”⁵⁷². Segundo a *Gazeta de Notícias*, o presidente do Sport-club Brasil, havia apresentado ao conselho da Liga Metropolitana um requerimento criticando as manifestações ocorridas após jogos realizados no domingo, em 31 de outubro. Segundo o Sr. Oldemar Murtinho, presidente do Sport-Club,

Um determinado club, em passeatas sumptuosas obrigadas a fogos de bengala, musica, etc., percorreu as ruas desta capital, domingo, á noite, em visita a outra sociedade que muito lhe favorecera este ano, demonstrando publicamente manifestações hostis a um outro club, aliás merecedor do melhor acatamento, que naquele mesmo dia fora vencido. O cortejo, segundo informações, trazia a frente um andor, a guiza de caixão fúnebre, propalando a multidão que o acompanhava, por entreditos chistosos e cânticos alusivos, que aquela apoteose representava o “enterro” do team vencido⁵⁷³.

O requerimento e a manifestação de representantes de outros importantes clubes da Liga Metropolitana enfatizam o quanto as novas formas de manifestações contrariavam os sentidos que os mesmos vinham atribuindo ao esporte. O interessante é

⁵⁷² *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00309, p.5.

⁵⁷³ *Ibid.*

que eram os torcedores destes mesmos clubes que vinham deturpando o “verdadeiro” sentido do futebol. A reclamação demonstra que uma nova forma de torcer se estabelecia pela cidade, forma essa que já não estaria se limitando aos ambientes privados, mas teria tomado as ruas. Apesar da crítica e do requerimento apresentado, nenhuma conclusão foi tomada, apenas a de que cabia à polícia “proibir manifestações públicas que hostilizassem violentamente uma pessoa ou uma sociedade”⁵⁷⁴. Ou seja, a polícia se apresenta como a principal responsável não apenas em manter a ordem, mas em disciplinar e moralizar os cidadãos.

Observa-se que a defesa do futebol, não vinha envolvendo todas as formas de manifestação do jogo, mas ainda assim, o esporte se firmou. Não havia diretamente nada que proibisse a prática do esporte, tornando-o então, possível. A imprensa, tal como moradores que se sentiam incomodados com o jogo, se apropriavam de diferentes discursos para impedir a prática, na ausência de haver algo específico para que o futebol não viesse ser praticado nos espaços públicos. As reclamações, no entanto, se baseavam muito mais em quem e como o jogo vinha sendo praticado do que no esporte em si. Isso permite que o futebol aos poucos viesse sendo apropriado de formas distintas, ampliando também o conhecimento da sociedade a respeito da modalidade. Os guardas destacados pelos jornais acima, estariam se relacionando com o jogo por meio de clubes, contudo, a prática do jogo nas ruas também permitia que estes se aproximassem da prática, talvez, não da mesma forma.

Outra forma de pensar essa relação, é que a partir de 1918, foi possível encontrar *matches* sendo disputados pelo 1º Batalhão da Brigada Policial com outros clubes na cidade⁵⁷⁵. Dentre eles estão Electro F.C, Sport Club Bomsucesso, Lisboa Rio F. Club. A equipe do 1º Batalhão auxiliava nos treinos do Sport Club Bomsucesso todas as quintas-feiras, segundo *O Imparcial*⁵⁷⁶, assim como ao Lisboa Rio F.C⁵⁷⁷. De acordo com o periódico, no *match* ocorrido entre os três times tanto do 1º Batalhão da Brigada Policial como do clube Electro F.C. as equipes do Batalhão saíram com duas vitórias e um empate, sendo o empate, envolvendo os times principais de cada time⁵⁷⁸. A atuação dos membros da brigada leva a considerar o jogo como parte do cotidiano desses indivíduos. A ponto

⁵⁷⁴ Gazeta de Notícias, 1915, ed. 00309, p.5.

⁵⁷⁵ O Imparcial, 1918, ed. 01880, p.12.

⁵⁷⁶ O Imparcial, 1918, ed. 01880, p.12.

⁵⁷⁷ O Imparcial, 1918, ed. 01891, p.9.

⁵⁷⁸ O Imparcial, 1918, ed. 01961, p.9.

de saírem melhor na partida do que um clube voltado apenas para a prática do futebol e que vinha disputando campeonatos organizados por algumas ligas na cidade⁵⁷⁹.

Esses indivíduos, como parte atuante na sociedade, vinham interagindo com as práticas que aos poucos se legitimavam mais. Essas relações que se constroem em torno das manifestações, em dados momentos, serviam para limitar a ação policial e permitir que as camadas populares mantivessem suas formas de sociabilidade e lazer. Não se deve ignorar a repressão sofrida, principalmente, pelos pobres e negros durante a primeira república. Estes se constituíram como principais alvos das perseguições policiais. Contudo, membros da corporação também desfrutavam das práticas em prol de seus próprios interesses. Seja com o intuito de obter algum lucro, tendo em vista o baixo soldo que recebiam, seja pelo excesso de funções, ou mesmo, por apreciar o esporte ou por pertencerem ao mesmo estrato social destes que jogavam o futebol na rua.

⁵⁷⁹ O Imparcial, 1918, ed. 01961, p.9.

CONCLUSÃO

A consolidação do futebol na cidade, ocorre a partir não apenas das elites da cidade, mas da apropriação do jogo por diferentes indivíduos. As camadas populares que aos poucos vão incorporando a prática ao seu cotidiano, vão tornando-a mais uma forma de sociabilidade e lazer. Desta forma, o jogo passa a ser percebido de formas diferentes, sendo praticado e experienciado segundo a realidade de cada praticante. O futebol jogado nas ruas da cidade, vai evidenciando o quanto o jogo se firma entre populares, principalmente crianças, que encontram no esporte uma forma de diversão.

As ruas se tornam espaços importantes para que o jogo viesse a se democratizar, para que o jogo aos poucos se firmasse em diferentes regiões da cidade. E, ao mesmo tempo, se tornasse mais um elemento importante para se pensar a própria cidade do Rio de Janeiro durante o século XX. As manifestações do futebol nos espaços públicos, o leva a dialogar diretamente com questões em voga durante o período, contrariando as noções de modernidade, os sentidos que as elites haviam construído inicialmente para a modalidade, o papel da polícia frente a práticas populares e, inclusive, as fraudes que envolviam o processo eleitoral na capital. Em cada um destes eventos, observa-se a ação não apenas de uma elite ou do Estado, mas de diferentes grupos que integravam a cidade.

Através do futebol se percebe as camadas populares agindo na construção de sentidos não apenas do esporte, mas da própria capital da República. Ao passo que, as elites políticas e intelectuais buscavam retirar as camadas populares das zonas centrais da cidade, definir quais práticas eram ou não permitidas, esses indivíduos mantinham-se nesses espaços, usando-os à sua maneira. Desta forma, a cidade vinha se tornando fruto não apenas das elites, mas também daqueles que não encontravam a partir da via legal, do voto, formas de participar das transformações pelas quais o distrito federal vinha passando. As relações se apresentavam como um aspecto importante para se alcançar certos objetivos. E o futebol encontrou-se inserido no meio dessas relações. Por meio do esporte, e outras práticas comuns na cidade, políticos ampliavam suas bases eleitorais, as camadas populares agiam e mantinham suas práticas, que haviam se tornado alvo de perseguição. Além disso, os próprios policiais conseguiam manter seus cargos e adquirir outros benefícios, através dos vínculos que formavam. As relações das autoridades policiais, seja com políticos ou populares, demonstram que estes podiam agir como mero

braço do Estado, porém em dados momentos, também buscavam exercer seus próprios interesses.

O que é possível observar em relação ao futebol na cidade do Rio de Janeiro é a importância dos discursos na afirmação do futebol como algo elitista. As ações por parte de alguns clubes e ligas em proibirem populares de se associarem, se apresentava como reação a algo que já vinha ocorrendo na cidade. A imprensa com suas narrativas, ao definir o que seria um “verdadeiro futebol”, ratificava a existência de uma forma apropriada de praticar o esporte, reforçando a perseguição ao jogo nas ruas. A ausência de assuntos relacionados ao futebol em espaços públicos e a maneira como se definia a prática, é o que exclui a participação de populares no processo de consolidação do jogo. Levando-se a crer que isso só ocorre por intermédio dos clubes, quando na realidade, os clubes se apresentam como importantes, porém, concomitantemente as ruas vinham sendo ocupadas por meninos e homens que também queriam reproduzir o que viam ou ouviam a respeito dos jogos de futebol organizados pelas ligas.

O caso da rua Soares demonstra, a partir do Aventureiro Football Club, como os clubes suburbanos eram vistos por parte da imprensa e o quão difícil era manter esses ambientes. O Sr. Nicanor do Nascimento apresentou-se como mais uma alternativa das camadas populares agirem frente às perseguições e, a falta de consenso por parte dos policiais, evidencia como a ação policial era orientada segundo as relações e interesses. A forma como a prática do futebol na rua é retratada, como é denominado o jogo manifestado pelo clube, assim como os praticantes, permite compreender as disputas em torno dos sentidos do jogo. O futebol para se tornar uma prática democrática, teve que por meio de populares, encontrar na rua espaço para ser jogado. E foi também por meio das ruas, das práticas populares, que a cidade foi pensada e repensada. Tornando-se resultado não apenas de um grupo, mas de todos que compartilhavam do mesmo espaço.

Fontes

Manuscritos

Arquivo Nacional. Série justiça – Polícia – Escravos – Moeda Falsa – Africanos. Notação: IJ6 -564

Arquivo Nacional. Série Justiça – Polícia – Escravos – moedas falsas. Notação: IJ6 – 595.

Arquivo Nacional. Supremo Tribunal Federal- BR RJANRIO BV.

Leis e Regulamentos da Polícia Civil do Distrito Federal. Decreto nº 6440, de 30 de março de 1907.

Impressos oficiais

Anais da Câmara dos Deputados.

Arquivo Nacional.

Boletim Policial (RJ).

Relatório do Ministério da Marinha.

Jornais

Caso da Rua Soares

Gazeta de Notícias, 1915, ed.00090.

Gazeta de Notícias, 1915, ed.00096.

Gazeta de Notícias, 1915, ed.000104.

Gazeta de Notícias, 1915, ed.00105.

A Rua: Semanario Illustrado, 1915, ed.00101.

Outros Impressos

A Epoca (RJ)

A Noite (RJ).

Correio da Manhã (RJ)

O Imparcial (RJ)

O Malho (RJ).

Referências Bibliográficas

- ABREU, Mauricio A. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. IPLANRIO, ed.3, 1997.
- ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, [S. l.], n. 22, p. 102-109, 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i22p102-109. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26963>. Acesso em: 6 out. 2022.
- ALMEIDA, Adilson José de. História da Educação Física no Exército Brasileiro: História do Corpo e formação do Estado. **Record**: Revista de História do Esporte, São Paulo, v. 3, ed. 2, dez 2010.
- ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. **Contemporânea (Título não-corrente)**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 45-55, nov. 2015.
- BARBOSA, Marialva. Imprensa, Poder e Público: os diários do rio de janeiro (1880-1920). **Intercom**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 87-102, dez. 1997.
- BORDIEU, Pierre. **Questões do Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BRASIL, Gerson. História das ruas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, 1954.
- BULGARELLI, J. Paulo Barreto e a moda dos “encantadores” no Rio de Janeiro do fim do século XIX e início do século XX. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 13, n. 28, p. 61–76, 2020.
- CANCELLA, Karina. A defesa da prática esportiva como elemento de preparação dos militares por meio das publicações institucionais da "Revista Marítima Brasileira" e "Revista Militar". In: XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 15., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpuh, 2012. p. 1-10.
- CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). **Histórias em cousas miúdas**. Campinas: Unicamp, 2005.
- CUNHA, Fabiana L. **CARNAVAL X ENTRUDO: formas de reger o carnaval no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX**. Uberlândia: Cadis. Pesq. Cdhis, v. 24, n. 2, 2011.
- EDUARDO, Daniel José. **Cidadãos e eleições na cidade do Rio de Janeiro da Primeira República**: do "voto de cabresto" ao direito de ser eleitor. 2011. 123 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

FARIAS, Thaís Duarte Meinicke. **Imprensa esportiva carioca: modernizações e segmentação, um estudo de caso sobre o Lance!**. 2009. 82 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003, ed.5, 2010.

FONSECA, Leticia Pedruce. **A Construção Visual do Jornal do Brasil na Primeira Metade do Século XX**. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

FREIRE, Américo. Liderança e localismo na I República brasileira. *Ler História*, Lisboa, n. 59, p. 49-63, 2010.

FREIRE, Américo. Liderança e negociação política no Distrito Federal: Augusto de Vasconcelos - o 'Dr. Rapadura'. *REVISTA DO ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO*, v. 19, p. 111-129, 2020.

FREIRE, Américo. **Uma capital para a República: poder federal e forças políticas locais no rio de janeiro na virada para o século xx**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

FREIRE, Américo; SARMENTO, Carlos Eduardo; MOTTA, Marly Silva da. **O Rio de Janeiro em três perfis: trajetórias individuais e o campo político carioca**. 35. ed. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1999.

GARZONI, Lericce de Castro. **Vagabundas e conhecidas: novos olhares sobre a polícia republicana (rio de janeiro, início do século xx)**. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Unicamp, Campinas, 2007.

GOMES, Ana Suelen Tossige; MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. O estado de exceção no Brasil republicano. **Direiro & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2017, p. 1760-1787, p.1764.

GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. **A nova "velha" República: um pouco de história e historiografia**. um pouco de história e historiografia. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/j6CdLTMjjjVhZz7SBTNXQqJ/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 17 jan. 2023.

GÓMEZ, Hernán Eufemio. Jornalista, espaço público e vida política: o papel da imprensa nas manifestações públicas da campanha civilista (1909-1910). In: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: Uff, 2008.

GUEDES, Gabriela Fazolato. "**Policiou, saneou, moralizou**": as práticas de controle da prostituição nas primeiras décadas republicanas (1896-1920). 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca, 1993.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do rio de janeiro. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 17-41, jul. 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O corpo e a cidade: a epidemia da febre esportiva no rio de janeiro. **Geo Uerj Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 35-48, 1º semestre de 1999.

KUPPER, Agnaldo. A Paulatina Afeição ao Futebol no Estado do Rio De Janeiro: do elitismo à popularização (1910-1930). **Revista de História**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 57-74, fev. 2022.

KUPPER, A. Futebol: entre o lazer e o controle. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 24, n. 46, 2019. DOI: 10.52780/res.10702. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/10702>. Acesso em: 6 out. 2022.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**: o município e o regime representativo no brasil. 7. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

MACHADO, Izamara Bastos. **A imprensa no Rio de Janeiro da Belle Époque**. 2005. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MAGALHÃES, Felipe Santos. **Ganhou, leva ... do vale o impresso ao vale o escrito**: uma história social do jogo do bicho no rio de janeiro (1890-1960). 2005. 186 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MALAIA, João Manuel C. "O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933)". Pós-graduando, FFLCH-USP.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Valter. Policiais e populares: educadores, educandos e a higiene social. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 23, n. 59, p. 79-90, abr. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622003000100006>.

MASCARENHAS, Gilmar. Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 256p.

MATTOS, Lucas Nascimento de. **Do centro a São Cristóvão**: como o club de regatas Vasco da Gama ajuda a explicar a evolução urbana do rio de janeiro (1898-1927). 2019. 62 f. Monografia (Especialização) - Curso de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

MELO, Victor Andrade. A Sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes do cricket. Almanack, Guarulhos, n. 16, p. 168-205, Ago. 2017.

MELO, Victor Andrade de. Entre a elite e o povo: o sport no rio de janeiro do século XIX (1851-1857). **Tempo**, [S.L.], v. 21, n. 37, p. 208-229, 21 jul. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2015v213706>.

MELO, Victor Andrade de. Lazer e Minorias Sociais. São Paulo: IBRASA, 2003.

MELO, Victor Andrade de. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Estudos Históricos**, [s. l], v. 23, n. 13, p. 41-71, 1999.

MELO, Victor Andrade de (org.). Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri.

MELO, Victor Andrade de; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Entre o rural e o urbano, entre o civil e o militar: peculiaridades (esportivas) do bairro de realengo/ rio de janeiro (1902-1940). **Antítese**, Londrina, v. 13, n. 26, p. 361-389, jul-dez. 2020.

NEDER, Gizlene. Cidade, identidade e exclusão social. Tempo, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.106-134, 1997.

NEEDELL, Jeffrey D. Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano do rio de janeiro. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 218, n. 10, maio 2006.

OTTONI, Ana Vasconcelos. "O paraíso dos criminosos": imprensa, política e crimes na cidade do Rio de Janeiro durante as eleições do início do século XX. Crítica Histórica, Maceió, ano 9, n. 18, p. 220-257, dez. 2018.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 2000.

PEREIRA, Mariana Figueiredo de Castro. A evolução habitacional-urbana na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Em Debate**, Rio de Janeiro, v. 0, n. 8, p. 1-12, out. 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=14415@1>. Acesso em: 08 fev. 2023.

PINTO, Surama Conde Sá. Só para iniciados: o jogo político na antiga capital federal. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-17.

PIRES, Isabelle Cristina da Silva. Luta operária: trabalhadores (as) da companhia de fiação e tecidos Aliança na "greve geral" de 1903. **Espaço Plural**, [s. l], n. 34, p. 437-466, jun. 2016. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

PORTO, Ana Gomes. **Novelas sangrentas: literatura de crime no brasil (1870-1920)**. 2009. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

QUADROS, Raymundo. Chuva de Glórias: a trajetória do São Cristóvão de Futebol e Regatas. Campinas: Pontes Livros, 2004, 128pp.

RAMOS, Plínio de Abreu. **Partido Republicano Paulista**. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-republicano-paulista-prp>. Acesso em: 03 fev. 202.

RODRIGUES, Rita de Cássia Lamino de Araújo. GAZETA DE NOTÍCIAS: jornal fomentador da cultura e da literatura portuguesa no rio de janeiro. **Letras Escreve**, Macapá, v. 8, n. 1, p. 193-217, 1ºsem., 2018.

SANTOS, Alan Christian de Souza. Lauro Sodré em revista: textos, traços e retratos do senador paraense no periodismo carioca. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, 29., 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Unb, 2017. p. 1-16.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Do folhetim à crônica: gêneros fronteiriços entre o livro e o jornal. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 11-22, 3 jul. 2009. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p11>

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**, 2010.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. O futebol suburbano e as inspirações de Lima Barreto: representações e tensões. **Record**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2019.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. O futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro (1914-1923). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-12.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. Um jogo de representações: o futebol suburbano nos jornais da cidade do rio de janeiro. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 16, n. 4, p. 956-1270, 20 dez. 2013. Universidade Federal de Goiás.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **Vida divertida suburbana**: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). 2017. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SCHETTINI, Cristiana. “Que tenhas teu corpo”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006, 264p.

SCHWARCZ, Lilia. Contos completos de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992,

SILVA, Marcelo. A implantação ferroviária no Estado do Rio de Janeiro (1854-1898). *Revista Geográfica De América Central*, v.2, n.4.

SILVA, Michel Goulart da. Socialismo e Revolução nas páginas do Clarté. **Tempos Históricos**, [s. l], v. 21, p. 52-73, set. 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, ed.4, 1999.

SOARES, Diego; SILVA, Ursula. O jornal das moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 e sua passagem por pelotas na década. **XVII Seminário de História da Arte**, UFPel, 2013.

SOUZA, Glauco José Costa. "**adiantam-se bastante nos subúrbios**": o desenvolvimento do futebol na região suburbana do rio de janeiro (1907-1924). 2018. 116 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SOUZA, Glauco José Costa. **Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola**: o processo de desenvolvimento do futebol no rio de janeiro entre as camadas populares no início do século xx. 2015. 72 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015.

SOUZA, Glauco José Costa. Liga Metropolitana x Liga Suburbana: semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no rio de janeiro. **Esporte e Cidade**, Niterói, v. 11, n. 28, p. 1-20, set. 2016.

SOUZA, Glauco. "O FOOTBALL NÓS PODEMOS JOGAR". Rio de Janeiro: Recorde, v. 8, n. 2, p.1-28, jul./dez. 2015.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; SOARES, Livia Freitas. Votos, partidos e eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de *O Malho*. **Revista de História**, [S.L.], n. 177, p. 1-31, 17 dez. 2018. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2018.13447>.

VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: a apropriação dos espaços de uso coletivo em um centro de bairro. EDUFF, 2017, p.24

2022. doi: <https://doi.org/10.12957/contemporanea.2006.17576>.

WEID, Elisabeth. O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa.